



Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Museologia

Edvan Aquino de Queiroz

**NOVO MUSEU, VELHA MUSEOLOGIA: uma análise museológica do
memorial inacabado da Novacap (2005-2013)**

Brasília/DF

2013

Edvan Aquino de Queiroz

**NOVO MUSEU, VELHA MUSEOLOGIA: uma análise museológica do
memorial inacabado da Novacap (2005-2013)**

Monografia como parte dos requisitos para o
curso de graduação em Museologia da
Faculdade de Ciência da Informação da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Andréa Fernandes Considera

Brasília/DF

2013

Q3n

Queiroz, Edvan Aquino

Novo museu, velha museologia: uma análise museológica do memorial inacabado da Novacap (2005-2013) / Edvan Aquino Queiroz. – Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2013.

190 f. 30 cm.

Monografia (Graduação) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2013.

Inclui bibliografia.

Orientação: Andrea Fernandes Considera.

1. Brasília. Memorial. Museologia. Museu. Novacap. I. Considera, Andrea Fernandes. II. Título.

CDU: 069(817.4)



FOLHA DE APROVAÇÃO

NOVO MUSEU, VELHA MUSEOLOGIA: uma análise museológica do memorial inacabado da Novacap (2005-2013).

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – FCI/UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

Banda Examinadora:

Aprovada por:

Orientadora: Andréa Fernandes Considera
Profª. Andréa Fernandes Considera
Curso de Museologia | Faculdade de Ciência da Informação – FCI
Universidade de Brasília – UnB

Membro: Marijara Souza Queiroz
Profª. Marijara Souza Queiroz
Curso de Museologia | Faculdade de Ciência da Informação – FCI
Universidade de Brasília – UnB

Membro: Deborah Silva Santos
Profª. Deborah Silva Santos
Curso de Museologia | Faculdade de Ciência da Informação – FCI
Universidade de Brasília – UnB

Brasília-DF, 22 de julho de 2013.

DEDICATÓRIA

A Miguel, meu filho.

AGRADECIMENTOS

A Luiz Henrique Freire Duarte, pelo apoio fundamental à consecução deste trabalho;

À professora Andréa Fernandes Considera, pela orientação e pelas gargalhadas;

Aos entrevistados e às entrevistadas, pela imensa contribuição;

À professora Elizângela Carrijo, pelas aulas de metodologia;

A Elias Manoel da Silva, pela sugestão de pesquisa;

À Ana Rosa, pela diagramação dos desenhos;

À Julia Carrari, pelas transcrições;

A Edmar, meu irmão, pelas revisões e traduções;

À professora Ana Abreu, pelas dicas e empréstimos de material;

À bibliotecária Carmem Corrêa Miranda, pelas revisões;

A Rafael Francisco e Marcelo Scarabuci, pela *força* nas pesquisas;

A Wilson Moura, pelo suporte tecnológico;

À amiga Tânia Moura Fé, pelo apoio moral e espiritual;

À Marta e Hiltanice, pelo amparo psicológico;

À amiga Luciana Jatobá, minha preferida *and not expensive* fotógrafa;

Aos funcionários da FCI, pelo apoio logístico;

Aos amigos e amigas do curso, pelo incentivo; e

À energia cósmica positiva, pela fluidez das ideias.

Só o impossível é difícil.

Edvan

RESUMO

Analisa a disputa da nova museologia por espaço e representatividade no ambiente museológico do Distrito Federal. Apresenta revisão de literatura sobre museus, museologia, museografia e expografia. Discute a museologia tradicional e a nova museologia, destacando seus principais elementos distintivos. Apresenta a Novacap, sua origem e sua história na construção de Brasília. Apresenta o contexto em que se deu a elaboração do projeto do Memorial da Construção de Brasília/Novacap. Descreve os aspectos arquitetônicos e museográficos do projeto. Afirma que a Novacap adotou os princípios da museologia tradicional na museografia e na narrativa de seu Memorial. Questiona as razões porque a nova museologia ainda não se consolidou no ambiente museal. Utiliza como método a análise de material bibliográfico, documentos, desenhos do Memorial fornecidos pela Novacap e de entrevistas realizadas para a pesquisa.

Palavras-chave: Brasília. Memorial. Museologia. Museu. Novacap.

ABSTRACT

Analyzes the dispute of the new museology for space and representation in the museum environment in Distrito Federal. Presents a review of literature on museums, museology, museography and expography. Discusses the traditional museology and the new museology, highlighting its main distinctive elements. Presents Novacap, its origin and its history in the construction of Brasilia. Presents the context in which the project of the Memorial Building in Brasilia/Novacap was designed. Describes the museographical and architectural aspects of the project. States that Novacap adopted the principles of traditional museology in the museography and narrative of his Memorial. Inquire into the reasons why the new museology has not been consolidated in the museum environment. Uses as method the analysis of publications, documents and drawings provided by Memorial Novacap and interviews for research.

Keywords: Brasilia. Memorial. Museology. Museum. Novacap.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Primeira diretoria da Novacap	42
Figura 2 – Candangos.....	43
Figura 3 – Ação da polícia na greve de 1999.....	46
Figura 4 – Vista noturna da região central de Brasília.....	47
Figura 5 – Arborização e canteiro de flores da quadra 402 Sul	48
Figura 6 – Entrada da Novacap	48
Figura 7 – Vista aérea da região do Memorial	49
Figura 8 – Vista da estrutura do Memorial por entre as árvores do Celacap	50
Figura 9 – Desenho em perspectiva do prédio do Memorial	51
Figura 10 – Visão frontal do Memorial	52
Figura 11 – Vista do Memorial, da entrada do Celacap	53
Figura 12 – Estudo preliminar do Memorial	57
Figura 13 – Detalhes do espaço expositivo do Memorial	58
Figura 14 – Estrutura para <i>paint ball</i>	61
Figura 15 – Campo de <i>paint ball</i>	62
Figura 16 – Fissuras na laje de concreto.....	62
Figura 17 – Hall de entrada do Memorial	68
Quadro 1 – As hipóteses de Tsuruta sobre a evolução dos museus	30
Quadro 2 – Paradigmas da museologia	39
Quadro 3 – Programa de uso do Memorial.....	52
Quadro 4 – Elementos museográficos do Memorial	58
Quadro 5 – Caracterização do Memorial.....	75

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALAM	Associação Latino Americana de Museologia
ArPDF	Arquivo Público do Distrito Federal
ASCAP	Associação dos Servidores da Novacap
BOPE	Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do DF
CB	Correio Braziliense
Celacap	Clube de Esporte e Lazer da Novacap
DEMU/IPHAN	Departamento de Museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
DF	Distrito Federal
DPJ	Departamento de Parques e Jardins
EPIA	Estrada Parque Indústria e Abastecimento
GDF	Governo do Distrito Federal
GEB	Guarda Expedicionária de Brasília
Ibram	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Conselho Internacional de Museus
ICOFOM-LAM	Subcomitê de Museologia para a América Latina e Caribe
JK	Juscelino Kubitschek
JBsB	Jornal de Brasília
MCBN	Memorial da Construção de Brasília/Novacap
MGeo	Museu de Geociências da Universidade de Brasília
MHN	Museu Histórico Nacional
MRSC	Mesa-Redonda de Santiago do Chile
MT	Museologia Tradicional
MVMC	Museu Vivo da Memória Candanga
Novacap	Companhia Urbanizadora da Nova Capital
NM	Nova Museologia
SINDSER	Sindicato dos Servidores e Empregados da Administração Direta, Fundacional, das Autarquias, Empresas Públicas e Sociedades de Economia Mista do Distrito Federal
UDN	União Democrática Nacional
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
CAPÍTULO I	18
1 MUSEUS: DAS ORIGENS À NOVA MUSEOLOGIA	18
1.1 O museu e suas definições	22
1.2 Museografia e museologia	27
1.3 A museologia e suas tendências	32
1.3.1 A Declaração do Rio de Janeiro	35
1.3.2 A Declaração de Santiago do Chile	36
1.3.3 A Declaração de Quebec	37
1.3.4 A Declaração de Caracas	38
1.4 Museologia tradicional e nova museologia: principais elementos distintivos	38
CAPÍTULO II	40
2 NOVACAP: GÊNESE E TRANSFORMAÇÃO	40
2.1 As funções	41
2.2 Gestores e empregados	41
2.3 A revista e o livro	43
2.4 Os museus e o arquivo	44
2.5 Outros fatos marcantes	45
2.5.1 A greve de 1999	45
2.5.2 Novos rumos	46
3 O MEMORIAL DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA/NOVACAP (MCBN)	49
3.1 O projeto arquitetônico	50
3.2 O objetivo	54
3.3 A narrativa	55
3.4 O projeto museográfico	57
3.5 O MCBN, o público e a comunidade	59
3.6 O MCBN hoje	59
CAPÍTULO III	63
4 O MEMORIAL E OS PRINCÍPIOS MUSEOLÓGICOS	63
4.1 Memorial ou museu?	63
4.2 O MCBN e as tendências da museologia	66
4.3 O MCBN e a pedagogia: instrução ou “libertação”?	69
4.4 O MCBN e seus personagens	70
4.5 O MCBN e seus idealizadores	72
4.6 O MCBN e a acessibilidade	74
4.7 Quadro comparativo	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICES	91
ANEXOS	151

APRESENTAÇÃO

Pilhas de móveis em depósitos empoeirados; equipamentos a mercê da ação impiedosa da ferrugem; veículos leiloados como peças de sucata; quadros desaparecidos ou entregues ao bolor e ao craquelê; fotografias espalhadas por gavetas e armários; antigos funcionários preteridos, esquecidos pelo tempo; fatos e histórias sem registros; memórias que se perdem em arquivos jamais acessados. Quem conhece minimamente a organização e o funcionamento da administração pública brasileira certamente já deparou com alguma dessas situações. Referimo-nos ao tratamento dispensado por muitos órgãos públicos aos seus objetos obsoletos e aos empregados fora de atividade.

Diante da tarefa de elaborar um trabalho de conclusão de curso, a situação que acabamos de descrever nos despertou para um problema: como as empresas públicas do Distrito Federal (DF) tratam os seus bens que perderam o valor de uso¹ e o seu patrimônio imaterial? Foi com o propósito de iniciar uma investigação nesse sentido que nos dirigimos ao Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF), localizado na área da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap). Lá, fomos atendidos pelo historiador Elias Manoel da Silva, que falou da existência de um museu inacabado no local. Trata-se do Memorial da Construção de Brasília/Novacap (MCBN)², projeto iniciado pela Companhia em 2005, e que não fora finalizado. A descoberta daquele momento direcionou nosso foco para outro objeto que há muito nos inquietava: a tensão existente entre a museologia tradicional e a nova museologia e a disputa dessas duas tendências por espaço e representatividade no território museal. Concluimos que poderíamos pesquisar esse assunto estudando o caso do Memorial, visto que isso nos levaria naturalmente a resposta da primeira pergunta, mesmo que em relação a apenas um órgão público. Depois de muitas dificuldades (típicas de um neófito pesquisador) para definir exatamente qual seria a nossa linha de pesquisa, optamos por investigar a última questão.

Nesta pesquisa, portanto, o MCBN e as teorias museológicas ocupam o centro da discussão. Para o alcance dos objetivos apresentados mais à frente, o trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro, por meio de uma revisão de literatura, discutiremos os museus – de sua origem aos seus significados –, as tendências museológicas, museologia tradicional e

¹ O valor de uso de um é objeto está relacionado às razões que motivaram a sua confecção. Uma enxada exposta em um museu perdeu seu valor de uso na construção. Para mais, ver POMIAN, K. Coleção. In: **Memória-História**, p. 51-86. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984.

² A sigla MCBN é criação nossa para efeitos deste trabalho.

nova museologia, e os aspectos históricos, políticos, culturais e sociais que envolveram o surgimento e a trajetória de ambas; no segundo, apresentaremos a Novacap no contexto da construção e da história de Brasília, o projeto de criação do Memorial, bem como as condições em que ocorreu sua elaboração; e no último, cotejaremos o projeto do Memorial com os princípios teóricos da museologia tradicional e da nova museologia.

Problema de pesquisa

A função social do museu é a pauta do momento. Como demonstraremos ao longo do capítulo I, autoridades governamentais, teóricos da museologia, museólogos e demais profissionais de museus empenham-se em defender que as instituições museológicas podem e devem ser colocadas a serviço da sociedade na busca de soluções para os problemas coletivos. Esse é o discurso dos adeptos da chamada nova museologia, que condenam o que rotulam como museologia tradicional por esta, segundo eles, desprezar o trabalho comunitário em virtude de uma supervalorização do objeto musealizado.

O viés social do museu, que já estava em discussão desde o advento dos ecomuseus franceses, ganhou corpo, sobretudo, a partir da Declaração de Santiago, documento final de um encontro promovido por profissionais de museus no Chile, em 1972. A questão que agora se coloca é: passados 40 anos daquele evento, na prática, quais as mudanças que se verificam no ambiente museológico? Para efeitos deste estudo a pergunta foi refinada, e assim chegamos ao seguinte problema de pesquisa: qual o resultado da disputa travada pela nova museologia por espaço e representatividade num ambiente historicamente dominado pela museologia tradicional? No museu aqui analisado, nossa investigação encontrou alguns indícios para a resposta.

Objetivos

a) Objetivo Geral

Analisar a disputa da nova museologia por espaço e representatividade no ambiente museológico do DF, a luz do projeto do Memorial da Construção de Brasília/Novacap.

b) Objetivos específicos

1. Apresentar e discutir a origem e os conceitos de museus, a museologia tradicional e a nova museologia e os aspectos históricos, políticos, culturais e sociais que envolveram o surgimento e a trajetória de ambas;
2. Apresentar a Novacap no contexto da construção e da história de Brasília, o projeto de criação do Memorial, bem como as condições em que ocorreu sua elaboração; e
3. Cotejar o projeto do Memorial com os princípios da museologia tradicional e da nova museologia.

Justificativa

O ineditismo deste tema representou uma motivação e um desafio para a pesquisa que realizamos. Com base na nossa experiência, afirmamos que a tentativa (até aqui fracassada) da Novacap de construir um museu é um fato que o Distrito Federal praticamente desconhece. Pudemos verificar isso quando realizamos o levantamento documental e bibliográfico e uma enquete entre os estudantes de museologia da Universidade de Brasília (UnB)³ e, sobretudo, quando declaramos em público o caso aqui estudado – o espanto dos ouvintes vem geralmente acompanhado da seguinte expressão: “Nunca ouvi falar desse Memorial!”

Estamos cientes de que nossa investigação se insere na seara da discussão política, e enxergamos nisso uma de suas virtudes. Veremos que há uma linha teórica que não compreende mais a museologia como um campo de conhecimento tecnicista, isolado, afastado dos debates e dos problemas de interesse da sociedade. Para Chagas, a quebra desse paradigma, porém, deve se refletir no saber e no fazer dos futuros profissionais de museus: “A tendência de formar museólogos para museus e não para a vida tem sido responsável pela formação de muitos “messias”, prontos para “salvar” os objetos, crentes de que suas ações estão esterilizadas do ponto de vista político e científico” (CHAGAS, 1994, p. 94). Entretanto, quando falamos em política não nos referimos àquela profissional observada no dia a dia: a praticada por grupos de pessoas reunidas com o objetivo de alcançar o poder por meio do voto (TOMANIK, 2004), se utilizando, amiúde, de expedientes ilegítimos sustentados pela coerção, a força e pelo poder econômico. Mas à dialógica, reflexiva, no sentido defendido por

³ Na enquete realizada com 65 estudantes acima do terceiro semestre, somente onze afirmaram ter conhecimento do Memorial; sendo que, destes, nove souberam por meio de nossa pesquisa.

Hannah Arendt: o debate livre de ideias em espaço aberto como exercício da liberdade⁴ (ARENDT, 1999); porque “o indivíduo em seu isolamento jamais é livre; só pode sê-lo quando adentra o solo da *polis* e age nele” (ARENDT, 1999, p. 102). Falo da política que permeia à própria existência, sem deixar opção a quem vive em comunidade, senão a de manifestar-se de alguma maneira frente às questões que são colocadas. Para Tomanik, não há ser apolítico – o que difere é o resultado da ação de cada um.

Interessante é que, de uma forma ou de outra, sempre estamos fazendo política. Quando não participamos, quando não questionamos, estamos facilitando, com nossa omissão, a manutenção dessa concentração de poder. O “não envolvimento” com a política ou o “não entendimento da política” são atos políticos, tanto quanto a participação. A diferença está em que, com a participação, o indivíduo assume também o seu direito a opinar, a fazer parte das tomadas de decisões que vão, direta ou indiretamente, influenciar em sua própria vida (TOMANIK, 2004, p. 48).

Ainda sobre esse ponto, vale registrar a declaração de Débora Diniz que ao escrever no feminino quando o masculino é a regra assume uma posição política: “Interesses e desejos são duas forças que nos movem intensamente na vida acadêmica. Eu, particularmente, acredito muito nas motivações políticas – elas dão sentido para além de nós mesmas, além de permitir que nos conectemos com pessoas e ideias” (DINIZ, 2012, p. 25).

Outra questão relevante é o fato deste trabalho ter por objetivo contribuir com os estudos de museologia. É nossa intenção que o material produzido possa servir a novas pesquisas de professores e alunos. Por essa razão, optamos por um tema afinado com dois eixos temáticos do currículo do curso da UnB. São eles: **Teoria e Prática Museológica** – que “focaliza a formação específica compreendendo disciplinas de conteúdos teóricos e práticos voltados para a Museologia, a Teoria Museológica, a Pesquisa Museológica e a Museografia” (UnB/FCI, 2010, p. 17); e **Museologia e Patrimônio Cultural** – eixo cujo conteúdo “é dirigido para a formação geral e compreende disciplinas básicas e ligadas a varias áreas de conhecimento. O objetivo é fundamentar e integrar o estudo da Museologia a um campo interdisciplinar, com o foco na Cultura, Memória e Patrimônio” (UnB/FCI, 2010, p. 18).

Além do acima exposto, as indagações e questionamentos realizados ao longo deste trabalho podem motivar uma reflexão dos defensores da nova museologia que buscam a consolidação dessa corrente em meio à teoria e à prática museológicas. Reflexão que também

⁴ Refiro-me à liberdade em sentido grego, que, para Arendt é “entendida negativamente como o não ser dominado e não-dominar, e positivamente como um espaço que só pode ser produzido por muitos, onde qual cada qual se move entre iguais” (ARENDT, 1999, p. 48).

poderá ser realizada pela Novacap, caso a empresa tenha interesse em rever a proposta do seu Memorial.

Metodologia

A metodologia utilizada na realização deste trabalho divide-se em três etapas descritas a seguir.

Levantamento documental – realizamos pesquisas no ArPDF, no sítio da Novacap, nas publicações digitais do jornal Correio Braziliense (CB) e do Jornal de Brasília (JBsB)⁵ e analisamos documentos administrativos da Novacap e desenhos do prédio do Memorial fornecidos pela empresa;

Levantamento bibliográfico: para acessar a bibliografia que embasa teoricamente nossos estudos, realizamos pesquisas na Biblioteca Central da Universidade de Brasília, em bases de dados nacionais e internacionais e em sítios da Internet.

Elaboração de quadros descritivos: A análise do projeto arquitetônico e a avaliação da proposta museográfica do Memorial frente aos princípios teóricos da museologia tradicional e da nova museologia foram realizadas por meio de três quadros descritivos elaborados por este pesquisador.

Entrevistas: realizamos cinco entrevistas gravadas e uma escrita. Abaixo indicamos nome, abreviação do nome e função dos entrevistados; data e local das entrevistas.

- **Luiz Henrique Freire Duarte, Duarte**, arquiteto da Novacap, ex-presidente e ex-diretor da Companhia e autor do projeto do Memorial;

Entrevista 1: dia 18 de abril de 2013, Café Sebinho, Asa Norte, Brasília/DF.

Entrevista 2: dia 26 de abril de 2013, Aeroporto de Brasília.

- **Nilson Martorelli, Martorelli**, presidente da Novacap; dia 23 de abril de 2013, gabinete do presidente, sede da Novacap, Brasília/DF;
- **Gilson Marques de Souza, Souza**, presidente da Associação dos Servidores da Novacap (ASCAP); dia 23 de abril de 2013, ASCAP, sede da Novacap;
- **Luíza Helena Bezerra Cruz, Cruz**, servidora aposentada da Novacap, coordenadora da Comissão 50 Anos que propôs a criação do Memorial; dia 20 de maio de 2013, residência da entrevistada, Asa Sul, Brasília/DF; e

⁵ Esses periódicos são os mais antigos da cidade. CB é publicado desde abril de 1960; JBsB desde dezembro de 1972. Sendo esse o motivo que me leva a selecioná-los.

- **Maria-Julia Estefânia Chelini, Chelini**, professora do Departamento de Geociências e coordenadora de extensão do Museu de Geociências da Universidade de Brasília (MGeo); dia 24 de junho de 2013, MGeo, UnB.

Durante o depoimento do presidente da Novacap, esteve presente e fez algumas intervenções a sua assessora de imprensa, Bruna Dias. As entrevistas gravadas foram transcritas e revisadas. Na revisão, repetições e vícios de linguagem foram eliminados, mas sempre com o cuidado de manter a integridade das declarações dos entrevistados. Todos os depoimentos estão registrados integralmente no apêndice deste trabalho. Não atenderam ao nosso pedido de entrevistas a presidenta do clube dos servidores da Novacap, onde se localiza o Memorial, e o presidente do sindicato dos servidores da Companhia (ver anexo C).

CAPÍTULO I

1 MUSEUS: DAS ORIGENS À NOVA MUSEOLOGIA

A discussão sobre onde teria nascido o museu é questão ainda mal resolvida na literatura museológica. Para muitos teóricos os museus são o resultado da evolução do colecionismo – hábito cultural que por acompanhar o homem desde seus primórdios (GIRAUDY e BOUILHET, 1990, p. 19) é anterior ao surgimento da Grécia. Entretanto, esses mesmos teóricos atribuem a um templo grego, o *mouseion*, a origem do museu (SUANO, 1986, p. 10). Em que pese os historiadores afirmarem que na Mesopotâmia as primeiras civilizações se formaram por volta do VI milênio a.C. (LEICK, 2003, p. 13), para a teoria museológica foram os povos da península balcânica, habitada há pouco mais de quatro mil anos (PERRY, 2002, p. 42 e 43), os responsáveis pelo embrião do que em 1946 o recém-fundado Conselho Internacional de Museus (ICOM), órgão pertencente à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e à Cultura (UNESCO), assim definiu: museus são “todas as instituições abertas ao público, de valor artístico, tecnológico, científico, histórico ou coleções arqueológicas, incluindo zoológicos e jardins botânicos, excluindo-se as bibliotecas, exceto na medida em que mantêm salas de exposição permanente” (DUAN, 2008, p. 24, tradução nossa).

A despeito da afirmação de Pomian (1984, p. 69) de que a produção de artefatos remonta há cerca de três milhões de anos, não é nosso objetivo questionar se a origem do lugar onde se reúnem objetos com vistas a preservá-los à posteridade foi ou não obra da recente civilização grega⁶. Aqui o importante é considerar que, seja na Grécia, no Egito, na Pérsia ou na Mesopotâmia os homens sempre procuraram meios para organizar, preservar e apresentar suas coleções. Segundo Tsuruta (1980, p. 47), esse processo se desenvolveu de modo a originar primeiramente a museografia e logo após a museologia, das quais trataremos mais à frente. Antes, vamos a outra face das instituições museológicas.

Desde os primórdios da civilização os museus estão associados ao poder. Prova disso é a forma como se originaram alguns tesouros artísticos tanto no Oriente quanto no Ocidente: grandes coleções reunidas por meio da pilhagem de cidades vencidas em batalhas. Hernández

⁶ Em seu sítio eletrônico Peter Van Mensh comunica que está escrevendo um livro sobre as datas principais na história dos museus. Num resumo, o PhD em museologia afirma que em 477 a. C. a casa de Confúcio foi transformada em um templo onde foram expostos suas roupas, chapéus e instrumentos musicais. Para Mensh, teria sido o templo do sábio chinês o primeiro museu de que se tem conhecimento (MENSCH MUSEOLOGY, 2012ab).

(2006, p. 21 e 22) relata que depois do saque à Babilônia, no séc. XII a.C., os elamitas expuseram os despojos no templo de um de seus deuses. Do mesmo modo, entre os impérios do Ocidente “foram os romanos, [...], os grandes colecionadores da Antiguidade, amealhando em Roma objetos trazidos de botins de guerra no Oriente, na Britânia, no norte da África, enfim, de todo seu vastíssimo império” (SUANO, 1986, p. 12).

Embora exista imenso lapso temporal separando os antigos saqueadores dos tempos modernos as consequências de suas ações ainda hoje se refletem nas relações políticas e culturais entre os povos.

Supõe-se que algumas das obras saqueadas – como a *Cabeça de nobre de Níneve* e a *Harpa da Rainha de Ur*; a primeira, com mais de 4.000 mil anos, e a segunda, com mais de 5.000 anos – estejam preservadas em lugares secretos, mantidos por colecionadores clandestinos. Numa hipotética situação como essa, mesmo assegurada a preservação das obras, as suas funções sociais teriam sido praticamente eliminadas. Sequestradas da esfera pública, elas teriam sido de novo lançadas no domínio – nesse caso, brumoso – do privado, sem contar que não há certeza de que as suas existências estejam garantidas (CHAGAS, 2009, p. 38).

Por outro lado, os tesouros e objetos que decoravam o *mouseion*, templo das nove musas, filhas de Zeus e Mnemósine, onde teria se originado o museu, não foram obtidos pela espoliação de povos inimigos derrotados em guerras, mas a partir de doações e oferendas destinadas aos deuses (GYRAUDY e BOUILHET, 1990, p. 19). Mesmo assim, ainda podemos relacionar o colecionismo ao poder. Nesse caso, o poder que advém do conhecimento, porque o *mouseion* grego não era apenas a morada das musas: “A casa dispunha de biblioteca, jardim botânico e zoológico, observatório astronômico, laboratório anatômico, tudo a serviço dos sábios. Era então no templo das musas que se reuniam matemáticos, astrônomos, geógrafos, filósofos e poetas” (LIPPI OLIVEIRA, 2008, p. 140).

No século III a. C., na cidade de Alexandria, Egito, durante a dinastia de Ptolomeu I foi erguido um complexo formado por museu e biblioteca, que viria a se tornar a referência da cultura helenística. Entre seus objetos encontravam-se “esculturas, instrumentos cirúrgicos e astronômicos, pedras e minérios de terras distantes” (COELHO, 2004, p. 269).

Na Idade Média, a Igreja despertou para o colecionismo e constituiu por meio de doações grandes tesouros usados para facilitar negociações políticas e patrocinar o combate a seus inimigos (SUANO, 1986, p. 14). Segundo Huberman,

A Igreja tinha seus cofres cheios de ouro e prata, que guardava em suas caixas-fortes ou utilizava para comprar enfeites para os altares.
[...]

A Igreja envolveu essas expedições de saque [Cruzadas] num manto de respeitabilidade, fazendo-as aparecer como se fossem guerras com o propósito de difundir o Evangelho ou exterminar pagãos, ou ainda defender a Terra Santa (HUBERMAN, 1981, p. 25 e 27).

Com o Renascimento surgem as “coleções principescas”, símbolos de poderio político e econômico, constituídas de “objetos e obras de arte da antiguidade, de tesouros e curiosidades provenientes da América e da Ásia e da produção artística da época, financiados pelas famílias nobres” (JULIÃO, 2001, p. 20). Da fase renascentista, são exemplos também as suntuosas galerias dos palácios que – decoradas com esculturas de Donatello e Verrocchio e pinturas de Botticelli e Van Eick patrocinadas pelo mecenato de ricas famílias, como os Médici de Florença – foram o início dos grandes museus italianos de arte.

A partir do século de XVI, surgiram os gabinetes de curiosidades ou câmaras de maravilhas a serviço da ciência e da ostentação do poder de seus proprietários. De caráter enciclopédista (pois reuniam no mesmo ambiente objetos das mais variadas espécies e origens), esses *proto-museus* também apresentavam à Europa os achados feitos em territórios recém-descobertos e a forma considerada exótica como viviam as suas populações. Dessa maneira, possibilitavam aos homens uma mínima compreensão dos mistérios do mundo e da origem sagrada de todas as coisas. Para Possas, essa ligação

ao mundo criado por Deus significa ter a fresca lembrança de sua obra, conhecer e compreender tudo o que Ele criou para fazer companhia à sua mais perfeita engenharia: o homem, a vida. Não permitir que a sombra inevitável do esquecimento encubra de vez a luz da criação, habilidade divina que pode ser copiada pelo homem. Aliás, é na criação que o homem se aproxima do sagrado, é aí que ele se dá conta de que pode vivê-lo: conhecer e criar. Nos gabinetes, a tradição divina e sagrada abriga o novo, evidenciando uma articulação entre o que se conhece e o que se está por conhecer, a ciência que se conhecia e a que se está por construir (POSSAS, 2005, p. 152).

Com o advento da Revolução Francesa – sustentada pela tríade iluminista: liberdade, igualdade e fraternidade – finalmente o público pôde ter acesso ao que antes era prerrogativa apenas da nobreza, do clero e de estudiosos e cientistas: as coleções e as obras de arte. A criação do Louvre em 1793 inaugurou uma nova era para os museus, que assumiram assim o papel de entidade a serviço da educação.

A partir do caso francês, o museu passou a ser uma instituição pública e aberta a todos, depositário dos bens retirados da esfera privada e agora pertencentes à esfera pública. O museu tinha a nova função de educar o indivíduo, estimular o senso estético e afirmar a identidade nacional (LIPPI OLIVEIRA, 2008, p. 143).

Todavia, não devemos acreditar que com isso os museus ficaram livres de ingerências externas e puderam exercer com autonomia suas atividades. Mesmo pertencendo ao setor público, as instituições museológicas continuaram a servir ao discurso e aos projetos da elite e dos grupos detentores do poder – o que, segundo Lourenço, ainda se observa na atualidade.

Insistimos no uso dos museus pelas classes privilegiadas, o que consideramos uma deformação, voltando-se àquela raiz de que apenas alguns merecem ver a face divinal. Essa posse desmensurada parece dar curso ao valor bélico que os romanos empregaram, embora se fale constantemente em valor formativo. Grandes eventos atraem o público, porém, por falta de trabalho educacional adequado, funcionam mais como um gabinete de curiosidades e preciosidades, não levando a processar significados, ou ações mais exploratórias, que poderiam colaborar para ampliar repertório e inquietações. Explicadores inteligentes, quando existem, por si só não potencializam tais condutas (LOURENÇO, 1999, p. 74).

O acelerado progresso da Ciência no século XIX impulsionou o ímpeto colecionista europeu originando os primeiros museus de história natural, que funcionavam como centros de pesquisas independentes ou vinculados a universidades (POSSAS, 2005, p. 159), e ampliando os museus de etnografia “com a criação de instituições como o Museu etnográfico de São Petesburgo (1836), o National Museum de Leiden (1837), o Peabody Museum (1866), além de várias escolas de arqueologia e etnologia (SCHWARCZ, 2005, p. 125).

No século XX, as guerras, as revoluções, o avanço tecnológico e as transformações no campo político e social deram nova configuração aos museus, que passaram a servir também a grupos socialmente marginalizados em busca de direitos e afirmação identitária. Na primeira metade do século, na Europa, “governos, associações profissionais e outros setores sociais revisam a função e o papel dos museus, em uma sociedade em constantes e profundas mudanças, impulsionando uma série de sugestões para melhorar seu serviço ao público” (ALONSO FERNÁNDEZ, p. 74, 2010, tradução nossa).

Na atualidade, de acordo com Lippi Oliveira, os museus

têm públicos distintos e variados, que neles vão buscar bens e experiências capazes de construir suas identidades. São centros identitários, que acumulam as funções de conferir valor e de definir autenticidade com a de ser lugar de lazer, de consumo de estetização do cotidiano, o que valoriza o seu papel. Desse modo, os museus e o patrimônio agregam novas funções, ainda que continuem a construir e representar identidades locais, regionais, nacionais, globais (LIPPI OLIVEIRA, 2008, p. 147).

1.1 O museu e suas definições

Responsável por realizar em nível local e mundial recortes culturais do homem enquanto um ser coletivo, o museu não se porta como um mero espectador frente ao jogo de relações que move a sociedade. Na verdade, acompanha-o e dele participa, ora como a estratégia perfeita da continuidade e do imobilismo; ora como um instrumento responsável por transformações e mudanças – sendo esta última característica a principal razão por que o seu significado se altera ao longo do tempo, como veremos abaixo. Primeiramente, apresentaremos a evolução conceitual do museu por meio do ICOM; depois, como a instituição é descrita na legislação brasileira e pelos órgãos gestores da cultura no Brasil; e por último, sua definição na ótica de alguns teóricos da museologia.

A forma como o ICOM via a função dos museus em meados do século XX está descrita no início deste capítulo; abaixo registramos sua penúltima definição, aprovada pela 19ª assembleia geral ocorrida em Barcelona, Espanha, em 6 de julho de 2001. Nela, aparece ampliada pelo termo “desenvolvimento” a significativa função que o Conselho atribuiu aos museus em 1974, vindo a se tornar uma referência para seu processo histórico: servir à sociedade.

Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite do público que o visita (OKELLO ABUNGU, 2001, p. 15, tradução nossa).

O horizonte de atuação dos museólogos, por sua vez, não se restringe às instituições que se enquadram na definição acima porque o ICOM também considera museus:

Os sítios e monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos;
 Os sítios e monumentos históricos de caráter museológico, que adquirem, conservam e difundem a prova material dos povos e de seu entorno;
 As instituições que conservam coleções e exibem exemplares vivos de vegetais e animais – como os jardins zoológicos, botânicos, aquários e vivários;
 Os centros de ciência e planetários;
 As galerias de exposição não comerciais;
 Os institutos de conservação e galerias de exposição, que dependam de bibliotecas e centros arquivísticos;
 Os parques naturais;
 As organizações internacionais, nacionais, regionais e locais de museus;
 Os ministérios ou as administrações sem fins lucrativos, que realizem atividades de pesquisa, educação, formação, documentação e de outro tipo, relacionadas aos museus e à museologia;
 Os centros culturais e demais entidades que facilitem a conservação e a continuação e gestão de bens patrimoniais, materiais ou imateriais;

Qualquer outra instituição que reúna algumas ou todas as características do museu, ou que ofereça aos museus e aos profissionais de museus os meios para realizar pesquisas nos campos da Museologia, da Educação ou da Formação (BRASIL/MINC/SBM, s.d.).

Em 2007, na cidade de Viena, Áustria, o Conselho realizou sua 21ª assembleia, e, efetivando na teoria o que já se observava na prática, abriu espaço para a noção de patrimônio imaterial na definição de museus. Nota-se também a supressão do termo “desenvolvimento”: “Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, expõe e difunde o patrimônio material e imaterial da humanidade para fins de estudo, educação e lazer” (ICOM, 2007, tradução nossa).

Exposta a forma como o órgão consultivo internacional concebe o museu, passemos às definições previstas em lei e nos instrumentos balizadores da política de cultura do governo brasileiro.

Durante praticamente toda a primeira metade do século XX o que se praticou no campo museológico no Brasil foi diretamente influenciado pelo pensamento de Gustavo Barroso, mentor intelectual e político do Museu Histórico Nacional (MHN) criado em 1922 no Rio de Janeiro, e seu diretor, com apenas uma pequena interrupção, até 1959. Segundo Ramos de Oliveira (2003, p. 61), na narrativa de Barroso predominava “a tradição através da elite letrada com a valorização de ideais aristocráticos”. Foi no MHN onde, em 1932, nasceu o curso de museus que até 1970 era o único no Brasil, e no qual Barroso lecionou enquanto dirigiu a instituição. Para Chagas (2009, p. 103), o curso “foi o responsável direto pela criação de um novo ofício e pela formação de diversas gerações de museólogos, que passaram a desempenhar, desde a década de 1930, múltiplas funções nos campos científico e cultural”.

É importante destacar esses fatos porque veremos que ao museu barrosiano, considerado elitista, se contrapôs, a partir da segunda metade daquele século, um novo pensamento museal, estabelecendo uma distinção muito clara, pelo menos em tese, entre duas maneiras de idealizar e praticar o saber e o fazer museológicos: a museologia tradicional e a nova museologia. Assim que as duas tendências, ou correntes, forem aqui discutidas, perceberemos como essa última influenciou os órgãos gestores da cultura no país na elaboração dos conceitos de museu que agora apresentaremos.

Em 2005 as instituições museológicas brasileiras estavam sob a gestão do Departamento de Museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DEMU/IPHAN), visto que o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) viria a ser criado somente quatro anos depois, em 2009. Naquela época o DEMU já sinalizava no sentido de

transformar os museus em instrumentos de afirmação identitária, de inclusão social e de democratização do acesso aos bens culturais (BRASIL/MINC, 2007, p. 21 e 22). O museu significava para o IPHAN:

Uma instituição com personalidade jurídica própria ou vinculada a outra instituição com personalidade jurídica, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e que apresenta as seguintes características:

I – o trabalho permanente com o patrimônio cultural, em suas diversas manifestações;

II – a presença de acervos e exposições colocados a serviço da sociedade com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade, a produção de conhecimento e oportunidades de lazer;

III – a utilização do patrimônio cultural como recurso educacional, turístico e de inclusão social;

IV – a vocação para a comunicação, a exposição, a documentação, a investigação, a interpretação e a preservação de bens culturais em suas diversas manifestações;

V – a democratização do acesso, uso e produção de bens culturais para a promoção da dignidade da pessoa humana;

VI – a constituição de espaços democráticos e diversificados de relação e mediação cultural sejam eles físicos ou virtuais;

Sendo assim, são considerados museus, independentemente de sua denominação, as instituições ou processos museológicos que apresentem as características acima indicadas e cumpram funções museológicas (IBRAM, 2013).

Já para o Estatuto de Museus, instituído pela Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, museus são:

Instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009b).

Como se percebe, cada ato normativo agregou novos elementos aos já existentes. No caso acima, a novidade ficou por conta da inclusão de coleções “de valor científico”.

Logo em seguida, temos a Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que criou o Ibram e apartou as instituições museísticas⁷ do Instituto do Patrimônio, órgão ao qual estiveram vinculadas desde 1937. Com a nova legislação, a ideia de fazer dos museus agentes de transformação social tornou-se obrigação legal, institucionalizando um discurso político-museológico que, veremos à frente, cresceu e ganhou fôlego a partir da segunda metade do século XX. Para a Lei nº 11.906, são museus:

⁷ Se para arquivologia, temos arquivística; para museologia, temos museística. O termo é reconhecido pelo ICOM (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2010).

Os centros culturais e de práticas sociais, colocadas a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que possuem acervos e exposições abertas ao público, com o objetivo de propiciar a ampliação do campo de possibilidades de construção identitária, a percepção crítica da realidade cultural brasileira, o estímulo à produção do conhecimento e à produção de novas oportunidades de lazer, tendo ainda as seguintes características básicas:

- a) a vocação para a comunicação, investigação, interpretação, documentação e preservação de testemunhos culturais e naturais;
- b) o trabalho permanente com o patrimônio cultural;
- c) o desenvolvimento de programas, projetos e ações que utilizem o patrimônio cultural como recurso educacional e de inclusão social; e
- d) o compromisso com a gestão democrática e participativa (BRASIL, 2009c).

Por fim, registramos a visão do próprio Ibram. Ao idealizar um museu carregado de criatividade e ludicidade, o Instituto destaca um possível caráter mágico e poético da instituição, que não se trata de um jogo de palavras vazias: a definição na verdade anuncia a existência de uma corrente de pensadores e museólogos para quem os museus são entidades pulsantes e repletas de vida.

Os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose (IBRAM, 2013).

No que concerne aos teóricos da museologia, três definições são muito significativas para este trabalho porque foram elaboradas (ou divulgadas) na década de 1980 – momento em que germinava na comunidade museológica brasileira uma discussão sobre o papel dos museus na sociedade. A primeira é da checa Anna Gregorová (1980, p. 20, tradução nossa): “museu é uma instituição em que se realiza naturalmente a relação específica do homem com a realidade”; a segunda, da museóloga Waldisa Rússio Guarnieri (1982 in BRUNO, 2010, p. 277): “Museu é o cenário onde se processa a relação Homem-Objeto”; e a última, da professora Marlene Suano (1986, p. 10) para quem o museu “se refere a uma coleção de espécimes de qualquer tipo e está, em teoria, ligado com a educação ou diversão de qualquer pessoa que queira visitá-la”. Nas definições de Gregorová e Waldisa Rússio não fica claro o significado de “relação específica” e “relação Homem-Objeto”, respectivamente.

Bachir Zouhdi enfatizava a missão educativa do museu ao compará-lo a uma universidade aberta, enquanto Giraudy e Bouilhet o descreveram como um espaço atemporal que necessita de “compreensão” e “amor”.

Sinto que o museu é uma tribuna de civilizações, um centro cultural, bem como um centro de pesquisa científica, uma espécie de universidade popular e gratuita, um

lugar de encontro para o turismo. Isso mostra diferentes mandatos do museu: a sua missão é humana, científica, didática, social...
(ZOUHDI, 1980, p. 51, tradução nossa).

O museu é a casa dos objetos dos homens, fabricados ontem, hoje, aqui ou alhures. Nele Tempo e Espaço são abolidos. Na idade do efêmero e do consumismo, o Museu conserva para amanhã. Aí residem sua singularidade, seu papel e seu objetivo. Mas essas insubstituíveis coleções de objetos originais, bi ou tridimensionais são tão inúteis ao visitante quanto um livro nas mãos de um analfabeto, se não forem expostas de modo a serem compreendidas ou amadas (GIRAUDY e BOUILHET, 1990, p. 14).

Em entrevista concedida a Casco e Chagas (2005, p 306), quando perguntada sobre a serventia dos museus, a museóloga Lygia Martins Costa, formada em 1939 pelo curso de museus do MHN, responde:

Para que servem os museus? **Os museus servem primeiro para conhecermos o seu acervo, sempre o testemunho da vida de cada povo, pois tudo que um museu desenvolver será em função desse acervo;** e conhecendo-o, saberemos o que é mais importante a ser preservado. O conhecimento, consequência de estudo feito, é a alma, a questão principal e completa-se com a especulação, contextualização e reflexão do acervo, a mensagem que o museu tem a dar. A partir daí, pode-se desenvolver qualquer temática. Quem trabalha com museu precisa estudar muito, para poder transmitir algum fato, em vez de criar uma certa confusão na cabeça dos visitantes, que é o que ocorre quando não se pretende nada, quando apenas se vão sendo atiradas umas contras as outras até perderem a qualidade, o que pode acontecer em função da vizinhança. Se, ao contrário, uma peça estiver bem no contexto, ela cresce, tem um papel, uma vida própria; tem uma função dentro do que circunda: ela não está ali por si mesma; está integrada (LYGIA in CASCO e CHAGAS, 2005, p. 306, grifo nosso).

Tereza Scheiner apresenta a forma como, segundo ela, o museu é descrito pelos teóricos da atualidade. Carregada de subjetividade, visto que não esclarece o que seria a “relação muito especial” denominada “musealidade”, a definição corrobora o que aqui defendemos: as instituições museológicas moldam-se ao acompanhar aqueles que representam. Para a autora, o museu é

fenômeno, identificável por meio de **uma relação muito especial** entre o humano, o espaço, o tempo e a memória, relação esta a que denominaremos ‘musealidade’. A musealidade é um valor atribuído a certas ‘dobras’ do Real, a partir da percepção dos diferentes grupos humanos sobre a relação que estabelecem com o espaço, o tempo e a memória, em sintonia com os sistemas de pensamento e os valores de suas próprias culturas. E, portanto, a percepção (e o conceito) de musealidade poderá mudar, no tempo e no espaço, de acordo com os sistemas de pensamento das diferentes sociedades, em seu processo evolutivo. Assim, o que cada sociedade percebe e define como ‘Museu’ poderá também mudar, no tempo e no espaço (SCHEINER, 2012, p. 18, grifo nosso).

Rosa Barbosa alerta que alguns significados atribuídos ao museu podem provocar o distanciamento do público. Segundo ela, a própria ideia de “templo das musas” desperta análises preconceituosas por parte de alguns cidadãos.

A palavra museu apresenta uma diversidade semântica que induz a preconceitos, isto é, do conceito de “templo”, “casa das musas” (local sagrado) aos conceitos do senso comum, como “lugar de coisas antigas” (objetos em desuso), “lugar importante” (destinado ao acesso de poucos cidadãos privilegiados de uma determinada sociedade) e, especificamente, ao que caracteriza o museu de arte (local para pessoas que entendem de arte) (ROSA BARBOSA, 2009, p. 1).

1.2 Museografia e museologia

Assim como ocorre em relação à definição de museu, entre os teóricos existe intenso debate em torno do que seja museografia e museologia; entretanto, neste caso, há certo consenso na direção de se vincular a primeira a uma atividade técnica e a segunda a uma atividade científica, como faz Hernández (2001, p. 71, tradução nossa) para quem “a Museologia se ocupa da teoria e funcionamento do museu. Por sua vez, a Museografia estuda seu aspecto técnico: instalação das coleções, monitoramento ambiental, arquitetura do edifício, aspectos administrativos etc.”.

Com relação à autoria dos primeiros estudos sobre o assunto em questão, dois teóricos apresentam divergências. Alonso Fernández (2010, p. 17) atribui ao manual *Museographia u orientación para el adecuado concepto y conveniente colocación de los museos o cámaras de curiosidades*, publicado em 1727 pelo alemão Gaspar Friedrich, o título de primeiro tratado sobre técnicas de museus de que se tem conhecimento; enquanto Guarnieri (s.d. in BRUNO 2010, p. 144) defende que “o primeiro estudo [museológico] sério de que se tem notícia é o ensaio de Diderot, inserido na “*Encyclopédie*”, sobre “uma organização racional para o Museu do Louvre”.

Passemos agora a algumas definições para os dois termos, que julgamos importantes para a compreensão do que virá a seguir.

No livro *Introdução à Técnica de Museus*, Gustavo Barroso se atém ao sentido literal da palavra e define museografia como “a descrição de um Museu ou dos Museus” (BARROSO, 1951, p. 5). Por sua vez, Guarnieri (s.d. in BRUNO, 2010, p. 144) explica que a museografia nasceu como a “Ciência dos Museus”, e se restringia “a descrição de coleções,

dos edifícios que as abrigavam e das suas principais características, e o relato factual dos seus respectivos surgimentos”.

Neustupny expande o leque de setores e atividades alcançados pelos processos museográficos. Para ele, também são relativos à museografia

os relatórios anuais sobre as atividades dos museus, artigos de pesquisa sobre museus de uma determinada área, relatórios sobre os procedimentos de aquisição de material, conservação ou restauração de acervos, catalogação, e planejamento, bem como a realização de exposições. Atividades administrativas, bem como técnicas de museus podem também ser acomodados sob o mesmo termo (NEUSTUPNY, 1980, p. 28, tradução nossa).

De acordo com Suano (1986, p. 79), a execução dos vários projetos elaborados por um museu seria a finalidade do trabalho museográfico. A autora vai ao encontro de Cândido para quem museografia é a “concretização dos postulados teóricos da Museologia por meio de uma cadeia operatória de salvaguarda e comunicação patrimoniais e expografia⁸ como a parte desta cadeia relativa à concepção e execução do discurso expositivo” (CÂNDIDO, 2003, p. 96).

Chagas e Desvallées e Mairesse também convergem quando veem na museografia um método de aplicação dos pressupostos teóricos dos museus.

Em conexão com a delimitação do objeto de estudo e do campo de actuação da museologia tem-se que a museografia – enquanto museologia aplicada – estuda as condições práticas e operacionais de ocorrência do fato museal (CHAGAS, 1994 b, p. 24).

Atualmente museografia é essencialmente definida como o aspecto prático ou aplicado da Museologia, isto é, as técnicas que foram desenvolvidas para atender as operações museológicas, em particular no que diz respeito ao planejamento e adaptação das instalações do museu, conservação, restauração, segurança e exposição (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2010, p. 55, tradução nossa).

Por último, duas definições atuais e bastante amplas de museografia. A primeira, de um documento oficial:

Campo do conhecimento responsável pela execução dos projetos museológicos. Através de diferentes recursos — planejamento da disposição de objetos, vitrines ou outros suportes expositivos, legendas e sistemas de iluminação, segurança, conservação e circulação — a museografia viabiliza a apresentação do acervo, com

⁸ A expografia é a parte da museografia que diz respeito estritamente à exposição, no que se refere ao seu formato é a sua linguagem discursiva (CURY, 2005, p. 27). Para Baraçal (2008, p. 35), expografia é “a arte de expor”, que não se confunde com a decoração nem com a cenografia porque a primeira tem finalidade simplesmente estética e segunda não é o elemento central do espetáculo.

o objetivo de transmitir, através da linguagem visual e espacial, a proposta de uma exposição (BRASIL/MINC, 2006, p. 151).

E a segunda de Cury, para quem a “museografia está para a museologia, assim como a etnografia está para a antropologia” (CURY, 2009, p. 36).

A museografia (da qual a expografia faz parte) aqui entendida como conjunto de ações práticas que existem e acontecem em sinergia sistêmica – a práxis museal – é campo de conhecimento autônomo ligado ao museu – a instituição –, ao mesmo tempo que auxiliar da museologia – a disciplina. Então, a museografia é o suporte que a pesquisa de recepção em exposições necessita para se realizar como pesquisa em museologia, porque corrobora na construção do experimento investigativo e análise e interpretação dos dados coletados. Então, ao invés de fazer a etnografia de uma exposição devemos fazer a museografia da mesma (CURY, 2009, p. 36).

Em seu início, o estudo dos museus foi mera descrição de atividades práticas ligadas basicamente à montagem de exposições, que evoluiu a um conjunto de técnicas denominadas museografia (GUARNIERI, 1979 in BRUNO, 2010, p. 78). Esta, no entanto, por se ocupar de atividades internas e específicas, não aborda o museu cientificamente – não questiona nem cria, apenas descreve e executa. Para Brulon, somente quando o museu se reconheceu como um fenômeno subjetivo, que carece de um estudo sistematizado para suas questões de ordem epistemológica, criou a sua própria ciência – a museologia. O autor analisa a questão da seguinte forma:

A mudança atual diz respeito a uma nova percepção dos objetos pelos museus, que agora os utilizam com o propósito claro de promover a experiência subjetiva. Desta mudança resulta, como explica Hein, uma nova atitude museológica, mais propícia a gerar perguntas do que respostas, confrontando-se, por isso, com desafios metafísicos – o que é o objeto? – e com questões epistemológicas – o que é a verdade? “O que é isso?” se revela como uma pergunta incompleta e exaustiva. Chega-se, pois, de uma ontologia a uma fenomenologia do Museu, no momento em que o foco passa das coisas para a experiência (BRULON SOARES, 2008b, p. 8).

Brulon adverte, porém, que o museu como fenômeno social não surgiu com a museologia,

[...] pois o Museu nunca deixou de ser um fenômeno intrinsecamente humano, nunca perdeu sua vida e potência, nunca deixou de fluir livremente. No entanto, é no momento em que passa a ser percebido verdadeiramente como fenômeno intrínseco ao indivíduo humano, que se faz nascer a ciência que o acolhe (BRULON SOARES, 2008b, p. 2).

Fenômeno ou ciência, o fato é que, assim como o museu e a museografia, a museologia metamorfoseia-se influenciando e seguindo as transformações da sociedade. Por

isso é nosso objetivo agora mostrar como esse conceito se modificou desde seu surgimento até o presente século.

Começamos com Soichiro Tsuruta, que na década de 1980 elaborou um quadro hipotético (Quadro 1) sobre as fases em que apareceram e se desenvolveram os museus até à museologia.

Quadro 1 – As hipóteses de Tsuruta sobre a evolução dos museus

Etapas	Estágios	Características	Períodos
I	<i>Mouseion</i> e museu	Surgem os museus	Museu de Alexandria à era Medieval
II	Descrição de museus	Informações sobre museus são disseminadas	Do Renascimento à Revolução Industrial
III	Museografia	A descrição dos museus é sistematizada	Século XIX ao XX
IV	Museologia e museografia	Início da científica, embora qualitativa, pesquisa sobre museus	Presente (1980)
V	Ciência e tecnologia museológicas	Pesquisa quantitativa e sistemática em museus	Fim do século XX

Fonte: TSURUTA, 1980, p. 47, tradução nossa.

Pela hipótese de Tsuruta, na etapa I os museus estavam nascendo, e não havia qualquer iniciativa no sentido de se divulgar informações específicas sobre suas atividades. Isso só teria ocorrido a partir do Renascimento, como se vê na etapa II; na etapa III, séculos XIX e XX, tem origem a museografia com a sistematização da descrição dos museus; na IV, o quadro mostra que na década de 1980 a pesquisa científica ainda estava no início; e, na última etapa, o autor antevê um possível avanço da ciência museológica e das tecnologias em museus, o que, de fato, hoje observamos na criação de novos cursos de museologia, na expansão dos museus de ciências e nas grandes exposições-espetáculo, as chamadas *blockbusters*⁹.

Como ocorre com a museografia, em alguns casos o conceito de museologia é apresentado de forma direta, tendo-se como base o significado do vocábulo que vem do grego

⁹ *Blockbusters* traduzido para o Português vira *arrasa-quarteirões*. Trata-se do termo utilizado para designar eventos expositivos de curta duração com grande apelo comercial dos seus patrocinadores. Para Pinheiro (2004, p. 230), “não há como desvincular o sucesso atual dos museus de seu apelo ao espetáculo, não dá para ignorarmos que exposições realizadas no Brasil de grandes coleções, tais como Monet, Salvador Dali e Picasso, só vieram a se realizar devido a grandes investimentos, apoiados na certeza de um retorno financeiro por meio de megaeventos”.

mouseion-logos, como fizeram Desvallèes e Mairesse (2010, p. 57, tradução nossa): “Etimologicamente, a museologia é o estudo do museu e não sua prática, a qual remete a museografia.”

A definição de Gustavo Barroso registrada abaixo é uma indicação de que há pouco mais de seis décadas a fronteira entre a ciência e a técnica dos museus não estava bem delineada no Brasil. Embora tenha dito que o campo de atuação da museologia é mais vasto do que o da museografia, o autor atribuiu à primeira alguns processos museológicos que, como hoje se sabe, são próprios da segunda.

Chama-se Museologia o estudo científico de tudo o que se refere aos Museus, no sentido de organizá-los, arrumá-los, conservá-los, dirigi-los, classificar e restaurar os seus objetos. [...] O termo é recente e resultou dos trabalhos técnicos realizados nos últimos decênios sobre a matéria. A Museologia abarca âmbito mais vasto do que a Museografia, que dela faz parte, pois é natural que a simples descrição dos Museus se enquadre nas fronteiras da Ciência dos Museus” (BARROSO, 1951, p. 6).

De fato muitos autores defendem que àquela época a museologia como um campo de conhecimentos delimitado dava seus primeiros passos, sendo ainda novidade para muitos países. Na entrevista concedida as professoras Ana Lúcia de Abreu Gomes e Elizângela Carrijo, do curso de museologia da Universidade de Brasília (UnB), a professora Lygia Martins corrobora essa informação.

O primeiro tratado só veio em 1937. E já editado em França. Portanto, os americanos, que fizeram e durante décadas aplicaram, mas não escreveram. Não sistematizaram para passar a diante, para difundir. Cada um sabia e levava para si. O francês fez o primeiro tratado de Museologia de 1937, que serviu de base a todos os nossos estudos de Museologia aqui no Brasil (LYGIA in GOMES e CARRIJO, 2012, p. 259).

Na mesma direção Cury nos mostra que o estudo científico dos museus como uma disciplina foi impulsionado com a abertura de um comitê específico no ICOM, na década de 1970.

Pode-se colocar como um dos principais marcos da formação e desenvolvimento da disciplina museologia a criação do Icofon. O Icofon – Comitê Internacional do Icon para a Museologia – teve sua criação oficial em junho de 1976, conforme *The establishment of a new international committee on museology n. 76/AD 15* (CURY, 2011, p. 1031).

Em 1986, Guarnieri definiu museologia como “a Ciência do Fato Museológico”, o qual é, segundo ela, “constituído pela *relação profunda* entre o Homem, sujeito que conhece,

e o Objeto, parte da Realidade, da qual o Homem também participa, num cenário institucionalizado, o Museu” (GUARNIERI, 1986 in BRUNO, 2010, p. 138). A autora afirma ter se inspirado em Gregorová para quem a museologia

é uma ciência que estuda a relação específica do homem com a realidade, e que consiste na coleta intencional, seletiva e sistemática e na conservação de objetos inanimados, de natureza material, móvel e principalmente tridimensional, que documentam o desenvolvimento da natureza e da sociedade, e na realização de um cuidadoso uso educacional, científico e cultural desses objetos (GREGOROVÁ, 1980, p. 20, tradução nossa).

Finalmente, apresentamos uma definição de museologia que representa uma espécie de síntese do pensamento dos autores que aqui discutimos acrescida de outros elementos.

Disciplina que tem por objeto o estudo de uma relação específica do homem com a realidade, ou seja, do homem/sujeito que conhece com os objetos/testemunhos da realidade, no espaço/cenário museu, que pode ser institucionalizado ou não. Nas últimas décadas, com a renovação das experiências no campo da museologia, o entendimento corrente de que se trata da ciência dos museus, que se ocupa das finalidades e da organização da instituição museológica, cede lugar a novos conceitos, além do descrito acima, tais como, estudo da implementação de ações de preservação da herança cultural e natural ou estudo dos objetos museológicos (BRASIL/MINC, 2006, p. 151).

1.3 A museologia e suas tendências

Até aqui apresentamos a evolução dos museus, do seu nascimento ao surgimento da ciência museal. Para encerrar este capítulo demonstraremos como o modo de manifestação dos processos museológicos se dividiu dando origem a duas tendências distintas que, embora convivam lado a lado, estão em constante disputa por espaço e representação, criando um clima de tensão e confronto no ambiente museológico. Isso não significa dizer que tenhamos duas museologias. A ciência é uma só. A divisão não se dá no fenômeno em si, mas na maneira como ele se manifesta. Nesse momento, sim, verificamos duas correntes antagônicas. Trata-se da chamada museologia tradicional e da nova museologia. Antes, porém, faremos breve descrição da forma como as instituições museológicas atuavam até a divisão levada a efeito a partir da segunda metade do século XX.

Vimos que alguns autores classificam o ato de colecionar como algo inerente à espécie humana e que do colecionismo se originou o museu. Também dissemos que as coleções eram reunidas por particulares ou instituições visando à ostentação e à demonstração do poderio

político e econômico dos seus proprietários. É natural, portanto, que os museus tenham servindo ao mesmo propósito das coleções (ressalte-se que não desprezamos com isso o caráter pedagógico, histórico e de entretenimento dos primeiros). Sobre isso, vejamos o que diz Scheiner:

Nesses espaços, intencionalmente sacralizados como ‘culturais’, ‘objetos’ reunidos em ‘coleções’ sistematicamente classificadas são apresentados a um público, através de exposições que constituem, sempre, a fala autorizada da organização. Este é o museu a que hoje denominamos Tradicional e que floresce ao largo do séc. XIX, fazendo o espelho das normas instituídas e dos valores aceitos pelos setores hegemônicos de uma sociedade que coleta, produz, concentra e distribui riquezas de forma jamais antes experimentada. [...]
Implantado pelo colonizador nos territórios conquistados, atravessa terras e mares e se difunde por todos os continentes – perpetuando, pela via da conquista e da imposição cultural, a falsa impressão de ser o único museu existente, o único museu possível, em todos os tempos, a todas as sociedades (SCHEINER, 2005, p. 92 e 93).

Segundo defendem alguns teóricos, o “modelo europeu” de museu perdurou sem encontrar obstáculos até o momento em que setores da sociedade e profissionais do campo museológico, apoiados ou não por órgãos oficiais, iniciaram um movimento com o objetivo de modificar o seu papel. Começava assim uma batalha contra os museus tradicionais ou clássicos, acusados de superestimar os objetos em detrimento do público. Pelas ideias que estavam sendo germinadas, aos valores humanos não se deveria sobrepor o valor do patrimônio.

Nesse contexto, os museus e os seus objetos seriam o limite do patrimônio? Contrapunha-se então, no plano das concepções, a ação do museu tradicional (sintetizado na conservação/preservação, edificação, objeto e público) e as possibilidades de ação considerando-se os problemas da sociedade. A inquietação levou ao descontentamento, e o Icofom chegou ao ano de 1984 com uma questão interna para resolver: a de integrar ou não os movimentos novos que reivindicavam seu lugar e fala. A Museologia tradicional se encontrou, e se defrontou, com a Nova Museologia (CERÁVOLO, 2004, p. 259).

Passaremos agora a descrever o contexto de surgimento da nova museologia.

As grandes criações da humanidade costumam ter sempre uma efeméride – um evento que será eternamente lembrado e revisitado pelas futuras gerações. No caso da nova museologia esse marco inicial é atribuído à criação do vocábulo *ecomuseu*, em 1971, pelo francês Hugues de Varine¹⁰, para designar as experiências de museus ao ar livre que surgiam em vários países. Diante do secular perfil do museu tradicional fechado em um edifício, os projetos museológicos em espaço abertos viriam representar o embrião do processo

¹⁰ Brulon descreve como isso ocorreu (BRULON SOARES, 2006).

revolucionário pelo qual a museologia passou na segunda metade do século XX. O próprio Varine era, à época, colaborador de um desses projetos, como nos mostra Brulon.

Entre os anos de 1971 e 1974, sob a direção de Marcel Évrard e com o apoio de Hugues de Varine, assim como o de [Georges Henri] Rivière, colocou-se em prática uma nova experiência: na comunidade urbana *Le Creusot/Montceau-les-Mines*, na França, criou-se o projeto de um museu do homem e da indústria que aconteceria espalhado por todo o território e que manteria um contato estreito com seus habitantes. Toda a população deveria participar de sua concepção, funcionamento e avaliação, o que seria facilitado por um estatuto associativo (BRULON SOARES, 2006, p. 11).

Se não devemos creditar somente ao Le Creusot o título de primeiro museu a céu aberto¹¹ ou de fundador da nova museologia (nem o próprio Varine o faz, como ainda veremos), é certo que aquela experiência foi, sem dúvida, um grande propulsor do movimento em defesa da função social do museu que fora inclusive objeto da IX Conferência do ICOM, em 1971, cujo tema foi “O museu a serviço dos homens, hoje e amanhã”. Segundo Mairese, o Le Creusot provocou

um interesse sem precedentes entre muitos profissionais de museus, atraindo curadores de todo o mundo, curiosos para ver a “nova museologia” (o termo não existe ainda) nascendo. Entre eles, Etienne Bernard, que introduziu o conceito na Bélgica e Pierre Mayrand, que fundou o primeiro eco-museu da América do Norte (o museu da Haute-Beauce) (MAIRESSE, 2000, p. 45, tradução nossa).

Varine, por sua vez, nos narra como nasceu a nova museologia, nos seguintes termos:

No final dos anos 1960, um vento de renovação agitou o universo dos museus. Nos países industrializados, os acontecimentos de 1968 [revolta anti-capitalista de trabalhadores e estudantes na França] haviam levado muitos jovens museólogos a se questionar sobre sua profissão e sobre seu papel na sociedade; nos países em vias de desenvolvimento, ou em emergência, como se diz atualmente, particularmente na América Latina, uma tomada de consciência vinha surgindo em matéria de libertação da tutela econômica e cultural dos países grandes, particularmente dos Estados Unidos; nos países recentemente independentes, jovens elites reivindicavam para seus patrimônios um papel maior na constituição das identidades nacionais e regionais. O México, a Índia, a Nigéria estavam na frente desse movimento extra-europeu, enquanto as lutas contra a discriminação racial provocavam a criação de estruturas culturais de afirmação étnica nos Estados Unidos (os museus de vizinhança, os *neighbourhood museums*). Paralelamente, o enriquecimento das classes médias americanas e europeias, associado aos novos meios de transporte, levava a uma demanda turística cujas motivações estavam nas antípodas daquelas dos jovens museólogos locais. Diante dessa evolução divergente das práticas e das mentalidades, o Icom empreendeu, entre 1969 e 1972, um trabalho de reflexão

¹¹ Barbuy (1995, p. 215) afirma que Georges Henri Rivière, um dos idealizadores do Le Creusot, assume ter se inspirado em museus a céu aberto criados na Suécia em 1891. Ou seja, oito décadas antes do ecomuseu francês.

coletiva sobre vários temas complementares: luta contra o tráfico de bens culturais, afirmação do papel “político” dos museus [...] (VARINE, 2012, p. 180).

Embora extensa, a citação acima é fundamental para a compreensão de que a nova museologia não se trata de uma descoberta com espaço e tempo determinado; mas sim de um processo histórico lento e gradual, motivado por fatores distintos que, combinados ou não, convergiram no sentido de romper com o paradigma da museologia tradicionalista. No entanto, Barbuy (1995, p. 221) alerta para não a imaginarmos como um empreendimento independente e completamente afastado das instâncias governamentais. Segundo ela, os primeiros ecomuseus são fruto de uma política oficial, e não de uma ação exclusiva da sociedade. De fato, discorrendo sobre como a nova museologia se desenvolveu, Varine (2012, p. 181) cita entre outros fatores “um mecenato público e privado com motivações de relações públicas”.

A experiência francesa com ecomuseus impulsionou em vários países ações em favor de mudanças no panorama museológico da época, muitas delas realizadas ou apoiadas pelo ICOM. Poderíamos citar aqui inúmeros eventos promovidos com o intuito de debater uma nova política de museus. Como o espaço não nos permite fazê-lo, nos ocuparemos apenas dos mais recorrentes na literatura museológica brasileira.

1.3.1 A Declaração do Rio de Janeiro

Em 1958 foi realizado no Rio de Janeiro o Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus, evento patrocinado pela UNESCO e pelo ICOM em parcerias com profissionais de museus e autoridades do Brasil. O evento contou com a participação de personalidades como Heloisa Alberto-Torres, então presidente do Comitê Brasileiro do ICOM, Georges Henri Rivière, José Maria Cruxent e representantes de instituições museológicas de mais de vinte países (TORAL, 1995, p. 8).

Embora tenha discutido outros aspectos relativos à museologia o encontro destacou a ideia de que os museus possuem finalidade educativa, que deve ser enfatizada pela instituição. Para exercer seu papel educativo os museus deveriam contar com um especialista em educação (o “pedagogo do museu”) ou, na falta deste, com um profissional de museus que pudesse substituí-lo (BRASIL, 2012).

O documento final do Seminário, conhecido por Declaração do Rio de Janeiro, entre outras questões, resolveu que:

Um museu é um estabelecimento permanente, administrado para satisfazer o interesse geral e conservar, estudar, evidenciar através de diversos meios e essencialmente expor, para o deleite e educação do público, um conjunto de elementos de valor cultural: coleções de interesse artístico, histórico, científico e técnico, jardins botânicos, zoológicos e aquários, etc.

[...]

A museologia é a ciência que tem por objeto estudar as funções e a organização dos museus. A museografia é o conjunto de técnicas relacionadas à museologia (BRASIL, 2012, p. 89).

1.3.2 A Declaração de Santiago do Chile

Discutir a nova museologia sem citar a Mesa-Redonda de Santiago do Chile (MRSC), 1972, é realizar uma discussão pela metade. Também idealizado pela UNESCO e pelo ICOM por meio do Subcomitê de Museologia para a América Latina e Caribe (ICOFOM-LAM), o encontro teve como tema o papel dos museus na América Latina. A MRSC é considerada pelos teóricos da museologia e profissionais de museus um marco histórico para o novo pensamento museológico que se desenhava à época. Num documento final chamado Declaração de Santiago a Mesa-Redonda apresentou um novo museu para o mundo, o *museu integral*, aquele que, segundo Varine (1995, p. 18, grifo nosso) expõe “levando em consideração a **totalidade** dos problemas da sociedade”. Na ocasião foi também criada a Associação Latino Americana de Museologia (ALAM).

Para compreender as razões do *museu integral* é preciso ir além da MRSC e perscrutar o contexto histórico de sua idealização. Veremos, então, que os mesmos ingredientes fermentadores do movimento impulsionado na França pelos ecomuseus estavam presentes em Santiago. Até a escolha do país, o Chile, foi devidamente pensada, visto que ideias revolucionárias não vingariam nos regimes ditatoriais que àquela época se abatiam sobre a América Latina¹². Sobre isso afirma Scheiner.

As premissas defendidas pela Carta de Santiago não eram, portanto, novas, nem uma reivindicação das comunidades locais – mas uma necessidade colocada pelos profissionais de museus latino-americanos, quase duas décadas antes. Finalmente, deve-se ter em conta que, naquele momento, apenas um evento organizado por agências internacionais teria a possibilidade de discutir, numa América Latina atravessada por governos autoritários de direita, as relações entre sociedade,

¹² “A América Latina vivia, nos anos 1970, “uma história de exílio e exilados”. Os Estados Unidos, principal potência imperialista mundial, protagonizam a instalação de ditaduras militares em vários países do continente, como Chile, Argentina, Uruguai, Peru e Bolívia. O golpe de Pinochet, um ano após a realização da Mesa-Redonda de Santiago, talvez tenha sido um dos exemplos mais duros” (MOURA SANTOS, 2008, p. 79).

educação, meio ambiente e desenvolvimento; e que tal discussão só poderia ter ocorrido num país onde fosse possível a ampla liberdade de expressão – como era, então, o Chile de Allende (SCHEINER, 2012, p. 23).

O conceito *museu integral* atribui às instituições museológicas a incumbência de direcionar suas atividades à conscientização das comunidades contribuindo para o engajamento destas na busca de soluções para seus problemas estruturais relativos ao meio rural e urbano, ao desenvolvimento científico e tecnológico e à educação (BRASIL, 2012).

O Brasil foi representado no evento pela museóloga Lygia Martins Costa, substituindo o educador Paulo Freire vetado pelo delegado brasileiro junto à UNESCO por, segundo Varine (1995, p. 17), questões políticas.

1.3.3 A Declaração de Quebec

Vimos que na segunda metade do século XX o modelo tradicional de museus recebera inúmeras críticas, acusações e propostas de modificação vindas de vários países, sobretudo, da Europa e da América. No entanto, até a década de 1980 essas ações ainda não tinham sido sistematizadas em torno de uma ideia coesa, global e reconhecida por uma só nomenclatura. Isso veio a ocorrer no ano de 1984 no seminário internacional do ICOM em Quebec, Canadá, cujo objetivo era analisar as transformações por que passava o mundo dos museus que a partir daquele momento foram condensadas em um único movimento: a nova museologia. Moutinho nos oferece mais detalhes sobre o evento e afirma inclusive não haver consenso entre os participantes, visto que alguns defendiam a ecomuseologia como o símbolo do novo museu.

Da ideia vaga de novas formas de museologia (museus comunitários, museus de vizinhança, ecomuseus etc.), o atelier foi evoluindo para o reconhecimento de um movimento com uma amplidão que não podia mais deixar de ser tomada como uma realidade nova da museologia. Processo doloroso para uma parte dos participantes que viam na ecomuseologia a principal se não a única forma de nova museologia, por oposição a uma outra parte dos participantes que pretendiam ver alargada a ideia de nova museologia a outras expressões museais. Num documento de trabalho então distribuído eram apresentados alguns aspectos específicos de uma nova museologia (MOUTINHO, 1995, p. 26).

No documento final do seminário, a Declaração de Quebec, a comunidade internacional de museus foi “convidada” a aceitar a nova museologia; e os poderes públicos foram convocados a contribuir com a aplicação de seus princípios (BRASIL, 2012). O evento

de Quebec culminou com a criação do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (Minom), em 1985.

1.3.4 A Declaração de Caracas

Vinte anos após o advento do *museu integral*, o contexto das instituições museológicas latino-americanas foi novamente objeto de discussão em um evento internacional. Trata-se do seminário ocorrido em 1992, em Caracas, Venezuela, cujo tema era “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios”. Realizado pelo comitê venezuelano do ICOM em parceria com órgãos oficiais de cultura latino-americanos o evento pode, segundo Horta (1995, p. 32), ser visto de três formas: uma análise da atuação dos museus após a MRSC; uma “atualização” dos princípios da Carta de Santiago do Chile; e um programa de ações futuras para os museus. Deste último, o seminário destacou a necessidade de se buscar estratégias para a sustentabilidade financeira das instituições museológicas, como se observa quando analisamos alguns aspectos da discussão:

- a inserção de políticas museológicas nos planos do sector de cultura;
- tomada de consciência do poder decisivo que esta tem para o desenvolvimento dos povos;
- reflexão sobre a ação social do museu;
- análise das proposições teóricas em torno dos museus do futuro;
- estratégias efetivas para captação o controle dos recursos financeiros;
- suportes legais e inovações de organização dos museus;
- o perfil dos profissionais para as instituições museológicas;
- o museu como início de comunicação (BRASIL, 2012).

1.4 Museologia tradicional e nova museologia: principais elementos distintivos

Até aqui, apontamos individualmente as características dos dois modelos conceituais da museologia. Fecharemos este capítulo com uma espécie de resumo na intenção de deixar mais inteligível a distinção que se faz entre a museologia tradicional (considerada arcaica, conservadora, autoritária) e a nova museologia (vista como moderna, revolucionária, democrática). Para tanto reproduziremos um quadro por demais conhecido que oferece uma visualização dos dois conceitos (Quadro 2). Antes, porém, vejamos como Santos estabelece as diferenças entre os modelos.

A Nova Museologia se apresenta com um caráter social, enquanto a Museologia Tradicional é focada nas coleções. O essencial para a Nova Museologia será o aprofundamento nas questões de interdisciplinaridade e a perspectiva de uma reflexão crítica sobre a área. Neste momento, a investigação e a interpretação passam a assumir um papel fundamental no contexto museológico, e o objetivo da museologia deve se transferir para o desenvolvimento comunitário, e não somente da questão preservacionista de bens materiais. Espera-se que a museologia passe a se manifestar na sociedade de forma global, e que suas preocupações englobem questões sociais, culturais e econômicas (SANTOS, 2005, p. 33).

Quadro 2 – Paradigmas da museologia

Museologia Tradicional (coleções)	Nova Museologia (caráter social)
Edifícios	Território
Coleções	Patrimônio
Público determinado	Comunidade participativa
Função educadora	Ato pedagógico para o ecodesenvolvimento

Fonte: SANTOS, 2005, p. 33.

Tanto a descrição quanto o quadro são enfáticos ao demonstrar a transformação por que passou a museologia ocidental com o movimento de renovação do papel dos museus ocorrido no século XX, sobretudo, com o advento dos ecomuseus franceses e da Mesa-Redonda de Santiago. É inegável o conflito e tensão existente entre as duas correntes que se contrapõe na disputa por espaço e representatividade. Nessa luta, se por um lado a museologia tradicional resiste e se expande dando mostras que ainda detém grande poder de influência no ambiente museal; por outro, a nova museologia fascina pelo seu viés social e renovador, e busca ganhar espaço num território praticamente dominado pelas antigas práticas museológicas. O apego ao patrimônio, ao objeto em si fechado num edifício é o princípio da primeira; o trabalho crítico com o público e a comunidade visando à transformação da sociedade é a filosofia da segunda. Nos próximos capítulos veremos qual o resultado disso no caso de um museu específico.

CAPÍTULO II

2 NOVACAP: GÊNESE E TRANSFORMAÇÃO

Quando o Presidente Juscelino Kubitschek (JK) reuniu as condições políticas suficientes para pôr em prática o antigo plano de interiorização da capital do país não dispunha de uma estrutura administrativo-operacional para executá-lo. À época, Brasília era apenas um projeto carente de mãos que pudessem concretizá-lo na “solidão” do Planalto Central. Foi assim, com a missão de erguer uma cidade em meio ao cerrado, que em 19 de setembro de 1956, por meio da Lei n.º 2.874 (a mesma que autorizou a mudança da capital), nasceu a primeira empresa pública¹³ do Distrito Federal: a Companhia Urbanizadora da Nova Capital.

Três anos e meio depois, no dia 21 de abril de 1960, Brasília era inaugurada – os mitos sobre sua criação, o traçado urbano original, a arquitetura modernista e a velocidade com que foi erigida deram-lhe visibilidade internacional, que veio a se confirmar com o título de Patrimônio Cultural da Humanidade em 1987. Mas não se pode dizer que a construção terminou naquela data porque até hoje a cidade cresce como se o projeto ainda estivesse em execução. Projeto em que a Novacap esteve presente em todas suas etapas. E ainda continua em algumas.

Embora sejam resultado da mesma Lei e possuam uma “relação simbiótica”¹⁴, Brasília e a empresa responsável por sua construção têm origens distintas, visto que a intenção de instalar no centro do território o poder político-administrativo do país remonta a tempos longínquos e possui muitos nuances, a depender do narrador e das circunstâncias em que se dá a narração. Sobre isso, Vidal oferece mais detalhes:

Em um período de mais de um século e meio, muitos foram os projetos de construção de uma cidade nova para a instalação da capital do Brasil. Um primeiro projeto foi pensado quando da presença, no Brasil, do rei de Portugal Dom João VI, entre 1808 e 1821; o segundo, durante o período da Independência, em torno da figura de José Bonifácio (1821-1824); um novo projeto foi elaborado durante o Império por Francisco Adolfo de Varnhagen, historiador e diplomata (1839-1878); a República, no seu início, entre 1889 e 1904, tomou para si o projeto; O Estado Novo e depois a Nova República, entre 1930 e 1955, dedicam-lhe crescente atenção; foi finalmente o projeto de Kubitschek, entre 1957 e 1960, que deu à luz a Brasília (VIDAL, 2009, p. 17).

¹³ Para efeitos deste trabalho, são consideradas empresas públicas as entidades pertencentes à Administração indireta, tais como autarquias, fundações públicas, empresas públicas e sociedades de economia mista (MEIRELLES 1996).

¹⁴ Expressão criada a partir de um fenômeno da biologia, *simbiose*, em que dois ou mais elementos coexistem por meio de uma relação de interdependência (MARTINEZ, 2013).

2.1 As funções

À Companhia, JK e a Lei concederam plena autonomia para responder por todas as questões relativas à construção da nova cidade. Segundo Vidal (2009, p. 198), à Novacap “atribui-se rapidamente funções de mestre-de-obras”; e o cientista político Márcio de Oliveira nos mostra a dimensão do poder da empresa.

[...] controle de terras, planejamento e execução das obras, celebração de contratos e concorrências, aquisição de materiais, enfim tudo que dissesse respeito à construção. Na prática isso significava que o governo tinha poderes constitucionais quase absolutos sobre o local, sobre os direitos e deveres civis, sobre horário e turno dos trabalhadores, empresas contratadas, serviços com e sem licitação pública, contratação de empréstimos externos [...], expropriação de áreas etc. [...] departamentos de arquitetura e urbanismo, financeiro, jurídico, de viação e obras, força e luz, transporte e comunicações, águas e esgotos, edificações, imobiliário, saúde, educação e terra e agricultura. [...] a Novacap passou a centralizar e coordenar tudo o que seria realizado na região, permitindo ou proibindo a entrada de pessoas na região da cidade. Este domínio seria tão absoluto que a própria Novacap se encarregaria da educação e da saúde pública do futuro Distrito Federal (OLIVEIRA, 2005, p. 170).

Com o decurso dos anos as atividades da Companhia foram se transformando à medida que outras empresas e órgãos públicos eram criados, de modo que atualmente suas competências são:

- I - executar diretamente ou por intermédio de terceiros, os projetos de construção civil e de urbanização a ela confiados;
- II - executar os trabalhos de conservação e reparos de edifícios próprios do Governo do Distrito Federal ou de outras obras públicas, que mediante contratos ou convênios, lhe forem atribuídos;
- III - promover a arborização de logradouros públicos, a implantação e conservação de gramados, jardins e bosques;
- IV - promover a elaboração das propostas de orçamento - programa, programação financeira e de orçamento plurianual das obras sob sua subordinação, acompanhando e controlando sua execução;
- V - executar obras de infra-estrutura urbana que lhe forem confiadas; e
- VI - praticar todos os demais atos concernentes a seus objetivos sociais, devidamente autorizados pela Assembléia Geral (NOVACAP, 2012).

2.2 Gestores e empregados

Atualmente a Novacap é comandada por cinco diretores, sendo que um deles é o diretor-presidente, cargo ocupado por 51 pessoas desde a sua fundação. Para compor a primeira diretoria da empresa (Figura 1), JK convidou aliados políticos e um membro do mais representativo partido dos que se opunham a seu governo e à construção da cidade, a União

Democrática Nacional (UDN)¹⁵. Tratava-se de uma estratégia do Presidente para amainar a oposição que, ao participar da execução do projeto, teria menos ou nenhuma autoridade para criticá-lo (BRASIL, 2010, p. 71). Dos primeiros gestores, os nomes que mais repercutem são Ernesto Silva, Israel Pinheiro, Bernardo Sayão e o arquiteto Oscar Niemayer, chefe do departamento de Arquitetura da empresa. Embora não tenha sido empregado da Companhia, Lúcio Costa, autor do plano urbanístico de Brasília, geralmente tem seu nome vinculado à história da Novacap.

Figura 1 – Primeira diretoria da Novacap



Em sentido horário, Íris Meinberg, Israel Pinheiro, Bernardo Sayão e Ernesto Silva.

Havia também os operários conhecidos como *candangos*¹⁶: milhares de brasileiros vindos, sobretudo da região Nordeste do país que enxergavam na cidade um meio de escapar às dificuldades da terra natal e encontrar melhores condições de vida, o que, de fato, fora possível a muitos (Figura 2). No entanto, há relatos de que – dado o ritmo acelerado das tarefas, as precárias condições de trabalho e moradia e a falta de especialização técnica – vários deles sucumbiram tragicamente, tingindo com sangue o concreto armado de palácios e monumentos (BRASIL, 2010, p. 190). Caso pudesse assistir à cena, Benjamin reforçaria sua

¹⁵ A decisão de transferir a capital sofreu ferrenha oposição da UDN, partido cujo maior expoente foi ex-governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda.

¹⁶ Assim são chamados os primeiros construtores da nova Capital.

generalizante declaração de que “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie” (BENJAMIN, 1994, p. 225).

Sem concurso público desde 1996, a cada ano diminui o número de funcionários da Novacap. Atualmente, o seu quadro próprio é formado por aproximadamente 2.150 empregados. Para representá-los, os trabalhadores contam com um sindicato e uma associação. Trata-se, respectivamente, do Sindicato dos Servidores e Empregados da Administração Direta, Fundacional, das Autarquias, Empresas Públicas e Sociedades de Economia Mista do Distrito Federal (SINDSER), situado no Setor Comercial Sul, e da Associação dos Servidores da Novacap (ASCAP), que funciona na sede da empresa. Além disso, há o fundo de pensão e aposentadoria (Benacap) e um espaço para diversão e entretenimento, o Clube de Esporte e Lazer da Novacap (Celacap), contíguo ao complexo administrativo da Companhia.

Figura 2 – Candangos



Candangos, primeiros construtores de Brasília: pausa para refeição.

2.3 A revista e o livro

Com o objetivo de dar publicidade aos fatos que envolviam a nova capital, alvo de constantes críticas da oposição que ameaçava o ritmo das obras com pedidos de investigação,

a Novacap criou em janeiro de 1957 a *Revista Brasília* – uma espécie de relatório de prestação de contas de seus atos e dos gastos com a construção. Se por um lado a publicação somente em parte atendeu ao seu propósito inicial (visto que as denúncias e acusações não cessaram por completo), por outro elevou a popularidade do Presidente e contribuiu para a fixação de Brasília na história da nação. Segundo Oliveira, era preciso:

Construir e narrar, fazer e divulgar – no Brasil e também no exterior –, falar e mostrar; convidar ilustres visitantes, filmar, fotografar e historiar: dimensões inseparáveis dos anos de construção. [...]. Dos discursos, às imagens, da narrativa do mito à figuração dos símbolos, Brasília estava fadada a ocupar nobre lugar no panteão do imaginário nacional (OLIVEIRA, 2005, 180).

O periódico não escapou à crítica dos opositores que o acusavam de ser peça de propaganda do governo. Seu último exemplar foi publicado em abril de 1966. Por meio do Decreto nº 28.996, de 29 de abril de 2008, a *Revista Brasília* foi tombada pelo Governo do Distrito Federal (GDF) no livro de bens móveis de valor arqueológico, etnográfico, bibliográfico, histórico e artístico, sob a inscrição n.º 002 (GDF, s.d.).

Em 2005, a Companhia criou uma comissão de servidores para organizar o seu quinquagésimo aniversário no ano seguinte. Dessa iniciativa nasceu o livro comemorativo *Novacap: 50 anos por Brasília*, sobre o qual discutiremos mais à frente.

2.4 Os museus e o arquivo

Embora não conte ainda com museu próprio em funcionamento, a Novacap possui vinculação histórica com quatro instituições museológicas do DF. Pela objetividade que este trabalho exige, apresentaremos apenas duas delas¹⁷. A primeira é o Museu Vivo da Memória Candanga (MVMC) – localizado na Região Administrativa do Núcleo Bandeirante, no prédio onde funcionou o primeiro hospital público do DF. O MVMC abriga a exposição permanente *Poeira, Lona e Concreto*, que realiza um recorte dos primórdios da cidade até a sua inauguração em 1960 (GDF/SECDF, 2013); o outro é o chamado Catetinho, situado no km zero da BR 040, que serviu de casa ao então Presidente Juscelino Kubitschek, de novembro de 1956 até à inauguração do Palácio da Alvorada, em 1958, e recebeu esse nome em referência ao Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. No museu, o visitante pode ver, além do próprio

¹⁷ As demais são: Museu da Cidade, na Praça dos Três Poderes; Museu do Instituto Histórico e Geográfico do DF; e Memorial JK.

prédio, o mobiliário original da residência, a suíte presidencial, vestimentas e imagens fotográficas, além de outros objetos que pertenceram ao ex-Presidente.

Quanto acervo documental da Novacap, este se encontra no Arquivo Público, criado em 1985. Responsável pela guarda da documentação produzida durante a construção de Brasília, o Arquivo é frequentemente visitado por pesquisadores e outras pessoas interessadas na história da capital, como pudemos perceber nos dias em que lá estivemos realizando esta pesquisa.

2.5 Outros fatos marcantes

A Novacap é local e nacionalmente reconhecida pela sua façanha de erguer uma capital em menos de 4 anos – fato que transformou o cenário político do país, antes restrito basicamente à cidade do Rio de Janeiro. Depois de cumprida a missão inicial, a empresa continua prestando serviços à sociedade do Distrito Federal no que concerne aos trabalhos de pavimentação asfáltica, infraestrutura, drenagem pluvial e gerenciamento e fiscalização de obras públicas. Essa é a sua face visível, mas há outras menos evidentes. Abaixo trataremos de duas questões referentes à Companhia importantes para este trabalho, mas que não são divulgadas tanto quanto os aspectos que acima elencamos.

2.5.1 A greve de 1999

Em 2 de dezembro de 1999, os empregados da Novacap realizavam uma greve cobrando o cumprimento de promessas de campanha do governador da época, Joaquim Roriz. O governo acionou a polícia de choque para fazer a desobstrução da entrada da empresa, ocupada pelos grevistas. Segundo matéria do Correio Braziliense (GOULART e SALLUM, 2007, p. A-25), na ação policial (Figura 3) um trabalhador foi morto¹⁸ e 38 ficaram feridos – destes dois perderam a visão. Entretanto, o presidente da ASCAP, Gilson Marques de Souza, que estava presente no momento da ação da polícia, relata 73 feridos (SOUZA, 2013, entrevista). O “Massacre da Novacap”, como o caso ficou conhecido na imprensa e entre os

¹⁸ José Ferreira da Silva é o nome do trabalhador morto naquela ocasião. Em sua homenagem, empregados apoiados pelo SINDSER ergueram um monumento em frente à Novacap, no local onde se deu a ação da polícia (SOUZA, 2013, entrevista).

trabalhadores, recebeu uma breve citação no livro comemorativo da Companhia em que a polícia foi sequer mencionada, ficando, assim, os “novacapianos” como únicos protagonistas do episódio (BRASIL, 2010, p. 266 e 267).

Figura 3 – Ação da polícia na greve de 1999



Operação policial culminou com uma morte e vários feridos

2.5.2 Novos rumos

Com seu nome gravado na arquitetura modernista e no urbanismo planejado da capital (Figura 4), a Novacap é também responsável pelo alto índice de arborização de Brasília (Figura 5). São ipês amarelos, roxos e brancos, quaresmeiras, guapuruvus, copaíbas, cambuís e sapucaias que, alternando tonalidades e cores, vão colorindo a paisagem da cidade

(GDF/NOVACAP, 2013). Além do plantio de árvores, o Departamento de Parques e Jardins da Companhia (DPJ) investe na produção de flores para atender aos canteiros distribuídos em vários pontos da cidade (Figura 6) – atividade que lhe rendeu participação num evento nacional dirigido ao cultivo de plantas ornamentais.¹⁹ Além desse trabalho de viés paisagístico e ecológico, nos seus dois viveiros a empresa desenvolve um programa com objetivos sociais. Trata-se da contratação de jovens aprendizes e de portadores de necessidades especiais, físicas, auditivas ou visuais, que realizam o manejo das mudas e das sementes (GDF/NOVACAP, 2013). Ao aumentar seu investimento nos canteiros de plantas e flores, ampliando e diversificando uma atividade que nunca foi a principal, a Novacap cria “rotas de fuga” diante da perda gradual das suas funções originais de construtora de obras (MARTORELLI, 2013, entrevista).

Figura 4 – Vista noturna da região central de Brasília



Novacap: presente no urbanismo e na arquitetura da cidade

¹⁹ De fato, o resultado do trabalho do DPJ é facilmente percebido na área central e nas quadras residenciais de Brasília. Entretanto, o mesmo não pode ser dito em relação às outras cidades do DF, onde o índice de arborização é ínfimo se comparado ao que a Novacap alcançou na capital.

Figura 5 – Arborização e canteiro de flores da quadra 402 Sul



Segundo a Novacap, o verde das ruas traduz-se em mais qualidade de vida para os moradores do DF

Figura 6 – Entrada da Novacap

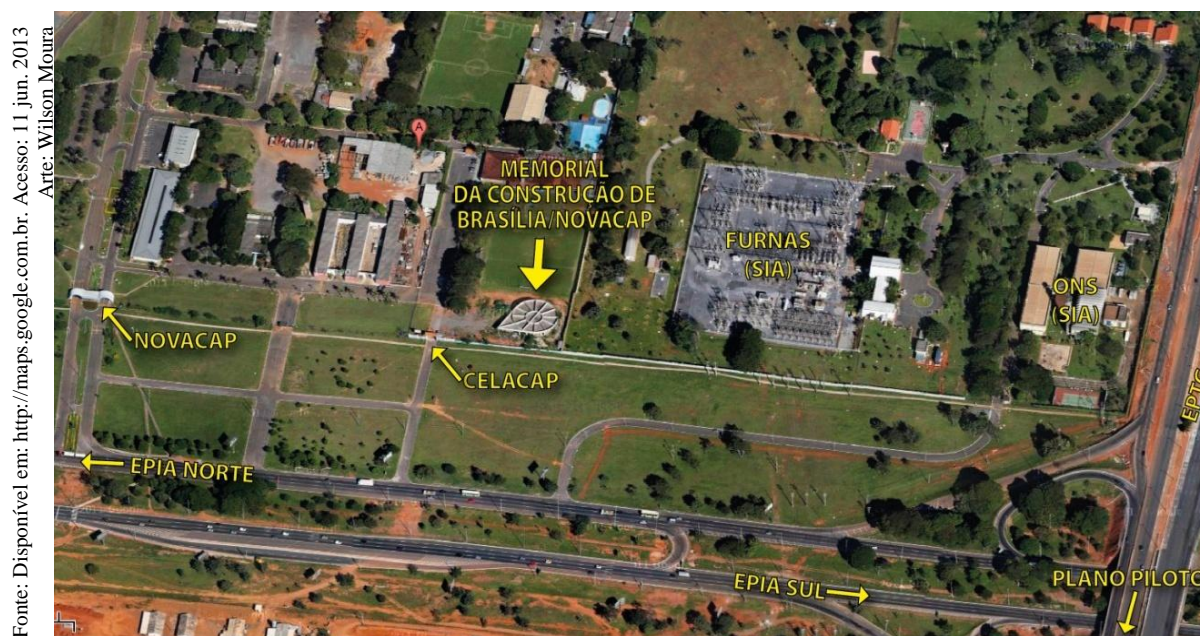


Cuidando do próprio jardim: canteiro florido na entrada da Companhia

3 O MEMORIAL DA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA/NOVACAP (MCBN)

Quem cruzar a Estrada Parque Indústria e Abastecimento (EPIA) no sentido norte/sul do DF e olhar em direção ao complexo administrativo da Novacap, localizado no lote B do Setor de Áreas Públicas, verá surgindo entre frondosas árvores por sobre a cerca de metal a parte superior de um esqueleto de concreto situado a uns 100 metros do portão principal daquela empresa, na área do clube Celacap (Figuras 7 e 8). Trata-se de uma obra inacabada – o Memorial da Construção de Brasília/Novacap.

Figura 7 – Vista aérea da região do Memorial



A ideia de erguer o Memorial partiu do grupo de trabalho denominado Comissão 50 Anos instituído pela diretoria da Companhia em março de 2005 para apresentar sugestões às comemorações do seu quinquagésimo aniversário, em setembro de 2006. Coordenada por Luíza Helena Bezerra Cruz, a Comissão sugeriu também a redação do livro *Novacap: 50 anos por Brasília*, a reimpressão da *Revista Brasília* e o levantamento de todas as obras realizadas pela empresa. O livro foi publicado tardiamente em 2010, o Memorial não foi concretizado e os dois últimos projetos não foram executados.

Figura 8 – Vista da estrutura do Memorial por entre as árvores do Celacap



3.1 O projeto arquitetônico

Embora haja nos documentos levantados e nas entrevistas realizadas para esta pesquisa um desencontro de informações sobre as condições em que ocorreu a escolha do projeto do arquiteto Luiz Henrique Freire Duarte²⁰, um parecer assinado pelo então presidente da Novacap, Elmar Luiz Koenigkan, tem a seguinte redação:

PARECER: Esta Presidência examinou os dois estudos apresentados e entende que o do arquiteto Luiz Henrique Freire Duarte apresenta melhores condições de aceitabilidade tendo em vista que:

1 – Trata-se de uma edificação com uma arquitetura mais artística, criativa e moderna, portanto, mais próxima da arquitetura da Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, construída pela NOVACAP.

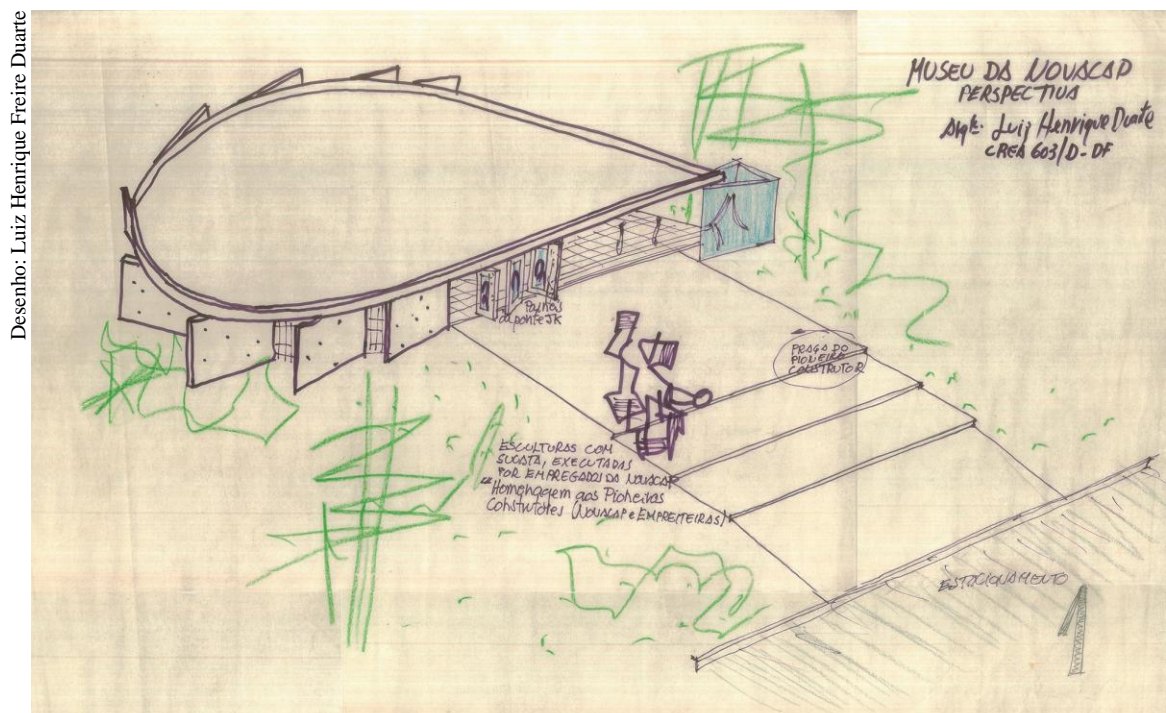
2 – Oferece entre outras, opções de informações aos visitantes inclusive a possibilidade de uma sala para projeção de filmes relativos à construção da Cidade. E, de consequência, tem melhores condições de atender às necessidades que se pretende construir (BRASIL/GDF/NOVACAP, 2005, p. 06 e 07).

²⁰ Cruz (2013, entrevista) fala de um concurso interno divulgado nos murais da Companhia, enquanto Duarte (2013, entrevista 1) afirma ter apresentado seu projeto ao então diretor administrativo Clarindo Rocha quando soube que o anteriormente analisado havia sido reprovado pela diretoria da empresa.

Como o museu não conta com plano diretor ou museológico, a descrição da arquitetura do seu projeto para esta pesquisa foi feita a partir da análise das entrevistas e do estudo dos desenhos e documentos obtidos junto à Novacap, entre eles, um relatório da Comissão 50 Anos e um processo que trata da construção, de onde consta o memorial descritivo do projeto arquitetônico redigido por Duarte. Feito em perspectiva um dos desenhos oferece visão privilegiada do prédio nos possibilitando compreender as suas principais características arquitetônicas (Figura 9). Com aproximadamente 800 m², o edifício térreo foi projetado em formato de lágrima disposta na horizontal, segundo a nossa interpretação. Se, por um lado, não podemos dizer que o projetista optou pela extravagância do traço, como vemos no que Montaner (2003, p. 12) denomina museu orgânico; por outro, o formato nada convencional do edifício sugere que o autor imprimiu um viés artístico a sua criação (Figura 10). Mesmo assim, no memorial descritivo o arquiteto justifica modestamente a sua escolha.

Não nos preocupamos muito com a arquitetura e seu aspecto plástico nem mesmo em projetar algo mais ousado ou diferente, apenas observamos para que tivesse um mínimo de estética e que ficasse proporcional e dentro da escala do local onde será construído, enfim, preocupamo-nos em não fazer um prédio feio, porém que apresentasse um aspecto singelo e bem próximo da simplicidade que sempre esteve no espírito da NOVACAP e de seus operários “candangos”, durante a epopeia da construção de Brasília (BRASIL/GDF/NOVACAP, 2005, p. 10).

Figura 9 – Desenho em perspectiva do prédio do Memorial



Na área externa, escultura em homenagem aos primeiros construtores de Brasília

Figura 10 – Visão frontal do edifício

Arquitetura em formato de lágrima na horizontal

Apresentamos abaixo o Quadro 3 que oferece mais detalhes do programa de uso do Memorial.

Quadro 3 – Programa de uso do Memorial

Espaços e serviços	Possui	Não possui	Características/observações
Estacionamentos	X		
Acesso ao edifício para portadores de necessidades especiais (PNE)	X		
Área administrativa		X	A mesma da Novacap
Auditório	X		Aproximadamente 90 lugares
Espaço para projeto educativo		X	
Reserva técnica		X	Todo o acervo será exposto
Sala de leitura	X		Sala Nauro Esteves
<i>Café</i>	X		
<i>Lojinha</i>	X		Um balcão para vendas
Sanitários	X		Inclusive para PNE
Saída de emergência		X	É possível adaptar

Quadro: Edvan Aquino de Queiroz

A pedra fundamental do MCBN foi lançada pela então governadora Maria de Lourdes Abadia no dia 16 de junho de 2006. Iniciadas logo em seguida, as obras foram paralisadas no mês de dezembro naquele ano, quando estava pronta apenas a primeira etapa da construção – fundação e estrutura de concreto. Hoje, passados sete anos e meio, o prédio se encontra da mesma forma (Figura 11).

Quanto a valores, de acordo com a planilha estimativa, a etapa inicial do Memorial custou R\$ 1.337.874,23 (BRASIL/GDF/NOVACAP, 2005, p.23). Sobre a origem dos recursos, Cruz (2013, entrevista) afirma que o material “foi doado pela iniciativa privada”, enquanto Duarte (2013, entrevista 1) declara tratar-se de verba inteiramente pública, embora não saiba dizer exatamente de qual órgão. Quanto à mão de obra, os dois são unânimes ao afirmar que a construção foi erguida pelos próprios novacapianos (DUARTE, 2013, entrevista 1; CRUZ, 2013, entrevista).

Figura 11 – Vista do Memorial, da entrada do Celacap



Foto: Luciana Jatobá

Prédio parou na primeira etapa – fundação e estrutura de concreto.

3.2 O objetivo

Mesmo não constando dos registros documentais que tratam da construção do MCBN, o objetivo da Novacap ao projetar o Memorial está implícito nas falas dos entrevistados. Sempre que questionados sobre qual seria a finalidade do museu, todos foram unânimes em dar grande destaque ao aspecto *histórico* do empreendimento, sendo que o arquiteto e Cruz também mencionaram o seu caráter *educativo*. Em relatório da Comissão 50 Anos dirigida à diretoria da Novacap se lê: “Fica, portanto, registrada a importância e a necessidade do Memorial da Novacap para a **história** de Brasília, visto que a atual geração já carece dessa **história**, ímpar no nosso país (BRASIL/NOVACAP, 2009, grifo nosso). Em seu depoimento, a coordenadora afirmou:

Então, eu acho que a memória de uma cidade é muito importante. Principalmente uma cidade nova que é a nossa. Você vê aí na Europa os milhões e milhões de anos está lá, a **história** lá contada. “Ah, porque se fosse no Brasil isso não existia.” Não existia mesmo, porque ninguém... “Derruba, não tem efeito. Essa construção para quê? Ah vamos fazer uma moderna, derruba, joga em baixo e faz uma moderna.” Porque não tem... Eu acho que precisa... nós estamos precisando exatamente disso, de dirigentes conscientes, sensíveis a essa **história**. Uma **história** linda. Porque, olha, eu vou te falar, o que veio de estrangeiro visitar a construção de Brasília! Isso nós temos, a Novacap tem registrada na revista Brasília. As pessoas, naquela época, as autoridades da época, as pessoas importantes do mundo todo visitando. Por quê? Porque estava se fazendo uma cidade diferente, não existia outra em lugar nenhum. Então isso chama atenção. Então que tem importância para comunidade, para sociedade, tem muita importância, eu acho (CRUZ, 2013, entrevista, grifo nosso).

Na mesma direção do pensamento acima exposto, está o do presidente da ASCAP, para quem o objetivo do museu seria:

mostrar a **história** da Novacap, porque a **história** de Brasília envolve a Novacap, para estudante, para jovens, para filho dos pioneiros, é importante mostrar essa **história** que inicia Brasília, é importante sim para o próprio Distrito Federal (SOUZA, 2013, entrevista, grifo nosso).

Do mesmo modo, o autor do projeto ratifica o objetivo de narrar a história da capital por meio do museu. Missão que, segundo ele, o ArPDF e o MVMC não realizam em toda sua plenitude, daí a razão do Memorial.

É o seguinte, Brasília todo mundo que conhece. Eu tenho a **história** da construção, tenho filme, tenho tudo, mas chega um turista ou os próprios alunos de escola primária e de ensino médio, eles visitam o arquivo. Na minha leitura de arquiteto arquivo é uma coisa e museu é outra. Museu você chega, olha, vê e memoriza. Se você quiser alguma coisa, você procura, tem publicação, tem tudo. Agora, arquivo é um negócio que é tudo guardado, tudo arquivado. Está correto, não estou dizendo

que seja errado, mas se o cara quiser saber: “Vem cá, você tem aí uma foto de 1958”. “Tenho, está na página tal, ou na prateleira tal”. Então, arquivo é arquivo e museu é museu (DUARTE, 2013, entrevista 1).

Sobre o Museu Vivo da Memória Candanga, afirma Duarte:

Não tem nada a ver com a construção de Brasília. É uma parte da **história** de Brasília, é apenas uma parte, uma parte pequena. Por que eu digo que é uma parte? Aquilo ali é a memória candanga. Como chama? O Museu da Memória Candanga. Aquilo ali é o antigo hospital JKO, Juscelino Kubistchek de Oliveira, com aqueles barracões, aquela coisa toda, e era a cidade livre. Então o que tem ali? Se você for ver não tem nada. Apenas restauraram o hospital JKO, colocaram uma maquete da cidade e algumas coisas do que seria o canteiro de obra, o gabinete do primeiro médico, que é o Edson Porto. Convivi com ele aqui em Brasília, frequentava a república, eu estudante e ele já médico. Mas então aquilo ali é uma memória viva? É uma memória viva porque está lá até hoje, porque esses prédios... Eu mesmo participei da restauração de dois ou três deles. Agora você chegar ali, você deve conhecer, você vê um gabinete médico, você vê um salão de barbeiro, então você vê um canteiro de obras, quer dizer, então é aquilo ali. Mas não tem a **história** de Brasília ali. Tem um pedacinho, um milionésimo da **história** da construção (DUARTE, 2013, entrevista 1, grifo nosso).

Sobre a possibilidade de o Memorial servir à educação, Cruz (2013, entrevista) afirma que, em relação aos alunos visitantes, o MCBN possui função “totalmente educativa”; enquanto Duarte (2013, entrevista 2) defende que, embora não seja “lugar de aula”, o museu “é lugar de absorver conhecimento à medida que vai se andando dentro”. Ainda sobre essa questão, no memorial descritivo do projeto arquitetônico o arquiteto previu que os visitantes caminhariam pelo “salão de exposições”

absorvendo e vivendo através de fotos, de desenhos e textos afixados nas paredes a construção da Nova Capital do País e ao mesmo tempo **aprendendo** o que é a Novacap, qual é a sua importância nesta fase do nosso País e finalmente **conhecendo** e **aprendendo a história** da Empresa que construiu Brasília (NOVACAP, 2005, p. 10).

3.3 A narrativa

No que diz respeito ao discurso ou à linguagem expositiva, ou seja, a forma como o Memorial abordará o seu tema principal, os depoimentos evidenciaram que, em alguns pontos, inexistiu consenso na Novacap. Diante da pergunta sobre quais as cidades do DF o museu iria representar, o presidente da Companhia e a coordenadora da Comissão afirmaram tratar-se de todas as Regiões Administrativas do Distrito Federal²¹ (MARTORELLI, 2013,

²¹ Além de Brasília, o Distrito Federal é formado por mais 31 cidades, denominadas Regiões Administrativas.

entrevista; CRUZ, 2013, entrevista); enquanto o autor do projeto declarou que a narrativa circunscreve-se apenas à cidade de Brasília (DUARTE, 2013, entrevista 1).

Com relação à seleção dos fatos que marcam a trajetória da capital e da Novacap, o presidente da ASCAP foi enfático ao citar a ação da polícia na greve de 1999, o que denomina “massacre”.

Souza: Fizemos uma greve em 99, uma das maiores greves, mais importantes que teve aqui na Novacap. O governo do Distrito Federal na época chamou a polícia. Veio o BOPE²², deixou 73 feridos, baleado, dois cegos e um morto aqui. Lá na frente da Novacap, na saída tu vai ver, tem uma pedra lá, tem as fotos do pessoal. Mas na entrada da Novacap nós colocamos lá, ela virou a Praça José Ferreira da Silva, que foi um companheiro que faleceu em frente, foi baleado.

Entrevistador: Então você acha que esse fato merece destaque?

Souza: Merece, e a gente tem certeza que não vai ser colocado no museu (SOUZA, 2013, entrevista).

Já para Martorelli (2013, entrevista), o Memorial deve enfatizar as “obras grandiosas” [...] como a ponte JK, o Estádio Nacional [...], o Museu [Nacional da República], como a Biblioteca [Nacional], a Torre Digital”. Segundo Cruz (2013, entrevista), o trabalho da Companhia com o plantio de árvores e flores deve ser lembrado. Por sua vez, Duarte (2013, entrevista 1) cita a inauguração da cidade como um acontecimento fundamental à exposição. Segundo ele, o episódio da construtora Pacheco Fernandes Dantas ocorrido no carnaval de 1959²³ e o da greve de 1999 não merecem espaço no museu (DUARTE, 2013, entrevista).

No que concerne aos personagens de destaque, os entrevistados citaram basicamente autoridades de grande notoriedade como JK, Oscar Niemayer, Lúcio Costa, os primeiros diretores da Companhia, Burle Marx e Ozanan Coelho. Nesse ponto, a única distinção entre as respostas fica por conta do presidente da ASCAP que cita o sindicato da categoria (SOUZA, 2013, entrevista) e de Cruz (2013, entrevista) que se lembrou dos candangos.

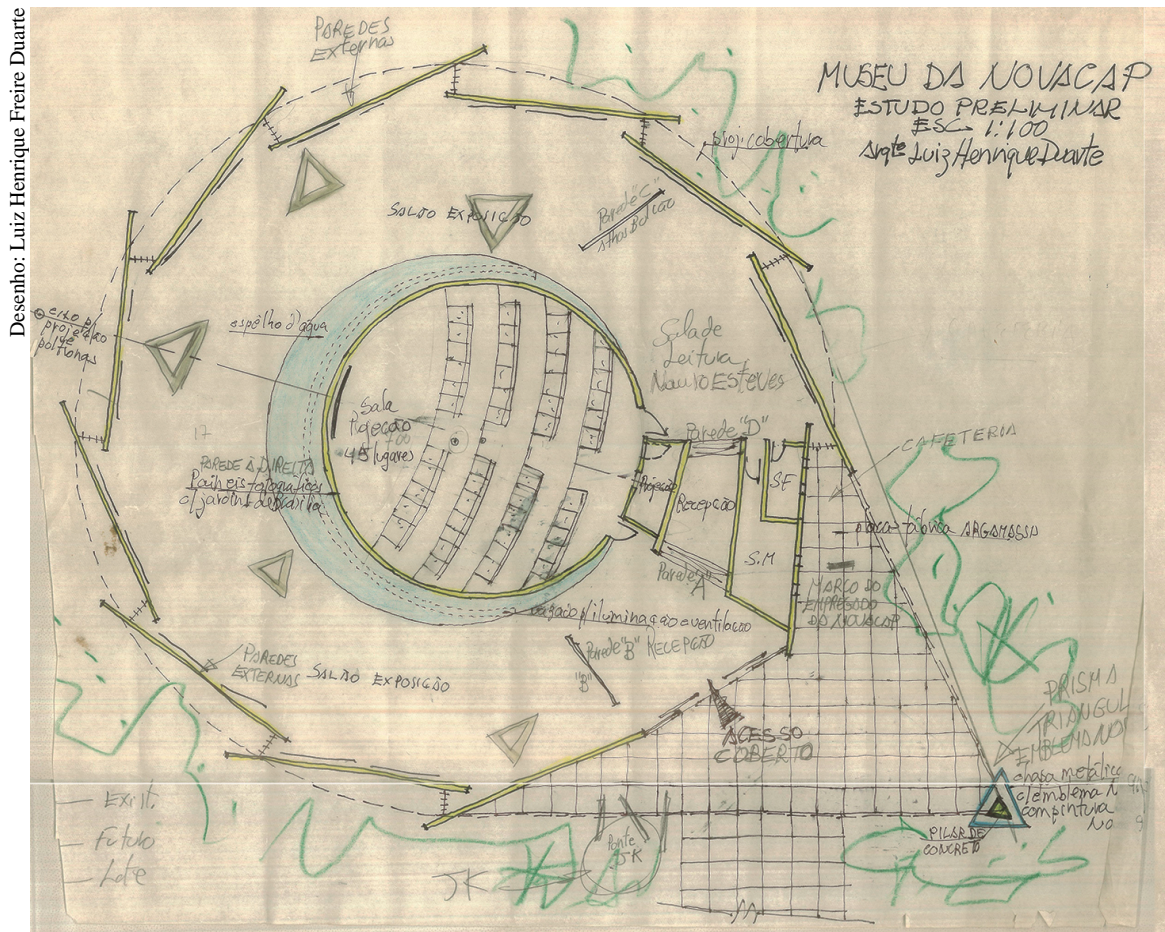
²² Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do DF (BOPE).

²³ Não se sabe ao certo o que de fato ocorreu no dia 8 de fevereiro de 1959, próximo onde hoje fica a Vila Planalto, no acampamento da construtora Pacheco Fernandes Dantas, prestadora de serviço à Novacap. Dada à inexistência de fontes oficiais, o que se tem são versões baseadas em relatos de testemunhas (ou sobreviventes, a depender da veracidade dos fatos), de autoridades governamentais e do noticiário da época. Os operários narram mortes e espancamentos praticados pela Guarda Expedicionária de Brasília (GEB), embrião da polícia civil do DF, após uma confusão envolvendo funcionários da cantina da construtora e trabalhadores da obra que reclamavam da péssima qualidade da alimentação que lhes era constantemente servida (RIBEIRO, 2008, p. 229 e 230). Pelo lado das autoridades que se dispõem a falar sobre o caso, o que o há são exageros, muitos deles promovidos pelos opositores do governo JK e do projeto de mudança. O acontecimento não ocupa espaço nas obras em que Juscelino Kubitschek (1975) e Ernesto Silva (1997) narram suas memórias, mas o livro comemorativo dos 50 da Novacap admite que os trabalhadores da Pacheco Fernandes, “ao se insurgirem contra a qualidade da comida, sofreram violência inominável, que se fez acompanhar de legítima indignação que permanece ainda na cabeça de muitos” (GDF/NOVACAP, 2010, p. 166).

3.4 O projeto museográfico

Como parte da proposta expográfica, Duarte projetou um espelho d'água circundando o auditório, localizando ao centro do edifício – a ideia seria simbolizar o Lago Paranoá (Figura 12). Entretanto, após fazer um curso de capacitação em museologia, o substituiu por um mosaico de pastilhas de vidro. Como praticamente todas as imagens que cobrem os painéis da exposição seriam impressas em papel, o arquiteto foi alertado pelo professor de que a umidade provocada pela água poderia comprometer a conservação da expografia. O Quadro 4 destaca alguns elementos museográficos do projeto do Memorial e a Figura 13 mostra detalhes de seu espaço expositivo.

Figura 12 – Estudo preliminar do Memorial



Espelho d'água circundando o auditório foi substituído por pastilhas de vidro

Quadro 4 – Elementos museográficos do Memorial

Sistemas e serviços	Possui	Não possui	Características/observações
Museólogo		X	Há interesse
Acervo	X		Fotografias e desenhos
Espaço expositivo	X		
Divisão em módulos	X		Cronologia por décadas
Circuito de visitação	X		Direcionado/horário
Acessibilidade à exposição para PNE		X	
Programa educativo		X	
Interdisciplinaridade		X	
Interatividade com público	X		Terminais computadorizados
Controle e monitoramento ambiental		X	Apenas ar condicionado
Iluminação própria para suportes em celulóse	X		
Iluminação zenital	X		Claraboias no teto
Segurança humana	X		A mesma da Novacap
Segurança eletrônica		X	
Combate a incêndios	X		

Quadro: Edvan Aquino de Queiroz

Figura 13 – Detalhes do espaço expositivo do Memorial

No próximo capítulo apresentaremos a descrição da proposta expositiva feita pelo arquiteto nos documentos citados. A sua leitura, combinada com a análise dos desenhos nos permitirá compreender a museografia do MCBN.

3.5 O MCBN, o público e a comunidade

A construção do prédio na área do Celacap foi pensada como uma forma de oferecer mais opções de lazer aos servidores que procuram o clube aos finais de semana. Seriam, portanto, os empregados da Novacap e seus familiares uma parte do público para o qual o Memorial fora pensado. A outra seria formada por visitas escolares, turistas e demais moradores do DF. Segundo Duarte (2013, entrevista 1) o projeto prevê a instalação de um banco de dados com a relação de todos os empregados da Companhia e das empresas por ela contratadas durante a construção da cidade. Em terminais computadorizados os descendentes dos candangos poderão acessar informações e imprimir fotografias de parentes que participaram da construção, numa espécie de interatividade entre público e exposição.

No que tange a relação do Memorial com a sociedade, dois aspectos merecem atenção. O primeiro é a veemência com que Duarte rechaça qualquer tipo de participação comunitária na gestão do museu (DUARTE, 2013, entrevista 1). O segundo é relativo à possibilidade de o MCBN contribuir com o desenvolvimento social dos moradores do DF. Quanto a isso Cruz cita unicamente a transmissão de conhecimentos sobre a história de Brasília como a forma de o Memorial servir à comunidade.

Entrevistador: O memorial pode desenvolver algum trabalho junto à comunidade, no sentido de melhorar as condições de vida da comunidade, de contribuir para o desenvolvimento social?

Cruz: Ah, sim. Lógico. Perfeitamente. Eu tive uma época na Novacap em que eu recebia estudantes. Que nós da comunicação social, era eu e Toninho, nós dois recebíamos os estudantes de várias escolas do Distrito Federal, principalmente das satélites, para conhecer a **história** da Novacap. Então eles chegavam lá e nós não tínhamos nem material para dar para esse pessoal. Então, à medida que eles iam conhecendo a **história**, isso foi muito importante, para dar valor. [...] (CRUZ, 2013, entrevista, grifo nosso).

3.6 O MCBN hoje

Comentando as razões para a paralisação da obra, três depoentes citaram uma possível intenção do GDF de transferir a sede da Novacap para outro local e destinar sua área à edificação de prédios residenciais, como vem ocorrendo numa região próxima à Companhia. Segundo Cruz (2013, entrevista), essa informação teria circulado na empresa a partir de 2009, durante o governo de José Roberto Arruda, quando a construção do Memorial já se encontrava paralisada há mais de dois anos. Sobre isso, afirma o presidente da ASCAP:

Estão querendo mudar a destinação de área do Setor de Oficina, mudar a destinação aqui da Novacap para urbanização. Aí eles vendem aos grandes empresários, aí ... já é meu entendimento: por isso que não há tão interesse para o governo construir um museu ali, porque a Novacap sai, o clube sai, vai ficar só um museu no meio dos condomínio de luxo? Meu entendimento é esse. Por isso que não há interesse, da empresa, não é nem do governo, é da empresa. Se a empresa, a direção da Novacap tivessem mesmo interesse [...], ela construía. Que mão de obra tem, que é nossa. Material tem, é a Novacap (SOUZA, 2013, entrevista).

O assunto em questão não representa novidade para os moradores de Brasília e de suas Regiões Administrativas conhecedores e, em muitos casos, promotores da especulação imobiliária sobre as áreas ainda não construídas do Distrito Federal. O próprio presidente da Companhia reconhece o problema: “Se você observar, aqui do lado direito [da Novacap] já está surgindo prédios residenciais [...] então, essa parte imobiliária, a pressão é grande” (MARTORELLI, 2013, entrevista).

Sobre uma possível retomada do projeto, Martorelli (2013, entrevista) declara não haver previsão nesse sentido no planejamento da Companhia. Ressalte-se que no dia 7 de março de 2013, o GDF lançou o *Acelera DF*, programa governamental prevendo a aplicação de 1,9 bilhão de reais na realização de 184 obras em todo o Distrito Federal (ALMEIDA, 2013, p. 4). Mas da lista não consta o Memorial da Novacap. Cabe registrar que da cerimônia de lançamento da pedra fundamental até hoje, seis pessoas ocuparam a cadeira de governador do DF²⁴, e oito a de presidente da Companhia. Nem assim a obra foi concluída. Ao que parece, um museu inacabado não provoca nos governantes, na imprensa, na opinião pública e nos órgãos fiscalizadores a mesma reação, muitas vezes indignada, que são capazes de provocar as paralisações de obras de pontes, viadutos e estádios de futebol. Ainda mais no caso de um prédio pouco visível, erguido na área interna de uma empresa distante do centro da cidade e acessada basicamente por seus funcionários - um prédio quase camuflado pelas especificidades do local onde se encontra.

Quando fomos ao Celacap protocolar o pedido de entrevista, notamos que uma tela estava sendo instalada ao redor do museu. Na área havia também tambores de metal e sucatas de automóveis sugerindo a utilização do espaço para alguma atividade recreativa ou desportiva. Isso nos motivou a inserir no questionário a seguinte pergunta: “O prédio do Memorial está sendo ou será utilizado para outra finalidade qualquer?”. Talvez seja essa a razão pela qual a presidente do Clube, Rosilene Santana, não respondeu ao nosso pedido:

²⁴ As seis sucessões no comando do governo local em pouco mais de seis anos explicam-se, em parte, pela disputa travada entre partidos políticos pelo posto de governador do DF depois que o ex-governador José Roberto Arruda foi defenestrado do cargo por denúncias de corrupção, em fevereiro de 2010.

embora o presidente da Novacap tenha afirmado que, “em princípio”, a construção não teria uso diverso do previsto no projeto (MARTORELLI, 2013, entrevista), descobrimos que na área do museu instalava-se um campo de *paint ball*²⁵ pertencente a uma empresa local que comercializa o “esporte”. Uma foto feita de uma câmera de telefone celular comprova esta informação (Figura 14).

Figura 14 – Estrutura para *paint ball*



Estrutura montada para o *paint ball*: tela, tambores e sucatas de automóveis.

Em sua entrevista, o presidente da ASCAP lamentou a mudança de destinação. Para ele, “não é a finalidade que os trabalhadores da Novacap queriam. Queriam um museu pra trazer os filhos, [...], os próprios filhos dos pioneiros” (SOUZA, 2013, entrevista). Mas se um campo de *paint ball* pode realmente não ser a utilidade mais adequada para o prédio de um museu, vejamos outra. Antes de ser preparado para servir a quem se diverte “trocando tiros” de bolinhas de tinta, segundo Souza (2013, entrevista), a obra inacabada foi ponto de encontro de viciados em *crack* que ali se reuniam para fazer uso da droga.

²⁵ Jogo em que dois times tem a missão de capturar uma bandeira fincada ao centro do campo. Para impedir o adversário, os jogadores utilizam armas movidas a gás, que disparam bolinhas de tinta (ELITE, 2013).

Não sabemos ao certo se foi em função da nossa pesquisa ou por outra razão qualquer que o Celacap mudou de ideia e transferiu o campo para uma área próxima a sua administração, a uns 100 metros do MCBN (Figura 15). Fizemos a descoberta no dia em que fomos ao local produzir as fotografias que ilustram este trabalho. Na oportunidade, notamos mais um problema: em alguns pontos do teto do edifício minava água da chuva indicando que a laje está com infiltrações (Figura 16). Trata-se de mais um detalhe de que o autor do projeto não tomara conhecimento porque quando perguntado sobre um possível comprometimento da estrutura de concreto pela ação natural do tempo, o arquiteto declarou: “Não vai comprometer em nada. Agora se você fizesse alvenaria, parede, aí não concluisse, aí vem infiltração, aí derrubava, caía trincava. Então, aquilo ali está pronto. Aquilo é uma pedreira, não estraga” (DUARTE, 2013, entrevista 1).

Figura 15 – Campo de *paint ball*



Vista do interior do campo de *paint ball* em novo local . À direita, ao fundo, o prédio do MCBN.

Figura 16 – Fissuras na laje de concreto



Poças d'água no chão e fissuras no teto: possível resultado da infiltração na laje de concreto.

CAPÍTULO III

4 O MEMORIAL E OS PRINCÍPIOS MUSEOLÓGICOS

No primeiro capítulo, descrevemos a trajetória dos museus, dos primórdios do colecionismo ao surgimento da museologia moderna; no segundo, apresentamos a Novacap, das razões de sua criação à relevância da empresa para a história da capital, e o Memorial da Construção de Brasília/Novacap, comentando seu projeto e o contexto em que foi elaborado. Neste último pretendemos analisar a proposta do Memorial a luz dos princípios museológicos, sobretudo, aqueles relativos à nova museologia. Antes, porém, tratemos de uma questão conceitual.

4.1 Memorial ou museu?

Desde o início deste trabalho temos utilizado o vocábulo museu para designar o MCBN porque assim o compreendemos. Nossa compreensão baseia-se no ICOM que ao expandir o campo de atuação dos museus nos permite inserir em sua definição o Memorial aqui estudado (ver capítulo I). Entretanto, Duarte e Cruz levantaram questionamentos quanto ao tipo de instituição que a Novacap pretende (ou pretendia) construir: memorial²⁶ ou museu? Em determinado momento da entrevista, o autor do projeto afirma: “Aquilo [o MCBN] não é escola, aquilo é um museu, um memorial. Eu chamo mais de memorial do que de museu. **É museu porque tem coisa velha. Tudo que tem coisa velha é museu.** Mas, para mim, na minha leitura, é mais um memorial” (DUARTE, 2013, entrevista 2, grifo nosso). Por sua vez a coordenadora da Comissão 50 Anos declara:

Que a gente também não chamou [o MCBN] de museu, que não seria mais, até porque nós não tínhamos mais as peças que a gente gostaria de ter para levar o nome de museu. Porque **quando você fala em museu, você lembra da primeira cadeira, do primeiro trator, [...], primeiro equipamento de cortar grama, enfim... Então, seriam essas peças que chama museu**, então a gente preferiu intitular de memória, que nós iríamos montar esse espaço contando também a história da empresa (CRUZ, 2013, entrevista, grifo nosso).

²⁶ Enquanto instituição, o memorial possui a função de prestar homenagem a alguém ou a algo específico, o que nem sempre é o caso do museu. Como exemplo, temos o Memorial JK e o Memorial Darcy Ribeiro, em Brasília.

Das declarações, podemos concluir que Duarte e Cruz compreendem o fenômeno museu a partir do formato das peças em exposição. Para eles, embora guarde “coisa velha”, o MCBN não pode ser museu porque seu acervo seria formado basicamente por fotografias e desenhos, cuja natureza física difere dos objetos convencionais, como quadros, móveis e equipamentos. Apesar de fazer parte do senso comum, essa é uma definição que não se sustenta, visto que hoje são considerados museus inclusive instituições que trabalham com a salvaguarda e a comunicação do patrimônio imaterial, como é o caso do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo (GESP, 2013). Sobre a questão, diz Luis Carlos Lopes:

As dimensões de um objeto consistem em critério pouco seguro para definir a atribuição dada a um documento. Um livro, por exemplo, é um objeto tridimensional. Entretanto, ele pode ser considerado como de arquivo, biblioteca ou museu. Isso irá depender da relação que seu acumulador tem com o objeto. Obviamente, vestimentas, móveis, máquinas, armas, medalhas, bandeiras, são documentos típicos de museus” (LOPES, 2009, p. 50 e 51).

Atribuir a uma entidade qualquer o título de museu baseando-se unicamente na sua atividade de guarda e exposição de objetos antigos é uma prática comum que nos mostra como parte da sociedade (talvez a maior dela) compreende as instituições museológicas. Esse fator é inclusive mais uma razão para a tensão existente entre as duas correntes aqui estudadas: os seguidores da nova museologia caracterizam como elitista e aristocrático o museu tradicional, que, segundo eles, supervaloriza o acervo em detrimento da função educativa e do trabalho com o público e com a comunidade. Varine, crítico do patrimonialismo museal, afirma que os museus clássicos não possuem outra razão senão servir à elite.

O objeto “musealizado” é retirado de circulação definitivamente. Não servirá mais senão no quadro das exposições, permanentes ou temporárias, em um ambiente também protegido. Desempenha, de certo modo, para a sociedade, o papel de álbum de fotografias para as famílias burguesas. Para uma boa utilização das coleções, é preciso assim desenvolver técnicas de animação, seja com suporte humano (guias, animadores, mediadores), seja com base tecnológica (meios luminosos, sonoros ou visuais e atualmente as multimídias). Esse museu é uma instituição aristocrática, herdeira dos gabinetes de curiosidade dos príncipes e dos tesouros das catedrais e dos mosteiros. Sua abertura para o mundo corresponde a uma ideologia de democratização cultural, segundo a qual os bens e valores pertencentes à cultura de elite ou reconhecidos por esta devem ser impostos (o que se dissimula sob a expressão “acessibilidade”) a todos, para fornecer ao povo modelos e normas (VARINE, 2012, p. 174).

Faz-se necessário registrar que o modelo de museu defendido pelos adeptos da nova museologia não despreza nem descarta o trabalho com os objetos. Até mesmo a Declaração de Santiago reconheceu que a filosofia museal ali defendida

não implica na supressão dos museus atuais, nem na renúncia aos museus especializados, mas que se considera que ela permitirá aos museus se desenvolverem e evoluírem da maneira mais racional e mais lógica, a fim de melhor servir à sociedade; que, em certos casos, a transformação prevista ocorrerá lenta e mesmo experimentalmente, mas que, em outros, ela poderá ser o princípio diretor essencial (BRASIL, 2012, p. 100).

Na mesma direção, a Declaração de Caracas adotou o inventário como instrumento básico de gestão do patrimônio musealizado (BRASIL, 2012, p.125). Nesse sentido, Barbuy nos alerta:

Georges Henri Rivière, provavelmente a mais importante figura do movimento francês de renovação museológica do pós-guerra, foi o responsável pela criação de muitos museus e ecomuseus na França e em outros países e deu importância absoluta aos acervos como portadores de informação, assim como de carga simbólica e afetiva. Basta percorrer alguns dos museus por ele projetados ou com os quais colaborou para ter a certeza da importância conferido aos bens culturais – e à pesquisa em torno do patrimônio, geradora inclusive de acervos (BARBUY, 1995, p. 211).

Como se vê, a divergência e a tensão existentes entre a museologia tradicional e a nova museologia não residem no patrimônio, mas sim na sua finalidade: apologia ao passado ou “reinvenção” do presente? Coelho (2004, p. 288) explica que as políticas culturais patrimonialistas superestimam a preservação e a restauração dos fatos históricos desprezando o caráter criativo do homem e a mutabilidade das coisas (desprezando a impermanência²⁷ dos seres, diríamos). Da sua fala subentendemos que por meio do culto ao objeto os museus clássicos apropriam-se de um conhecimento que estaria ao alcance de todos se trabalhado com essa finalidade. Mesmo sem adentrar o campo museal, o autor dá uma indicação de que o patrimonialismo está para a museologia tradicional assim como o desapego ao patrimônio (que não significa desprezo) está para a nova museologia. Vejamos:

As políticas culturais patrimonialistas lidaram, na ampla maioria, com a ideia da *descoberta* de uma identidade a ser preservada ou restaurada e pouco (ou nada) aderiram ao conceito oposto, o da *invenção* de uma identidade. Entende-se que assim seja: a *descoberta* de algo flutua na esfera dos especialistas, enquanto a

²⁷ Conceito budista "estritamente ligado ao da variância do mundo – nada é permanente ao longo do tempo, e em algumas leituras desse conceito, nada é permanente mesmo quando se retira o conceito de tempo. Causas e condições variam constantemente e o seu resultado, portanto, também varia" (ESCLAPES, 2013).

invenção está em princípio ao alcance de qualquer um. E a idéia da descoberta traz consigo uma noção-reboque, a da imutabilidade ou, em todo caso, permanência da obra: a identidade [ou a história] surge como algo se não perene, pelos menos constante durante largos intervalos, o que justifica a ação patrimonialista. À medida, porém, que o ritmo da vida cotidiana se acelera e fragmenta, a *identidade-descoberta* vê-se mais e mais substituída pela *identificação-invenção*, um navegar constante na direção de portos diferentes, com idas e vindas repetidas desvinculadas do princípio da duração, da durabilidade – ideia perigosa para a prática patrimonialista, que perde assim o seu objeto pacífico e consensual. Como tudo muda, como tudo desaparece, como tudo tem um valor apenas pontual e relativo [...], a prática patrimonialista fica sem condições de voltar-se na direção do presente, por falta de bússola, e se vê confinada, outra vez, à ação arqueológica (COELHO, 2004, p. 288).

4.2 O MCBN e as tendências da museologia

Iniciaremos as discussões deste tópico registrando algumas recomendações das declarações de Santiago e de Caracas às instituições museológicas:

Que os museus devam **servir à conscientização mais profunda dos problemas do meio urbano**, das seguintes maneiras:

- a) os “museus de cidade” deverão insistir de modo particular no **desenvolvimento urbano e nos problemas que ele coloca**, tanto em suas exposições quanto em seus trabalhos de pesquisa;
- b) os museus deverão organizar exposições especiais ilustrando **os problemas do desenvolvimento urbano contemporâneo**;

[...]

Que o museu, **agente incomparável da educação permanente da comunidade**, deverá acima de tudo desempenhar o papel que lhe cabe, das seguintes maneiras:

- a) um serviço educativo deverá ser organizado nos museus que ainda não o possuem, a fim de que eles possam cumprir sua função de ensino; cada um desses serviços será dotado de **instalações adequadas e de meios que lhe permitam agir dentro e fora do museu** (BRASIL, 2012, p. 102 e 103, grifo nosso).

Que o museu busque a participação plena de sua função museológica e comunicativa, como **espaço de relação dos indivíduos e das comunidades com seu patrimônio**, e como elos de integração social, tendo em conta em seus discursos e linguagens expositivas os diferentes códigos culturais das comunidades que produziram e usaram os bens culturais, permitindo seu reconhecimento e sua valorização;

[...]

Que se busque sua forma de **ação integral e social por meio de uma linguagem aberta, democrática e participativa** que possibilite o desenvolvimento e o enriquecimento do indivíduo e da comunidade.

[...]

Que os museus organizem estratégias que permitam desenvolver **a participação da comunidade** na valorização e proteção de seu patrimônio;

[...]

Que o museu propicie a ativação da **consciência crítica da comunidade** através de novas leituras do patrimônio (BRASIL, 2012, p. 117, 118, 120 e 121, grifo nosso).

Quando analisamos o Memorial da Novacap frente a essas recomendações, sobretudo às grifadas, percebemos sua inclinação para a museologia tradicional. Isso porque não observamos na proposta do MCBN os elementos-chaves do modelo que impulsionou a criação da nova museologia – o *museu integral* da Mesa-Redonda de Santiago. Ou seja, em vez de um museu preocupado com “os problemas da sociedade” e com a “ativação da consciência crítica da comunidade”, deparamos com de caráter estritamente histórico e patrimonialista, **cujo maior objetivo é louvar os personagens ilustres da história de Brasília e os grandes feitos da Novacap** durante a construção da cidade (Figura 17). Se isso está claro na fala dos depoentes, fica ainda mais evidente quando analisamos o memorial descritivo do projeto arquitetônico. Embora bastante extenso, julgamos oportuno registrá-lo aqui porque nos oferece informações sem as quais nosso estudo ficaria incompleto. Destacamos em negrito os nomes e os fatos mencionados para reafirmar que para o projeto de museu da Novacap a história de Brasília é praticamente o mesmo que a história das grandes obras e das autoridades que comandaram a construção da cidade. Embora os trabalhadores estejam homenageados por um marco em granito de grandes proporções, a referência e o espaço a eles destinados são desproporcionais se comparados com a ênfase e o destaque que recebem aqueles que exerceram altos cargos na administração pública local e federal. O que no fim, pelos princípios aqui confrontados, reproduz a narrativa oficialmente conhecida.

Ao chegarmos no prédio, ainda do lado de fora já inicia-se a história da NOVACAP, doravante falarei apenas em “História da NOVACAP”, pois [...] esta história e a da “Construção de Brasília” são a mesma [...], voltando ao prédio do MEMORIAL, encontramos o que chamamos de Acesso Coberto, uma grande laje, formando uma enorme marquise, apoiada na fachada principal em placas e pilares de concreto, que recebendo três painéis de vidro temperado, com aproximadamente 3 metros de altura por 1 metro de largura, exibindo transparências superpostas dos três arcos da **Ponte JK**.

No prisma triangular, executando em chapa metálica, pintada na cor “azul NOVACAP”, teremos cortado na chapa **o emblema da Empresa**, iluminado de dentro para fora, já sob a grande marquise o visitante terá a oportunidade de ver o “**marco do empregado da NOVACAP**”, executado em granito preto com 1.50m de altura e 0.70m de largura, nele terá escrito: “Na pessoa do **Sr. primeiro empregado contratado** a NOVACAP homenageia e agradece a todos os seus **tantos mil empregados que honraram a Empresa nesses cinquenta anos.**” [...] desta maneira a Empresa prestará sua homenagem a todos os Empregados que nela trabalharam e/ou trabalham até hoje.

Na recepção o visitante verá na parede “A” o retrato do **Presidente Juscelino Kubitschek**, quando aqui ainda era cerrado natural, na mesma parede serão vistas também fotos e publicações em jornais da época do Império falando sobre a mudança da Capital. [...].

Ainda na recepção, na parede “B” o visitante terá a oportunidade de ver cópia da **Lei que criou a NOVACAP**, fotos das primeiras reuniões do **Conselho de Administração e da Diretoria Colegiada da Empresa**, bem como o **Edital do Concurso para escolha do “Plano Piloto”** para construção da nova Capital.

Na mesma parede, porém do outro lado, virado para o salão de exposições, serão afixadas fotos do projeto e do MEMORIAL de autoria do **Dr. Lúcio Costa**, vencedor do referido Concurso.

A grande parede curva, localizada à direita de quem entra, separada do salão de exposições por um espelho d'água, receberá grandes painéis fotográficos, reproduzindo em uma sequência cronológica **a execução dos jardins de Brasília**, esta parede acompanhará o visitante em todo seu percurso dentro do MEMORIAL, até a sala de leitura, que neste momento sugerimos batizá-la com o nome de **“sala ARMANDO BUCKMAM”** em uma singela homenagem a nosso colega de trabalho, **Ex-Presidente da Empresa** e hoje notório historiador da mesma.

Nesta sala, além da leitura ter-se-á a possibilidade de acesso à sala de projeções, onde poderão ser vistos filmes com curta duração sobre a Construção da Cidade e suas mais variadas histórias.

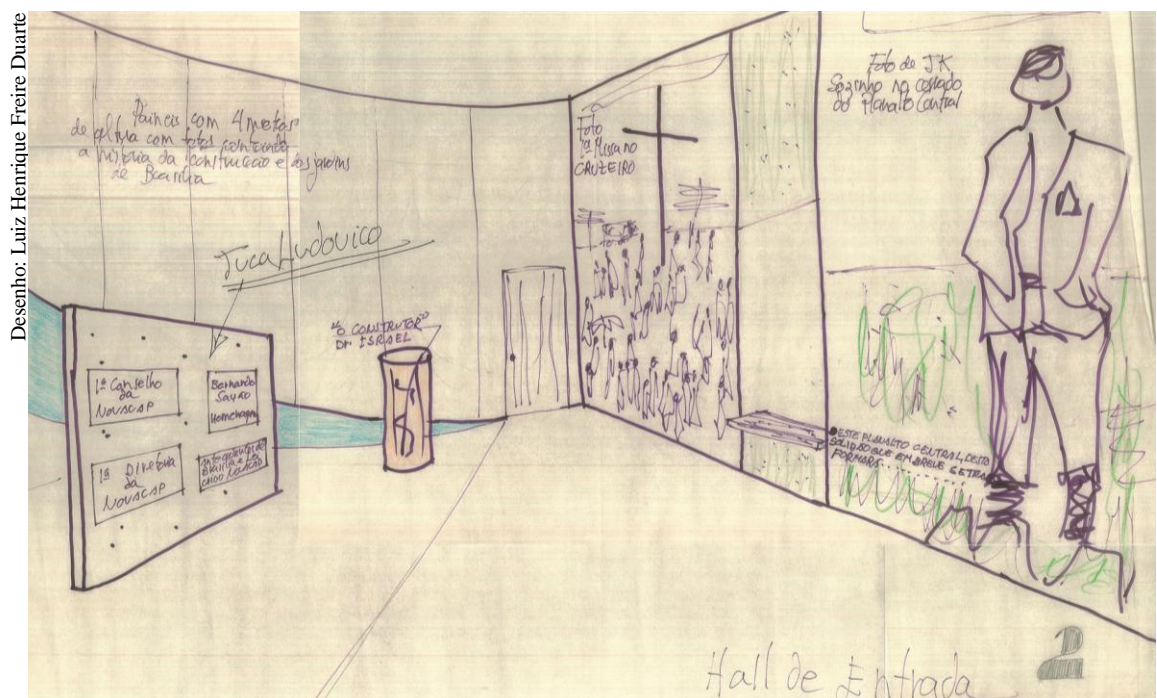
A parede “C” que divide o salão de exposições da sala de leitura deverá receber um painel de cerâmica elaborado pelo artista plástico **Athos Bulcão**.

A última parede, ao final do salão de exposições a “D” que juntamente com a parede “A” abriga todos os serviços do MEMORIAL, receberá em uma parte uma grande foto aérea de Brasília, mostrando a Cidade hoje, e na outra parte placas de aço inoxidável com os nomes dos **Ex-Presidentes da NOVACAP**.

Finalmente nas nove paredes externas e nos cinco prismas triangulares distribuídos pelo salão deverá ser exibido todo o material que realmente contará a história da NOVACAP e com ela constrói a Nova Capital do Brasil (NOVACAP, 2005, p. 10, grifo nosso).

Mais uma vez amparados pelo nosso referencial teórico, afirmamos que a face tradicionalista do Memorial da Novacap é também demonstrada quando os entrevistados justificam a construção do museu basicamente pelo seu viés historicista; quando o arquiteto foi enfático ao afastar qualquer possibilidade um de trabalho comunitário; e quando Cruz cita unicamente a função educativa para explicar como o MCBN poderia contribuir com a melhoria das condições de vida da comunidade (ver páginas 54 e 59).

Figura 17 – Hall de entrada do Memorial



Logo na entrada do MCBN fica evidente o culto a fatos e personagens ilustres da história da capital

De fato é possível supor que uma instituição museológica oferece um benefício ao público quando lhe transmite conhecimentos por meio de seu acervo, de seus eventos culturais e de suas exposições. Sabemos que até nos gabinetes de curiosidades os visitantes acessavam informações antes desconhecidas, aumentando assim o seu nível de entendimento sobre determinado fato ou fenômeno. Ou seja, em menor ou maior escala os museus sempre serviram à educação – primeiramente, de grupos específicos e privilegiados; e depois, quando foram indiscriminadamente abertos ao público, dos indivíduos em geral. A distinção reside, portanto, no objetivo da pedagogia de cada um.

4.3 O MCBN e a pedagogia: instrução ou “libertação”?

De acordo com os princípios da nova museologia, o museu deve praticar uma educação baseada na relação dialógica que possibilite ao visitante uma análise crítica do meio em que se encontra na busca de soluções a seus problemas individuais e coletivos. Segundo Cury (2005, p. 31), “na contemporaneidade a cidadania e seu exercício são finalidades almejadas pela disciplina museológica e pelos museus.” Ou seja, enquanto o método museológico tradicional investe na instrução passiva que não almeja mudanças, o modelo pedagógico da nova museologia espera do educando um protagonismo político capaz de provocar modificações na sociedade, transformando o indivíduo em cidadão (MOURA SANTOS, 2001, p. 8).

No Brasil, o maior expoente desse pensamento foi Paulo Freire (1997, p. 62) para quem a educação deve ser uma construção coletiva, e não um método de transmissão unilateral de informações, como se o aluno fosse um banco onde o professor (no nosso caso, o museu) deposita os seus conhecimentos, as suas “verdades”. Esta seria, segundo o educador, a educação “bancária”, e seu oposto, a “libertadora”. Segundo Freire:

A educação para os direitos humanos, na perspectiva da justiça, é exatamente aquela educação que desperta os dominados para a necessidade da briga, da organização, da mobilização crítica, justa, democrática, séria, rigorosa, disciplinada, sem manipulações, com vistas à reinvenção do mundo, à reinvenção do poder. [...] o que vale dizer que essa educação tem que ver com uma compreensão diferente do desenvolvimento, que implica uma participação, cada vez maior, crescente, crítica, afetiva, dos grupos populares (FREIRE, 2001, p. 99).

Vimos que Paulo Freire seria o representante brasileiro no evento de Santiago, caso não tivesse sido vetado por “motivações políticas”. O convite foi uma demonstração do

quanto os ideais do educador influenciaram as resoluções daquela Mesa-Redonda. Segundo Studart,

Alguns valores essenciais que dizem respeito aos museus estão na base do ensinamento freiriano. A idéia de “museu-fórum”, local aberto, livre de discriminações, atento às necessidades do seu público usuário, está em consonância com o pensamento do educador sobre a importância do diálogo e do respeito no processo educativo. Estes preceitos pretendem transformar educadores e educandos, garantindo-lhes o direito à autonomia pessoal na construção de uma sociedade democrática, que a todos respeita e dignifica. Entre os princípios básicos apregoados por Freire estão a ética, o respeito pelos saberes do educando e o reconhecimento de sua identidade cultural, a rejeição a toda e qualquer forma de discriminação, a reflexão crítica da prática pedagógica, o saber dialogar e escutar; o ser curioso e alegre no ato de educar (STUDART, 2007).

Na verdade, como nos mostra Maria da Glória Gohn, Freire significou um referencial para inúmeros movimentos surgidos a partir da segunda metade do século XX:

Os novos postulados freireanos tiveram um papel fundamental na atividade educativa geradas pelas atividades político-organizativas nos anos 70 e parte dos anos 80. Foi um período em que, na América Latina em geral, e no Brasil em particular, a educação popular se torna sinônimo de movimento social popular, pois a principal estratégia educativa utilizada, a conscientização, situava em uma mesma linha de objetivos, a prática política e os processos de aprendizagem. [...]. O trabalho educativo de formação de lideranças gerou também inúmeras iniciativas populares que contribuíram para a organização das massas populares, especialmente urbanas, tais como: bibliotecas populares, rádios comunitárias, centros culturais de bairros, grupos de teatros, inúmeros cursos de formação em centros populares e operários, boletins e uma variada gama de mídia alternativa, músicas e concursos populares etc (GOHN, 2009, p. 22 e 23).

Foi o contexto político-cultural acima descrito que deu ensejo ao método pedagógico que a nova museologia julga adequado às instituições museológicas. Com base nele, os museus devem educar buscando a “reivenção do mundo, a reinvenção do poder” (FREIRE, 2001, p. 99). Este, sem dúvida, não é o propósito do Memorial da Construção de Brasília/Novacap.

4.4 O MCBN e seus personagens

Pelo que verificamos durante a pesquisa, a Novacap é a única empresa pública local que iniciou a construção de um museu. Em nível federal, algumas instituições, como a Empresa Brasileira de Correios, a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil, têm investido na criação de museus e/ou centros de cultura com o objetivo de expor os seus

acervos museológicos e de realizar eventos artísticos, educativos e culturais. Ainda em 1995, durante palestra no Museu do Banco do Estado de São Paulo (à época, um banco estatal), Maria Cristina Bruno destacava o crescimento dos museus empresariais:

Embora não exista, ainda, um estudo sistemático sobre essa questão museológica, não é difícil constatar que os museus de empresa são muitos e vêm se desenvolvendo a partir dos mais diferentes modelos de musealização²⁸. Desde pequenas salas comemorativas dentro de empresas, até centros culturais, sabemos que as experiências são muitas (BRUNO, 1997, p. 48).

Vinculada a essas iniciativas está a ideia de memória²⁹ empresarial que, segundo Nassar (2008, p. 179) “é o conjunto de sensações, lembranças e experiências, tanto boas quanto ruins, que as pessoas guardam de sua relação direta com uma empresa.” Assim, ao manter vivas “sensações, lembranças e experiências” (geralmente, as “boas”) por meio de um recorte histórico-temporal, o museu institucional procura livrar do esquecimento parte da história da empresa que representa. No entanto, esse processo não está isento de tensões:

[...] é relevante perguntarmos o que é selecionado no campo da memória pelos gestores que formam a direção da organização. Além disso, em que espaços, momentos e condições são feitas essas seleções de memória. Mais relevante ainda, para os pesquisadores, é destacar quais os fatos e os personagens esquecidos no âmbito da história empresarial (NASSAR, 2008, p. 115).

Responder a estas questões é reconhecer nos museus uma arena de disputas que representa uns em detrimento de outros. Porque, segundo Chagas,

há uma impossibilidade prática para o anelo de tudo guardar, do que decorre a necessidade de eleger alguns suportes de memória sobre os quais incidirá a ação preservacionista, o que equivale a eleger também aquilo que será destruído. Guarda e perda, preservação e destruição caminham de mãos dadas pelas artérias da vida (CHAGAS, 2009, p. 22).

²⁸ Musealização é a transferência do objeto do espaço em que ele desempenhava suas funções originais para o espaço museu. De acordo com Cury, a musealização compreende “uma série de ações sobre os objetos, quais sejam: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação (CURY, 2005, p. 26). Segundo Chagas, “selecionar, reunir, guardar, e expor coisas num determinado espaço, projetando-as de um tempo a outro, com o objetivo de evocar lembranças, exemplificar e inspirar comportamentos, realizar estudos e desenvolver determinadas narrativas” (CHAGAS, 2009, p. 22) são características do processo de musealização.

²⁹ Este trabalho não objetiva aprofundar a discussão sobre o tema memória. Para saber mais do assunto, ver: HUYSEN, A. Escapando da amnésia: o museu como cultura de massa. In: HUYSEN, A. **Memórias do modernismo**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997; LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003; POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, v. 2, nº 3, p. 3-15. Rio de Janeiro, 1989; HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004; e PINHEIRO, M. J. de A. **Museus, memória e esquecimento**: um projeto da modernidade. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

Essa eleição, afirma o autor, não é um processo natural, mas sim o resultado do enfretamento de forças, em que o poder se apresenta como elemento que jamais deve ser desconsiderado.

Indicar que memórias e esquecimentos podem ser semeados e cultivados corrobora a importância de se trabalhar pela desnaturalização desses conceitos e pelo entendimento de que eles resultam de um processo de construção que também envolve outras forças. Uma delas, bastante importante, é o poder, semeador e promotor de memórias e esquecimentos (CHAGAS, 2009, p. 23).

As fontes documentais levantadas no início deste trabalho já ofereciam alguma indicação sobre as “forças” evidentes (ou mais evidenciadas) do MCBN.

O Memorial registrará a importância da Novacap para a mudança da capital do Rio de Janeiro para o Planalto Central. No acervo, fotos, mapas e esculturas. Logo no hall de entrada, haverá uma foto do então presidente **Juscelino Kubitschek** e uma escultura em homenagem ao primeiro presidente da empresa, **Israel Pinheiro**. Os pioneiros **Bernardo Sayão**, morto enquanto abria caminhos no Cerrado para receber os construtores, e **Ernesto Silva**, ex-diretor da Novacap, também serão homenageados (GÓIS, 2006, p. A-24, grifo nosso).

É esta a matéria do Correio Braziliense, de 17 de junho de 2006, um dia após o lançamento da pedra fundamental. Como se percebe, somente nomes ilustres foram lembrados na reportagem. De fato, são figuras sempre presentes nas narrativas sobre a construção de Brasília. Mas por que nem uma citação nominal sequer a alguns dos milhares de operários que arduamente trabalharam para fazer realidade do sonho de JK? A resposta para a pergunta acima talvez esteja, em parte, no próprio perfil do Memorial: como já dissemos anteriormente, quando questionamos os entrevistados sobre os personagens e fatos fundamentais na história da capital, esses foram unânimes em apontar primeiramente (e quase que unicamente) o nome das autoridades da época e das grandes obras da Companhia, como a ponte JK, por exemplo. Além disso, ao tratarmos da forma como a proposta do Memorial foi elaborada, não ficou claro se o MCBN é fruto de um trabalho coletivo ou de uma iniciativa individual. Abaixo veremos evidências de que se trata da última alternativa.

4.5 O MCBN e seus idealizadores

Esta é mais uma questão que deixa dúvidas na história do Memorial. O presidente da ASCAP declara que a Associação não participou da criação do projeto (SOUZA, 2013, entrevista). Por sua vez, a coordenadora da Comissão afirma ter se reunido com o arquiteto

para discutir o assunto. Na ocasião, segundo ela, estava acompanhada de outro servidor da Companhia.

Então, nós nos reunimos com o Luiz Henrique. Era exatamente para sedimentar a ideia quanto à disposição do espaço. Então nós sentamos com ele várias vezes, eu à frente. Tenho um colega também que lutou muito comigo durante esse período que eu trabalhei na Novacap na área de comunicação, [...] o Antonio Carlos Machado, o Toninho. Então nós dois éramos formados em comunicação, [...], nós dois tínhamos ideias muito boas para esse memorial. Então, nós sentamos com o Luiz Henrique e passamos pra ele o que nós queríamos mostrar (CRUZ, 2013, entrevista).

Todavia, Duarte afirma que a ideia do projeto é exclusivamente sua.

Entrevistador: Quando o senhor estava elaborando o projeto, houve a participação de outros profissionais como museólogos, historiadores?

Duarte: Tudo que está ali é ideia minha. A única pessoa que participou comigo foi o chefe de DPJ, que eu perguntei se tinha fotos e ele me passou uma série de fotos que eu tenho guardada dos ipês da folha toda colorida pra saber se era possível fazer isso. E é possível.

Entrevistador: Além do projeto arquitetônico, há algum outro documento sobre o museu, como um plano diretor, um plano museológico? O senhor tem arquivado?

Duarte: Não. Não fiz nada. Saiu da minha cabeça pra cá, fizeram aquela estrutura, nunca conversei com museólogo, com algum especialista de museu, com arquivista, com nada (DUARTE, 2013, entrevista 1).

Varine (2012, p. 201, grifo nosso), um dos mais renomados teóricos da nova museologia, defende que “a decisão de criar um museu (ou de refundar um já existente) não deveria jamais ser tomada sem um longo período de **reflexão coletiva** com ajuda de variados questionamentos.” Citaremos alguns dos atores que o autor julga necessários a essa “reflexão”: administradores eleitos, estabelecimentos de ensino, cidadãos, associações, museólogos, universitários, artesãos, especialistas em conservação, cenógrafos, arquitetos (VARINE, 2012, 205). Subtende-se, portanto, que a museologia deve ser resultado de um trabalho multi e interdisciplinar.

De fato, podemos supor que nas pesquisas históricas realizadas em equipe para a criação de museus, onde as decisões são fruto de debates e discussões em que todos os participantes podem expressar de maneira livre e autônoma a sua opinião, pode haver maior equilíbrio de forças na apresentação dos acontecimentos e personagens pesquisados. Por outro lado, se a investigação é feita por uma só pessoa ou mesmo por um grupo ideologicamente afinado, aumentam-se as chances do trabalho transformar-se em “história única” – aquela que aceita apenas uma versão do passado. Registramos o alerta de Evans sobre os riscos de uma pesquisa dirigida.

A história escrita simplesmente para satisfazer um propósito da atualidade, como estimular o orgulho nacional ou demonstrar que um grupo étnico ou nacional foi oprimido ao longo do tempo por outro, provavelmente degenerará em propaganda, a menos que seja mantida sob o controle de uma propensão a se curvar aos ditames dos fatos, onde a evidência corre na direção oposta à do propósito do historiador (EVANS, 2010, p. 16).

4.6 O MCBN e a acessibilidade

Quando propôs um museu para a comunidade e não para um público específico, a nova museologia abriu espaço para grupos sociais antes excluídos dos processos museológicos. Exemplo disso é o caso dos portadores de necessidades especiais que exigem o desenvolvimento de ações e programas expositivos para um segmento de público que não pode ser desconsiderado.

O número de deficientes no mundo tem sido, nas últimas décadas, pauta constante, tanto na mídia como nos governos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que 10% da população de cada país apresenta algum tipo de deficiência. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), são 600 milhões de pessoas com necessidades especiais em todo o mundo, sendo que 400 milhões nos países em desenvolvimento (EXPOMUS, 2010, p. 7).

Em nível mundial, alguns instrumentos legais foram criados no sentido de garantir o acesso universal às instituições museológicas. Exemplo disso é o código de ética do ICOM, que recomenda: “A autoridade de tutela deve assegurar que o museu e seu acervo sejam acessíveis a todos durante horários aceitáveis e períodos regulares. Atenção diferenciada deve ser dada aos portadores de necessidades especiais” (BRASIL, 2012, p. 130).

No Brasil, a questão é tratada pelo Estatuto de Museus e pelo Decreto presidencial n.º 6.949 de 25 de agosto de 2009, o qual promulgou a Convenção Internacional sobre Direitos das Pessoas com Deficiência. Neste último está previsto que o país deve adotar todas as medidas necessárias para facultar aos portadores de necessidades especiais o acesso “a locais que ofereçam serviços ou eventos culturais, tais como teatros, museus, cinemas, bibliotecas e serviços turísticos, bem como, tanto quanto possível, ter acesso a monumentos e locais de importância cultural nacional” (BRASIL, 2009a).

Quando entrevistamos o arquiteto discutimos esse tema. Duarte mostrou-se sensível à acessibilidade universal ao prédio do museu, mas afirmou não saber como o Memorial

poderia criar mecanismos para que os portadores de necessidades especiais pudessem ter acesso também à exposição. Abaixo, reproduzimos o diálogo.

Entrevistador: O projeto prevê medidas de acessibilidade ao edifício e à exposição para portadores de necessidades especiais?

Duarte: Prevê. Prevê porque isso é lei. Você não tira um alvará de construção, você não aprova um projeto sem isso.

Entrevistador: Mas, por exemplo, no caso do cego, a exposição poderia atendê-lo, poderia recebê-lo?

Duarte: Eu não sei. Porque eu não sei como é que um cego vai conseguir ver uma fotografia que foi tirada em 1950. Eu não sei. Eu não sei como é que a tecnologia está funcionando hoje com relação aos cegos, não tenho ideia.

Entrevistador: Então o projeto, nesse caso, não previu alternativa?

Duarte: Eu não sei nem como prever uma maneira de um cego ver uma fotografia de 1950 (DUARTE, 2013, entrevista 2).

4.7 Quadro comparativo

Finalizando este capítulo apresentamos o Quadro 5 elaborado com a finalidade de clarear a análise que nos propusemos a fazer do Memorial da Novacap frente às duas tendências museológicas que aqui estão sendo estudadas. Nele podemos mensurar a ligação do MCBN com a museologia tradicional e com a nova museologia, o que facilita nossa comparação. Para tanto, a primeira está descrita pela sigla MT e a segunda pela NM.

Quadro 5 – Caracterização do Memorial

Características de museus	Presente no MCBN?	Tendência museológica
Acesso ao museu a PNE	sim	MT e NM
Interatividade com o público		
Acesso à exposição a PNE	não	MT e NM
Patrimônio com um fim	sim	principalmente MT
Exposição como um fim		
Centralização de poder		
História única		
Educação “bancária”		
Culto a personalidades ilustres		
Culto ao passado		
Discussão coletiva do projeto	não	principalmente NM
Interdisciplinaridade		
Comunidade participativa		
Caráter social		
Espaço ao pensamento crítico		
Educação “libertadora”		

Quadro: Edvan Aquino de Queiroz

Quando utilizamos o termo *principalmente* na coluna que indica a que tendência as características estão vinculadas demonstramos nosso cuidado em não emitir declarações totalizantes a respeito de um fenômeno dinâmico e diversificado como o museu. Nesse caso, generalizar seria um erro porque determinado aspecto muito presente em uma tendência pode, em menor intensidade e frequência, ser observada em outra. Como exemplo podemos citar o item *interdisciplinaridade* que geralmente diz respeito à nova museologia, mas também pode ser observado em atividades desenvolvidas por museus adeptos da museologia tradicional. Disto isso, passemos a análise do quadro.

Para o exercício elencamos 16 características comumente verificadas em projetos de museus em construção ou em instituições em funcionamento. Destas, as sete apontadas como elementos presentes principalmente no modelo tradicionalista de museus foram identificados no projeto do MCBN. De outro modo, as seis características fundamentais da nova museologia não foram encontradas no caso aqui estudado. Portanto, as únicas semelhanças aproximando o Memorial da Novacap do *museu integral* da Mesa-Redonda de Santiago são o comprometimento do museu com a acessibilidade de portadores de necessidades especiais e a interatividade com o público³⁰. Ocorre que, como vimos, isso é algo presente também na museologia tradicional.

³⁰ Pinheiro critica o modelo de interatividade adotado pelos museus que dá ao espectador apenas uma ilusão de participar do evento. Temos assim uma pseudo-interação porque, segundo ele, “interagir é dialogar, ação em que ambas as partes de alguma forma se modificam, mesmo quando as relações são assimétricas; mas como podemos dialogar se as possíveis respostas já estão delineadas, se uma das partes não se altera? O espetáculo traveste-se para impor à sociedade a ilusão da participação, do diálogo, ao passo que de fato aumenta a alienação do sujeito” (PINHEIRO, 2004, p. 228).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme anunciamos na apresentação, tínhamos como principal objetivo analisar a disputa da nova museologia por espaço e representatividade no ambiente museológico do DF, a luz do projeto do Memorial da Construção de Brasília/Novacap. Motivava-nos identificar o desempenho do modelo de museu inaugurado com a Mesa-Redonda de Santiago, o *museu integral*, no embate protagonizado com o museu tradicional. O leitor que acompanhou este trabalho desde o início já se deu conta de que no projeto do MCBN os princípios da nova museologia foram praticamente ignorados. Sempre embasadas pela teoria museológica do capítulo I, as análises realizadas nos capítulos II e III (em especial, o quadro da página 75) corroboram os argumentos aqui defendidos.

Nosso estudo, por tratar-se de uma amostragem, não nos permite avaliar o conjunto das instituições museológicas do DF; entretanto, autoriza-nos a afirmar que no caso do Memorial da Novacap os princípios do *museu integral* mereceram mínima consideração: naquele território, basicamente, só ocupou espaço a museologia tradicional. O que nos leva a perguntar por quê? Qual a razão para a nova museologia ter sido preterida pelo projeto do museu ora analisado? Não temos respostas definitivas para a indagação, no entanto, levantaremos a seguir algumas questões sobre o tema, não no sentido de responder acertada e definitivamente a pergunta, mas sim como ponto de reflexão ou motivação para estudos futuros. Cabe ressaltar que, quando optamos pelo termo *considerações finais* em vez de *conclusão* para nomear esta última etapa, demonstramos nosso interesse em finalizar a pesquisa com algumas análises não conclusivas que julgamos importantes à discussão do trabalho aqui desenvolvido.

Talvez pudéssemos afirmar que a ausência de profissionais de museus na elaboração do projeto do MCBN explicaria o modelo adotado pela Novacap. De fato, o Memorial foi projetado por pessoas que não dominam os assuntos pertinentes à museologia como, em tese, o fazem, em menor ou maior grau, os museólogos, os historiadores, os artistas plásticos, os curadores e os conservadores. No entanto, seria precipitado de nossa parte defender de forma peremptória essa ideia porque nossa experiência nos mostra instituições museológicas onde há profissionais como os que elencamos que não desenvolvem ações de caráter social, na perspectiva do *museu integral* e da nova museologia. Possuem um discurso vanguardista e empolgante para fugir do rótulo de tradicional (nenhum museu assim se assume, todos querem parecer modernos); mas, no final, não passam de um gabinete de curiosidades

contemporâneo.³¹ Nesse sentido, Maria Célia T. Moura Santos alerta que, em se tratando da nova museologia, “é preciso estar atento aos disfarces, à apropriação do discurso que não foi assimilado de forma consciente, na vivência da construção conjunta, na relação teoria-prática, na experiência vivida, e que é utilizado para a manipulação e para o modismo” (MOURA SANTOS, 2008, p. 98).

A segunda questão diz respeito à possibilidade ou não de aplicação dos princípios teóricos da nova museologia em todas as tipologias de museu. O modelo idealizado pela Carta de Santiago, *museu integral*, pode ser adotado por uma empresa cujo objetivo é apresentar a sua história aos visitantes? Como poderia o MCBN se utilizar do patrimônio para implementar ações com vistas ao “desenvolvimento local”?³² E se não o faz, o museu tem sua legitimidade posta à prova? Quanto a isso, Scheiner defende que a MRSC ampliou a todos os tipos de museus a possibilidade de trabalhar o viés social da museologia, até então inerente aos ecomuseus franceses. Segundo ela, o evento de Santiago quebrou um paradigma ao mostrar que quaisquer museus, inclusive os que musealizam o patrimônio de forma “tradicional”, não só podem como deve ser “integrais” (SCHEINER, 2012, p. 23). Afirma a autora:

Ao oficializar o uso do termo Museu Integral, **extensivo a todas as representações do fenômeno Museu**, a Carta de Santiago torna-se um documento de importância teórica para a Museologia, passando a integrar o conjunto de reflexões que fundamentam os estudos do campo. Como tal, pode ser efetivamente considerada como uma das matrizes da teoria museológica (SCHEINER, 2012, p. 23, grifo nosso).

Ao abordar esse tema em sua entrevista, Maria-Júlia Estefânia Chelini levanta questionamentos acerca da real aplicabilidade dos preceitos de Santiago em instituições de perfil diverso dos chamados museus comunitários e ecomuseus. A professora estende a discussão aos museus de ciências, sua especialidade.

A ideia é que os museus modernos não devem mais mostrar apenas a elite, mas o todo. Eu diria que em alguns casos isso se tornou muito difícil, por diversos motivos: 1. se pensarmos em museus históricos, voltados a certo intervalo de tempo passado: temos como conseguir ainda hoje objetos e registros de outras classes sociais? As vezes é praticamente impossível. Este museu deve então ser fechado?

³¹ Interessante estudo possibilitaria o Museu Nacional do Complexo Cultural da República. Inaugurada em 2006, a instituição ainda hoje tateia em busca de uma identidade. Museu de arte moderna, contemporânea ou simples galeria? Novo ou tradicional?

³² Para fins deste estudo, “desenvolvimento local” é compreendido como “um processo voluntário de domínio da mudança cultural, social e econômica, enraizado no patrimônio vivido, nutrindo-se deste patrimônio e produzindo patrimônio” (VARINE, 2012, p. 20).

2. Quando falamos em museus científicos: o que é a elite? É o pensamento dominante de determinado momento? Se a ciência deixa de ser apresentada como estática, como verdade absoluta e sim como um processo em contínua evolução, em que um mesmo elemento pode gerar diferentes conclusões (algumas mais ou menos aceitáveis) estamos tendo uma visão global do assunto. Mas se a opção for falar de determinado processo aceito mundialmente como o mais provável, um fato que não é mais tão discutido, ainda assim estamos trazendo uma opinião elitista? Se a exposição mostra a Terra (o planeta) como redonda, ela está sendo elitista porque apresenta a visão de uma maioria? Se você procurar na internet vai descobrir que até hoje existem pessoas que acreditam que a Terra é plana, que acreditam que a Terra é o centro do Universo... É uma minoria que está sendo deixada de fora da maioria dos museus científicos. Como lidar com estas situações? Acho que a Nova Museologia como tem sido discutida no Brasil não se interessa por estas questões, o “tchans” aqui é falar do social... e nada mais... Resumindo: os preceitos da Nova Museologia podem, em tese ser aplicados a qualquer tipologia de museus, a pergunta é como faremos isso na prática (CHELINI, 2013, entrevista).

Os pontos de vista de Scheiner e Chelini apresentados acima são uma demonstração de que mesmo em meio à comunidade museológica esse tema é questão ainda não completamente equacionada.

Outro aspecto merecedor de atenção aqui é a própria “essência” do museu de Santiago. Convida ao debate a interpretação que fez Horta da Declaração de Caracas onde, segundo ela, houve a intenção de se transformar o *museu integral* em *museu integrado* (à comunidade). Para a autora, isto não foi declarado abertamente naquela ocasião, todavia, ficou evidente nas propostas e nos registros documentais do evento (HORTA, 1995, p. 35). Longe de ser apenas um jogo de palavras, *integral/integrado*, a ideia mudaria essencialmente as premissas do *museu-síntese* da MRSC, alvo de críticas da autora que o considera abstrato e demasiadamente pretensioso, como veremos.

Não mais a “globalização” genérica e perigosamente simplista do território, do patrimônio, do meio-ambiente, mas a localização concreta, efetiva, consciente em um determinado espaço social. Este museu integrado não é mais concebido como uma “entidade” acima de qualquer suspeita, olhando (como só Deus poderia fazer) para a “totalidade” do trinômio território-patrimônio-sociedade, e refletindo-se nesta totalidade como um “museu integral”; nesta nova visão, o Museu é concebido como um “meio” de comunicação (reconhecendo-se sua “linguagem” própria) entre os elementos desse triângulo, servindo de instrumento de diálogo, de interação das diferentes forças sociais (sem ignorar nenhuma delas, inclusive as forças econômicas e políticas [...]) (HORTA, 1995, p. 35).

A crítica de Horta de fato nos faz questionar as possíveis capacidades de um museu para assumir uma incumbência tão complexa e abrangente quanto a que carrega o *museu integral*. Em entrevista publicada em um jornal local, quando questionada se os museus têm o poder de combater as desigualdades e os problemas sociais, a museóloga do Ibram, Marijara Queiroz, respondeu em uma entrevista ao Jornal Correio Braziliense:

O combate às desigualdades sociais é uma luta que deve permear todas as classes e categorias profissionais. Dessa forma, acho que é também responsabilidade do campo de atuação da museologia. Há quem acredite que toda museologia é — ou deveria ser — social, e que a ênfase para essa área pode desconstruir o papel social intrínseco ao museu. Eu, particularmente, gosto de pensar a museologia social como uma política de reparação, uma ação afirmativa, já que, quando é diluída como atribuição atinente dos museus, ela nunca funcionou. A maioria dos museus permanece em seus pedestais burgueses, com atividades isoladas e quase invisíveis voltadas para a educação e para inclusão social. São ações pontuais, que os museus, em geral, fazem como se fosse para garantir uma cota para a inclusão social ou para a educação, mas nunca é primordial, nunca tem visibilidade. Por isso, eu acredito que é preciso criar essas dissidências, para dar ênfases a essas práticas museais em comunidades tradicionais ou economicamente desfavorecidas e tentar subverter a ordem das coisas (Marijara Queiroz In: NIEDERAUER, 2013, p. 2).

Entendemos que quando a nova museologia defende (legitimamente, ressalte-se) que os museus devem se empenhar no combate às desigualdades entre os indivíduos com vistas à justiça social, está afirmando nas entrelinhas que as entidades governamentais a quem cabe originalmente esse dever, como os ministérios e as secretarias de governo, por exemplo, não estão obtendo êxito na realização de suas finalidades. Assim, transfere-se às instituições museológicas a incumbência de órgão idealizador e executor de políticas públicas, numa espécie de “reparação” da ineficiência estatal. Mesmo em se tratando de um museu público, devemos nos perguntar se isso seria a sua função precípua. Além do mais, a museologia ainda carece de estudo no sentido de verificar se a missão atribuída aos museus pela MRSC, qual seja, **considerar a “totalidade dos problemas da sociedade”**, não estaria além das reais possibilidades destes (se é que isso pode ser realmente mensurado). Por outro lado, mais um ponto merece reflexão: até quando o caráter social do museu não é instrumento político de controle social?

Como última questão, perguntamos que medidas efetivas estão sendo adotadas pelos defensores e militantes³³ da nova museologia no sentido de propagar seus ideais para que se transformem em ações práticas ao alcance dos museus e da sociedade? Se a museologia clássica possui um histórico milenar e se encontra seguramente consolidada no ambiente museológico, supomos que seus opositores precisarão de muita mobilização para conquistar espaço entre os museus tradicionalistas. Pesa em seu desfavor a incipiência das discussões sobre o *museu integral*, se comparada à longa trajetória das ações museais meramente patrimonialistas. Isso ficou demonstrado na nossa revisão de literatura. Nas definições de museu elaboradas há pouco mais de três décadas por Gregorová e Guarnieri, expoentes internacionais da museologia, nenhuma ressaltou a função social da instituição. Da mesma

³³ Termo utilizado por Hugues de Varine (2005).

forma, no livro *O que é museu*, publicado em 1986, Marlene Suano não discute os princípios originários da nova museologia, numa indicação de que à época esse assunto não estava na pauta principal dos teóricos e profissionais de museus.

Em 1995, ou seja, há menos de 20 anos, Varine afirmava em tom de lamento que desde Santiago

nos grandes museus da América Latina não mudou muita coisa. As coleções nacionais e suas instituições imitam, mais ou menos, os estilos museológicos em vigor no mundo industrializado. Os imperativos turísticos, os gostos das oligarquias do poder e do dinheiro ainda são a norma. A maioria dos participantes de Santiago não pôde implementar as resoluções adotadas. Além disso, os sobreviventes, como eu, estão vinte e três anos mais velhos... (VARINE, 1995, p. 18).

Apesar de todas essas dúvidas e dificuldades, devemos reconhecer que há por parte de alguns profissionais de museus e gestores públicos a intenção de fomentar a aplicação dos princípios teóricos da nova museologia. A criação de um órgão estatal exclusivo aos museus, o Ibram, deve ser visto também como uma oportunidade nesse sentido. Entretanto, não convém ficarmos presos unicamente às políticas governamentais. Transformar o atual panorama museológico é tarefa que requer, sobretudo, muito empenho pessoal, e somente será possível por meio de um movimento surgido a partir dos clamores e das iniciativas da sociedade.

Chegamos ao final deste trabalho na expectativa de que ele possa contribuir aos debates museológicos e à reflexão dos profissionais de museus desejosos de ver transformados em realidade os princípios teóricos da nova museologia. À Novacap, entregaremos um estudo que poderá auxiliá-la numa possível redefinição da narrativa e da museografia do Memorial, se houver interesse nesse sentido. Caso concluísse seu projeto, a Companhia realizaria um desejo de seus trabalhadores, ofertaria mais um espaço cultural aos moradores do DF e encerraria um caso que marca irônica e negativamente sua indelével presença na história da capital: a empresa que há 50 anos ergueu do nada uma cidade se mostra hoje incapaz de finalizar um pequeno museu. Um museu em formato de lágrima.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Susano. Mais de R\$ 1,9 bilhão para pacote de obras: há projetos de urbanização, educação, esportes, saneamento, transportes e iluminação. **Jornal de Brasília**, Brasília, 8 mar. 2013. Caderno Cidades, p. 4.
- ALONSO FERNÁNDEZ, Luis. **Museología y museografía**. Barcelona: Francesc Tàrraga 12. Ediciones de Serbal, 2010.
- ARENDT, H. **O que é política?**. Tradução de Reinaldo Guarany. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BARAÇAL, Anaído Bernardo. **O objeto da museologia**: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránský. 2008. 134f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.unirio.br/cch/ppg-pmus/dissertacoes/dissertacao_anaildo_baracal.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2013.
- BARBUY, Heloisa. A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 3, p 209-236, jan.-dez. 1995.
- BARROSO, Gustavo. **Introdução à técnica de museus**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, Museu Histórico Nacional, 1951.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222- 232.
- BLOM, Philipp. **Ter e manter**: uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BRASIL. **Legislação sobre museus** [recurso eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/9488/legislacao_museus.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 jun. 2013.
- _____. **Decreto nº 6.949 de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Brasília: Presidência da República, 25 ago. 2009a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d649.htm>. Acesso em: 9 jun. 2013.
- _____. **Lei n.º 2.874, de 19 de setembro de 1956**. Dispõe sobre a mudança da Capital Federal e dá outras providências. Rio de Janeiro: Presidência da República, 19 de set. 1956. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-2874-19-setembro-1956-373749-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 9 jun. 2013.
- _____. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 14 jan. 2009b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso: 12 jun. 2013.

_____. **Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009.** Cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, cria 425 (quatrocentos e vinte e cinco) cargos efetivos do Plano Especial de Cargos da Cultura, cria Cargos em Comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores – DAS e Funções Gratificadas, no âmbito do Poder Executivo Federal, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 20 jan. 2009c. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm>. Acesso: 12 jun. 2013.

BRASIL. GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL (GDF). **NOVACAP: 50 anos por Brasília.** Brasília: Novacap, 2010.

BRASIL. GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL (GDF). NOVACAP. **Construção de prédio destinado ao memorial da NOVACAP.** Processo n. 00112.004.163/2005, Seção n. 3.624, Folha n. 8 – Rel. Diretor Elmar Luiz Koenigkan. Brasília, DF, 16 nov. 2005.

BRASIL. GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL (GDF). NOVACAP. **Regimento interno da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil.** Brasília, DF, 2012.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA (MINC). **Caderno de diretrizes museológicas.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006.

_____. **Política nacional de museus.** Organização e textos de José Nascimento Junior e Mário Chagas. Brasília: MINC, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA (MINC). SISTEMA BRASILEIRO DE MUSEUS (SBM). **O que é museu?.** [s.d.] Disponível em: <http://www.museus.gov.br/SBM/oqueemuseu_museusicom.htm>. Acesso em: 19 dez. 2011.

BRASIL. NOVACAP. **Relatório final das atividades da comissão 50 anos, constituída pela Instrução n. 116/2005.** Brasília, DF: Novacap, dez. 2009.

BRULON SOARES, B. C. Entendendo o ecomuseu: uma nova forma de pensar a Museologia. **Revista Eletrônica Jovem Museologia**, v. 1, nº 2, p. 2-24, 2006. Disponível em: <<http://www.unirio.br/jovemmuseologia/documentos/2/artigobruno.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2013.

_____. **Quando o museu abre portas e janelas: o reencontro com o humano no museu contemporâneo.** 162 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST. Rio de Janeiro, 2008a.

_____. Experimentando o Museu: a Museologia como campo disciplinar: in: BARRIOS, G. e SCHEINER, T. C. M. (Org.). **Documentos de trabalho do Workshop do ICOFOM LAM: a museologia como campo disciplinar.** Rio de Janeiro, 2008b.

BRUNO, M. C. Museus de empresas: princípios, problemas e perspectivas. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 10, p. 47-51. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 1997.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Ondas do pensamento museológico brasileiro. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 20, n. 20, p. 1-216, 2003.

CARVALHO, Vladimir. **Conterrâneos velhos de guerra**. Brasília: Secretaria de Cultura e Esporte do Distrito Federal, 1997.

CASCO, Ana Carmen Jara; CHAGAS, Mário. **Entrevista – Depoimento (Lygia Martins Costa)**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Museus, n. 31, p. 275-309, 2005.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da museologia. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 12, p. 237-268, jan.-dez. 2004.

CHAGAS, Mário de Souza. **A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, Brasília, 2009.

_____. **Novos rumos da museologia**. 1. ed. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), 1994.

CHELINI, Maria-Julia Estefânia. **Entrevista**. [jun. 2013]. Entrevistador: Edvan Aquino de Queiroz. Brasília, 2013. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta monografia].

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. São Paulo: FAPESP, Iluminuras, 2004.

CONTERÂNEOS velhos de guerra. Brasília: Produção de Vladimir Carvalho e Vertovisão. Brasília, DF, 1990. 1 videocassete (168min), VHS, son, PB.

CRUZ, Luíza Helena Bezerra. **Entrevista**. [mai. 2013]. Entrevistador: Edvan Aquino de Queiroz. Brasília, 2013. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta monografia].

CURY, Marília Xavier. A importância das coisas: museologia e museus no mundo contemporâneo. SIMON, Samuel (Org.). **Um século de conhecimento – arte, filosofia, ciência e tecnologia no século XX**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011. p. 1031-1047.

_____. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. Museologia, novas tendências. In: GRANATO, M.; PENHA DOS SANTOS, C.; LOUREIRO, M. L. N. M. **Museu e museologia: interfaces e perspectivas/museu de astronomia e ciências afins**. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p. 25-41.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Coor.). **Conceptos claves de la Museología**. Traducido por Armida Córdoba. Paris: Armand Colin, 2010. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Museologie_Espagnol_BD.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2013.

DINIZ, Débora. **Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa**. Brasília: Letras Livres, 2012.

DUAN, Yong. Cultura diversity: the starting point and goal of museums. **31st Annual International Symposium** – International Council of Museums. Changsha, China, setembro, 2008.

DUARTE, Luiz Henrique Freire. **Entrevista 1**. [abr. 2013]. Entrevistador: Edvan Aquino de Queiroz. Brasília, 2013a. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia].

_____. **Entrevista 2**. [abr. 2013]. Entrevistador: Edvan Aquino de Queiroz. Brasília, 2013b. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia].

ELITE. **O que é PaintBall?**. [2013]. Disponível em: <<http://elitepaintballbrasil.com/elite/>>. Acesso em: 1 jun. 2013

ESCLAPES, Alexandre. O conceito de impermanência no Budismo e na psicanálise. **Jornal da Comunidade Zen Budista**, 2013. Disponível em: <<http://www.monjacoen.com.br/textos-budistas/textos-diversos/309-o-conceito-de-impermanencia-no-budismo-e-na-psicanalise>>. Acesso em: 2 jul. 2013.

EVANS, Richard J. O que é história. In: Harriet Swain (Org.). **Grandes questões da história**. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2010. p. 13-25.

EXPOMUS. **Caderno de acessibilidade: reflexões e experiências em exposições e museus**. São Paulo: EXPOMUS, 2010.

FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. In: PATTO, M. S. H (Org.). **Introdução à psicologia escolar**. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). São Paulo: UNESP, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRAUDY, D.; BOUILHET, H. **O museu e a vida**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Belo Horizonte: UFMG, 1990.

GOHN, Maria da Glória. **Paulo Freire e a formação de sujeitos sociopolíticos**. 2009. Disponível em: <http://www.utp.br/Cadernos_de_Pesquisa/pdfs/cad_pesq8/2_paulo_freire_cp8.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2013

GÓIS, Fabíola. Novacap terá museu. **Correio Braziliense**, Brasília, 17 jun. 2006. Caderno Cidades, p. A-24.

GOMES, Ana Lúcia de Abreu; CARRIJO, Elizângela. Lygia Martins Costa: dedicação ao mundo museal por mais de meio século. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília**, v.1, nº1, jan./jul. 2012. Disponível

em: <<http://www.red.unb.br/index.php/museologia/article/view/6856/5521>>. Acesso em: 6 jun. 2013.

GOULART, Guilherme; SALLUM, Samanta. Caso Novacap: promotora apresenta recurso contra a decisão do Tribunal do Júri que livrou tenente da PM de ser julgado pelo assassinato de um jardineiro. CUT realiza manifestação hoje de manhã no Setor de Diversões Sul. **Correio Braziliense**, Brasília, 31 jul. 2007. Caderno Cidades, p. A-25

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL (GDF). **Tombamento**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.brasiliapatrimoniadahumanidade.df.gov.br/acervo/pdf/Patrimonio_tombado_e_registro_DF.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2013.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL (GDF). COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL (NOVACAP). **DPJ: Estudos e Pesquisas em Parques e Jardins**. 2013. Disponível em: <<http://www.novacap.df.gov.br/sobre-a-novacap/dpj.html>>. Acesso: 20 abr. 2013

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL (GDF). SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DO DISTRITO FEDERAL (SECDF). **Museu Vivo da Memória Candanga**. 2013. Disponível em: <<http://www.sc.df.gov.br/nossa-cultura/museus/museu-vivo-da-memoria-candanga.html>>. Acesso em: 29 jan. 2013

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO (GESP). **Museu da Língua Portuguesa – Estação da Luz**. [2013]. Disponível em: <<http://www.museulinguaportuguesa.org.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2013

GREGOROVÁ, Anna. Museology – science or just practical museum work?. **Museological working papers**, nº 1, p. 19-21, 1980.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Exposição: texto museológico e o contexto cultural, 1986. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri – textos e contextos de uma trajetória profissional**. v. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010. p. 137-143.

_____. Justificativa de uma proposta museológica para o Museu Memória do Bixiga, 1982. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri – textos e contextos de uma trajetória profissional**. V. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010. p. 276-279

_____. Museologia e ciências humanas e sociais, s.d. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri – textos e contextos de uma trajetória profissional**. v. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010. p. 144- 146.

_____. Museologia e museu, 1979. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri – textos e contextos de uma trajetória profissional**. v. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010. p. 78- 85.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**: São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca. **Planteamientos teóricos de la museología**.

Gijón, ES: Ediciones Trea, 2006.

_____. **Manual de museología**. Madrid: Editorial Síntesis, 2001.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. 20 anos depois de Santiago: a Declaração de Caracas – 1992. In: ARAUJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. (Org.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo – documentos e depoimentos**. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995. p. 32-35.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Trad. Waltesnir Dutra. 12 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

HUYSEN, A. Escapando da amnésia: o museu como cultura de massa. In. HUYSEN, A. **Memórias do modernismo**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Museu**. 2013. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/museu/>>. Acesso em: 2 mai. 2013.

INTERNACIONAL COUNCIL OF MUSEUM (ICOM). **Estatutos del ICOM**. Viena, Austria: Consejo Internacional de Museos, 3 dez. 2007. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Statuts/statutes_spa.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2013.

JORNAL DE BRASÍLIA. **Memorial da construção de Brasília começa a ser erguido**. 16 jun. 2006. Disponível em: <<http://www.jornaldebrasilia.com.br/site/noticia.php?id=3092>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. **Caderno de diretrizes museológicas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2001.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEICK, Gwendolyn. **Mesopotâmia: a invenção da cidade**. Rio de Janeiro, Imago Ed, 2003.

LIPPI OLIVEIRA, Lúcia. **Cultura é patrimônio – um guia**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

LOPES, L. C. **A nova arquivística na modernização administrativa**. Brasília: Projecto Editorial, 2009.

LOURENÇO, Maria Cecília França. **Museus acolhem o moderno**. São Paulo: Edusp, 1999.

MAIRESSE, François. La belle histoire aux origines de la nouvelle muséologie. **Publics et Musées**, v. 17, nº 17-18, p. 33-56, 2000.

MARTINEZ, Marina. Simbiose. **Info Escola**, 2013. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/relacoes-ecologicas/simbiose/>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

MARTORELLI, Nilson. **Entrevista**. [abr. 2013]. Entrevistador: Edvan Aquino de Queiroz. Brasília, 2013. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia].

MEIRELLES, H. L. **Direito administrativo brasileiro**. 21. ed. São Paulo: Malheiros, 1996.

MENSCH MUSEOLOGY. **Activities Peter van Mensch (2006-2012)**. 10 jun. 2012a. Disponível em: <<http://www.menschmuseumology.com/?s=key>>. Acesso em: 7 mar. 2013.

_____. **Enkele jaartallen uit de museumgeschiedenis**. [2012b]. Disponível em: <<http://menschmuseumology.com/wordpress/wp-content/uploads/2012/06/Museumgeschiedenis.pdf>>.

MONTANER, J. M. **Museus para o século XXI**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

MOURA SANTOS, Maria Célia T. **Museu e educação: conceitos e métodos**. 2001, p. 8. Disponível em: <http://www.rem.org.br/download/MUSEU_E_EDUCA__O_conceitos_e_m_todos_Porto_Alegre%5B1%5D.pdf>. Acesso: 6 jun. 2013.

MOUTINHO, Mário Canova. A declaração de Quebec de 1984. In: ARAUJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. (Orgs.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo – documentos e depoimentos**. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995, p. 26-29.

_____. Museus e sociedade: reflexões sobre a função social do museu. In: **Cadernos de Patrimônio**, n. 5. Lisboa, Monte redondo: Museu Etnológico, 1989.

NASSAR, P. **Relações públicas: na construção da responsabilidade histórica e no resgate da memória institucional das organizações**. São Paulo: Difusão, 2008.

NEUSTUPNY, Jirí. Museology – science or just practical museum work?. **Museological Working Papers**, nº 1, p. 28-29, 1980.

NIEDERAUER, Mariana. Um novo olhar sobre a história: a criação de 13 cursos impulsionou a profissão no país. Os estudantes têm o desafio de trazer inovação para a área. **Correio Braziliense**, Brasília, 28 abr. 2013. Caderno Trabalho, p. 2.

OKELLO ABUNGU, George Heritage. Los museos, espacios para el diálogo o el enfrentamiento. **Noticias del ICOM**, número especial, p. 15-18, 2001.

OLIVEIRA, Ana Cristina Ramos de. **O conservadorismo a serviço da memória: tradição, museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso**. 2003. 118 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

OLIVEIRA, Márcio de. **Brasília: o mito na trajetória da nação**. Brasília: Paralelo 15, 2005.

PERRY, Marvin. **Civilização ocidental: uma história concisa**. Trad. Waltensir Dutra e Silvana Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 2002, 3 ed.

PINHEIRO, M. J. de A. **Museus, memória e esquecimento: um projeto da modernidade**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, v. 2, nº 3, p. 3-15. Rio de Janeiro, 1989.

POMIAN, K. Coleção. In: **Memória-História**, p. 51-86. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984.

POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidade e a história natural. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. (Org.). **Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argvmentvm; Brasília: CNPq, 2005.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

ROSA BARBOSA, Maria Helena. Conceitos e preconceitos que permeiam os espaços museais da arte. In: **IV Ciclo de Investigações do PPGAV/UDESC: deslocamentos reflexivos**. Florianópolis, 2009.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Reflexões sobre a nova museologia, 1999. In: **Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu**. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008. p. 70-98.

SANTOS, Vânia Carvalho Rôla. **Cultura, identidade e memória: uma leitura informacional dos museus históricos em ambientes comunitários**. 2005. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VALA-KFNJ2/mestrado_vania_carvalho_r_la_santos.pdf?sequence=1>. Acesso: 2 mai. 2013.

SCHEINER, Tereza Cristina. As bases ontológicas do museu e da museologia. In: **Simpósio Museologia, Filosofia e Identidade na América Latina e Caribe**. ICOFOM LAM, Coro, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 133-143, 1999.

_____. Museologia e pesquisa: perspectivas na atualidade. In: GRANATO, M.; PENHA DOS SANTOS, C. (Org.). **Museus: instituições de pesquisa/Museu de Astronomia e Ciências Afins**. Rio de Janeiro: MAST, 2005, p. 85-100.

_____. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr. 2012.

SCHWARCZ, L. K. M. A “Era dos Museus de Etnografia” no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do XIX. In: FIGUEIREDO, Betânia; VIDAL, Diana Gonçalves. **Museus: dos gabinetes de curiosidades ao museu moderno**. Belo Horizonte: Argvmentvm 2005. p. 113-136.

_____. O nascimento dos museus brasileiros: 1870-1910. In: MICELI, S. (Org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Sumaré, 2001.

SILVA, Ernesto. **História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade**. 3 ed. Brasília: CDL, 1997.

SOUZA, Gilson. **Entrevista**. [abr. 2013]. Entrevistador: Edvan Aquino de Queiroz. Brasília, 2013. [A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta monografia].

STUDART, Denise Coelho. Conceitos que transformam o museu, suas ações e relações. In: DOSSIÊ CECA-Brasil. **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, Rio de Janeiro: IPHAN, v.1, n.1, 2004.

_____. **Museus, emoção e aprendizagem**: ideias do educador Paulo Freire adaptadas aos museus podem tornar mais prazeroso o ensino de história, 2007. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/museus-emocao-e-aprendizagem>>. Acesso em: 6 jun. 2013.

SUANO, M. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TOMANIK, Eduardo Augusto. **O olhar no espelho**: “conversas” sobre a pesquisa em ciências sociais. Maringá: Eduem, 2004.

TORAL, Hernan Crespo. Seminário Regional da Unesco sobre a Fundação Educativa dos Museus, Rio de Janeiro, 1958. ARAUJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. (Orgs.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo – documentos e depoimentos**. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995, p. 8-10.

TSURUTA, Soichiro. Museology: science or just practical museum work?. **Museological Working Papers**, Stockholm, nº 1, p. 47-49, 1980.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB) / FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (FCI). Manual do curso de bacharelado em museologia. Brasília: UnB, 2010. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/255955-MANUAL-MUSEOLOGIA/>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

VARINE, Hugues de. A respeito da Mesa-redonda de Santiago. In: ARAUJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. (Orgs.). **A memória do pensamento museológico contemporâneo – documentos e depoimentos**. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995, p. 17-19.

_____. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Mesianiz, 2012.

_____. **O museu comunitário é herético?**. 16 fev. 2005. Disponível em: <<http://www.abremc.com.br/pdf/11.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

VIDAL, Laurent. **De Nova Lisboa a Brasília**: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

ZOUHDI, Bachir. Museology – science or just practical museum work?. **Museological working papers**, nº 1, p. 50-51, 1980.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Degração de Entrevista

Entrevistado: Luiz Henrique Freire Duarte (**Abreviação:** Duarte)

Entrevista 1

Entrevistador: Edvan Aquino de Queiroz

Local: Café Sebinho – CLN 406 Norte, Asa Norte, Brasília/DF

Data: 18 de abril de 2013

Duração: 52 minutos

Entrevistador: Duarte, gostaria que você se apresentasse.

Duarte: Bom, meu nome é Luiz Henrique Freire Duarte, sou arquiteto da Novacap, da terceira turma da UnB, segunda turma praticamente, que começou em 62, eu comecei como aluno especial em 63 e passei no vestibular em 64. Então, desde 63 eu sou aluno da Universidade de Brasília, praticamente segunda turma daquela época. Já empregado da Novacap, concluí meu curso como desenhista no departamento de urbanismo e arquitetura: cinco anos de arquitetura e cinco anos de estágio lá. Continuei trabalhando na Novacap, onde trabalho até hoje. Agora, primeiro de maio, vou fazer 50 anos de Novacap. Já fui presidente da empresa, diretor de edificações, diretor de urbanização. Várias vezes chefe de departamentos e divisão. Atualmente trabalho na fiscalização de obra da diretoria de edificações da empresa.

Entrevistador: O senhor me autoriza usar essa...

Duarte: Autorizo.

Entrevistador: Usar no meu trabalho?

Duarte: Sim, perfeitamente, está autorizado. Se quiser alguma coisa por escrito não tem problema.

Entrevistador: Queria saber quando surgiu a ideia da criação de um museu pela Novacap.

Duarte: Essa ideia surgiu mais ou menos em... Vou fazer uma conta aqui, são quatro anos com mais dois, seis, aproximadamente uns oito anos atrás. Era presidente Elmar Luiz Koenigkan, que é conhecido meu desde 68, trabalhamos juntos no antigo DVO, Departamento de Viação e Obras da Novacap. Ele presidente, Clarindo Rocha diretor administrativo e financeiro, também conhecido meu desde 63. Eu fiquei sabendo que era intenção da diretoria construir um museu da Novacap, porque a Novacap tem o arquivo público ali dentro, que também é um inquilino provisório, porque o arquivo público tem um lote, já tem um projeto, não teve recurso até hoje para fazer o seu prédio próprio.

Entrevistador: Onde fica o lote?

Duarte: O lote fica no Eixo Monumental. Ali, pelo que me informaram, é perto daquele centro cultural, do centro de convenções, torre de TV, é por ali.

Entrevistador: Funarte.

Duarte: É por ali, Funarte, que eu chamo de centro cultural, exatamente. Então, aí eu sem falar nada, resolvi fazer um projeto do que eu achava que seria um museu, que eu não chamei um museu, eu chamei de Memorial da Construção. Porque você não consegue ter a história da Novacap separada da construção de Brasília e vice-versa. Você não conta a história de Brasília sem contar a história da Novacap e não conta da Novacap sem contar a construção de Brasília. E fiquei sabendo que o projeto foi encomendado da área técnica da empresa não foi do agrado da diretoria, então eles resolveram arquivar o empreendimento. Desistiram.

Entrevistador: Quem fez?

Duarte: Foi um arquiteto lá de dentro mesmo, eu nem sei o nome dele e nem procurei saber. Aí eu tava com meu desenho pronto, que eu posso até ver se ainda tenho isso em casa, posso até ver se tiro uma cópia para ilustrar o seu trabalho, eu devo ter uma cópia disso.

Entrevistador: Vai ser muito bem vindo.

Duarte: E, como eu falei no início, eu tinha liberdade tanto com o presidente, como com o diretor administrativo. Mas preferi conversar com o diretor administrativo, porque eu não queria entrar direto falando com o presidente, parecia querer se aproveitar de ter sido ex-presidente, ex-diretor e não dar bola para diretoria. Então fui conversar com o Clarindo, mostrei e expliquei o projeto e ele aprovou na hora. Falou: “Não, vou levar para o presidente”, levantou, foi embora.

Entrevistador: Isso em?

Duarte: Isso há uns, a conta eu comecei a fazer e parei, quatro e dois, seis, há uns oito anos, nove anos atrás. Oito para nove anos atrás, 2013 menos nove, 2004, 2005, por aí, 2003, 2006, uma coisa semelhante a isso. E o presidente me chamou depois para me devolver meus desenhos e disse que era para eu continuar o projeto que tinha sido aprovado. Aquele sim seria um museu, um memorial. Então, aí eu passei a limpo em uma escala maior aquele desenho que eu tinha feito em uma folha de papel ofício. E chamei de Memorial da Construção de Brasília, Memorial Novacap.

Entrevistador: Ok. A ideia não foi do senhor?

Duarte: Não.

Entrevistador: A ideia já existia?

Duarte: A ideia existia. Aí a turma animou, a diretoria toda animou, o diretor de edificações na época, também conhecido meu desde 69, 70, pegou aquele rabisco meu, mandou para mesma diretoria, mesmo departamento técnico, onde foi feito o primeiro projeto e desenvolveram, calcularam e tudo e arrumaram recurso do GDF para fazer estrutura e está lá pronta a estrutura. E depois essa diretoria saiu...

Entrevistador: Nós vamos chegar nessa questão exata da obra. Qual seria o objetivo com o Memorial? Se o senhor pudesse sintetizar...

Duarte: É o seguinte, Brasília todo mundo que conhece. Eu tenho a história da construção, tenho filme, tenho tudo, mas chega um turista ou os próprios alunos de escola primária e de ensino médio, eles visitam o arquivo. Na minha leitura de arquiteto arquivo é uma coisa e museu é outra. Museu você chega, olha, vê e memoriza. Se você quiser alguma coisa, você procura, tem publicação, tem tudo. Agora, arquivo é um negócio que é tudo guardado, tudo arquivado. Está correto, não estou dizendo que seja errado, mas se o cara quiser saber: “Vem cá, você tem aí uma foto de 1958”. “Tenho, está na página tal, ou na prateleira tal”. Então, arquivo é arquivo e museu é museu. Então, é diferente, tratei como Memorial, fiz um projeto totalmente diferenciado e que agradou a diretoria.

Entrevistador: Certo. Então a diretoria apoiou. Os servidores da Novacap participaram dessa discussão?

Duarte: Não.

Entrevistador: Não? Foi um tratado...

Duarte: Eu e os quatro diretores da Novacap, foi um presidente, um diretor de urbanização, um diretor de edificações e um administrativo financeiro. Quatro diretores. O de urbanismo eu não sei, mas de quatro diretores, três eram meus amigos, colegas antigo de trabalho, que trabalharam inclusive na construção de Brasília. Então quando eu mostrei aquele projeto (o que seria depois de pronto) entenderam e bateram o martelo na hora.

Entrevistador: E com relação à construção. Quem é responsável pela construção, a Novacap?

Duarte: A Novacap.

Entrevistador: Há outros parceiros?

Duarte: Não. Só a Novacap, a diretoria e principalmente o engenheiro Aldo Adiane.

Entrevistador: Por que não se pensou em revitalizar o Museu Vivo da Memória Candanga?

Duarte: Não tem nada a ver com a construção de Brasília. É uma parte da história de Brasília, é apenas uma parte, uma parte pequena. Por que eu digo que é uma parte? Aquilo ali é a memória candanga. Como chama? O Museu da Memória Candanga. Aquilo ali é o antigo hospital JKO, Juscelino Kubistchek de Oliveira, com aqueles barracões, aquela coisa toda, e era a cidade livre. Então o que tem ali? Se você for ver não tem nada. Apenas restauraram o hospital JKO, colocaram uma maquete da cidade e algumas coisas do que seria o canteiro de obra, o gabinete do primeiro médico, que é o Edson Porto. Convivi com ele aqui em Brasília, frequentava a república, eu estudante e ele já médico. Mas então aquilo ali é uma memória viva? É uma memória viva porque está lá até hoje, porque esses prédios... Eu mesmo participei da restauração de dois ou três deles. Agora você chegar ali, você deve conhecer, você vê um gabinete médico, você vê um salão de barbeiro, então você vê um canteiro de obras, quer dizer, então é aquilo ali. Mas não tem a história de Brasília ali. Tem um pedacinho, um milionésimo da história da construção.

Entrevistador: Um recorte?

Duarte: É. Bem feito, legítimo, verdadeiro, mas não representa nem um por cento da construção da cidade.

Entrevistador: E o projeto que o senhor elaborou seria capaz de atender essa expectativa de contar essa história, a forma mais ampla como o senhor imagina?

Duarte: Atende pelo seguinte, primeiro ele tem um espaço como próprio museu, você tem um espaço grande e que você vai ter oportunidade de ver fotos do início, você tem uma galeria, é um prédio circular, como esta lá, você vai andando e você tem uma galeria e você tem fotos, a primeira foto do Juscelino quando chegou aqui no cerrado, você tem fotos de quando cruzaram os eixos, você tem foto. Você pode ter cópia de projetos colocado na parede, você tem mais de... Talvez 300 metros, 250 metros linear de parede para pregar foto, totens no meio para se quiser encomendar maquete do Palácio da Alvorada de qualquer coisa, você tem fotos. E tem o auditório, no meio você tem auditório, então você circula tudo e termina sua visita no auditório para 90, 100 pessoas. Porque existem filmes da construção da cidade. Então você pode entrar nesse auditório e assistir um filme da construção. “Ah, gostei, tem para vender?” “Tem” tem ali, você compra o DVD ali, paga 10, 15, 20 reais, não sei quanto.

Entrevistador: Então o museu teria essa intenção, era intenção do senhor que o museu comercializasse...

Duarte: Não é intenção minha. Todo museu, você chega nesses grandes museus do mundo, museu do Louvre mesmo, eu gostei da coisa, da Madona mesmo, eu comprei um pôster da Madona [ininteligível]. Então você compra. E outra coisa que eu, tá na minha cabeça, no meu projeto, aproveitando a informática, teria lá uma sala, um espaço que eu batizei de Espaço Nauro Esteves, Nauro Jorge Esteves, que é o arquiteto que realmente após o Oscar, é quem realmente construiu a cidade. Sem a presença do Nauro a cidade não teria saído, não é assunto para agora, mas a realidade é essa. Projeto que vinha errado do Rio de Janeiro ele é que corrigia, acabamento da cidade, é uma história comprida, é outra tese.

Entrevistador: E ele não está na pauta?

Duarte: Só teve uma estudante de arquitetura que resolveu fazer pós-graduação dela reavivando toda a vida do Nauro Jorge Esteves, que tem mais projetos executados em Brasília do que o próprio Oscar Niemeyer. Então eu ia chamar espaço Nauro Jorge Esteves e que teriam terminais de informática, não sei quantos, com a relação e a vida de todos os empregados da Novacap, desde o início da construção. Então chega lá, por exemplo, o bisneto do Dr. Ernesto Silva, aí senta, vai ao terminal e digita: Ernesto Silva. Vai sair uma página dele, com foto, médico, participou da Missão Cruls, pá, pá, pá, o neto imprime aquilo e leva para casa, olha o vovô onde é que tá. Isso, ao longo disso aí, vamos ter o que? 10 mil, 15, 20 mil funcionais podemos assim dizer. Não só da Novacap, como das empresas construtoras também. Chega o neto da construtora Rabelo, que construiu uma série de coisas aqui, ou Aperdeneira, quando digo, estou dizendo essas, tem umas que não existem mais, o bisneto ou neto de um deles “ah, o papai estava aí, Pólo Rabelo, tá aqui o vovô aí” então coisas desse tipo.

Entrevistador: Ok. O senhor recorda a data exata do início das obras do Memorial?

Duarte: O ano é mais ou menos isso aí, 2004, 2006, 2005, é por aí. São oito anos para trás. Por que eu tenho certeza que são oito anos? Quatro anos de governo Arruda, dois anos de PT, são seis. E vamos pôr mais dois porque era o finalzinho do segundo governo do Roriz.

Entrevistador: Qual seria o recorte temporal.

Duarte: Ele vem antes, ele vem lá do Império, ele vem antes da Missão Cruls, com fotos. Então, antes da missão Cruls ele vem com fotos, depois vem o concurso também de arquiteto, também com cópia. Depois vem a primeira diretoria da Novacap, tudo com foto. Depois Juscelino. Porque aquilo é redondo, então você vai andando assim, a cidade começa em preto e branco, com o marco zero, que é uma foto, que é debaixo ali daquele buraco do tatu na rodoviária. Depois você vem com a outra foto também em preto e branco, do cruzamento dos eixos, depois vem as construções, vem o jardim, então chega uma hora que a cidade toda florida, essas fotos começam a ser coloridas, então a cidade começa preto e branco, você vai andando, vai andando e chega ao final aqui a cidade é colorida, toda desse lado de cá, desse lado a construção.

Entrevistador: Iria tratar exclusivamente da cidade de Brasília ou das Regiões Administrativas...

Duarte: Só Brasília.

Entrevistador: Que personagens seriam destacados na narrativa do museu?

Duarte: Olha, logo na entrada tem foto grande, quando eu digo foto grande é foto de três metros de altura do Juscelino, foto de um metro por um metro quadrado do Israel Pinheiro. Foto de três metros de altura da primeira missa, foto da primeira diretoria da Novacap, foto desses projetos que participaram do concurso. E depois várias fotos de vários tamanhos mostrando o desenvolvimento da cidade. E nessa parede interna foto também de três metros quadrados, vai ter hora que nós vamos ter essas quaresmeras todas coloridas, ipês floridos, roxo, amarelo, vermelho. Isso tudo circundado aqui, era um espelho d'água, aí eu fui fazer um curso, teve um curso aí de museologia, eu fui fazer esse curso e quando mostrei meu projeto ele falou “não pode ter água porque a umidade vai condenar tudo”. Então eu tenho um desenho já de um painel de “vidrotil” em várias tonalidades, imitando água que é o espelho, que é o lago de Brasília. Então nós temos aqui... Um pedaço de papel para você ter ideia do que eu estou falando... Temos um auditório, temos um, isso aqui teoricamente é isso aqui e aqui tem uma entrada. Acaba aqui com sanitários e tudo. E aqui espelho d'água. Então essa parede toda aqui, você prega a foto aqui e vem. A sala Nauro Esteves, um conjunto de sanitários, uma cantina, um barzinho, um negócio semelhante a esse. Aqui tem vários computadores, aqui o auditório. Então você vem com essas fotos aqui, chega aqui a cidade está toda colorida, florida.

Entrevistador: Qual seria o fato marcante que o senhor acha, da Novacap, que não poderia faltar nesse museu da história da Novacap?

Duarte: Olha, uma foto grande que é a inauguração da cidade na Praça dos Três Poderes com aqueles candangos todos, aquela coisa toda. Para mim é uma foto fundamental. A foto do início que é o marco zero, que é debaixo do buraco do tatu, e uma foto do Juscelino, não sei se você já viu, mas uma foto do Juscelino com um paletó, uma bota, no meio do capim, com a mão no bolso, só ele. Essa foto é manjadíssima. É aquele negócio, chegou o Juscelino aqui

sozinho no mato, tempo depois ele tem a segunda foto, que é a da missa, quer dizer, já com gente. E quando chega ao final a cidade toda florida, os prédios, o jardim.

Entrevistador: Quando o senhor estava elaborando o projeto, houve a participação de outros profissionais como museólogos, historiadores?

Duarte: Tudo que está ali é ideia minha. A única pessoa que participou comigo foi o chefe de DPJ, que eu perguntei se tinha fotos e ele me passou uma série de fotos que eu tenho guardada dos ipês da folha toda coloria para saber se era possível fazer isso. E é possível.

Entrevistador: Além do projeto arquitetônico, há algum outro documento sobre o museu, como um plano diretor, um plano museológico? O senhor tem arquivado?

Duarte: Não. Não fiz nada. Saiu da minha cabeça para cá, fizeram aquela estrutura, nunca conversei com museólogo, com algum especialista de museu, com arquivista, com nada.

Entrevistador: Certo. O projeto prevê algum tipo de interatividade com os visitantes? Que o visitante poderia interagir com a exposição de alguma forma?

Duarte: Não, só esse auditório com essa sessão continua de filme e terminal.

Entrevistador: O projeto prevê algum tipo de participação da comunidade na organização e na gestão do museu?

Duarte: Não. Quero distância de comunidade. Eles acham que eles são os donos. E ninguém é dono de nada. Nem eu sou dono desse projeto.

Entrevistador: A gestão seria então?

Duarte: A gestão seria da diretoria da Novacap, iria indicar uma pessoa para ficar respondendo e gerenciando aquele museu, vendendo os DVDs, alguma coisa a mais, mantendo aquele sistema de informática ali funcionando, certo? Cobrando, porque o governo não pode bancar, então, por exemplo, uma folha dessa custa 10 centavos, então para você puxar lá a memória do seu avô você ia ter que pagar cinco reais, que eu acho barato para você ter uma memória do seu avô, com fotografia, as atividades que ele exerceu e tudo. Por que eu tive essa ideia? Eu fui fazer uma palestra na faculdade de arquitetura, ali do Núcleo Bandeirante, naquela subida ali pro Riacho Fundo, e levei um livro que eu tenho de Brasília, que nem o Ernesto Silva tem, quando ele viu esse livro no meu escritório me pediu emprestado, eu falei vai e volta, eu cobrei e o livro não voltou. Esse livro é a Revista Brasília, que eu chamo de livro, mas é a Revista Brasília, dessa grossura, data 21 de abril de 1960, data da inauguração da cidade. E tem ali o nome de todos os empregados da Novacap, certo? Que estavam na Novacap no dia da inauguração. E levei essa revista, não para isso, eu levei porque tem umas fotos antigas interessantes, foto de coisa que inclusive não foi construída. O que está construída tá aí para todo mundo ver, o que não está construído ninguém vê. Aí um aluno falou: “Dá para ver se tem meu pai aí?”, eu falei “Qual era o departamento do seu pai, nome do teu pai?” tava lá, “Eu posso pegar essa revista para tirar uma Xerox” eu falei “Não, eu vou tirar uma xerox e volto aqui para te entregar”, aí eu fui, tirei uma Xerox da capa da revista, tirei a Xerox da folha onde tava o nome do pai dele, sublinhei, grampeei a capa na folha, entreguei lá e ele falou “Pô, muito obrigado, eu achava que o senhor não ia nunca trazer isso aqui”, porque ele chegou a ver o nome do pai.

Entrevistador: Uma felicidade para ele.

Duarte: Pô... Ele devia dizer “Meu pai trabalhou na Novacap, [ininteligível]”, “Prova!”, então eu tive a ideia de fazer esse terminal informatizado, vamos assim dizer. É a único acesso para comunidade.

Entrevistador: O senhor falou que quer distância de comunidade, por quê?

Duarte: Porque a comunidade, como eu falei, acha que é o dono.

Entrevistador: E o senhor não acredita em gestão participativa no caso do museu, por exemplo?

Luiz Henrique: Não. Não. Porque tem coisa, por exemplo, eu não sou contra a comunidade frequentar o museu, tanto que eu criei esse espaço, qualquer um que chegar lá, de qualquer lugar do Brasil, vai lá e chega. Agora o cara vir para tomar conta, para dizer que como é que tem que ser feito. Estou fora.

Entrevistador: Por exemplo, alguns museus têm criado associações de amigo do museu. Não há previsão então nesse projeto para associação de amigos?

Duarte: Associação de amigos de museu é outra coisa, é um cara que quer participar, quer ajudar, sabe que tem uma fotografia interessante lá no Rio de Janeiro, vai lá buscar.

Entrevistador: Certo. Mas estabelecer um diálogo com a comunidade...

Duarte: Agora comunidade, porque eu sou líder comunitário, porque tem que ouvir a comunidade, ah, porque tem que fazer uma audiência pública, ah... Vá para puta que pariu, audiência pública!

Entrevistador: Ok. Havia previsão de contratação de museólogo ou isso nem foi pensado?

Duarte: Não foi pensado. Mas eu acho que tem que ter.

Entrevistador: Porque na estrutura da Novacap não tem esse cargo.

Duarte: Não tem esse cargo. Eu não digo contratar um museólogo, mas nós vamos ter que contratar uma firma especializada em museu, porque você para contratar um profissional é complicado, órgão público contratar um profissional...

Entrevistador: Tem que criar o cargo?

Duarte: Criar o cargo ou se depender de mim eu vou à presidência, diretoria, tenho o emprego em comissão, você pode nomear qualquer um, então vamos nomear o museólogo para implantar, porque tem uma coisa, eu acho que essa foto ta boa aqui, ali, mas de repente o cara que entende mais de museu “essa foto aqui fica melhor do lado de lá, de lá para cá”, enfim, arrumar o museu. Eu tenho a ideia do que tem que está mostrando, agora eu não entendo de museu, eu não sei de repente como é que faz uma sequência, se separa... Eu, por

exemplo, coloquei umas paredes separando por décadas. Não sei se é o caso separar por décadas.

Entrevistador: Uma visão cronológica do seu acervo.

Duarte: Cronológica. Década de 50, 60, 70, 80, 90, 2000.

Entrevistador: E esses módulos não dialogam entre si, são separados?

Duarte: Não, você vai andando e passa, é tudo emendado, no fim é tudo um conjunto só.

Entrevistador: Se o senhor tivesse que decidir pela contratação de museólogo o senhor iria optar pela criação de um cargo na estrutura da Novacap ou seria uma empresa terceirizada?

Duarte: Não, empresa não. Eu separaria um ou dois cargos comissionados e contratava ali, nomeava ali. Correndo um risco de que troca o diretor, troca o governo “ah, não, tira o Pedro, põe...”

Entrevistador: Não tem continuidade.

Duarte: Aí é o grande problema, não tem continuidade, agora eu para criar um cargo de museólogo na Novacap eu vou ter que abrir um concurso público. Primeiro eu tenho que criar o cargo, isso até não é complicado, na hora que a Novacap tiver um memorial, tiver um museu, dá para você criar. Aí você faz um concurso público, aí vem um cara que primeiro não respira Brasília, para mim o cara tem que respirar Brasília, senão não adianta. Aí ganha o Zé Mané da caixa prego, o que eu vou explicar para o Zé Mané o que foi a construção de Brasília? Vai entender? Vai está disposto a aprender? Tem sentimento de apego à coisa para se dedicar? Não sei se vai ter. É um risco muito grande. Eu prefiro correr o risco de você, por exemplo, eu presidente da Novacap te contrato, vai implantar o museu, tá aí o prédio, o que eu quero é isso. Então, daqui a cinco, seis anos, trocou o governo, troca não sei o que, aí vem a D. Maria, quem é a Dona Maria? É amiga do governador, também é museóloga. O que eu vou fazer? Serviço público é isso. Quem tá no serviço público, o meu é 50 anos, é isso.

Entrevistador: Não teria como impedir então a contratação...

Duarte: Aí chega o governador e diz “Nós vamos fechar esse museu”, não justifica. Como quiseram fazer agora lá, esse governo que está aí agora, essa diretoria que está na Novacap, a sorte que o presidente, novamente meu amigo. Um gaiato lá que chegou com a ideia maluca de fazer isso aí salas para treinamento pessoal.

Entrevistador: Ah, então já houve a ideia de dar outra destinação ao museu.

Duarte: Não, misturar. Eu falei “olha, eu tô fora, o meu projeto vocês não vão usar, agora o prédio está aí, vocês usam do jeito que vocês quiserem, o meu projeto não”.

Entrevistador: Isso é recente, essa ideia?

Duarte: Tem um ano.

Entrevistador: Não foi pra frente?

Duarte: Até agora não. Aí puseram outro arquiteto, que por sorte respira arquitetura, respira Brasília também concordou comigo e o gaiato ficou lá pendurado na brocha.

Entrevistador: Ok. O senhor sabe qual foi a...

Duarte: Agora nem sei, eu tô dizendo que não foi pra frente, mas faz tempo que eu não olho para aquele lado, não sei se fizeram. Não tenho ideia.

Entrevistador: Nós vamos ver isso. O senhor sabe qual foi a data (o senhor também não vai saber agora nesse momento) qual foi a data da paralisação das obras, o senhor também não recordaria nesse momento?

Duarte: É o final do governo Roriz. Um pouco antes, porque arrumou-se o dinheiro, aos trancos e barrancos, para fazer a estrutura, então tinha uma meta: fazer a estrutura. Foi feita a estrutura.

Entrevistador: Mas a pedra fundamental foi lançada em 2006.

Duarte: Pois é, rapaz, como te falei: 2005, 2006. Se você fizer 2006 com oito...

Entrevistador: Com 7, 2013, há sete anos.

Duarte: Pois é.

Entrevistador: A pedra fundamental foi lançada com a Maria de Lourdes Abadia.

Duarte: Foi, eu lembro.

Entrevistador: Quando o Roriz se licenciou para concorrer...

Duarte: Ao Senado.

Entrevistador: Ao senado. Pois é, final do governo Abadia mesmo começou e no governo dela mesmo foi paralisada?

Duarte: Foi feita a estrutura. Não vamos chamar de paralisada, foi concluída a primeira etapa do objetivo que era construir um memorial. Não parou, arrumou-se o dinheiro para primeira etapa.

Entrevistador: Essa é uma pergunta. A obra está paralisada ou abandonada? O projeto está...?

Duarte: Eu prefiro dizer que o projeto está abandonado, porque ninguém mais correu atrás de recurso para continuar. A ideia de ter um memorial da Novacap, de um museu da Novacap está guardada no armário.

Entrevistador: O senhor não vê possibilidade dessa atual gestão dar continuidade da obra?

Duarte: Eu nunca parei para pensar nisso. Eu nunca pensei nisso.

Entrevistador: Só para refrescar a memória: Maria de Lourdes Abadia assumiu o governo em 2006 porque o Roriz se licenciou para concorrer ao Senado. Maria de Lourdes lançou a pedra fundamental, ela começou a obra e a obra foi paralisada ainda no governo dela?

Duarte: Foi. Mas não vamos chamar de paralisada...

Entrevistador: Foi interrompida.

Duarte: Não. A primeira etapa da obra foi concluída no governo dela.

Entrevistador: No governo Arruda houve algum tipo de trabalho com relação ao projeto, alguma coisa foi feita?

Duarte: Não.

Entrevistador: Não. Então desde o governo de Maria Abadia que a obra não...

Duarte: Não é a obra, a ideia de construção do Memorial está arquivada, está na prateleira.

Entrevistador: Entendi. E por que fizeram só a primeira etapa? Qual a razão que a Maria de Lourdes...

Duarte: Não, não. Não é a razão da Maria de Lourdes. Obras têm umas etapas. Então, por exemplo, a estrutura é uma etapa que você pode parar e não estragar nada do que você fez. Então, como não tinha muito recurso, conseguiu fazer o recurso para fazer a estrutura. Porque aquilo lá é concreto, é uma pedreira, aquilo lá não estraga, não tendo ferro aparente.

Entrevistador: O tempo não vai comprometer aquilo...

Duarte: Não vai comprometer em nada. Agora se você fizesse alvenaria, parede, aí não concluísse, aí vem infiltração, aí derrubava, caía, trincava, então aquilo ali está pronto. Aquilo é uma pedreira, não estraga.

Entrevistador: E qual a origem da verba?

Duarte: Olha, deve ter sido secretaria de cultura, não sei. É verba do governo.

Entrevistador: O senhor não sabe exatamente? A Novacap?

Duarte: Não, não sei.

Entrevistador: Sindicato?

Duarte: Não.

Entrevistador: A ASCAP?

Duarte: Não, não. Nada disso.

Entrevistador: Secretaria de obras?

Duarte: Pois é, aí tudo bem, secretaria de obras, secretaria de cultura ou o governador designou lá uma verba para essa estrutura. Por que como é que foi feito? “Orçamento, me dá aí 300 mil reais que eu faço a estrutura, pelo menos fico com a parte pronta”, Trezentos ou quatrocentos? Estou pondo um número, não estou dizendo que seja esse. Então está aqui, vai fazer a estrutura, fez a estrutura e pronto acabou. Agora tem que alguém disposto a tocar, fazer alvenaria, fazer a parte de instalação, fazer o contra piso, o piso e o contra piso está pronto.

Entrevistador: Pode dizer que houve falta de verba de na época?

Duarte: É, porque se não teria feito a obra toda.

Entrevistador: Vontade política na época existia para fazer a obra toda?

Duarte: Existia, tanto que liberou dinheiro para fazer. Não, mesma coisa, vontade política de fazer é uma coisa, possibilidade financeira da vontade política ser atendida é outra. Então existia uma vontade da governadora Abadia, tanto que ela deu dinheiro para estrutura. Agora, você tem vontade de comprar um carro, mas o seu dinheiro só dá para comprar um fusca, não dá para comprar uma Mercedes, você não abandonou a vontade de comprar um carro.

Entrevistador: Nós podemos dizer que a vontade política da governadora esbarrou na falta de verba naquele momento?

Duarte: É, naquele momento. Exatamente. Não tinha tanto recurso. E eu acho que já foi uma tremenda benevolência ou uma boa intenção dela de aos trancos e barrancos liberar aquele dinheiro.

Entrevistador: Ok. Qual a empresa responsável pela construção?

Duarte: A Novacap.

Entrevistador: A Novacap?

Duarte: A Novacap que fez.

Entrevistador: Novacap fez, não foi licitação?

Duarte: Não, a Novacap fez.

Entrevistador: Então é uma obra própria?

Duarte: É, esse diretor Álvaro Viana foi quem acompanhou, ele é o engenheiro responsável técnico pela execução da obra. Novacap com o operário dela, só deram recurso, é bem mais barato.

Entrevistador: Exato. Não precisa licitar.

Duarte: Não. Não tem lucro de empreiteira, não tem nada.

Entrevistador: Você sabe qual foi a verba empenhada naquela primeira etapa?

Duarte: Isso tem lá, tem que ver os arquivos, não sei.

Entrevistador: O senhor orçou o custo do seu projeto?

Duarte: Não.

Entrevistador: O programa Acelera DF lançado em março, último, pelo GDF, prevê várias obras no DF, o Memorial não está contemplado?

Duarte: Eu acho que não.

Entrevistador: O senhor não tem certeza.

Duarte: Eu tenho quase que certeza, porque se não já tinham me chamado para mexer nisso. Tenho quase certeza. Porque esse memorial não é um programa de governo, é um programa da Novacap, que contou com a benesse da governadora Abadia.

Entrevistador: Na época houve diálogos com a secretaria de cultura?

Duarte: Não sei.

Entrevistador: Mas o senhor teve algum diálogo com a secretaria de cultura?

Duarte: Não.

Entrevistador: Era um projeto independente. Completamente independente.

Duarte: É, independente. Era eu e a diretoria da Novacap

Entrevistador: Ok. Conhecer o projeto arquitetônico será fundamental para minha pesquisa, eu posso ter acesso a ele?

Duarte: Pode. Eu vou procurar isso e vou tirar uma cópia. Inclusive ele é todo colorido, não sei se a gente vai conseguir tirar uma cópia colorida.

Entrevistador: E as descrições, os módulos, cronologia...

Duarte: Não chegou nesse ponto, eu tenho as fotos guardadas, eu tenho em algum lugar lá, eu tenho a foto da primeira diretoria da Novacap, tenho a foto do Juscelino, mas são pequenas, teria que me arrumar alguém, que eu sei que tem condição hoje com a informática, pegar uma foto desse tamanho e ampliar e fazer uma de três metros de altura, nem que seja de duas etapas, para montar e colar na parede.

Entrevistador: Certo. Então, assim, os módulos não foram descritos um a um?

Duarte: Não. A única coisa que está descrita, vamos voltar aqui porque tem uma ideia, essa entrada aqui em que tem essa foto do Juscelino, tem a foto da primeira, tem uma parede aqui,

separando a entrada, tem uma foto Israel Pinheiro aqui, tem fotos aqui da primeira diretoria, dos projetos, tudo, isso aqui eu tenho, essas fotos seriam pregadas nessas paredes. E daqui para trás, eu não desenhei tudo, esse negócio na realidade, ele é assim. Então aqui é uma parede, aqui é outra parede, aqui é outra parede. E aqui também é parede. Então isso aqui tudo são os módulos. Eu não sei que tipo de foto vai pôr aqui e nem de que ano. Eu não sei se tem, eu sei que existe, mas não tenho. De repente, voltando ao Museu da Memória Viva, de repente nós podemos ir lá e fotografar aquela cantina de obra, aquele fogareiro, você tem na cabeça? Tem um...

Entrevistador: Sei, lá no Museu Vivo.

Duarte: Como se fosse um cara fazendo ali, esquentando uma marmita, tem o gabinete do Edson Porto, o gabinete médico, tal. Tem vestimentas. Então, de repente a gente fotografa aquilo e seria uma das primeiras fotos de Brasília. Tem muita revista, aquela Revista Brasília, o arquivo tem coleção, isso eu cheguei a conversar com o Walter Melo, que era um dos diretores do arquivo, amigo meu também, “Ô Walter, eu vou precisar de foto antiga [ininteligível] para ir pregando nessas paredes”. Foto de construção, visitas do Juscelino à obra. Tem várias fotos.

Entrevistador: E objetos? Previa a...

Duarte: Previa, porque aqui, olha, eu previ aqui no meio eu teria uns totens e umas mesas. E por exemplo, uma mesa com esse tamanho que teria de repente uma planta aberta do Palácio da Alvorada, uma planta baixa do Palácio da Alvorada. Ou um totem que você tem uns nichos e você coloca ali um exemplo... Tipo vitrine. Aqui no meio, você pode colocar o que? Um uniforme que era usado naquela época, ou um balde, aquele negócio, é construção, coisa desse tipo.

Entrevistador: Certo. Deixa ver se eu tenho mais uma questão aqui. Há um processo na Novacap arquivado, um processo arquivado na Novacap que eu possa solicitar para acompanhar isso ou está com o senhor essa documentação?

Duarte: Não, é um processo.

Entrevistador: Tem um processo?

Duarte: Tanto que liberou esse recurso, tem essas cópias grandes.

Entrevistador: Será que eu poderia acessar isso?

Duarte: Tem, tem condição de acessar.

Entrevistador: Ok. Qual o sentimento do senhor ao ver o projeto não finalizado? Como é que o senhor se sente?

Duarte: Do mesmo jeito.

Entrevistador: Não há frustração?

Duarte: Não há, porque é o seguinte, como eu falei no início, eu resolvi quando eu vi que estava fazendo o museu, eu resolvi, tava à toa, me deu esse estalo, aí eu fui para prancheta, comecei a riscar, levei uns dois a três dias, cheguei nesse estudo pequeno. Aí levei para o Clarindo. Só o fato da diretoria ter aprovado meu projeto e ter feito até ali, para mim eu já estou realizado. O meu projeto foi aceito, então eu profissionalmente me sinto realizado. Será muito bom se ver construído, mas isso aí é política, é economia, é cultura, é uma série de coisas.

Entrevistador: Ok, seu Luiz. O senhor teria alguma coisa... As minhas perguntas aqui do meu roteiro finalizaram. O senhor teria alguma coisa para falar para finalizar entrevista? Fica a vontade, tá?

Duarte: A única coisa que eu acho é que, ou a Novacap, ou qualquer outro lugar, que seja, que eu acho que inclusive é uma grande falha da secretaria de cultura, não estou aqui puxando o secretário, eu estou puxando a secretaria de modo geral.

Entrevistador: Qual é a falha?

Duarte: A falha que Brasília não tem um museu. Qual é o museu da construção de Brasília? Não tem. Não tem. Você chega a Petrópolis, você vai visitar o Museu Imperial, você vê as carruagens, você vê a coroa do Pedro I, você vê a cama onde a Teresa Cristina dormia, você vê uma série de coisas. Você vai à Quinta da Boa Vista, você tem um museu, você vê tudo. Você inclusive coisas do Egito, “ah, uma múmia”, você vê uma múmia, aqui...

Entrevistador: Então, na opinião do senhor, o Museu da Cidade, lá na Praça dos Três Poderes.

Duarte: Aquilo lá não tem nada da construção.

Entrevistador: Tem uns registros. Umas placas de mármore com registro. O Museu Vivo da Memória Candanga e o Catetinho não atendem a essa intenção do senhor?

Duarte: Uai, você acha que atende? Vamos por etapa. Esse da Praça dos Três Poderes, que é um negócio aqui que deve ser metade desse espaço que nós estamos. Eu conheço aqui lá, o que tem ali que lembre a construção de Brasília? Aquelas construções, aquelas estruturas, o marco do cruzamento, o Juscelino chegando, uma foto da primeira missa? Você conhece os projetos que participaram do concurso da cidade? Do projeto do Plano Piloto?

Entrevistador: Só conheço o do Lúcio.

Duarte: Pois é, ninguém conhece os outros. Tem mais quatro ou mais três, lembro, sei que tem. Não tem, não tem isso. Então é o que eu digo você não tem um museu. Você já viu em algum lugar a foto da primeira missa aqui em Brasília? A não ser em uma revista, em um negócio? Aí você chega no Museu da Memória Candanga vai ver o que? Como é que você vai explicar para o seu filho “olha, teve uma primeira missa, assim, assim, assim, o Juscelino quando chegou era tudo mato”, como é que seu filho, ou qualquer criança, ou qualquer cidadão vai conseguir imaginar aqui? Como? De uma fotozinha de uma revista que nem publicam mais. Então eu acho que Brasília não tem um museu, é carente nessa parte. Tem um arquivo. Mas não tem um museu. Você tem ideia de como é uma múmia? Você já viu uma múmia?

Entrevistador: Não, nunca vi.

Duarte: Pois é, mas se você for lá ao Museu Imperial na Quinta da Boa Vista, você vai ver uma múmia, então você tem ideia do que é uma múmia. Você tem ideia das carruagens que eram usadas aqui na época do Império?

Entrevistador: Lá em Petrópolis.

Duarte: Você vai a Petrópolis tem as carruagens, tem a coroa.

Entrevistador: Ou em Petrópolis ou no Museu Histórico Nacional também lá no Rio de Janeiro.

Duarte: Pois é, esse da Quinta da Boa Vista. Isso que eu falo, então, não tem. Brasília não tem. “Ah, porque isso aqui era tudo mato, o pessoal chegava cidade livre”. Você sabe o que era cidade livre antigamente? Os barracos de madeira, aquele pessoal chegando. Não tem. Tem na Memória Candanga lá muito pouquinho. Então é o que eu digo, é a única coisa que eu lamento, não pelo meu projeto, é que a cidade não tem um museu. Eu tenho recebido vários arquitetos estrangeiros aqui, francês, italiano, outro dia teve um alemão, argentino, os caras vêm isso aqui, vem ver, mas “como é que era?” “como é que construiu?”. Então, o que eu tenho feito? Eu tenho um filme, esse cd que todo mundo, que o arquivo tem, eu inclusive que dei para o arquivo, porque o arquivo não tinha, eu tenho isso de muitos anos atrás. Eu dou de presente para esses arquitetos. Então é um filme que aparece os caminhões chegando, aquelas jardineiras chegando, os caras andando a cavalo no Núcleo Bandeirante, tem outro cara sentado no sofá no meio da rua no Núcleo Bandeirante. Coisas desse tipo. Bem, então não tem um museu.

Entrevistador: O senhor acha que eu conseguiria uma entrevista com o atual presidente da Novacap?

Duarte: Olha, se eu pedir a ele...

Entrevistador: Porque no meu trabalho prevê uma... Seria bom eu saber dele, qual a opinião... Eu posso protocolar lá.

Duarte: Vamos tentar simplificar isso. [Nesse instante, LH liga para a secretária do presidente da Novacap e pede para que ele me receba].

Entrevistador: Seu Luiz, eu só tenho que agradecer a sua colaboração, talvez eu ainda precise conversar contigo, mas não creio que não vai ser gravado.

Duarte: Qualquer coisa você me liga. Não tem problema.

APÊNDICE B

Degração de Entrevista

Entrevistado: Luiz Henrique Freire Duarte (**Abreviação:** Duarte)

Entrevista 2

Entrevistador: Edvan Aquino de Queiroz

Local: Aeroporto Juscelino Kubitschek, Brasília/DF

Data: 26 de abril de 2013

Duração: 18 minutos e 35 segundos

Entrevistador: Hoje é dia 26 de abril de 2013. Eu sou Edvan Aquino de Queiroz e estou aqui com o arquiteto Luiz Henrique Freire Duarte, da Novacap. A gente vai continuar nossa conversa sobre o museu. Tudo tranquilo, Luiz?

Duarte: Tudo tranquilo sim.

Entrevistador: Luiz, o projeto do museu prevê sistema de controle e monitoramento ambiental? Sistema de controle e monitoramento ambiental: umidade, temperatura?

Duarte: Não, não foi pensado nisso. Pode até ter. Tem espaço, tem condições para isso, mas no momento não foi pensado.

Entrevistador: O projeto prevê sistema de segurança eletrônica ou humana?

Duarte: Não, porque ele está dentro de uma área da Novacap.

Entrevistador: Seria a segurança da Novacap?

Duarte: Da Novacap.

Entrevistador: O projeto prevê sistema de controle de combate a incêndios?

Duarte: Prevê.

Entrevistador: O projeto prevê medidas de acessibilidade ao edifício e à exposição para portadores de necessidades especiais?

Duarte: Prevê. Prevê porque isso é lei. Você não tira um alvará de construção, você não aprova um projeto sem isso.

Entrevistador: Mas, por exemplo, no caso do cego, a exposição poderia atendê-lo, poderia recebê-lo?

Duarte: Eu não sei. Porque eu não sei como é que um cego vai conseguir ver uma fotografia que foi tirada em 1950. Eu não sei. Eu não sei como é que a tecnologia está funcionando hoje com relação aos cegos, não tenho ideia.

Entrevistador: Então o projeto, nesse caso, não previu alternativa?

Duarte: Eu não sei nem como prever uma maneira de um cego ver uma fotografia de 1950.

Entrevistador: Certo.

Duarte: Eu não sei.

Entrevistador: Mas tem objetos também no museu.

Duarte: Não tem muito não. É mais fotografia, projetos, plantas.

Entrevistador: Projetos, croquis? Não é de objetos, digamos assim, tridimensionais.

Duarte: Não. Não é objetos tridimensionais é a história da construção de uma cidade. Então você não vai pegar um prédio para pôr ali, para ter três dimensões, você não vai pegar uma rua. É tudo foto. 99,9 por cento é foto.

Entrevistador: Certo. E aí você imagina uma dificuldade de se trabalhar isso...

Duarte: Eu não sei como é que faz.

Entrevistador: Ok.

Duarte: Se a tecnologia hoje estiver preparada para isso é questão de gastar mais ou menos dinheiro e atender aos cegos.

Entrevistador: Ok. O projeto prevê algum tipo de depósito? Na museologia chamamos de reserva técnica, que é o lugar onde ficam os acervos não expostos.

Duarte: Não. Não prevê porque isso aí, primeiro, que não tem muita coisa para ser mostrada. O que tem mesmo, como eu já falei, são fotos, certo? Muita foto, projetos, plantas, então se eu vou pegar uma planta do Palácio da Alvorada, é uma planta do Palácio da Alvorada. Quer dizer, esse museu vai ser montado desde a criação da Novacap até inauguração da cidade e alguma coisa para frente. E o próprio prédio vai ser ornamentado com fotos e escritos da época, como a fotografia dos projetos que participaram do concurso do plano piloto da cidade, a fotografia da reunião da primeira diretoria da Novacap. Teve um problema de estrutura que tinha um vão muito grande, a viga não dava para vencer, então o calculista me pediu uns pilares, em vez de eu colocar uns pilares eu coloque três, tortos, você vai ver isso na fachada, logo na entrada. Com um vão de dois metros e sessenta, três metros de altura, que vai ser impresso em vidro temperado, fotos da ponte JK que foi uma obra premiada executada pela Novacap. Então, até a ponte que é uma coisa de quarenta, cinquenta anos depois da inauguração da cidade vai estar presente no museu.

Entrevistador: Já que você está falando dessa questão temporal, já aproveito para.. eu já perguntei para você uma vez, você já me respondeu sobre a questão histórica. Você disse: remonta ao tempo do império a história de Brasília

Duarte: Cidade de Brasília remonta ao tempo do império. Tem alguma coisa sobre isso no museu.

Entrevistador: E o marco temporal final? Você falou da ponte, a ponte é de 2005, digamos que o marco temporal final é até onde houver fatos a serem narrados?

Duarte: No meu projeto existem duas ou três... Duas paredes daquelas que você vai ver na planta em que estão lá, eu separei por décadas. Se não me engano são oito ou nove paredes e eu separei por décadas. Então tem, se não me engano, duas paredes sobrando para medida que a Novacap for executando obra, como executou o Tribunal Superior Eleitoral, Superior Tribunal de Justiça. Tirar a foto e colocar lá.

Entrevistador: Ah, ok. Você se lembra da primeira década?

Duarte: A primeira década é a década de 60, que a Novacap foi criada em 56. É década de 50, quatro anos da década de 50.

Entrevistador: Mas a história de Brasília remonta ao império tem...

Duarte: Vai ter fotos, vão ter fotos dessa parte da missão Cruls, da época do império, José Bonifácio sugerindo o nome de Brasília para a capital.

Entrevistador: Você separou por década?

Duarte: Não, isso aí é logo na entrada.

Entrevistador: Ok. O projeto prevê algum espaço exclusivo para atividades educativas? Com crianças, com a comunidade?

Duarte: Não. A parte educativa para crianças, é o grupo de criança, é o motivo do meu projeto ser circular e apenas com única direção de fluxo. Se chegar um grupo de, por exemplo, 10, 15, 20 crianças, vão entrar, antes de entrar tem um pouco da história, de quem era Juscelino e tudo e a medida que for andando, você vai ver no projeto, que é circular, não tem como andar a não ser no sentido histórico da construção da cidade. Então crianças do primário vão andando, vão vendo, do seu lado direito vai ver a cidade e preto e branco, com mais mato, mais terra do que prédio, depois a quantidade de prédio igual à de terra, depois a cidade colorida com jardim, com as plantas, com os ipês amarelos e roxos e aí vai terminar a visita deles no auditório, que vão sentar e ver um filme da construção. E pode ser até um filme atualizado, de Brasília, atualizado e tudo. Então não tem um lugar para ter uma aula. Aquilo ali não é escola, aquilo é um museu, um memorial. Eu chamo mais de memorial do que um museu. É museu porque tem coisa velha, tudo que tem coisa velha é museu. Mas para mim, na minha leitura, é mais um memorial. Qualquer leigo vai andando e vai vendo como a cidade começou e entra no auditório e vê como a cidade está hoje. Então não é lugar de aula, é lugar de absorver conhecimento à medida que vai se andando dentro.

Entrevistador: O percurso é horário?

Duarte: Horário. Tudo certinho, horário. E pode ser... “Ah, amanhã eu vou de novo, porque eu quero ver a década de 70, a década de 80”.

Entrevistador: Fazer o anti-horário.

Duarte: Não, se quiser voltar pode voltar, mas eu digo, foi embora, voltou, pode ir no dia seguinte, vai duas, três vezes. “Ah, eu quero ir de novo, eu gostei”. Não tem gente que vai à Paris três, quatro vezes porque gosta? Vai lá de novo.

Entrevistador: Área administrativa?

Duarte: Administrativa é só alguém para tomar conta, porque...

Entrevistador: E a área para ele lá? Sala, o gabinete...

Duarte: Não tem. Não tem. Porque se não começava a ter espaço para muita coisa e como eu já falei aqui ele é dentro do terreno da Novacap. Então, vai ter um gerente, um administrador, subordinado a um chefe de departamento administrativo ou um diretor administrativo ou talvez até direto à presidência, que eu acho que uma coisa dessa tem que ficar ligada direto com a presidência. Então não tem diretor, o menos custo possível, menos burocracia possível.

Entrevistador: Banheiro?

Duarte: Banheiro tem. Banheiro tem.

Entrevistador: Feminino e masculino?

Duarte: É, tem.

Entrevistador: Portador de necessidades especiais?

Duarte: Tem, tem que ter.

Entrevistador: Lojinha?

Duarte: Lojinha não. Vai ter um balcão em que você se quiser comprar uma foto do Juscelino você compra. Se você quiser comprar um DVD do filme, uma cópia do DVD que você viu no auditório da construção da cidade, você chega no balcão, de um metro e meio, compra o filme e vai embora.

Entrevistador: Iluminação?

Duarte: A iluminação é uma iluminação normal de prédio normal.

Entrevistador: Lâmpadas? Que tipo de lâmpadas?

Duarte: Quando eu fiz o projeto era lâmpada comum, hoje nós temos a lâmpada LED que é até menos ofensiva ao papel do que...

Entrevistador: A comum que você fala é a fluorescente?

Duarte: Fluorescente ou incandescente. Agora tem a LED que tá cada vez melhorando no mercado a colocação de lâmpada LED.

Entrevistador: Você lembra exatamente qual que você prescreveu?

Duarte: Não. Não, porque ninguém ficou com isso.

Entrevistador: Mas podia ser...

Duarte: Porque marcamos apenas os pontos de luz, fizemos a tubulação. Deixamos a tubulação para passar a fiação e depois a lâmpada.

Entrevistador: Mas do seu ponto de vista poderia ser incandescente ou fluorescente?

Duarte: Não, é uma lâmpada específica para museus, que não dê muita influência de raios nas peças, nas plantas, no mapa, na fotografia.

Entrevistador: Certo. Por conta da questão da preservação, não é isso?

Duarte: Não é nem por conta... É para diminuir a despesa com preservação. Porque outra coisa que eu não falei, vou falar agora, tudo que vai para esse museu é cópia de alguma coisa que tem no arquivo. Então se eu tirar uma foto, por exemplo, se daqui há 5, 10 anos essa foto está amarelada, eu vou ao arquivo de novo, que tem a foto armazenada, com temperatura ambiente, eu tiro outra cópia e coloco lá.

Entrevistador: Então você está querendo sugerir que o memorial é um museu de baixo custo para Novacap?

Duarte: Não, não. Eu não estou querendo te dizer isso.

Entrevistador: Mas isso é verdade?

Duarte: Não. Não é isso não. O que eu quero dizer é o seguinte, quanto menos dinheiro se gastar com manutenção desse memorial é melhor para Novacap, é melhor para todo mundo. Em uma primeira entrevista nossa eu falei que Brasília não tinha um museu da construção, tem o arquivo, tudo lá muito bem arquivado, muito bem catalogado, você acha as coisas, são preservadas. Eu mesmo tinha uma foto da missão Cruls ainda, doei para o arquivo, o arquivo restaurou a foto, me deu uma cópia, eu tenho no meu escritório. Então é tudo muito bem conservado. Agora o que eu digo é o seguinte, você levar um grupo de criança para ir visitar o arquivo. Muito bom, vão aprender muito. Agora se você levar de crianças para rodar no sentido horário, como você falou, nessa galeria do museu, vendo as fotos, vendo a sequência da construção da cidade é muito melhor. Então se eu posso fazer isso com “x” reais, o que eu vou fazer com 10 “x” ou 20 “x”?

Entrevistador: Ok. Na sua opinião, que região é Brasília?

Duarte: É região centro-oeste.

Entrevistador: Não, não. A minha pergunta foi ruim demais. Dentro do Distrito Federal, o que corresponde à Brasília?

Duarte: O que é Brasília. Então vamos fazer o seguinte. Quando foi feito o concurso para o plano piloto de Brasília o Nauro Jorge Esteves recebeu a incumbência de Oscar para desenhar um lago, que um geólogo belga tinha estado aqui um pouco antes da missão Cruls e disse que há milhares de anos aquele local ali era para ter um lago. Tinha um lago. Teve um lago, melhor falando. Que se quiserem fechar essas comportas de novo ele tem certeza que aquilo ia encher e virar um lago. Então o Oscar pediu ao Nauro que delimita-se o que seria um lago em Brasília. E o Nauro pegou a planta topográfica da área do sítio Castanho, que foi o sítio que foi escolhido pela missão Cruls para ser o Distrito Federal e escolheu a cota mil. Então ele pegou em uma planta de topografia e foi acompanhando todas as curvas da cota mil, em uma planta de altimetria. Tanto que tem um clube que se chama Cota Mil por isso. Então definiu-se que o lago era cota mil, aí a barragem e tudo, tudo foi programado para que o lago enchesse a hora que chegasse na cota mil, como encheu. Então esse lago e a periferia do lago, foi a planta de situação do cerrado, vamos assim dizer, do planalto central, do Distrito Federal, fornecida aos arquitetos que participaram do concurso. E o concurso vencedor do Lúcio Costa que é o Célio Gavião, então o plano dele era aquilo ali, aquilo é Brasília.

Entrevistador: Lago norte é Brasília?

Duarte: É.

Entrevistador: Lago sul?

Duarte: É.

Entrevistador: Sudoeste é Brasília?

Duarte: Eu vou chegar lá. Então aquilo ali foi resolvido e vencedor o projeto do Lúcio com Brasília com uma península, aquela coisa toda, aquelas áreas agrícolas, aquela coisa toda. E com o desenrolar do tempo, foi feita a cidade, foi construída, aí começaram a utilizar o Lago Sul, a península dos ministros, que durante muito tempo foi moradia dos ministros. O Lago Norte e tudo. Aí Brasília foi tombada pela UNESCO como patrimônio cultural da humanidade. Vou responder agora sua pergunta, então a área tombada, Brasília, que é Brasília área tombada, vai da borda do lago todinha, da borda do lago, até a EPIA, no sentido leste oeste.

Entrevistador: E está registrado em algum documento?

Duarte: É o documento que está na UNESCO, a área tombada. É área tombada. E no sentido norte sul, é ali beirando a Granja do Torto até mais ou menos ali, incluindo a Candangolândia, Núcleo Bandeirante. Aquilo ali é área tombada. Agora, Lago Norte é Brasília, Lago Sul também é Brasília. Porque não está tombada, mas é Brasília. Tem gente que diz que Lago Norte não é Brasília, então que cidade é essa? É Taguatinga? Guará é Brasília, é um bairro de Brasília. Noroeste e Sudoeste também são Brasília. Noroeste e Sudoeste quando...

Entrevistador: Taguatinga é Brasília?

Duarte: Não. Taguatinga é uma cidade.

Entrevistador: Guará é?

Duarte: Guará na minha leitura também não.

Entrevistador: Guará não?

Duarte: Não. Guará está fora da área tombada.

Entrevistador: É porque você falou Guará é Brasília.

Duarte: Então eu erreí, eu quis falar cruzeiro.

Entrevistador: Ah, ta. Ok. Núcleo Bandeirante?

Duarte: Núcleo Bandeirante também não é Brasília. Candangolândia não é Brasília.

Entrevistador: Candangolândia também não?

Duarte: Não, não é Brasília. Aquilo é o que eles chamam de periferia, ou área, cidades satélites, ou Região administrativa.

Entrevistador: Cuidado com a hora viu Luiz.

Duarte: Tá. Mais alguma coisa?

Entrevistador: Têm várias.

Duarte: Então vai rápido.

Entrevistador: O que é Belacap?

Duarte: Belacap é o nome que davam ao Rio de Janeiro, que eu sei, na época. Chamaram Novacap, Nova Capital, Rio de Janeiro com inveja “Não, lá é Novacap, aqui é a Belacap, que é a Bela Capital”.

Entrevistador: Você tem que ir agora?

Duarte: Não, eu [ininteligível].

Entrevistador: Você pode ficar mais o que? Uns dez minutos?

Duarte: Pode. Cinco minutos.

Entrevistador: É possível delimitar dentro da exposição: Isso aqui é história de Brasília, isso aqui é história da Novacap?

Duarte: Não, você não consegue contar a história de Brasília sem contar a história da Novacap.

Entrevistador: As duas se confundem?

Duarte: Se confundem. Você não conta uma separada da outra, não tem jeito.

Entrevistador: Luiz, você é um pioneiro, conhece a fundo os pormenores de Brasília e da Novacap, o que você me diz sobre o episódio que ficou conhecido como o massacre da construtora Pacheco Fernandes Dantas

Duarte: Ah, não sei. Eu não vivi isso.

Entrevistador: Não tem conhecimento?

Duarte: Não. Eu sei de história, mas não vivi. Não vou falar nada sobre isso.

Entrevistador: Mais uma. Fato um pouco semelhante a esse, ocorreu em 1999 em frente aos portões da empresa, durante uma greve. Os trabalhadores chamam aquele episódio de “o massacre da Novacap”. A minha pergunta é: No seu projeto, há espaço para esses dois acontecimentos?

Duarte: Não. Isso aí é idiotice de sindicato.

Entrevistador: Luiz, muito obrigado. Boa viagem.

Duarte: Obrigado você. E obrigado pela carona.

Entrevistador: Ah, imagina! Depois a gente mantém mais contato. Abraço, boa viagem.

APÊNDICE C

Degração de Entrevista

Entrevistado: Nilson Martorelli (**Abreviação:** Martorelli)

Assessora de imprensa do entrevistado: Bruna Dias

Entrevistador: Edvan Aquino de Queiroz

Local: Sede da Novacap, gabinete do presidente.

Data: 23 de abril de 2013

Duração: 27 minutos

Entrevistador: Hoje é 23 de abril de 2013. Eu estou na Novacap, no gabinete do presidente, com o presidente, o senhor Nilson Martorelli, e a assessora de imprensa Bruna Dias. Presidente, eu gostaria que o senhor se apresentasse para gente começar nossa entrevista.

Martorelli: Bom, eu sou Nilson Martorelli, estou em Brasília desde 88, apenas, até poderia ter chegado antes, mas foi em 88. Ocupei alguns cargos em nível de Distrito Federal, mas aqui na Novacap é a segunda vez que aqui passo. Em 2009 como diretor administrativo financeiro, fiquei um ano e meio, até meados de 2010. E agora assumi a presidência, em junho de 2012. Estamos fazendo aí quase, vamos começar um ano, praticamente, oito meses, como presidente da empresa. Uma empresa que eu tenho um carinho muito grande, um respeito muito grande, porque aqui é onde tudo começou. Porque quando Juscelino teve aquela sua ideia e que muitos não acreditavam, perfeito, a primeira coisa que [ininteligível] foi com a criação da Novacap, onde, por acaso, a presidência do nosso saudoso Israel Pinheiro, perfeito? E que se começou toda a história de Brasília. Então quando Brasília começou, começou primeiro a Novacap. A Novacap, você deve ter através desse livro, já viu algumas fotos, que eram aquele descampado, aquela visão de Juscelino Kubistchek querendo cumprir a constituição, que previa realmente deslocamento da capital para o centro do país. E ninguém acreditava, foi um desafio muito grande, e Israel Pinheiro realmente mostrou sua garra, porque para dirigir a construção de Brasília nessa época não era fácil. Esse descampado não tinha nada. Para você ter uma noção eu já fui até diretor e fui presidente de uma antiga companhia que não existe mais em Brasília, que chamava SAB, Sociedade de Abastecimento de Brasília, lá naquela época quando iniciou-se a construção de Brasília, para você ter uma noção, até a comida, as verduras vinham tudo de avião, tudo vinha de avião para Brasília, então para chegar... E tudo era centralizado na Novacap. A Novacap tinha parte de administração, a Novacap tinha parte de polícia, tinha uma polícia na época. A CEB nasceu pela Novacap, a Terracap nasceu da Novacap, que em 73 foi separado, que se criou a Terracap, onde todo bem patrimonial dela, em termos terreno, praticamente todos os bens foram transferidos para a Terracap. Então, saiu a CAESB, foi criada a CAEB, a CEB, enfim, todas as empresas que hoje existem em Brasília, as mais antigas, de uma maneira ou de outra saíram da Novacap.

Entrevistador: A saúde e a segurança eram da Novacap?

Martorelli: Antigamente era tudo Novacap, tudo era centralizado, só tinha Novacap. Tudo era controlado aqui, tudo coisa nova, foi criando e foram se abrindo e criando as secretarias, as empresas. Então, Novacap originou, quando Israel chegou aqui em Brasília não tinha nada, tudo era Novacap. Novacap que providenciava o abastecimento da cidade em termos

alimento, tinha que providenciar a parte de transporte, tinha que providenciar a parte de saúde, tinha que providenciar a parte de contratação. Tudo, tudo foi [ininteligível]. Então Novacap tem uma história, a Novacap tem uma história e uma história que vem continuando ao longo desses anos. Onde ela participa de diversas obras, vamos citar algumas, por exemplo, bom, todas que tem em Brasília, as últimas mais recentes como a Ponte JK, como a Torre Digital. Como também agora o estádio.

Entrevistador: Mas hoje ela participa dessas grandes obras, não participa como construtora.

Martorelli: A Novacap ela não participa como construtora, mas ela participa como fiscalizadora e coordenadora dos projetos em si. Então ela que coordena, ela que fiscaliza, ela que conduz essas obras.

Entrevistador: Contrata também.

Martorelli: Contrata. Exatamente. Porque hoje em dia se você tivesse que ter a Novacap como construtora ela seria a maior construtora do Brasil. Porque para atender tudo isso é muita coisa, não tem como. Então quer dizer, a partir daí foi simplesmente hoje ela faz as contratações a partir de empresas privadas, mas toda a parte de direcionamento, estudo, as conduções são feitas dentro da Novacap. Fiscalização e tudo mais, e acompanhamento dessas obras. Então quer dizer a Novacap hoje não tem uma equipe de, por exemplo, para construir uma ponte, a Ponte JK, não teria condições, não tem condições e nem teria. É a mesma coisa com o museu, a mesma coisa com a torre digital.

Entrevistador: Mas as pequenas obras, como reformas em escolas, essas coisas.

Martorelli: Até isso, a Novacap hoje está em uma parte mais de fiscalização e acompanhamento.

Entrevistador: Mais gestão.

Martorelli: Gestão. Fiscalização e acompanhamento das obras em si. O que a Novacap tem algumas interferências, pequenas interferências, por exemplo, ela ainda faz algumas coisas em alguns pontos em alguma parte de manutenção de parte de jardim em alguns casos, perfeito? Não todo, a outra parte é terceirizado. Ela tem algumas coisas que ela faz, pequenas obras em não só aqui no Plano Piloto, mas nas cidades satélites, principalmente na área de drenagem pluvial, pavimentação. Mas tudo dentro de um limite, perfeito? Porque o corpo técnico e o corpo de funcionários da Novacap e também da parte de estrutura e de maquinário não são suficientes para tocar a demanda que existe em Brasília. Então hoje, por exemplo, nós estamos com um projeto agora saindo, está em fase final de licitação, que é toda a recuperação das vias daqui do Distrito Federal, que há muito tempo não se faz. Tinha simplesmente quando foram feitas e depois só aquelas medidas paliativas de tapa buraco, como a gente chama. Hoje nós estamos trabalhando com algumas recuperações mais efetivas, como aconteceu, por exemplo, na L4 sul, na W3 sul, na W3 norte e em outros lugares. Isso nós estamos, nós estamos... [telefone tocando] só um pouquinho. Nós estamos realmente... [telefone tocando]. Dá licença, por favor, vou só abaixar aqui...

Entrevistador: Fica a vontade.

Martorelli: Só abaixar. Daqui a pouco eu tenho reunião fora, é por isso que ele está me avisando aqui. Desculpa. Eu vou tirar o som aqui. Desculpe. Então, Brasília tem várias pequenas intervenções que nós ainda fazemos, a Novacap, perdão. Mas Novacap tem uma vantagem, apesar de ser uma empresa pública.

Entrevistador: Qual é a figura jurídica? Empresa pública...

Martorelli: Empresa pública de economia mista. Então, quer dizer, ela é composta, a maioria absoluta é o governo do Distrito Federal e outras empresas e o governo federal também tem...

Entrevistador: Não tem capital privado?

Martorelli: Não tem capital privado. Não tem capital privado. Então hoje, por exemplo, a Novacap é direcionada pelo Estado, perfeito? Agora toda a parte da política, por exemplo, de drenagem pluvial do Distrito Federal é feito pela Novacap. Ninguém faz, toda essa drenagem pluvial, toda a parte de planejamento e acompanhamento e execução e autorizações na parte de drenagem pluvial é feito pela Novacap. A pavimentação, no que tange as vias internas, as vias normais urbanas, são todas pela Novacap, quando entra nas DF já é o DER, que é uma outra empresa que saiu daqui também da Novacap. Então quer dizer, a Novacap tem um papel muito importante, pelo fato dela ser uma empresa de economia mista, sua composição, sua procuradoria jurídica própria, seu corpo técnico, ela é muito mais ágil do que o Estado para trabalhar. Eu uma vez conversando com algumas pessoas de outros estados, para criar, por exemplo, uma empresa tipo a Novacap, ela dá uma agilidade melhor ao governo de modo geral. Tem seu corpo técnico, é o mais qualificado para esse tipo de obra. Hoje, por exemplo, uma obra de educação, ela tem, a educação, por exemplo, tem um departamento de engenharia dela, mas chega em um ponto que ela não tem condições, ela recorre à Novacap. E assim por diante com a saúde e outras secretarias de modo geral. Então a Novacap realmente é um braço executivo, ela não é de planejamento, a Novacap, ela é vinculada a secretaria de obras, perfeito? Que é a responsável pela parte de planejamento e todas as diretrizes e a Novacap é, junto com o governo, é lógico, do Distrito Federal, a Novacap é um braço executor.

Entrevistador: Então eu imagino que a demanda, a demanda do serviço da Novacap é muito grande.

Martorelli: Muito grande. Hoje em dia a Novacap está em uma situação de carência de funcionários, porque há muito tempo não se faz um concurso e tem muitos funcionários que estão deixando a empresa e nós vamos agora, o governo, atualmente nos autorizou agora a promover um novo concurso público, perfeito? Onde nós vamos procurar cobrir as áreas principais que estão descobertas e que a Novacap atua. Mas a demanda cada dia cresce mais na Novacap, ela tem um papel muito importante. A Novacap, como eu te falei, todas essas obras que você já conhece, te falei das últimas porque são coisas que estão chamando atenção agora. Desde o museu, a biblioteca, a torre digital, a ponte JK.

Bruna Dias: Fora as reformas, cine Brasília...

Martorelli: É, cine Brasília, planetário que nós estamos tocando, o planetário, se Deus quiser, daqui uns dois meses volta a funcionar.

Bruna Dias: A própria Torre de TV também.

Martorelli: A Torre de TV também vamos fazer uma recuperação dela. Então a Novacap entra no processo em si, como também está sendo o estádio. O estádio também a Novacap participa direto. Começou por aqui, originado aqui toda a parte do processo de acompanhamento do projeto. Projeto, acompanhamento, fiscalização, é aqui. Foi criada uma diretoria, chama de Diretoria de Obras Especiais, exclusivamente para cuidar dessas, do estádio e lógico que algumas outras obras de grande de vulto.

Entrevistador: Existe alguma previsão para o memorial Athos Bulcão? Você sabe alguma coisa nesse sentido? Está caminhando?

Martorelli: O Athos Bulcão eu não...

Bruna Dias: O Athos Bulcão eu acho que é iniciativa privada, não?

Entrevistador: Eu não estou bem informado.

Martorelli: Eu tenho minha dúvida, mas acho que não.

Bruna Dias: Não, ou então está na secretária de cultura. Deve chegar para mim.

Martorelli: Deve chegar alguma coisa, no final acaba vindo para Novacap, mas não chegou ainda. Mas você falou do museu da [ininteligível]. Houve um projeto lá atrás, eu não sei a origem, não sei quando que teve isso, já faz uns anos aí atrás, onde o pessoal começou a falar “Vamos criar alguma coisa para fazer um histórico de tudo que a Novacap tem”, inclusive tem uma obra que chegou a começar, mas parou, por alguns problemas aí, vamos dizer, técnicos. O terreno aqui da Novacap é muito grande, perfeito? Então a ideia nossa ali era colocar a maquete do estádio, maquete da Torre Digital, colocar... Fazer um museu, fazer uma história realmente.

Bruna Dias: As antigas máquinas...

Martorelli: É, as antigas máquinas realmente. A história de Brasília realmente.

Entrevistador: Seria a história de Brasília e da Novacap?

Martorelli: A história de Brasília é a Novacap, risos. Não tem o que discutir, história de Brasília é a Novacap e a história da Novacap é a de Brasília. Novacap acompanha, construiu, evoluiu e está fazendo Brasília. Então, quer dizer, construindo e evoluindo Brasília.

Entrevistador: Então o marco temporal seria até o presente, de 1956 até...

Martorelli: A ideia realmente acabou não vingando.

Bruna Dias: A organização das cidades, das Regiões Administrativas, quando nasceu Samambaia.

Martorelli: Tudo isso começou a origem pela Novacap na parte de urbanização. Hoje nós temos aqui, por exemplo, não sei se você conhece um departamento que chama Departamento

de Parque e Jardim. Foi muito conhecido, famoso até na época por um ex-chefe da época do DPJ que se chamava Ozanan, que é uma pessoa muito conceituada na parte de jardim.

Bruna Dias: É um paisagista.

Martorelli: É. Um paisagista. Então toda essa parte de paisagismo, esses balões, essas flores, essas árvores, tudo sai dos viveiros da Novacap. A Novacap tem dois viveiros importantíssimos, um aqui no Núcleo Bandeirante e outro ali no SAN, Setor de Oficinas Norte.

Bruna Dias: Valeria a pena você conhecer depois. É lindo.

Martorelli: Vale a pena você conhecer, são lindos. Não tem, não conheço um estado que tenha um...

Entrevistador: Não tem precedentes no Brasil.

Martorelli: Que tenha um viveiro com o que nós temos. É realmente muito bonito, onde trabalha jovens também aprendizes, trabalha nisso também.

Bruna Dias: Portadores de necessidades especiais.

Martorelli: Então é uma coisa que valeria. Essa parte de jardim, você sabe que Brasília é uma das maiores cidades do mundo em termos de área verde por habitantes, perfeito? Eu tinha esse número, infelizmente eu não estou me lembrando de cabeça.

Bruna Dias: Eu tenho, eu tenho.

Martorelli: A Bruna tem isso aí, ela pode te arrumar. Então quer dizer, esse departamento de parque e jardim nosso, que há muito tempo já foi até reivindicado uma diretoria especial, uma diretoria de parque e jardim. Teve gente que já quis tirar esse departamento de parque e jardim para criar uma secretaria de... Um algum outro tipo.

Bruna Dias: A Belacap, não foi?

Martorelli: É. Para fazer uma de parques e jardins, porque é uma área muito importante. Toda essa área de grama, as árvores, os canteiros, essas flores, essa ornamentação, vamos dizer assim, de Brasília como um todo, a cidade bonita, sai do viveiro da Novacap, sai do viveiro da Novacap. Tem muita gente que vem, direto, pedir coisa, comprar muda, às vezes.

Bruna Dias: Muda, semente.

Entrevistador: E a Novacap vende?

Martorelli: Nós estamos agora montando um sistema, que a Novacap não tem na sua parte legal para poder arrecadar, nós estamos criando isso agora.

Entrevistador: Empresa pública, comercializar...

Martorelli: É, comercializar não tem. Nós recebemos... normalmente tudo é feito por aqui, então nós não vendemos ainda. Tem lugares, vem gente de Curitiba, tudo quanto é lugar doido para comprar uma coisa. Nós fazemos às vezes convênios de cooperação, fazemos convênio com a Embrapa também.

Entrevistador: A visitação ao viveiro é intensa?

Martorelli: Eu acho intensa. Isso aí depois a Bruna, quando você sair, você acompanha a Bruna, porque eu tenho uma reunião. Ela programa com você, com o Rômulo, ele conhece. O Rômulo conhece muito bem, é o chefe de Departamento do Parque e Jardim. Levar ele para conhecer. Fala com o Rômulo ir com ele conhecer o viveiro 1, viveiro 2. E o Rômulo pode te dar tudo que é feito nesses viveiros, é uma coisa muito interessante.

Entrevistador: Isso é bom para registrar no meu trabalho.

Martorelli: No seu trabalho e vai ser muito importante. Porque toda essa parte que Brasília é considerada essa cidade verde, como eles chamam, é originário desse departamento de parque e jardim. Ele é muito importante, vai ser de grande valia aí para o seu trabalho, para sua monografia.

Entrevistador: Eu agradeço.

Martorelli: Eu acho até, tendo em vista essa onda de ambiental de um modo geral, ela é um braço forte hoje. E ela mobiliza grande parte da Novacap. Mobilizado na área de parques e jardins.

Bruna Dias: [ininteligível] lixo verde, canteiro, poda de árvore, a gente leva tudo para o viveiro dois, é aproveitado e transformado em adubo.

Martorelli: Ele vai conhecer, é um ciclo. Transforma em adubo, às vezes a gente recebe coisas dos parques nacionais.

Bruna Dias: Não sei se você já reparou nos pontos de encontros comunitários, de ginástica ao ar livre, a Novacap faz também, tem uns banquinhos todo feitos de madeira...

Martorelli: Feito aqui, com madeira da poda...

Martorelli: Então, eu vou ser sincero com você, vai ser... Eu acho que valeria a pena.

Entrevistador: Vai ser uma experiência.

Martorelli: E seria interessante, com todo respeito, seria uma coisa diferente para sua monografia. Um apelo muito importante, seria uma coisa inédita. Vale a pena você ir lá. Eu garanto que ele teria um peso muito maior até que suas obras de um modo geral. Porque é muito importante que desenvolve a diretoria de Parque e Jardim.

Entrevistador: Está registrado aqui.

Martorelli: A Bruna vai lhe encaminhar...

Entrevistador: Eu vou visitar e vou estudar uma forma...

Martorelli: Ele vai ser mais forte que o resto, risos. Vai ser diferente.

Entrevistador: De trabalhar isso.

Martorelli: Eu não tenho aqui, eu levei ontem para o embaixador da Itália, do presidente, que eu tinha, aquele das áreas verdes do cerrado.

Bruna Dias: Eu acho que eu tenho. Se eu não tiver o DPJ tem.

Martorelli: Aliás, você pede para mim. Eu vou precisar depois, tá? Então, Edvan, então é isso. A Novacap tem história, ela tem história não só na parte, desculpa, na expressão, não é que é fria, mas na parte de expressão do concreto e tal, frieza de obra em geral, mas ela tem a parte também humana dos seus jardins, das convivências, do seu centro de convivência e ela participa diretamente, como a Bruna citou agora pouco, sobre esses PECs, esses pontos de encontro comunitários, que são essas ginásticas, que hoje em dia a saúde está em voga. Então...

Bruna Dias: Mais de 180.

Martorelli: 180, para você ver. Nós temos aí, por exemplo, esses técnicos eles são todos, tem a parte de grama, tem os banquinhos que são desenvolvidos, o paisagismo, então tudo isso a Novacap participa diretamente. A Novacap, lógico, ela que coordena e contrata toda essa parte de instalação técnica, com suas bases, seus aparelhos de um modo geral. Então, a Novacap hoje, pode dizer que a participação dela é muito grande no Distrito Federal. Ela só não participa nessas coisas que essas outras empresas já têm, saíram da Novacap, não quer dizer que não fica na parte de iluminação, de modo geral. Mas na parte de energia, parte água e esgoto, que é CAESB, a CEB, parte de energia. Mas o que tange o global de obras de uma maneira ou de outra acaba passando pela Novacap.

Entrevistador: Ok. É... Presidente, o horário é com o senhor, eu não sei como está o horário do senhor.

Martorelli: Dez horas eu tenho lá...

Entrevistador: Então, deixa eu dar uma aceleradinha aqui. Quantos funcionários ativos?

Martorelli: Hoje nós temos cerca de dois mil, posso dar aproximado? 2150.

Entrevistador: E inativo, o senhor sabe? Se não souber, depois eu procuro.

Martorelli: Inativo eu não sei dizer agora não. Aqui já teve um PDV...

Entrevistador: Não, depois eu procuro o número.

Martorelli: Hoje o volume nosso é esse. Sendo que a Novacap hoje se ela fosse atingir 100% do que ela precisa, da demanda que ela tem, 100%, que é lógico que não tem como, chegaria a quase 50% a mais que isso.

Entrevistador: Ok.

Martorelli: Mas esse é o mais importante.

Entrevistador: Ok. Deixa eu fazer umas perguntas aqui, acho que de resposta rápida, há previsão da retomada da obra do Memorial da Construção de Brasília Novacap?

Martorelli: Infelizmente não temos previsão ainda. É uma coisa que nós temos agora, toda a nossa dedicação, nossa parte, está na realização da Copa das Confederações e da Copa do Mundo.

Entrevistador: Pois é, o acelera DF, foi lançado em março último, não prevê a retomada da obra? Dentre tantas obras, um bilhão e novecentos milhões... O museu não está contemplado?

Martorelli: Não, o museu é uma coisa interna da Novacap. É uma coisa pela Novacap que nós estamos desenvolvendo, não está na programação, não vou mentir para você.

Entrevistador: Tudo bem.

Martorelli: Existe já uma ideia, é lógico que a Diretoria de Obras Especiais tocou nesse assunto comigo, nós pretendemos agora com o alívio, com a entrega do estádio, nós vamos dar uma aliviada e vamos começar a retomar essas coisas, mas eu não sei te fazer uma previsão disso.

Entrevistador: Ok. Que personagens e fato da construção de Brasília, na sua opinião, presidente, da história da Novacap, que não podem ficar fora do Memorial, que merecem destaque no Memorial?

Martorelli: Bom, risos. Lúcio Costa...

Bruna Dias: Oscar, que foi funcionário da Novacap.

Martorelli: Oscar, funcionário da Novacap, e Israel Pinheiro, não podemos deixar de... Primeiro presidente da Novacap, enfim, aqueles personagens que de uma maneira ou de outra não tem seu nome nacional, mas tiveram grandes participações em Brasília. Por exemplo, o paisagista Burle Marx, nós temos senhor Ozanan funcionário da empresa durante muitos anos. Foi gerente, foi chefe do Departamento de Parques e Jardins, que grandes contribuições deram.

Entrevistador: Eu acho que cheguei a ler reportagem sobre ele.

Martorelli: Lá no passado, é, por exemplo, os jardins, essas coisas de Brasília eram referências mundiais. Vinham pessoas de fora, de outros países, para conhecer realmente isso, como eu estava contando. Ozanan que poderia viabilizar também para você conversar, ele vive aqui. É um senhor muito especial, é uma figura importantíssima. Então quer dizer, e outras pessoas que passaram pela Novacap e pelo governo, que de uma maneira ou de outra contribuíram para Brasília. Mas nós temos que citar realmente essas figuras históricas.

Entrevistador: E fato da história da Novacap? Algum fato da história da Novacap que o senhor acredita que isso também teria que estar retratado de alguma forma.

Martorelli: Olha, eu acho que o fato dessas obras grandiosas, principalmente a... Passada a construção de Brasília que realmente é o mais importante, todo o complexo do Distrito Federal, e cito essas obras mesmo, como a Ponte JK, o estádio nacional vai ficar para história, o museu, como a biblioteca, a torre digital. Todas essas obras elas vão ficar marcadas. De um jeito ou de outro, todas essas obras que estão compondo o complexo de Brasília idealizado por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, eles vão fazer parte da história, não só de Brasília, mas da Novacap, porque todas elas a Novacap teve participação direta, e todas as que vierem a surgir complementar também vão ter a participação da Novacap.

Entrevistador: Ok. A Novacap está utilizando ou pretende utilizar o prédio do Memorial para outra finalidade?

Martorelli: Bom, a princípio não. Você está falando desse prédio que chegou a se fazer? A ideia ainda é usar exatamente para a finalidade de museu em si. Essa é nossa ideia.

Entrevistador: Enquanto ele não for concluído ele não vai ser utilizado para outros fins?

Martorelli: Não, a princípio não. E porque existe uma série de coisas que envolvem esse terreno que a Novacap está. É um terreno que ele sofreu, está sofrendo ou sofreu algumas alterações no, como é que chama?

Bruna Dias: Destinação?

Martorelli: Destinação.

Entrevistador: Você sabe o tamanho da área? É grande?

Martorelli: É grande, é grande. São quantos mil metros?

Entrevistador: Eu posso conseguir isso.

Martorelli: Você desculpa.

Entrevistador: Não, imagina!

Martorelli: Mas é monstruoso e o que acontece? Se você observar aqui do lado direito já está surgindo prédios residenciais atrás, do lado do shopping e tudo, então essa parte mobiliária, a pressão é grande. Mas a Novacap tem rotas de “fuga” muito importantes. São os próprios viveiros. Viveiro dois, por exemplo, você vai conhecer, é um lugar maravilhoso, fica ali atrás do noroeste, do SAN, o lugar é maravilhoso. Mas isso tudo que eu estou falando são especulações. A Novacap fica aqui e a história dela fica aqui. Entendeu? Então quer dizer, nós temos essa parte toda que vai ser definida, eu acredito que tem muitas coisas da Novacap que vão ser definidas nos próximos dois anos, entendeu? Do posicionamento dela. Mas o museu é uma coisa que os próprios funcionários da casa, hoje nós temos, para você vê, a Novacap é uma das poucas empresas que nós temos um, dois, três, quatro diretores que são funcionários da casa. Nós somos 5 diretorias e a presidência, quatro são diretores da casa.

Entrevistador: Isso não é muito comum nas empresas públicas.

Martorelli: Nós somos cinco diretorias e a presidência, quatro são da casa.

Bruna Dias: E são apaixonados.

Martorelli: São apaixonadas e querem. A nossa própria diretora de obras especiais, está cuidando do estádio, ela é uma grande defensora, porque ela quer levar, principalmente deixar isso registrado, porque toda a parte do estádio ela começou aqui dentro da Novacap. E é um marco. Apesar das diversas críticas que existem, nós estamos achando que será um grande marco, uma nova etapa para Brasília, porque vai criar realmente, no nosso entender, uma reviravolta na economia e na visão do mundo em relação a Brasília. Acho que se você for nos Estados Unidos, por exemplo, não tem um americano que não tem qualquer, que acha que não, qualquer oportunidade que ele tenha de conhecer Washington, a capital do país. Aqui no Brasil tem muita gente que não conhece Brasília. Mas você fala, “pô, mas...”, mas não, eu não estou falando de classe D não, classe B, C que não conhece, até A. Tem muita gente de São Paulo e do Rio que nunca veio à Brasília. Você vai ao Sul, também nunca veio à Brasília. Tem condições? Tem. Mas o que acontece? Faltam criar Brasília uma cultura e atrativo da Brasília como capital do país e como capital que todos os brasileiros devem conhecer. E essa é uma das metas desse governo e que com certeza a Novacap estará contribuindo.

Entrevistador: Ok. Para finalizar. O Memorial é Memorial da Construção de Brasília/Novacap, mas na visão do senhor a narrativa também contemplaria também as Regiões Administrativas?

Martorelli: Na nossa visão nós queremos contemplar tudo aquilo que envolve de grandes, grandes não, de obras importantes e de grande impacto dentro do Distrito Federal como um todo, perfeito? Essa é a ideia.

Entrevistador: Presidente Nilson Martorelli, muito obrigado. Obrigado pela receptividade, obrigado pela oportunidade, obrigado pelo presente, eu ganhei aqui Novacap 50 por Brasília. Agradecer também aqui à Bruna. Bruna, obrigado. Ok? Aqui eu encerro a nossa entrevista.

[...]

APÊNDICE D

Degração de Entrevista

Entrevistado: Gilson Marques de Souza (**Abreviação:** Souza)

Entrevistador: Edvan Aquino de Queiroz

Local: Sede da ASCAP, Novacap

Data: 23 de abril de 2013

Duração: 15 minutos e 13 segundos

Entrevistador: Bom, hoje é dia 23 de abril de 2013. Eu, Edvan Aquino de Queiroz, estou aqui na ASCAP, Associação de Servidores da Novacap, e vou conversar com o seu presidente, Gilson Marques de Souza. Gilson, você poderia se apresentar?

Souza: Bom dia, Edvan, meu nome é Gilson Souza, sou presidente da Associação ASCAP, também sou dirigente sindical, secretário de imprensa do Sindicato dos Servidores Públicos do GDF. Sou servidor da Novacap há 15 anos. Estamos aí, para o que precisar.

Entrevistador: Como eu lhe disse, o meu trabalho é um estudo de caso que é o Memorial da Construção de Brasília, museu da Novacap, que está inacabado. Eu gostaria de saber se ASCAP, representando os trabalhadores da Novacap, participou de alguma forma da elaboração do projeto do memorial.

Souza: Participar diretamente da elaboração, não. Mas sempre foi uma reivindicação nossa, da Associação, que tivesse um museu aqui dentro da Novacap para colocar as peças antigas, igual você falou no início. Não sei se tu reparou, na entrada da Novacap, tem um trator lá que é de 30, 40 anos, colocar fotos de funcionários antigos aqui também, dos presidentes que passaram. A gente sempre teve essa reivindicação de montar um museu para contar a história, porque a empresa fundadora de todas as empresas públicas do GDF, todas as empresas do GDF, polícia, bombeiro, tudo saiu de dentro da Novacap. Ela foi a primeira empresa pública em Brasília.

Entrevistador: Certo. Mas da proposta que foi elaborada para esse Memorial, vocês não participaram?

Souza: Não participamos.

Entrevistador: Vocês conhecem o projeto? Chegaram a ter acesso ao projeto?

Souza: Já, eu já tive acesso ao projeto. Agora participar diretamente não.

Entrevistador: Certo. A ASCAP tem interesse que o Memorial seja concluído?

Souza: Temos sim interesse que seja construído, para mostrar a história da Novacap, porque a história de Brasília envolve a Novacap. Para estudante, para jovens, para filho dos pioneiros é importante mostrar essa história que inicia Brasília, é importante sim para o próprio Distrito Federal.

Entrevistador: Que personagens da história da construção de Brasília e da história da Novacap merecem destaque no memorial.

Souza: Na história de Brasília quem merece destaque é Juscelino, porque ele trouxe a Novacap era no Rio de Janeiro, ele teve audácia e trouxe a Novacap à Brasília. Agora merecia um espaço também dentro do memorial, eu coloco o próprio sindicato, por quê? Porque travamos várias lutas aqui, questões salariais, para concurso, último concurso que teve aqui 96. Questão do massacre...

Entrevistador: 96?

Souza: Último concurso da Novacap foi 96. Travamos lutas aqui, houve um massacre na Novacap, que eu acho também que tinha que está também nesse Memorial da Novacap e eu tenho certeza de que eles não vão colocar.

Entrevistador: O que é exatamente o massacre?

Souza: Fizemos uma greve em 99, uma das maiores greves, mais importantes que teve aqui na Novacap. O governo do Distrito Federal na época chamou a polícia. Veio o BOPE, deixou 73 feridos, baleado, dois cegos e um morto aqui. Lá na frente da Novacap, na saída tu vai ver, tem uma pedra lá, tem as fotos do pessoal. Mas na entrada da Novacap nós colocamos lá, ela virou a Praça José Ferreira da Silva, que foi um companheiro que faleceu em frente, foi baleado.

Entrevistador: Então você acha que esse fato merece destaque?

Souza: Merece e a gente tem certeza que não vai ser colocado no museu.

Entrevistador: Vocês acreditam que a Novacap não mencionará isso na sua narrativa?

Souza: Não mencionará. Olha, tem esse livro aqui, vou te passar, não sei se tu tem esse livro...

Entrevistador: Olha, é o seguinte, eu ganhei esse livro da Novacap...

Souza: Tu ganhou.

Entrevistador: Se você quiser me dar esse livro eu posso levar e sorteá-lo, eu me comprometo a sortear entre os estudantes de Museologia da UnB.

Souza: Então é seu. Aqui, esse livro aqui, um dos ex-dirigente sindical, um dos fundadores aqui da Associação, o Zé, da Associação e do sindicato, ele participou, ele também é historiador, ele participou da elaboração. Ele tentou colocar várias histórias do movimento sindical, da própria fundação da Associação, da época da ditadura, mas não aceitaram colocar nesse livro, por isso que a gente acha...

Entrevistador: Mas esse livro menciona, mesmo que de forma sucinta, o acontecimento aqui, durante a greve em 99. Você acredita que essa menção só existe em função da participação do colega de vocês no livro?

Souza: Sim. Sim.

Entrevistador: Você acredita que se o colega de vocês não estivesse participado, isso não teria sido mencionado?

Souza: Não teria. Porque teve outros fatos de história de conquista que não colocaram aqui. Não citaram nome de dirigentes sindicais, que teve grande importância, dentro do processo aqui da Novacap. Igual eu te falei, concurso público, compra de equipamentos, plano de saúde, conquista aqui para os próprios servidores, não está citado aqui dentro desse livro. E ele só está citado porque ele também fez parte, porque também não estaria. É o José Alberto.

Entrevistador: Certo. Você conhecia os trabalhadores que...

Souza: Conhecia. Inclusive, um dos que ficaram cegos, dois ficaram cego, um deles era justamente diretor do sindicato, que ficou cego de um olho.

Entrevistador: Estão aposentados? Ou não?

Souza: Não, continuam trabalhando.

Entrevistador: Foram...

Souza: Reabilitado. E o que faleceu a gente também conhecia ele, José Ferreira.

Entrevistador: Na época você era muito novo na Novacap.

Souza: Tinha um ano e pouco.

Entrevistador: Então você é do último concurso?

Souza: Do último, e o que faleceu também era do último concurso. O que faleceu era do último concurso.

Entrevistador: Gilson, o prédio do Memorial, está sendo utilizado para outra finalidade?

Souza: O prédio, o que é interessante que a estrutura... Não sei se tu tirou foto lá da estrutura.

Entrevistador: Ainda não.

Souza: A estrutura lá foi feita pelas próprias mãos dos próprios trabalhadores da Novacap. A Novacap hoje tem estrutura para fazer um prédio daquele, tem estrutura daquela base toda no concreto armado, foi a Novacap que fez, iniciou os trabalhadores da Novacap, não foi terceirizado, não foi nada. Fizeram todo o esqueleto e abandonaram. Hoje lá virou um ponto de drogas, o pessoal chama como *Castelo de Grayskull*, que é um ponto de droga, fumador de crack.

Entrevistador: Sériio?

Souza: Sériio. Fumador de crack, virou um ponto de droga.

Entrevistador: Descobriram esse prédio tão longe? Tão distante?

Souza: Ponto de droga e aí o próprio clube agora, eles estão fazendo, que foi essa semana agora, eles estão querendo montar, você vai tirar foto lá, você vai ver um *paint ball*. Está usando como um *paint ball*, vai começar a usar como *paint ball*. Que não é a finalidade que os trabalhadores da Novacap queriam. Queriam um museu para trazer os filhos, igual eu falei, os próprios filhos dos pioneiros. Eu sou filho de Brasília, eu tenho 36, moro aqui em Brasília os 36 anos, meu pai veio para cá também novo. Todo mundo quer ver a história de Brasília e aqui tem um arquivo público, mas muito... Não é um museu. O arquivo público não é um museu. Tem foto... Interessante até para o crescimento dos nossos filhos.

Entrevistador: Ok. E caso o museu seja finalizado, com a proposta da empresa, com a narrativa da empresa, porque como você falou vocês não participaram da elaboração do projeto expositivo, você tem ideia de fazer reivindicação para que a pauta de vocês seja inserida na narrativa do museu?

Souza: Tem sim. Igual nossa a nossa data-base de acordo coletivo inicia agora em agosto, a gente pode trabalhar na forma que os próprios trabalhadores, eles procuram, querem. Aí, assim, a dúvida nossa aqui, do próprio sindicato, da própria Associação, porque eles estão construindo prédios, igual aqui no SOF, nessa área os grandes empresários na área imobiliária, eles estão querendo construir aqui na Novacap condomínios de luxo.

Entrevistador: Dentro da Novacap?

Souza: Dentro. Que é mudar a destinação de área pelo próprio PDOT, tentaram mudar, nós batemos em cima para não mudar, mas está parado por enquanto. Tu pode ver que ali no SOF, atrás do Carrefour já começou a construir uns prédios.

Entrevistador: Mas são áreas vendidas pela Terracap, não são?

Souza: São. Estão querendo mudar a destinação de área do Setor de Oficina, mudar a destinação aqui da Novacap para urbanização. Aí eles vendem aos grandes empresários, aí ... já é meu entendimento: por isso que não há tão interesse para o governo construir um museu ali, porque a Novacap sai, o clube sai, vai ficar só um museu no meio dos condomínio de luxo? Meu entendimento é esse. Por isso que não há interesse, da empresa, não é nem do governo, é da empresa. Se a empresa, a direção da Novacap tivessem mesmo interesse e [...], ela construía. Que mão de obra tem, que é nossa. Material tem, é a Novacap.

Entrevistador: História...

Souza: História tem, é o que mais tem.

Entrevistador: E essa questão que você falou dessa mudança de destinação de área, isso é lei?

GM: Eles tentaram passar pelo PDOT, na época do governo Arruda, aí nós mobilizamos e conseguimos tirar, só que ainda tem esse processo.

Entrevistador: De quem era esse processo? Do executivo?

Souza: Do legislativo. Mas esses são os grandes empresários. Na época o próprio Paulo Octávio era o vice, tinha interesse.

Entrevistador: Essa área é grande, você sabe qual o tamanho dessa área?

Souza: Não sei.

Entrevistador: Depois eu confirmo.

Souza: Essa área é enorme. A ideia que já teve aqui é de vender essa área, que também era interessante tu também ver também dois viveiros. Que é o viveiro lá ao lado da Água Mineral e outro viveiro no Núcleo Bandeirante. Aí é tirar o pessoal daqui, passa lá para o centro empresarial que estão construindo lá em Taguatinga, centro empresarial... Centro administrativo. E colocar a sede administrativa lá e o operacional dos dois viveiros e vender essa área.

Entrevistador: Cogita-se isso então?

Souza: Cogita-se. Por quê? Aqui é a área nobre.

Entrevistador: Área nobre.

Souza: Tu vê, lá onde ficam os índios, ali no Noroeste, estão construindo. Se tu tiver um tempo, tu passa aqui no Carrefour, aqui no próprio SOF, que é Setor de Oficina já está tendo prédios, já estão vendendo e construindo prédios. Prédio de um milhão, dois milhões. O interesse é vir para cá, porque aqui cabe o condomínio de luxo.

Entrevistador: Gilson, da minha parte estou absolutamente contemplado, você teria mais alguma coisa que você gostaria de falar a respeito da ASCAP, a respeito do museu?

Souza: É, aqui a respeito que... Tu vai apresentar...

Entrevistador: Minha monografia.

Souza: Sua monografia na faculdade, na UnB o máximo que der para tu divulgar que os trabalhadores da Novacap, direção da associação, do próprio sindicato, a gente tem interesse de ter esse museu da Novacap, para contar a história, história de Brasília, história da primeira empresa pública do GDF. Aí assim, quanto mais divulgar melhor, tem interesse sim que seja divulgado e no que precisar estamos às ordens aí.

Entrevistador: Ok. Gilson só tenho a agradecer, muito obrigado pela oportunidade, obrigado pela receptividade, obrigado pelo livro que eu vou sortear entre os alunos da museologia e não tenham dúvidas de que vocês estão sendo fundamentais para realização do meu trabalho. Muito obrigado.

APÊNDICE E

Degração de Entrevista

Entrevistada: Luíza Helena Bezerra Cruz (**Abreviação:** Cruz)

Entrevistador: Edvan Aquino de Queiroz

Local: Residência da entrevistada, Asa Sul, Brasília/DF

Data: 20 de maio de 2013

Duração: 1 hora e 14 minutos

Entrevistador: Bem, hoje é dia 20 de maio de 2013, estou aqui na casa da Luíza Helena, servidora aposentada da Novacap. Brasília, Asa Sul. E a gente vai conversar sobre a questão da Novacap referente ao meu trabalho de conclusão de curso. Luíza, você falou para eu chamar de Luíza...

Cruz: Lógico. Pode ficar à vontade.

Entrevistador: Gostaria que você se apresentasse primeiro para...

Cruz: Bom, eu sou como você falou, sou aposentada da Novacap, já estou aposentada há quatro anos. E durante as minhas atividades eu exerci a função lá na Novacap, o cargo, aliás, de relações públicas, porque eu sou formada em comunicação. Cheguei a chefiar a assessoria de comunicação social da Novacap por duas vezes e durante 36 anos de trabalho eu passei 34 dentro da assessoria de comunicação. E as minhas atividades foram sempre, desde o início, divulgar essa empresa, construtora pioneira de Brasília, tão, assim, esquecida e tão valiosa para a história do Distrito Federal

Entrevistador: Ok, ok. A senhora alcançou esse objetivo? Alcançou em parte?

Cruz: Em parte. Eu me orgulho porque eu deixei implantando algumas atividades. Atividades, essas que a gente sabe que isso depende muito de quem está dirigindo a empresa, então nós temos dirigentes sensíveis, tem outros, a sensibilidade à flor da pele em se tratando da história que é a história de Brasília. E a gente se confunde, Brasília e Novacap, a gente não pode falar da história de Brasília sem falar da Novacap. E muito menos falar da Novacap sem falar de Brasília, porque ela foi construída para isso. Eu cheguei a fazer algumas coisas lá, eu deixei implantado, tá? Não sei se continuam ainda, mas...

Entrevistador: Ok, mas ainda dá tempo.

Cruz: Ah, sim.

Entrevistador: Eu gostaria que a senhora contextualizasse a comissão que foi instituída para elaborar o livro Memorial da empresa e que daí, ou antes disso, não sei, a senhora que vai dizer, surgiu a ideia de se construir o Memorial da Construção de Brasília Novacap. A senhora poderia contextualizar essa ideia? De onde ela surgiu, como ela se formou e até onde ela foi.

Cruz: Bom, é o seguinte, na realidade a comissão não foi formada para um objetivo só. Nós criamos, foi criada uma comissão, uma instrução assinada pelo presidente da Novacap na época, em 2005, criando esta comissão que foram funcionários de várias... Das cinco diretorias, incluindo a presidência. A presidência e quatro diretorias. Então nós tínhamos representantes das cinco diretorias da empresa e a nossa primeira reunião com essa grande comissão, tá? Nós fomos conversar, ouvir, o que cada membro dessa comissão gostaria de comemorar os 50 anos da Novacap. Porque ela foi montada um ano e meio antes da Novacap completar 50 anos, que foi 2006, e nós ali tiramos várias ideias dessa comissão. E dividimos, nós dividimos por área, e fosse tornado subgrupos dentro dessa própria comissão. E de lá nós extraímos quatro... Aliás, inúmeras sugestões, tá? Mas das sugestões que, vamos dizer, que nós conseguimos aprovar para executar foram quatro. Primeiro a redação de um livro contando a história e trajetória da Novacap, Novacap 50 anos, tá? Novacap com essa idade ainda não tinha nenhuma filosofia sobre a história dela, então nós montamos. O outro foi a reimpressão da revista Brasília. O livro nós conseguimos concluir, tá? Nós lançamos o livro, temos esse livro aqui. E a reimpressão da Revista Brasília foi o segundo evento programado. Não sei se você conhece a revista Brasília

Entrevistador: Conheço, conheço.

Cruz: Foi uma revista da Novacap lançada em 58, primeiro... 57 o primeiro número dela e ela foi até meados de 60. Onde ela fazia um relato até pela própria criação da Novacap, sua lei de criação, exigia...

Entrevistador: Que determinava publicidade...

Cruz: Que determinava essa publicidade. E a outra, o terceiro, era a criação do memorial. Que a gente também não chamou de museu, que não seria mais, até porque nós não tínhamos mais as peças que a gente gostaria de ter para levar o nome de museu. Porque quando você fala em museu, você se lembra da primeira cadeira, do primeiro trator, no caso seria da Novacap, primeiro equipamento de cortar grama, enfim... Então seriam essas peças que chama museu, então a gente preferiu titular de memória, que nós iríamos montar esse espaço contando também a história da empresa.

Entrevistador: Só um aparte, onde está isso que a senhora acabou de citar? Esse primeiro...

Cruz: Então, exatamente que não tinha mais. A gente não encontrou porque não houve esse cuidado por parte dos primeiros dirigentes de ir reservando, separando, acomodando em algum lugar para que no futuro a gente pudesse ter.

Entrevistador: Foram leiloados...

Cruz: Exatamente, o que eu ia falar, por isso que a gente não intitulou museu, a gente intitulou memória, porque a gente se sentia na obrigação... Museu, não tinha uma peça de museu lá, nada, nada, nada. Quer dizer, nada também maneira de falar, mas a gente encontrou alguma coisa. E o quarto item dessa grande comissão de obras, foi um levantamento de todas as obras construídas da Novacap, desde 1956 na sua criação até 2005, ou 2006 mesmo, seus 50 anos. Bom, desses quatro que eu citei para você apenas o que concretizou mesmo foi a redação do livro. A reimpressão da revista Brasília nós andamos bastante, fomos quase perto dessa reimpressão, faltou muito pouco. A gente teve que pedir recursos pela Lei Rouanet, tá? Chegamos a pedir, tivemos aquela autorização que a própria lei da para gente. O número,

título e tudo. E aí nós não chegamos ao final de captar o valor. O valor total nós não conseguimos. O terceiro, a criação do memorial, que é o que você está tendo mais interesse nesse momento de informação, ficou da seguinte maneira: A gente comentou na época que todo memorial, todo museu, quando se vai montar, vai criar, você faz aquele projeto. O que se vai fazer, quais são as informações que nós vamos levar. Mas nós tivemos na Novacap nessa época o presidente, que era um pioneiro, um diretor também pioneiro, ex-professor de edificações da UnB, que ele tomou essa, vamos dizer, esse assunto como se fosse um filho, uma coisa que estava nascendo dele. Então, hoje a gente lamenta essa situação, porque o difícil hoje em dia é achar espaço para se colocar a memória, para se montar a memória. E naquela época não, a própria Novacap já foi fazendo um projeto, chamamos alguns arquitetos, convidamos, aqueles que se apresentaram mostraram seus projetos, foi escolhido um e esse projeto foi executado pelos próprios funcionários da Novacap, pelo próprio custeio da Novacap. Então a Novacap não precisou terceirizar, como faz com a maioria das obras.

Entrevistador: E os projetos...

Cruz: Nós escolhemos um espaço dentro da área da Novacap, que é a área de lazer dos funcionários, que fica ao lado da área administrativa da empresa, nós escolhemos esse local, o projeto ficou belíssimo e então foi montado toda a infraestrutura desse projeto, foi levantada essas paredes. Quando nós estávamos...

Entrevistador: Isso em?

Cruz: Isso foi em 2006... É 2006. Começou daí. Teve o lançamento da pedra fundamental.

Entrevistador: Foi logo em seguida ao lançamento que começou a obra?

Cruz: Sim. Em 2005.

Entrevistador: O lançamento da pedra foi em 2006.

Cruz: O lançamento da pedra, eu tenho aqui a data para te dar.

Entrevistador: Eu lembro que foi a governadora Maria de Lourdes Abadia, porque o governador tinha se licenciado para concorrer ao Senado. Então ela que ficou no governo.

Cruz: Isso. Exatamente, exatamente. Então o que eu tenho para te dizer, exatamente isso, você já está, já tem essa informação. Então a comissão como eu te falei... Eu gostaria de abrir um parênteses, quando nós extraímos esses quatro eventos que seriam marcantes para os 50 anos da Novacap, aquela grande comissão, que foi, vamos dizer assim, a comissão de ideias, ela se dissolveu. Então de dentro dessa comissão grande foi que nós montamos uma pequena comissão, para escrever os livros.

Entrevistador: Uma executiva? Digamos uma comissão executiva.

Cruz: É, uma comissão executiva, formada por funcionários da Novacap, lógico. Com formação acadêmica em história, em sociologia, relações públicas, biblioteconomia e um engenheiro pioneiro historiador, tá? Então foram essas pessoas que escreveu, vamos dizer assim, o livro. Que fez todo o levantamento. Então, nós partimos para correr atrás das informações, entrevistar, entrevistamos pioneiro, visitamos todos os órgãos do Distrito

Federal. Muitos deles saídos da Novacap, vieram ser departamentos CEB, CAESB, a própria Telebrasília, que hoje é a Oi. Então nós fomos também correr atrás, porque a Novacap terminou a história dela sendo dissolvida, criando ramificações, então nós tivemos que visitar essas dela. Então esse grupo ficou exclusivamente para fazer a história e não sei se seria o mesmo grupo, mas acredito que sim, ou talvez a gente convidasse outras pessoas, para gente fazer o projeto do memorial. Mas a ideia do Memorial também foi para o papel. Como eu falei para você, todos eles foram. O único que nós conseguimos executar foi exatamente o livro. Então, como nós estávamos falando, ganhou o projeto do arquiteto Luiz Henrique.

Entrevistador: Como é que foi o concurso?

Cruz: É, a gente divulgou, houve uma divulgação nos murais da empresa convidando os arquitetos que quisessem participar de um concurso para...

Entrevistador: Os arquitetos da própria empresa?

Cruz: Os arquitetos da própria empresa.

Entrevistador: Quantos...

Cruz: Olha, foram apenas 3 que participaram. Então, o Luiz Henrique que era inclusive diretor de edificações da Novacap dessa época. Então, nós nos reunimos com o Luiz Henrique. Era exatamente para sedimentar a ideia quanto à disposição do espaço. Então, nós sentamos com ele várias vezes, eu à frente. Tenho um colega também que lutou muito comigo durante esse período que eu trabalhei na Novacap na área de comunicação, eu tive um grande companheiro, que era o Antonio Carlos Machado, o Toninho. Então, nós dois éramos formados em comunicação, então nós dois tínhamos, juntamente, nós dois tínhamos ideias muito boas para esse memorial. Então nós sentamos com o Luiz Henrique e passamos para ele o que nós queríamos mostrar. A pedra fundamental, como você falou, da construção do memorial, ela foi lançada em 16 de julho de 2006. Pela então governadora Maria Abadia. Na presença de pioneiros e empregados da Novacap. Foi sugerida pela coordenação da comissão a construção de um grupo gestor para idealizar e criar o memorial. Então a diretoria colegiada da Novacap autorizou a construção da primeira etapa do prédio, que foi a fundação e a estrutura.

Entrevistador: Deixa eu ver se eu captei alguma coisa aqui. Quando houve o lançamento da pedra, acho que eu fui displicente aqui, quando houve o lançamento da pedra fundamental pela governadora, o projeto arquitetônico já estava pronto?

Cruz: Não. Quando houve... Não, ainda não. Foi lançado a pedra fundamental, que foi o local, aonde nós... “Aonde nós vamos fazer”. Pronto. Então foi o primeiro trabalho, vai ser ali. Qual o tamanho desse terreno, pá, pá, pá, daí que partiu. Já se sabia que era o Luiz Henrique, ele já tava... Nós apresentamos, já foi apresentado a ele. Então o que aconteceu? A diretoria colegiada da Novacap autorizou a construção da primeira etapa, como eu te falei, a fundação e a estrutura, localizada dentro do CENACAP, que é o nosso clube de lazer. O custeio, como eu falei, o material em si foi doação, tá? Foi doado pela iniciativa privada. E erguida a execução pelos próprios empregados da Novacap, empregados esses, dessa diretoria que nós temos lá, chamada diretoria de edificações. Então, agora, devido à mudança de governo, o que aconteceu? Quando foi em 2009, 2008 teve eleição, não é isso? Já no final de 2006 com essa mudança de governo, que já tinha sido eleito novo governo, foi informada à Novacap, chegou

essa informação informalmente, teve um comunicado de que o desejo do governo era mudar a destinação do espaço da Novacap. Espaço físico da Novacap para Taguatinga. Dá para você parar?

Entrevistador: Dá. Eu acho que quando eu falei para senhora que em 2006 a vice-governadora tinha assumido o governo porque o governador tinha concorrido, eu me equivoquei... Não, não. Está certo, porque a eleição foi em...

Cruz: A eleição foi em 2008.

Entrevistador: Não, foi não Dona...

Cruz: 2008.

Entrevistador: 2006 foi a eleição. Sete, oito, nove e dez. O mandato seria de 2007 a 2010. Está gravando. Tem problema não.

Cruz: Sete, oito, nove, dez.

Entrevistador: Dez entrou o governador que vai sair em 2014. Então a eleição foi em 2006.

Cruz: 14, 13, 12, 11. Dez, nove, oito, sete.

Entrevistador: Sete, seis.

Cruz: É.

Entrevistador: A eleição foi em 2006.

Cruz: Bom, aqui...

Entrevistador: Tá certo. Está corretíssimo em 2006...

Cruz: Sim, mas nós temos o nosso controle aqui, que foi em 2009 que informalmente chegou essa informação para nós. Que comunicou o desejo do governador de mudar a destinação do espaço físico da Novacap. Com isso paralisou, a obra que já estava bem adiantada do memorial paralisou. Até concretizar esse assunto. Aí o que aconteceu? Aconteceu que em 2008, em novembro de dois mil, aliás, em 2008, em abril de 2008 ainda em construção o memorial nós tivemos uma saída, vamos dizer assim, uma demissão, aquela demissão que você chama o funcionário e pede para ele sair... Demissão voluntária. Nós tivemos uma demissão voluntária proposta pelo próprio governo do qual saiu mais de 300 profissionais da Novacap. Foi um PDV. Saíram mais de 300 funcionários, entre engenheiros, arquitetos, advogados, pessoal de nível superior antigo com mais de 30 anos de casa, outros com 40 anos. Então, nesse momento, com a saída eu também entrei nesse grupo e me afastei da Novacap em função disso. Mas quando eu já saí de lá nós já estávamos com essa obra paralisada em função de uma defi... Faltava uma definição oficial por parte do governo. E aí não foi para frente. Mais tarde, um ano ou dois anos, que eu não estou lembrada, assumiu o novo presidente da Novacap e ele teve interesse de qualquer maneira, ele provocou um contato com o secretário de cultura na época, para ver se a gente conseguia levar essa ideia do memorial para frente. Até pelo menos ir vendo um outro local, já que o governo estava tão

mesmo decidido a mudar e aí pronto, não acompanhei mais, não estive mais lá, eu estou com mais de ano que não piso lá.

Entrevistador: Foi exatamente em que mês que a senhora saiu?

Cruz: Eu saí, o nosso PDV foi em novembro de 2008.

Entrevistador: As obras já estavam paralisadas?

Cruz: É, já tava paralisada. E aí eu saí oficialmente mesmo, eu assinei toda a minha papelada, continuei trabalhando inclusive durante quatro meses voluntária mesmo, concluindo, fazendo relatórios, que eu não quis deixar a coordenação sem antes apresentar um relatório, então eu ainda trabalhei uns três, quatro meses depois como voluntária. E de lá para cá eu só tive um contato, dois anos depois, que foi com a gestão que acendeu neles a ideia de continuar, de voltar a se falar de memorial. Então é como eu falei para você, nós chegamos a reunir, a conversar, o que nós vamos colocar nesse memorial, nós já tínhamos tudo isso na cabeça. O projeto mesmo, todo, não chegou a ser a ir para o papel.

Entrevistador: Não está registrado.

Cruz: Não está registrado. Mas, por exemplo, se a gente sentar e for colocar, a minha memória está muito viva.

Entrevistador: Se eu perguntar para senhora, a senhora vai me dizer. Por exemplo, se a senhora pudesse definir o objetivo do memorial, qual seria o objetivo?

Cruz: Olha, eu até botei aqui uma nota quando eu fiz o relatório, eu coloquei assim: “Fica portanto registrado a importância e a necessidade do Memorial da Novacap da história de Brasília. Visto que a atual geração já carece dessa história impar do nosso país. Não só o Memorial, mas os outros projetos aqui citados, se fundem na convicção de uma identidade histórica, esculpida entre Brasília e a Novacap, empresa que se encobriu de dar concretude ao arrojo ou arrojado projeto urbanístico da cidade”. Então a gente... Você... Hoje você fala, ninguém sabe o que é a Novacap, ninguém sabe o valor dela, ninguém sabe o por quem que ela foi criada, foi por Juscelino, para que, qual é a finalidade, por que ela ainda existe até hoje. Então, tem pioneiros e pioneiras com seus 80, 90 anos ainda vivos, a gente, a nossa preocupação era essa, correr atrás deles, para conversarmos. Agora, nós temos aí o arquivo público do Distrito Federal que a Novacap, por meio de decreto na década de 80, ela passou toda a documentação dela oficial para o arquivo público. Porque a criação do arquivo público é para contar a história do Distrito Federal, nela está inclusa a da Novacap. Então todo aquele material que hoje, ou que seria, se o memorial tivesse construído, a gente teria aonde montar aquele material todo, mas só em termos de documentação. Em termos de peças, como eu falei para você, o primeiro trator, nada disso se teve o cuidado. Ia ficando velho, ia se vendendo, as mesas... O escritório, nós conseguimos montar um escritório que caracterizava o início de Brasília, o início, ou o escritório que caracterizava a década de 50 da Novacap na hora que a gente foi fazer um, vamos dizer assim, fomos leiloar, foi um leilão de peças antigas que nós recebemos uma visita do Museu da Memória Viva Candanga, não sei se você conhece?

Entrevistador: Certo. Conheço.

Cruz: Museu Vivo da Memória Candanga sabendo disso, quer dizer, o museu trabalha para aquilo, o arquivo público também, para história, então eles têm a sensibilidade da história. E acompanhava, exatamente por decreto do governador, eles acompanhavam muito a história da Novacap, tanto o museu quanto o próprio arquivo público acompanha a história da empresa até hoje. Porque ela está aí, viva, ela não morreu. A empresa continua. Então nós conseguimos montar, nós que eu falo, porque eu fiz parte desse projeto, fui eu que recebi...

Entrevistador: A senhora lembra o ano?

Cruz: Ah... Não lembro. Foi eu quem recebi a equipe do Museu Vivo da Memória Candanga, que é instalado lá no Núcleo Bandeirante. E fomos, pegamos a lista do material que já estava, fizemos uma, marquei uma entrevista com o presidente, com a diretoria, sensibilizamos disso, dessa história. Então nós temos, se você for lá você vai encontrar o escritório que era aquelas mesas, eram mesas, cadeiras, estantes, todas de ferro. Tem um nomezinho que se chamava, que eu não estou lembrando. Então, nós temos. Isso era para gente ter guardado também para nossa memória, não foi guardado. Eu sei que, quando eu entrei na Novacap, que foi em 74, já existia o arquivo histórico da empresa, nós temos uma seção, que hoje já não leva esse nome mais, seção de documentação que ela foi criada como arquivo histórico da empresa. Então, quando eu cheguei lá nós tínhamos um funcionário, que ele tava lutando, lutando mesmo para montar já um arquivo. Não era nem museu, nem memorial, ele queria um arquivo com tudo sobre o assunto da história da empresa. Então nós tivemos pessoas sensíveis a esse tipo de projeto, mas infelizmente, eu lamento bastante, e é com muita emoção que eu falo sobre isso. Porque eu gostaria muito, muito, de ter contribuído, de ter chegado à execução desse trabalho, mas ficou uma semente, semente essa que, para mim, eu estou muito feliz com a sua presença. Não sei até que ponto posso lhe ajudar, não sei. Mas estou aberta para ajudar no que for preciso.

Entrevistador: A senhora já está me ajudando. Que fatos a senhora acredita que não podem ficar fora da exposição do memorial? Não podem ficar fora do memorial.

Cruz: Olha, a própria construção da cidade, gente. Todos, a grande maioria dos prédios públicos, de alguns conjuntos residenciais, a Novacap que construiu. A própria cidade. Não tem como. Os pioneiros que hoje, daqui a pouco, não vamos tê-los mais conosco. Esses, não podemos deixar de fora isso. Esse verde que hoje ela ainda cuida muito bem, o verde da Novacap, esse plantio de árvores, de flores, não pode ser esquecido da história da cidade que é a Novacap que executa. É um trabalho maravilhoso feito na Novacap. Nós temos dois viveiros. Nós, você vê que eu ainda falo nós. Mas a Novacap tem dois viveiros, um de plantas ornamentais e outro de árvores. Então é um outro trabalho que a gente não pode deixar de fora. E aí eu teria que realmente... Você me pegou de surpresa, eu não me preparei aí para receber você, mas a própria construção, a edificação e a parte viária, as vias públicas. As vias públicas, a parte de infraestrutura, de galeria de águas pluviais, que ainda hoje a Novacap executa, o que ela executou também a parte de eletricidade, que hoje é comandada pela CAESB que é um departamento.

Entrevistador: A CEB?

Cruz: Aliás, a CEB. E a parte de águas também, que hoje é a CAESB.

Entrevistador: Era DAE?

Cruz: DAE. E tem a Terracap que também era uma divisão. E que também não podia nunca, essa não podia nunca ter saído da Novacap.

Entrevistador: Até a segurança pública...

Cruz: Segurança pública. Tudo iniciou lá. Porque ela foi o próprio governo do Distrito Federal durante a construção, durante o período da construção. De 56, da chegada dela aqui em setembro de 56, até a inauguração, ela foi o próprio governo do Distrito Federal, não podemos deixar de falar isso.

Entrevistador: Tudo que ocorreu...

Cruz: Tudo que ocorreu era o presidente da Novacap que mandava.

Entrevistador: Era responsabilidade ...

Cruz: Dele. Da Novacap, do presidente da empresa. E mesmo assim, Brasília inaugurada, já com seu primeiro prefeito, com suas secretarias criadas, muitas dela, como eu te falei, saíram da própria Novacap. Os departamentos dela saíram de dentro da estrutura física dela e foi se incorporar à estrutura física do governo do Distrito Federal. E ainda por muitos anos mesmo tendo prefeito ele não fazia nada sem consultar a Novacap. Sem chamar o presidente da Novacap. Ele foi durante muitos anos ainda participativo de dentro do próprio governo do Distrito Federal para tudo, tudo. Não era só para construção civil como eu acabei de dizer para você, a parte viária não. Porque nós temos... Agora hoje ainda funciona lá na Novacap o que ficou. Ela ficou uma empresa urbanizadora, construtora e urbanizadora. Ela já não constrói tanto os prédios públicos que antigamente era só ela que construía, hoje não. Hoje as próprias instituições já podem fazer suas licitações, tá? Mas ela ainda tem um número muito grande de construção de edificações públicas. A parte viária continua toda com ela, asfalto, áreas pluviais e a parte de urbanização. Parques e jardins todo ainda continua com ela.

Entrevistador: A senhora falou dos fatos. E vou fazer a mesma pergunta agora por personagens. Que personagens dessa história que são imprescindíveis, digamos assim, nessa narrativa?

Cruz: Da cidade? Da Novacap? Como é?

Entrevistador: Se hoje a senhora estivesse concluindo memorial. Que personagens seriam imprescindíveis?

Cruz: Ah, eu acho que a primeira diretoria da empresa. Porque realmente foram homens que deixaram suas famílias, deixaram seus ideais, inclusive o próprio presidente da Novacap que era um deputado federal, deixou sua terra natal para vir para cá. Eu acho que essa equipe, esses primeiros diretores, esses primeiros, vamos dizer assim, funcionários, trabalhadores, empregados, o que for, que era chamado na época são imprescindíveis, não pode... Agora, são inúmeros, termina-se fazendo injustiça. Porque se fala muito de alguns. É igual quando se fala de Brasília, “ah, o pessoal só fala no arquiteto Niemeyer” e quando o Lúcio Costa morreu que foi, na realidade, ver a importância do Lúcio Costa. Porque o traçado urbanístico é dele. O Niemeyer com os prédios. E o que projetou Brasília lá fora não foi só os prédios do Niemeyer, foi o traçado urbanístico diferente, porque não existe uma cidade diferente, tá? Então eu acho assim que teria que ter realmente uma memória para gente fazer justiça a muitos que ficaram

sem ser citados por aí. Agora hoje, hoje, vamos dizer assim, de uns 20 anos para cá, a gente já tem uma história montada um pouquinho ali, um pouquinho acolá entendeu? Olha, a própria CEB mesmo, a CEB, não sei, isso em 2006 quando nós começamos a mexer com a história da Novacap, lá dentro do espaço da CEB que era ali na 500, na 704, eu acho que não tem mais nada dela lá. Enfim, lá tinha sala que eles chamavam de memória. Então, lá estava a cadeira do primeiro presidente da Novacap estava lá. Entendeu? Então tinham peças que foram da Novacap, mas como era um departamento que foi para lá, levou. E estava lá incluída, a cadeira dele lá montada, e outras pequenas peças assim. A CAESB também tem alguma coisa que foi da Novacap, foi levado para lá. A gente poderia, como eu dizia muito isso lá para os diretores, que a gente tinha que conversar, sentar, chamar os dirigentes e envolvê-los na ideia única, na memória da empresa da qual foi...

Entrevistador: O memorial pode desenvolver algum trabalho junto à comunidade, no sentido de melhorar as condições de vida da comunidade, de contribuir para o desenvolvimento social?

Cruz: Ah, sim. Lógico. Perfeitamente. Eu tive uma época na Novacap em que eu recebia estudantes. Que nós da comunicação social, era eu e Toninho, nós dois recebíamos os estudantes de várias escolas do Distrito Federal, principalmente das satélites, para conhecer a história da Novacap. Então eles chegavam lá e nós não tínhamos nem material para dar para esse pessoal. Então, à medida que eles iam conhecendo a história, isso foi muito importante, para dar valor. Primeiro a própria construção de Brasília. Porque, não sei se você sabe, nós temos estudantes, muitos estudantes, muitos adultos nascidos aqui nas cidades satélites que não conhecem o Plano Piloto. Porque a história de Brasília é o Plano Piloto. Então nós temos adultos que vieram conhecer Brasília quando começaram a trabalhar. Que tiveram que vir trabalhar aqui no Plano Piloto, não conhecia. Então, eu acho que a memória de uma cidade é muito importante. Principalmente uma cidade nova que é a nossa. Você vê aí na Europa os milhões e milhões de anos está lá, a história lá contada. “Ah, porque se fosse no Brasil isso não existia.” Não existia mesmo, porque ninguém... “Derruba, não tem efeito. Essa construção para quê? Ah vamos fazer uma moderna, derruba, joga em baixo e faz uma moderna.” Porque não tem... Eu acho que precisa... nós estamos precisando exatamente disso, de dirigentes conscientes, sensíveis a essa história. Uma história linda. Porque, olha, eu vou te falar, o que veio de estrangeiro visitar a construção de Brasília! Isso nós temos, a Novacap tem registrada na revista Brasília. As pessoas, naquela época, as autoridades da época, as pessoas importantes do mundo todo visitando. Por quê? Porque estava se fazendo uma cidade diferente, não existia outra em lugar nenhum. Então isso chama atenção. Então que tem importância para comunidade, para sociedade, tem muita importância, eu acho.

Entrevistador: A importância seria no caso de mostrar a história da...

Cruz: Não, a história e dizer o porquê, qual é a importância por ser uma cidade diferente. Porque todas as outras cidades são iguais, Brasília não. Ela é traçada por setores, ela tem um formato diferente. Ela tem formato. As outras cidades não têm, vai sendo construída e tal.

Entrevistador: Em relação aos alunos, o memorial então teria uma função educativa, não é isso?

Cruz: Totalmente educativa. Nós chegamos a fazer lá na Novacap, quando a Novacap fez 25 anos nós fizemos um filme, tá? A empresa contratou um cinegrafista pioneiro na época, formou-se uma comissão, montou-se uma comissão, fez todo um roteiro do... Eles chamavam

filme, hoje é um... Depois passou para VT, hoje é um DVD, hoje é um... Enfim, mas era filme mesmo, 16 mm, aquele rolo grande assim que tem que ter para, um maquinário próprio para poder projetar essas imagens. Para você vê a dificuldade que nós tivemos depois de colocar isso em uma fita cassete, a tecnologia avançou muito. Então, nós temos isso e aos poucos quando ela completou 25 anos nós fomos montando uma pequena história dentro da própria empresa. Então a gente já não passava tanta vergonha quando os alunos chegavam. Então nós temos lá, quando eu saí, deixamos na assessoria quatro tipos de exposição da Novacap. Então, mostrando a parte da construção da cidade, os edifícios em construção, uma outra mostrando ela como todo urbanização, edificação junta. A outra somente de flores, a outra de árvores. Então, nós temos material para mostrar, que não tínhamos, então foi feito esse filme, foi feito essas exposições e depois aonde colocar? Não tínhamos onde guardar essas exposições, quadros e mais quadros, importantíssimos, não tínhamos nem local mais para guardar, tá?

Entrevistador: Onde está?

Cruz: Pois é. Eu fiquei sabendo que uma delas já foi até distribuída para botar nas salas dos funcionários. Quer dizer, já não estão mais preservando o trabalho deixado. Mas deixamos lá. Agora o que está sendo feito não sei. Então, nós chegamos a um momento que nós tivemos governos que realmente interessados na história, nós participávamos anualmente de exposições conjuntas, partidas isso do próprio governo do Distrito Federal. Então ia a Novacap e mostrava a sua história, ia a CAESB e mostrava seu trabalho, ia a CEB e o seu também. Nós reuníamos as empresas do Distrito Federal e visitamos muitas cidades satélites e fomos para encontros anuais em um determinado local onde a comunidade visitava. E isso era importante, a gente sentia nas pessoas a satisfação e na maioria das vezes deparávamos com muitas pessoas, muitos pioneiros, os, vamos dizer assim, não é nem esquecidos...

Entrevistador: Anônimos?

LH: Os anônimos mesmo, exato. Entendeu? E a felicidade era um retorno maravilhoso para nós que estávamos ali à frente. Então, durante esse período que eu fiquei à frente da comunicação desenvolvemos esse trabalho maravilhoso de levar à comunidade essa história bonita. E fomos também para shopping, fora colégio, shopping e outros locais. Divulgando. Então é importante, é importante.

Entrevistador: Já que a senhora falou nas cidades satélites que hoje são regiões administrativas, vou fazer uma pergunta: O nome é Memorial da Construção de Brasília/Novacap, entram as regiões administrativas nessa?

Cruz: Também.

Entrevistador: Entram também?

Cruz: Entram. Entram sim. No nosso livro, você já teve a oportunidade de conhecer?

Entrevistador: Já sim. O livro cita algumas, porque são muitas.

Cruz: É. Algumas. É porque na verdade é o seguinte, até a criação da Ceilândia foi a Novacap que fez tudo, tudo, tudo, tudo.

Entrevistador: 1970 e alguma coisa.

Cruz: 1971. De lá para cá o próprio GDF assumindo cada vez mais, então ela passou a ser apenas a executora daquilo ali. Mas antes saía tudo de lá, projeto de criação de cidade, toda despesa, toda, todo um projeto completo da criação da cidade saía de lá.

Entrevistador: Hoje você tem a Secretaria de Habitação.

Cruz: Exatamente. Entendeu? Então era ela que distribuía lote, a Novacap que fez a distribuição dos primeiros lotes. Que vendia os terrenos, que fez a distribuição, que naquela época teve um decreto do presidente república para doação de lotes, tudo ela fazia tudo.

Entrevistador: Gama, Taguatinga, Ceilândia.

Cruz: Gama, Taguatinga, Ceilândia. Sobradinho. Tudo foi ela mesma que assumiu tudo. Tudo, tudo. Desde o projeto à criação da cidade.

Entrevistador: Então isso também é história, essas cidades também fazem parte da narrativa do memorial?

Cruz: Sim.

Entrevistador: Não se restringe ao Plano Piloto?

Cruz: Não. De jeito nenhum. Não se restringe ao Plano Piloto, não se restringe não. Tanto que as nossas exposições todas foram assim. Lógico que quando a gente iniciou a gente focava no Plano Piloto porque era o Plano Piloto que foi divulgado. Foi o Plano Piloto que fez a diferença da cidade para as demais, mas na hora que você começa a contar a história mesmo dentro das suas áreas, suas determinadas áreas, elas participam de tudo. Você olhando ali, lógico que nós não temos, se a gente for, ali são... O que está no livro Novacap 50 anos é uma pequena história, um resumo só para informar que foi a empresa que fez. Lógico que se você for sentar aí é a história da própria cidade. Aí já se estende mais, vai ser muito mais abrangente. Foi o primeiro livro dela durante 50 anos. Nunca tinha tido um outro antes disso.

Entrevistador: Como é que foi o trabalho? Foi um trabalho tranquilo, foi um trabalho que em algum momento houve algum conflito, algum desentendimento? Como é que é isso?

Cruz: Não, o difícil foi o seguinte, nós tivemos apoio da diretoria da Novacap na época, nós mostrávamos a realidade nossa do dia-a-dia. Primeiro, a gente se encontrava em uma sala que era a própria sala de reunião dos diretores, então no dia que tinha reunião a gente não podia fazer, no dia que tinha reunião de conselho também não. Daí a pouco foi crescendo o nosso trabalho a gente precisava se encontrar praticamente todos os dias, aí tivemos que batalhar, correr atrás de uma sala. Aí encontramos um prédio que já estava fechado, que foi a creche da Novacap, então nós tivemos, a Novacap teve creche e pegamos uma parte, três salas da creche e montamos o nosso grupo. E ali com muita dificuldade foi montada. Nós tivemos que ir no depósito pegar mesa, pegar cadeira, tivemos que pegar um computador que já estava no chão para mandar embora, que ia ser trocado por um mais novo, mandamos consertar para nós. Então foi com muita dificuldade. Eu quero deixar aqui registrado o apoio da UnB, porque a Novacap contratou a UnB para ser a coordenadora.

Entrevistador: Professora Teresa?

Cruz: Professora Teresa. Eu fui a coordenadora da comissão e ela foi a coordenadora do livro. Então tivemos aí, ela relata muito bem no livro, a professora Teresa, esse momento da nossa criação, do nosso espaço. Depois nós, como eu falei para você, nós tínhamos uns formado em história, formado em sociologia, muitos deles ainda cursando história.

Entrevistador: O Hélio.

Cruz: O Hélio é um desse que deu meu telefone para ti. Então o Hélio tava cursando ainda história. Então a gente até notava neles assim, nós mais velhos, mais experientes, a gente via que eles não estavam sentindo a importância daquele momento. Na hora que o livro ficou pronto, que foi lançado, a gente sentiu neles, sabe? Uma coisa totalmente diferente.

Entrevistador: Como se diz: a ficha caiu.

Cruz: A ficha caiu. Mas foi muito bom para eles. E batalhamos também para conseguir a dispensa do trabalho para gente se dedicar exclusivamente a isso. Então o presidente nos atendeu, dispensou das atividades, então a gente passou nos últimos, mais de um ano, era integral. No início ele dispensava meio período. Mas aí começou a não dar certo, porque quando o rapaz dizia: Olha, hoje a tarde eu estou indo lá para sala da comissão. “Ah, não, você não terminou o trabalho, nós precisamos que você fique, porque tem que entregar o trabalho hoje.”, aí a gente recebia “Olha, não vou poder ir hoje agora a tarde que eu ainda não terminei”, o outro “ah, porque meu chefe chamou, mandou fazer um serviço externo”, aí eu “Não vai dar certo desse jeito”, aí batalhamos a dispensa e conseguimos. Não foi fácil não, de jeito nenhum, mas conseguimos com muita luta um ramal para que a gente pudesse pelo menos fazer os contatos externos, depois com muito custo um computador, para que gente tivesse um e-mail para poder tá comunicando. Foi um batalha, assim, gostosa quando você tem aquele ideal que quer fazer uma coisa, as dificuldades não atrapalham.

Entrevistador: É. Com vontade...

Cruz: Lógico que tínhamos pessoas que estavam interessadíssimas e faziam com amor e tinham outros que já não tinham muito interesse, mas isso acontece em qualquer grupo que se forme, comissão.

Entrevistador: Levou quanto tempo exatamente?

Cruz: Olha, esse trabalho nosso, do livro, eu tenho que dar uma olhada, aqui eu cito o tempo, mas... Aqui, deixa eu ver.

Entrevistador: Não é uma informação assim que eu... Que seja fundamental, foi mais curiosidade mesmo.

Cruz: Eu posso te dar.

Entrevistador: A senhora pode me dar uma cópia disso aí?

Cruz: Olha, como eu te falei, esse aqui é a minha cópia que eu tenho, é a minha. Eu não tenho mais. Se tiver, está guardado nas minhas coisas da Novacap, mas essa eu guardei no meu livro

mesmo. Deixa eu buscar um suco para mim e para você, só um minutinho. Mas a gente pode marcar, eu tiro uma Xerox.

Entrevistador: Eu posso levar, copiar e trazer para senhora ainda hoje?

Cruz: Pode

[Cruz atende a telefone na cozinha]

Entrevistador: Eu trago para senhora ainda hoje, porque eu tenho que sair daqui e passar na copiadora.

Cruz: De qualquer maneira você tem que ir?

Entrevistador: Tenho que ir hoje.

Cruz: Então aqui você vai entender da comissão de um modo geral, como eu te falei. Então tem todo um relato a respeito desses quatro projetos, tá? Então, dado o memorial, como te falei, foi isso que eu acabei de falar e eu tenho o processo que você só vai encontrar a parte mesmo física dele, que o Luiz Henrique já te passou, então não...

Entrevistador: Me passou só o desenho. O processo...

Cruz: É, o processo você não vai encontrar nada. Porque a gente só concluiu, quer dizer, nem concluiu. Só desenvolveu essa parte física do prédio em si. E é isso aí que eu te falei. Novacap elaborou um projeto arquitetônico do Memorial, o arquiteto Luiz Henrique, é o diretor, parará, a comissão reuniu para sedimentar a ideia quanto à disposição do espaço, aí é lançada a pedra. Foi sugerida a criação do grupo gestor, que aí sim nós íamos trabalhar, aí o que eu fiz? Participei de dois encontros realizados, um foi um fórum e o outro foi um seminário, realizado pela secretaria de cultura voltado só para museu. Então eu fiz, participei, levei junto comigo um dos membros da comissão para fazer também e então o que acontece...

Entrevistador: Uma forma de capacitação.

Cruz: Exatamente. Eu digo: deixa eu correr atrás, porque já que eu estou trazendo a ideia. Lógico que foi quando eu fiquei sabendo que ia ser criada a faculdade, que não tinha, conversei com o chefe do departamento cultural da época, da secretaria de cultura, do DEPHA, Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico, que era também um pioneiro, jornalista pioneiro, o Jarbas. Não sei se você já ouviu falar. Nossa, ele é uma pessoa assim, se você quiser amanhã fazer, botar alguma ideia na sua ideia de construir, formar, seja o que for, o memorial, o museu e tudo, o Jarbas é uma pessoa maravilhosa. Então, fui atrás do Jarbas e para ele me ajudar. Aí ele disse: Luiza, venha fazer um curso que vai ter. Eu ainda estou com umas caixas que eu trouxe da Novacap ainda sem ver, sem tirar, tá do mesmo jeitinho para eu botar fora aquilo que não presta, fazer uma limpeza, vamos dizer assim, e guardar o essencial. Mas eu tive que correr atrás, porque na hora que eles disseram assim para mim: Traga o projeto. Quer dizer, estava tudo na cabeça, nós íamos passar os filmes, a Novacap tem os filmes, não sei se o rapaz do arquivo público te falou. Filmes maravilhosos da época da construção, todos lá no arquivo público. Fotos, a maioria das fotos de Brasília da construção de Brasília, que encontra-se hoje no arquivo público é da Novacap. O acervo é da Novacap. Se você quiser. E eu lamento às vezes também, a Novacap passou, por decreto do governador,

toda essa papelada histórica e nem sempre o arquivo cita a Novacap. Você deve saber que existe a fonte quando você vai colocar uma referência. Então nem sempre sabem. Que é uma coisa também que isso como eu tenho assim um amor muito grande pela Novacap, o trabalho que eu realizei, eu fico às vezes magoada por isso.

Entrevistador: Certo. E com relação, a senhora falou em mágoa, com relação o fato de o memorial não ter sido concluído...

Cruz: Ah, mexe com a gente. Mexe muito. Quando eu vou na Novacap que eu olho aquele prédio, me dá uma tristeza muito grande. Muito grande. Porque eu... A gente se aposenta, mas eu gostaria de ter continuado na Novacap, se eu tivesse assim o apoio da diretoria, como eu vinha tendo, mas mudou. Não era a mesma diretoria, era outra. Então eu ficaria ainda por um tempo, trabalhando, sabe? Mas a gente chega em uma determinada idade da vida da gente que a gente se aposenta exatamente para isso, para gente poder usufruir ainda do estado, vamos dizer assim, ainda se tem saúde para aproveitar um pouco mais a vida e tal, passear. Outros momentos. A nossa vida é toda feita de momentos, então o meu momento na Novacap, “ah, já passou?”, já. Aquele momento que eu tinha que me dedicar, vestir a camisa, porque eu vesti. Hoje eu já não vestiria porque estou em outro momento.

Entrevistador: Está vestindo a própria camisa.

Cruz: A minha agora.

Entrevistador: E a senhora sabe se existe alguma intenção de se utilizar o espaço que foi construído para alguma outra finalidade?

Cruz: Não. Não tenho. Não tenho mesmo. Olha, você acredita que outro trabalho interessante que você vai ler aqui da comissão de 50 anos da Novacap, que a Novacap não tem catalogada as obras dela. Não tem. E nós começamos a fazer, não chegamos ao final. Por quê? Porque exatamente não se encontrava mais a documentação. Foi muito difícil, nós batalhamos bastante para poder encontrar essa documentação para levantar as obras.

Entrevistador: Ou seja, tem prédio aí que qualquer pessoa pode botar seu nome lá e que a Novacap não vai poder dizer que não.

Cruz: É, porque a ideia quando a gente se reuniu, a ideia que a Novacap mandasse de alguma maneira, a gente sentasse para criar de que maneira nós vamos fazer esse reajuste no próprio prédio. Inclusive tivemos até engenheiros, arquitetos aliás, que sugeriram que a Novacap ao entregar o prédio dela construído ela teria que ter aquele carimbo dela.

Entrevistador: As construtoras fazem isso.

Cruz: Exatamente. Então nós tivemos época assim, vamos fazer esse levantamento, vamos. Aí foi quando a gente começou a fazer o levantamento, mas isso seria um projeto a longo prazo porque requer custo para fazer e a Novacap teve uma fábrica de pré-moldados, chegou a construir várias escolas pré-moldadas. Chegou até a se idealizar um dos pilares já vir com essa marca registrada nele. Esse carimbo. Então, para você ter uma ideia, nós não encontramos dez anos de história da Novacap. Não encontramos. 67, 68, 69, 76, 78, 80, 81, 82, 83, oitenta foi a mais prejudicada década de oitenta para a história da Novacap. Não encontramos mais nada. A gente teria que sair...

Entrevistador: Teve licitação para isso?

Cruz: Pois é. Teríamos que visitar todas as secretarias ligadas ao governo do Distrito Federal, eu liguei para todas, os arquivos das secretarias para saber se tinha alguma coisa da Novacap que me dessem. Não achamos, o restante não achamos. Tinha os relatórios, baseados nos relatórios. Então o arquivo geral da Novacap, é onde fica a guarda de toda a documentação é uma outra coisa que teria que mudar, lá a Novacap manda a documentação anual para o arquivo, assim, documentação de 2010, entendeu? Mas não entra nos detalhes do que tem lá dentro, então você tem que abrir pacote por pacote para saber o que tem lá dentro. Outra coisa também a medida que a gente ia trabalhando para contar essa história as dificuldades que a gente achava. Então a gente fazia reunião, visitava o chefe do arquivo. O arquivo, ele ia no seu superior, a gente ia no diretor, explicava que existia essa necessidade da Novacap mudar. Ter uma mudança interna para facilitar essa pesquisa.

Entrevistador: Mandar já classificado.

Cruz: Já classificado, tudo direitinho, tá? Então a gente pediu, mas mesmo assim eles deram uma atenção muito grande para nós, tá? Muito grande, muito grande. Olha: A saída para este impasse, que é a [ininteligível], será a indicação de um ou dois empregados dedicados exclusivamente para levantar o arquivo geral. Que nós tínhamos que fazer um trabalho para poder ter um resultado para contar uma história. Quando a gente quis contar uma história que começou a visitar as unidades, cadê isso? Não sei. Cadê isso? Não sei. “Ah, porque o chefe teve aqui e mandou para o arquivo” “E cadê o documento que foi para o arquivo? Vocês têm arquivado?” “Temos”, a gente olhava e dava de cara com situações assim. Nós chegamos a ouvir de funcionários que o chefe mandou rasgar, jogar no lixo, documentos da empresa. Então, quer dizer, a gente sugere até que... Nesse documento enviado por todos os dados e organismos da empresa... era localizar os relatórios para finalizar. Então nós tínhamos que montar uma outra subcomissão para poder ir para esse arquivo e nós ainda conseguimos alguns dias de trabalho assim, tá? Aqui eu botei aqui: o movimento cultura, nós tivemos também o movimento cultural da Novacap ele foi criado na década, deixa eu ver, dois mil... Foi criado na década de 90, quer dizer, eles fizeram alguma coisa interessante e que nos ajudou bastante. E eles inclusive fizeram uma revista cultural que parte... Quer ver? O movimento cultural solicitou a comissão em julho de 2009 informações quanto ao projeto e o interesse de publicar em sua primeira revista uma reportagem em homenagem à Novacap pelos seus 53 anos, porque já tinha passado três anos. Foi passado à assessoria da presidência que se mostrou favorável ao empreendimento e sobre o empenho meu foi elaborada a parte histórica com a colaboração de outro membro da nossa comissão, Augusto, nós fizemos o primeiro número da revista que ficou um espetáculo a revista. Nela, a publicação Novacap por década de construção, que era aquela ideia de fazer, ela ficou dividida em duas partes, o primeiro número com matérias correspondentes de 56 a 58 e o segundo número seria de 59 até a inauguração. Não aconteceu o segundo número. O primeiro foi publicado, ficou maravilhoso, lindo, lindo. É como eu estou te falando, nós também fizemos, participamos, nós montamos um estande da Novacap na primeira mostra de produtos do pró-DF, feira do empreendedor, homenagem à JK. Um evento comemorativo dos 50 anos de Brasília, realizado pela associação dos candangos do Núcleo Bandeirante. Montamos um estande também na primeira caminhada de qualidade de vida. Porque estava se aproximando dos 50 anos e a gente queria participar de tudo que tivesse na cidade, divulgando a história da empresa. Três membros do grupo de pesquisa com a finalidade voltada para a montagem do futuro memorial participaram do fórum de Museu do Distrito Federal e do curso “Oficina: Plano

Museológico”, que é implantação, gestão e organização. Então foi isso que eu te falei, ministrado pelo técnico da secretaria. Marcou a presença, a Novacap, no 39º festival de Brasília de cinema brasileiro, na apresentação do documentário Romance do Vaqueiro Voador. Nós fomos convidados para estar presente, foi muito interessante. Contribuiu também para o trabalho de pós-graduação da UnB, da UniDF, intitulado: Uma visão sócio-antropológica do crime na região metropolitana do Distrito Federal. Foi muito interessante, nós participamos, a comissão foi convidada. Visitou o Museu da Memória Viva da Ceilândia. Não sei se você conhece. O Museu Vivo da Memória da Ceilândia.

Entrevistador: Que fica na casa do Gervan.

Cruz: Isso. Do Gervan, professor Gervan. Foi idealizado e gestor dele.

Entrevistador: Professor da Secretaria de Educação.

Cruz: A comissão também recebeu o presidente da Novacap, recebeu do presidente carta enviada pela chefia do gabinete do governador, do pioneiro José Edmilson Maciel solicitando o reconhecimento dos servidores da Novacap realizada no decreto tal. Porque isso começou, essa história da comissão, a respeito também da revista Brasília, mexeu muito com os pioneiros, então eles ligavam para gente, sabe? Recebemos visitas deles, felizes, que a gente tava, os jovens, trabalhadores, empregados, botando para frente à história da Novacap.

Entrevistador: Imagino. Repercutiu.

Cruz: Muito. Muito, muito, muito. Então a gente anunciou, teve um evento lá no tombamento da revista Brasília, que foi da secretaria de cultura, no Teatro Nacional, onde o presidente lançou que estaria fazendo o novo lançamento da revista Brasília. Mas você vai ver depois, direitinho.

Entrevistador: Não se efetivou.

Cruz: E não se efetivou. Então, ideias se tem muitas, vontade de fazer também nós tivemos muita vontade, dedicação e infelizmente não conseguimos colocar. Agora eu vou buscar uma revista, um número da revista. Porque você tem o livro.

Entrevistador: Tenho o livro.

Cruz: Então, eu não sei, Edvan. Edvan, não é?

Entrevistador: Edvan.

Cruz: Se eu contribui alguma coisa para você.

Entrevistador: Muito, imagina.

Cruz: Olha, esse foi o primeiro número da Revista Ecocultural cultural, nós conseguimos fazer o levantamento das obras mesmo, só um minutinho. Brasília 53 anos pelas mãos da Novacap, tem fotos assim maravilhosas. Esse aqui é o editorial. E nós fizemos, cadê... História da Novacap, construção de Brasília. [ininteligível] a construção da futura capital do Brasil. E aqui nós fizemos tipo aqueles filmes. E fomos contando. E aí vem, aqui é o

preâmbulo, e a gente começa a contar em 56 as obras que foram realizadas. Então na parte de organização administrativa é o que aconteceu, parte de telecomunicações, a parte de transporte, obras de construção civil. Para você ver, isso aqui era tudo Novacap. Obras de infraestrutura urbana, saneamento, imprensa, curiosidades, eventos, eventos foram demais. Aí vem 57 a mesma coisa, telecomunicações, o que tinha sido feito, 22 de janeiro instala-se nas dependências da antiga fazenda do Gama uma estação de rádio da Novacap, prefixo PTC3, o primeiro posto de telecomunicação da região, ligando Brasília ao Rio de Janeiro.

Entrevistador: Isso tudo é tirado da revista Brasília?

Cruz: Tudo da revista Brasília. Só que na revista Brasília não está dessa maneira, está a história mensal.

Entrevistador: Está em forma de relatório lá?

Cruz: Esse aqui fui eu que fiz, foi trabalho de pesquisa meu, me deu um trabalhão danado. Aí eu fiz tudo que se relacionava à telecomunicações, tudo que se relacionava à transporte. Em 26 de março de 57 o presidente da Novacap, o presidente JK transfere a Novacap e competência para o estudo e construção de linhas férreas em trechos do novo Distrito Federal. Quer dizer até o estudo... Aí vem, área de saúde, construção do hospital do IAPI, a Novacap mandou o ofício à cruz vermelha brasileira. Quer dizer, tudo isso aqui, essa história pronta, levantada desse jeito, já é um caminho para montar o memorial, o museu, do jeito que está aqui, já é inspiração nossa para isso. Aí vem o que foi inaugurado naquela época, em termos de moradia, quais eram os institutos que aqui estavam e que estavam fazendo moradia para os seus... Venda de terreno, a parte de cultura, o poeta Tobias Pinheiro compôs Olhos de Brasília, em novembro é publicado a revista Brasília, poesia, Fiat Brasília. Aí vem. Na parte de educação a escola bandeirante da professora Ana Vitória Cardoso, e aqui você vai citando também o nome dessas pessoas que como te falei são anônimos. A parte de esporte. Obras de construção civil, aí quais foram as que foram feitas. Obras de estrutura e saneamento, comércio e abastecimento, como é que era na época. A visita, nacionais e estrangeiras, olha só aqui. Só em 57, você fica assim. Então tá aqui essa revista que eu passo para você.

Entrevistador: Muito obrigado.

Cruz: Com o intuito de que você possa amanhã fazer um bom trabalho nessa área.

Entrevistador: Muito obrigado.

Cruz: Que você puder...

Entrevistador: E ficou na um mesmo?

Cruz: Ficou na um. Infelizmente. Infelizmente.

Entrevistador: Eu vou encerrar aqui, porque eu acho que já gravei o que interessava, aí eu finalizo aqui a gravação.

APÊNDICE F

Entrevista escrita

Entrevistada: Maria-Júlia Estefânia Chelini (**Abreviação:** Chelini)

Entrevistador: Edvan Aquino de Queiroz

Local: Museu de Geociências da UnB, Campus Darcy Ribeiro, Brasília/DF

Data: 24 de junho de 2013

Entrevistador: Professora, peço a gentileza de se apresentar.

Chelini: Maria-Júlia Estefânia Chelini, bióloga de formação, mestre e doutora pelo Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. No doutorado analisei as exposições de alguns museus de história natural e seu potencial como ferramenta de comunicação. Trabalhei por 5 anos no Museu Paulista da USP sendo nos 2 últimos anos responsável pela Divisão de Difusão Cultural do museu. No final de 2008 vim para Brasília como Professora Visitante junto à UnB para atuar no Museu de Geociências, que naquele momento iria passar por grande reforma. Em 2010 com o final de meu primeiro contrato assumi a função de Extensionista colaboradora, função que ocupei até o início deste ano quando fui, mais uma vez, contratada como Professora Visitante, sempre atuando junto ao mesmo museu. Nestes 4 anos de UnB, além dos trabalhos desenvolvidos no Museu de Geociências tenho atuado em alguns projetos para implantação do Museu de Ciência e Tecnologia de Brasília, sendo, também este ano nomeada como membro titular da Comissão para implantação do referido museu.

Mais detalhes podem ser encontrados no meu lattes no link: <http://lattes.cnpq.br/2531810533457856>. Quero esclarecer que a Nova Museologia não é, e nunca foi, tema de estudos ou discussões aprofundadas para mim. Conheço o movimento claro, mas talvez por ter uma formação inicial em ciências clássicas confesso que nunca me debrucei muito sobre o tema, orientando meu trabalho e pesquisa por questões mais práticas e pontuais.

Entrevistador: É possível estabelecer uma distinção clara entre a museologia tradicional e a nova museologia do ponto de vista prático?

Chelini: Eu acredito que a forma com que os museus comunicam mudou e mudou muito. Entre exposições de 50-100 atrás e as exposições de hoje. Essa mudança vai da escolha dos temas a serem tratados à efetiva forma de expor. No caso dos museus de ciências tínhamos exposições taxonômicas, em que em uma mesma vitrina era possível ver 10, 15, quiçá 30 variações de um mesmo organismo ou mineral. Hoje as exposições são mais temáticas - ou seja, contam uma história, discutem algum assunto - e os objetos escolhidos para compô-la são representativos de determinados grupo (animal, vegetal, mineral etc). A ciência não é mais apresentada como uma coisa estática e sim como parte de um processo, de um momento. Esta diferença é resultante do movimento da nova museologia? Eu não saberia dizer...

Entrevistador: Os princípios teóricos da nova museologia baseados na ideia de museu integral são aplicáveis a qualquer tipologia de museus?

Chelini: Em tese sim. Agora precisamos pensar de que *princípios teóricos* estamos falando. São os originais, aqueles colocados pela Mesa de Santiago e retomados na Declaração de Quebec? Ou estamos falando da bandeira social que tem sido levantada no Brasil? Veja, o museu integral, como idealizado deve, a meu ver, ser visto como o objetivo talvez até utópico, mas que almejamos todos. De um museu para todos e realmente inserido na comunidade em que se instala. A questão é que o que temos visto no Brasil (eu não sei como é no resto da América Latina) é uma leitura destes textos, puxando e talvez até deformando um pouco o papel social dos museus. A grande bandeira tem sido o museu comunitário, nascido de uma demanda social e no qual classes tradicionalmente excluídas dos museus encontram um espaço de manifestação e de registro/memória sócio-cultural. Excelente. Mas o fato é que no Brasil parece que o que não é Museu comunitário não é bom, é tradicional e deve ser rechaçado, ou ao menos ignorado. A Mesa de Santiago é muito clara: devemos sim estimular estas manifestações comunitárias SEM por isso extinguir os museus tipológicos. É nesse sentido que, às vezes, tenho a impressão de que algumas tipologias de museu acabam ficando de fora. A ideia é que os museus modernos não devem mais mostrar apenas a elite, mas o todo. Eu diria que em alguns casos isso se tornou muito difícil, por diversos motivos: 1. se pensarmos em museus históricos, voltados a certo intervalo de tempo passado: temos como conseguir ainda hoje objetos e registros de outras classes sociais? Às vezes, é praticamente impossível. Este museu deve então ser fechado? 2. Quando falamos em museus científicos: o que é a elite? É o pensamento dominante de determinado momento? Se a ciência deixa de ser apresentada como estática, como verdade absoluta e sim como um processo em contínua evolução, em que um mesmo elemento pode gerar diferentes conclusões (algumas mais ou menos aceitáveis) estamos tendo uma visão global do assunto. Mas se a opção for falar de determinado processo aceito mundialmente como o mais provável, um fato que não é mais tão discutido, ainda assim estamos trazendo uma opinião elitista? Se a exposição mostra a Terra (o planeta) como redonda, ela está sendo elitista porque apresenta a visão de uma maioria? Se você procurar na internet vai descobrir que até hoje existem pessoas que acreditam que a Terra é plana, que acreditam que a Terra é o centro do Universo... É uma minoria que está sendo deixada de fora da maioria dos museus científicos. Como lidar com estas situações? Acho que a Nova Museologia como tem sido discutida no Brasil não se interessa por estas questões, o “tchans” aqui é falar do social... e nada mais... Resumindo: os preceitos da Nova Museologia podem, em tese ser aplicados a qualquer tipologia de museus, a pergunta é como faremos isso na prática.

Entrevistador: A base da nova museologia é o trabalho comunitário visando à busca de soluções aos problemas da comunidade? Como museus de ciência podem praticar a nova museologia?

Chelini: Como comentei acima, a ciência hoje não é mais apresentada como uma coisa estática e sim como parte de um processo, como um produto da cultura e resultado de determinado momento histórico e social. Neste sentido, acredito que os museus de ciências têm assumido a função de trazer para a sociedade informações e discussões de temas polêmicos ou de questões que possam ter influência direta no dia a dia da sociedade. Talvez até em resultado aos movimentos na área de educação formal, com a busca/incentivo para aproximação dos temas apresentados em sala de aula do cotidiano do estudante, os museus de ciências venham se alinhando a esta tendência. Assim, em suas exposições e ações educativas tentarão mostrar as consequências que determinada pesquisa ou tecnologia pode vir a ter na vida do cidadão. Isso porque acreditam que devem contribuir na formação de um cidadão consciente e mais crítico, capaz de se posicionar frente a estes temas. Trabalham então questões que vão de saúde pública (a exemplo de numerosas exposições que tratam de dengue

ou de animais peçonhentos) a novas tecnologias (telefonía, biologia molecular e tantas outras áreas).

Outros dois pontos merecem atenção:

1. o primeiro é que há muito tempo os museus de ciência tem falado de novas tecnologias. Não é coisa recente. Se analisarmos as exposições de alguns museus do século XIX fica bem claro seu objetivo de mostrar como funcionam determinados maquinários (máquinas a vapor, por exemplo). Então esta “conscientização” talvez não fosse tão abrangente quanto é hoje, mas já se tinha um esforço neste sentido.

2. outro ponto remete às ações educativas. Os museus de ciências são vistos há séculos, eu diria, como espaços de educação. Muitos nasceram em um ambiente de estudo (o Museu de História Natural de Paris é só um dos muitos exemplos disso) e outros nasceram para apoiar o ensino. Isso talvez não esteja explicitado em suas missões, mas muitos são os espaços que nasceram com o objetivo de complementar a educação formal. O espaço para a “lição das coisas” pode ter sido estimulado pela Mesa de Santiago, mas nos museus de ciências já existia muito antes disso.

Brasília, 24 de junho de 2013.

Maria-Julia Estefânia Chelini
assinatura

ANEXOS

ANEXO A – Relatório da Comissão 50 Anos/Novacap



Luiza Helena

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE OBRAS
COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL



RELATÓRIO

Brasília, de dezembro de 2009

Assunto: Relatório final das atividades da Comissão 50 Anos, constituída pela Instrução nº 116/2005.

Senhor Presidente,

Apresentação: A Coordenadora da Comissão 50 Anos e seus demais membros vem apresentar o relatório das atividades desenvolvidas ao longo desses quatro anos.

Desenvolvimento:

A Comissão 50 Anos, foi criada em maio de 2005, para apresentar sugestões comemorativas do cinquentenário da Empresa resultando, por força de orçamento, em apenas quatro projetos: **1** - redação de um livro contando a trajetória da Companhia construtora sob o título "Novacap: 50 anos por Brasília"; **2** - reimpressão da Revista Brasília, primeiro veículo de comunicação impresso pela Novacap; **3** - criação de um memorial; **4** - levantamento de todas as obras construída e/ou administradas intitulado "Novacap por Década de Construção".

Foi formado o Grupo de Pesquisa Histórica, interdisciplinar, remanescente da Comissão 50 Anos, constituído por oito empregados com formação acadêmica em história, sociologia, relações públicas, biblioteconomia e um engenheiro pioneiro. Iniciou seus trabalhos nas dependências do prédio da antiga creche. É concedida, a esses empregados, a liberação de suas atividades para trabalharem em regime de dedicação exclusiva para que os mesmos pudessem realizar tarefas como: coleta de dados, pesquisa em fontes documentais em diversos órgãos e entidades do Distrito Federal, pesquisas e entrevistas a pioneiros e ex-empregados da Novacap, produção de textos (redação), seleção de fotos e outros.

Vários contatos preliminares, para solicitar colaboração no desenvolvimento das pesquisas do Grupo, foram realizados juntos ao Arquivo Público, Secretaria de Cultura, Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico, Secretaria de Educação, Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação, Secretaria de Cultura de Luziânia, Superintendência da TV Brasília, Setor de Documentação e Diretoria do Correio Braziliense, na pessoa do jornalista pioneiro, Ari Cunha, e às unidades internas da Novacap como, também à Comissão Permanente de Avaliação de Documentos, para acesso a informações e documentos de interesse histórico.

Foi realizado encontro com 18 órgãos e empresas públicas do DF, no auditório do DRH, originados de departamentos e divisões da Novacap, para proposta de parceria na divulgação dos 50 anos da Companhia.

A seguir, o relato do desenvolvimento das atividades acima citadas:

[Handwritten signatures and initials]

Livro "Novacap 50 anos por Brasília" – Processo nº 112.003.531/2005

Em setembro de 2005 é encaminhado à Presidência da Novacap, o projeto básico para elaboração de contrato com a UnB, com a finalidade de coordenar a elaboração do livro, no valor total de R\$ 17.332,58 (dezesete mil trezentos e trinta e dois reais e cinquenta e oito centavos) com dispensa de licitação de acordo com o art. 24, XIII da Lei 8.666/93;

Enquanto isso se inicia pesquisa em documentos, livros, atas do Conselho Administrativo e das Diretorias, além de clippings de jornais, revistas e depoimentos de pioneiro; levantamento de todos os presidentes, diretores e conselheiros e suas respectivas gestões; levantamento dos departamentos da primeira estrutura orgânica da Novacap com a colaboração dos primeiros chefes pioneiros da Empresa;

Foi solicitada à GRH/DA, a informatização, ou seja, a digitação de nomes e dados de todos os empregados da Novacap. A idéia é disponibilizar, no Memorial, àqueles que gostariam de vê o seu nome, do avô, pai, irmão que trabalharam nessa Empresa pioneira além do retorno para o GRH quando da solicitação de tempo de trabalho dos ex-empregados. O trabalho foi paralisado quando da saída dos prestadores de serviços do ICS. A não continuidade é apontada por falta de pessoal;

Em dezembro de 2006, foi dado início, no espaço das instalações da Comissão, ao grande desafio de elaborar o livro, de uma história - sem pretensão de "uma história total da Novacap" - com a professora indicada pela UnB, Thereza Negrão. Essa, já iniciou seus trabalhos formatando o material já pesquisado até então e identificando o "silêncio dos arquivos, nas eventuais referências esparsas em obras acadêmicas, na sisudez dos relatórios e em algumas menções da mídia" referentes a Novacap. Ao longo das atividades, ocorreram várias idas do Grupo à residência da professora Thereza para realização de importantes etapas e tarefas para elaboração de textos;

Foram efetuadas diversas entrevistas com empregados e ex-empregados armazenando-as em CD's.;

Em julho de 2008, foi concluída, a 1ª "boneca" da versão parcial do livro com cópia para o Doutor Ernesto Silva (1º Diretor Administrativo da Novacap), para que o mesmo pudesse elaborar o prefácio do livro, escolha essa unânime da Comissão de Pesquisa Histórica;

Todo o Grupo de Pesquisa Histórica assinou o Termo de Cessão de Direitos Autorais, concedido à Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, do livro "Novacap: 50 anos por Brasília", efetuado pela Asjur/Pres.;

Elaborado projeto básico para selecionar, por meio de carta convite, um profissional, graduado em letras, para revisão do livro - processo nº 112.004.743/2007 – ganhando a menor proposta da professora Alessandra Araújo Marinho;





Encaminhada versão parcial do livro para a revisora, contratada, para início de sua prestação de serviço;

A Comissão dedicou esforços na árdua tarefa de ler e reler, em conjunto, as páginas revisadas pela professora Alessandra, debatendo e discutindo as modificações propostas pela revisora. Foi necessário reescrever pequenos trechos e eliminar outros;

Dado início à tarefa de seleção e escolha de milhares de fotos, num processo que durou alguns meses até a escolha definitiva das imagens;

Durante esse período, foi elaborado projeto básico e solicitado a contratação de profissional em design gráfico para fazer a diagramação do livro – processo nº 112.004.067/2008 – vencendo a menor proposta da empresa "J21 Produção e Arte Ltda";

No decorrer da primeira semana de dezembro de 2008 a Comissão esteve reunida com o diagramador do livro, indicado pela firma acima, Xico Só, que prontamente iniciou seu trabalho de arte-final;

Em 20/01/2009 é apresentado a segunda versão do livro, ilustrado, que em seguida é encaminhado para revisão final;

É solicitado o registro do livro junto a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, que recebeu o seguinte registro: ISBN 978-85-62295-00-3;

A catalogação e classificação do livro, na fonte, utilizando-se de instrumentos de trabalho editado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Ministério da Ciência e Tecnologia, resultaram nos seguintes códigos: CDU 353.451 (817.4) / CDD 352.138174;

Inicia-se orçamento da impressão do livro junto a gráficas da cidade e, em seguida é solicitado, à Presidência, a impressão de 5.000 (cinco mil) exemplares no valor estimado de R\$ 176.540,50 (cento e setenta e seis mil quinhentos e quarenta reais e cinquenta centavos), por meio do processo nº 112.000.543/2009. Após chegar ao Gabinete da Presidência da Novacap, o Secretário Geral informa que o livro será patrocinado, paralisando, portanto, o andamento do processo em março de 2009;

O livro foi concluído com o seguinte sumário:

1 Capa - 2 Folha de rosto - 3 Editoração e Ficha Técnica - 4 Expediente - 5 Mensagem - 6 Agradecimentos - 7 Sumário - 8 Prefácio - 9 Preâmbulo - 10 Apresentação - 11 Introdução 12 Idéias Mudancistas: breve incursão no tempo (o discurso de Jataí - da idéia a ação) - 13 A Luta Pela Efetivação da Novacap (um embate no Legislativo - a Novacap chegou - a primeira diretoria - um espaço físico para a Novacap: do primeiro escritório às sedes) - 14º Concurso Urbanístico do Plano Piloto (a realidade foi mais bela) - 15 Uma cidade Monumental: Novacap "construtora" de monumentos (Ermida Dom Bosco, Brasília Pálace Hotel, Praça dos Três Poderes, Esplanada dos Ministérios, Igreja de Fátima, Palácio da Alvorada, Avenida W/3, Torre de TV, Catedral, Teatro Nacional, Ponte JK, Complexo Cultural da República, Centro de Convenções) - 16 A Barragem e o Lago



Paranoá – 17 Cidades Candangas (Cidade Livre/Núcleo Bandeirante, Vila Planalto, Taguatinga, Sobradinho, Gama, Guará, Ceilândia) – 18 Os Candangos (Ode aos Pioneiros) – 19 Acervo Documental (a Revista Brasília: uma vitrine da Novacap - "Fundo Novacap" e o Arquivo Público do DF) – 20 Novacap: desmembramentos e reconfigurações (repercussões e pontos de inflexão na trajetória da Novacap, a Novacap em Fernando de Noronha, os Centros Comunitários, a Fábrica de Argamassa Armada, Um grande Parque para uma nova Capital) – 21 Infra-estrutura urbana: uma progressiva simbiose – 22 O Compromisso com o cenário verdejante (a primeira causa verde, o Departamento Geral de Agricultura e a história do verde de Brasília, o episódio da árvore, projetos sociais nos Viveiros) – 23 Agregação, pertencimento e cultura na Novacap (formas associativas, Benecap, creche, Celacap, Movimento Cultural – 24 Novacap: Superando Dilemas – 25 A Nova Novacap (em busca de um olhar prospectivo) – 26 Conclusão – 27 Corpus Documental – 28 Legendas e créditos da imagens – 29 Bibliografia;

O livro foi entregue, em abril de 2009, à Presidência da Novacap, ao Secretário Geral, David de Matos, que após ser indicado, fez o conhecimento e a "leitura oficial" do mesmo;

Logo após a leitura foi solicitada reunião com o Grupo de Pesquisa Histórica e a coordenadora acadêmica da UnB. De ordem, do Secretário Geral, o assessor da presidência Célio Biavatti, na presença do advogado da Asjur/Pres. José Dimas Maciel dos Santos e da Assessora de Comunicação Social Lúcia Leal informou que a Novacap, como autora legal do livro, solicitava aos redatores e à representante da UnB avaliação dos "Contradições" e, ainda, que fosse revisto frases com expressões assinaladas nos capítulos: "A Nova Novacap" e "Conclusão". Outros mais encontros foram realizados até chegar à acomodação das idéias e sugestões, que se deu neste mês.

Observação: Devido a essa situação, o profissional de designe gráfico foi novamente solicitado para ajustes de textos e, conseqüentemente para diagramação do livro que resultou em acréscimo de páginas e de fotos. Encontra-se pendente, portanto, o pagamento relativo a esse serviço. Quanto a revisora Alessandra, não quis esperar as mudanças propostas pela Secretaria Geral, surpreendendo a todos com a cobrança da prestação de seus serviços na justiça. O acerto financeiro foi referente a revisão até a entrega do livro, à Presidência, na data acima citada;

Ao finalizar, informamos que a DISTRIBUIÇÃO DO LIVRO, tão logo seja impresso, deverá obedecer ao seguinte:

- a) Um exemplar do livro, por exigência de Lei nº 10.994, de 14/12/2004, deverá ser remetido à Biblioteca Nacional, objetivando assegurar a coleta, guarda e a difusão do produto, visando preservar a formação da Coleção Memória Nacional;
- b) Dois exemplares, à Biblioteca Pública do Distrito Federal, de acordo com a Lei nº 3.828, de 3 de março de 2006;
- c) Dois exemplares serão enviados às Bibliotecas existentes na estrutura administrativa do Governo do Distrito Federal e às Bibliotecas de instituições do Governo Federal,

locadas em Brasília, totalizando, aproximadamente, 700 (setecentos) exemplares (lista anexa);

- d) Trinta e cinco exemplares serão destinados, para cada membro do Grupo de Pesquisa Histórica, que escreveu o livro, com base na legislação que assegura os Direitos Autorais, importando em 280 (duzentos e oitenta) unidades. Ressaltamos que a cota estipulada, está abaixo do que estabelece os preceitos legais, que recomenda 20% da tiragem;
- e) Cinco exemplares serão destinados à coordenação acadêmica, à revisora e ao profissional do projeto de criação do livro (design);
- f) Um exemplar, aos empregados da Novacap existentes no Quadro de empregos, à época da distribuição, de acordo com listagem oficial do GRH;
- g) Os demais exemplares ficarão disponíveis aos pioneiros, ex-empregados, autoridades e àqueles que forem convidados para o lançamento do livro. Sugerimos que a Assessoria de Comunicação Social seja a unidade responsável pela distribuição e solenidade.

"No aparente silêncio dos arquivos, nas eventuais referências esparsas em obras acadêmicas, na sisudez dos relatórios, na concisão congelada das placas, que povoam a cidade, e em algumas menções da mídia, o discurso da Novacap, na multiplicidade de sentidos que sugere, configurava-se, ainda, como uma história a ser contada. Por isso, desdobrando do argumento assentado na identificação entre Brasília e a Novacap, levou-se em conta também, esse silêncio e essa falta de visibilidade e aí reside o objetivo principal do livro: o de contar uma história da Empresa" Tereza Negrão.

Reimpressão da Revista Brasília – Processo nº 112.001.235/2006

Foram realizadas várias reuniões, com agências de publicidade e gráficas para apresentarem propostas para reimpressão da Revista Brasília;

Foi sugerido que os recursos viessem por meio da Lei de Incentivo à Cultura, do Ministério da Cultura, conhecida como Lei Rouanet;

Aceita a sugestão, foi elaborado projeto básico para reimpressão da Revista Brasília e indicado, para captar os recursos, o Movimento Cultural dos Empregados da Novacap - "O Mutirão", entidade cultural, sem fins lucrativos, habilitado pelo Ministério da Cultura para esse tipo de operação comercial;

A Diretoria Colegiada da Novacap assina Contrato de Cessão de Direitos Autorais com o Movimento Cultural para os fins;

O Projeto é encaminhado ao Ministério da Cultura e, após a aprovação é publicado no Diário Oficial da União, em 05/04/2007, a autorização para captar os recursos no valor de R\$1.025.000,00 (um milhão e vinte e cinco mil reais);

O Movimento Cultural, retorna com o processo ao Ministério, na tentativa de alterar o Artigo, anteriormente publicado para o segmento do Mecenato (livro de valor literário ou humanístico) que foi atendido em 17/03/2008;

Efetuada levantamento de endereço, telefone e e-mail de empresas (fornecedoras e empreiteiras), da época da construção da capital, para solicitar patrocínio;

Obedecendo a normas ministeriais, o Movimento Cultural contrata Agência "Crio-Comunicação e Negócios" e a "Gráfica e Editora Ideal Ltda", após licitação (convite) para realizarem projetos referentes à reimpressão. Ressaltamos que a modalidade é de "contrato de risco";

Peça publicitária foi elaborada como apresentação do projeto de captação de recursos com apoio (mensagem) do governador, vice, secretário de obras e do presidente da Novacap;

Em companhia do Diretor Financeiro, foram realizadas visitas, no segundo semestre de 2008, com a finalidade de captar os recursos a órgãos originadas da Novacap e bancos do governo distrital e federal, com o seguinte resultado : CEB (não dispunha de recursos para o ano em curso); Caesb (até aquele momento não havia depositado como foi acordado), Terracap patrocinou R\$50.000,00 (cinquenta mil reais), que se encontra retido na conta do Ministério da Cultura; o BRB (solicitou dados mas não confirmou), BB e CEF (disseram usar seus patrocínios em prol de suas fundações). O presidente da Novacap, José Luis Gonçalves, sugeriu levar ao conhecimento do governador, com o intuito de reaver a estratégia. Com a saída do presidente, no início deste ano, foi interrompida essa atividade;

O Movimento Cultural informou a esta Comissão, que a reimpressão da Revista Brasília, continua sendo de interesse, da Diretoria atual da Novacap e que a mesma se manifestou empenhada para lançar a Revista no aniversário dos 50 anos de Brasília. Fica, portanto, com o Movimento Cultural a finalização do projeto.

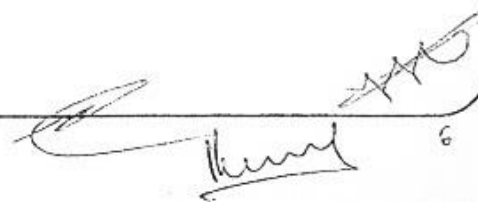
Nota: transformar esse tipo de projeto cultural em ação é uma tarefa lenta, mesmo deduzindo, do Imposto de Renda, o percentual dos valores patrocinados.

Observação: informamos que concomitantemente com a iniciativa da Comissão do cinquentenário da Novacap, em março de 2006, de realizar a reimpressão da Revista, foi solicitada, pela "Comissão dos 50 anos de Juscelino Kubitschek" do Senado Federal, na pessoal do senador Paulo Octávio, autorização da Novacap para a mesma finalidade, não surtindo efeito.

Atenção: a Revista Brasília foi tombada, pelo GDF, por meio do Decreto nº 28.996, de 29/04/2008, publicado no DODF nº 81, página 2, de 30/04/2008

Memorial - Processos nºs 112.004.163/2005 e 112.002.175/2006

A Comissão, de ordem do presidente, solicita à Divisão Técnica da Diretoria de Edificações da Novacap, elaboração do projeto arquitetônico do Memorial, ao arquiteto da Companhia,



Luiz Henrique Freire Duarte, então diretor, que foi autorizado, pela Diretoria, em novembro de 2005;

A Comissão reuniu-se com o arquiteto para sedimentar a idéia quanto à disposição do espaço;

É lançada a Pedra Fundamental da Construção do Memorial da Novacap, em 16 de junho de 2006, pela então Governadora Maria Abadia, demais autoridades do Governo, pioneiros e empregados da Companhia;

Foi sugerida, pela coordenadora da Comissão, a constituição de um Grupo Gestor para idealizar, criar e montar o Memorial, mas não chegou a formar;

A Diretoria Colegiada autoriza a construção da primeira etapa do prédio (fundação e estrutura), localizado na entrada do Celacap, custeada com doação de material de construção, pela iniciativa privada, e erguida pelos empregados da Dicor/DE que, também, administraram a obra sob o comando do diretor de Edificações, da época, chegando à laje, toda concretizada, em dezembro de 2006;

Devido à mudança de governo, o presidente que assumiu em janeiro de 2009, informalmente, comunicou o desejo do governador de mudar a destinação do espaço físico da Novacap. Por este motivo a obra do Memorial foi cancelada. O assunto foi levado a atual diretoria que se manifestou interessada em encontrar um espaço para erguer o Memorial;

Nota: Fica, portanto, registrada a importância e a necessidade do Memorial da Novacap para a história de Brasília, visto que a atual geração já carece dessa história, ímpar no nosso país. Não só o Memorial, mas os outros projetos aqui citados "se fundem na convicção de uma identidade histórica esculpida entre Brasília e a Novacap, empresa que se incumbiu de dar concretude ao arrojado projeto urbanístico da cidade".

Novacap por Década de Construção

O objetivo deste projeto é levantar todas as obras realizadas pela Companhia desde sua criação até o término do trabalho da Comissão. A maneira como divulgar, a princípio, foi de um link para o site da Novacap contando com a parceria da Asinf e da Ascom;

Leitura das Revistas Brasília (1957 a 1966) e de relatórios da Novacap, foi realizada para extrair as obras, quando surgiu a ideia de interpor atividades administrativas, culturais, sociais que vinham sendo, também, realizadas e executadas pela Novacap, na primeira década da construção da Capital, quando a Companhia administrava e executava ações de estado.

Por falta de memória organizacional da Empresa o trabalho foi árduo demais, devido aos relatórios não estarem disponíveis. Duas tentativas foram feitas solicitando aos departamentos e diretorias, sem retorno satisfatório. Até mesmo na Secretaria de Obras e



Tribunal de Contas foi mantido contato sem sucesso. Outra fonte para complementação foi realizada junto ao Arquivo Público, nos Balanços da Novacap, sob guarda daquela Instituição;

Os relatórios não encontrados foram dos anos: 1967 – 1968 – 1969 – 1976 – 1978 – 1979 – 1980 – 1981 – 1982 – 1983 – 1984 – 1985 – 1986 – 1987 – 1989;

No Arquivo Geral/DA., local em que os documentos ficam sob guarda, a documentação só é encontrada pelo número de pacote e não pelo assunto. Mesmo assim foi dada atenção ao trabalho, à medida que os colegas daquela Unidade iam localizando material;

Nota: A saída para este impasse será a indicação de um a dois empregados dedicados, exclusivamente, para levantar, no Arquivo Geral, todas as Guias de Remessa de Documentação, enviadas por todas as unidades orgânicas da Empresa e nelas localizar os relatórios, para finalizar o "Novacap por Década de Construção" que será, também, de grande interesse para órgãos, entidades de classe, sindicatos e para o próprio GDF. Na oportunidade, sugerimos informatizar o Arquivo Geral para futuros trabalhos e informações, imediatas;


Em tempo: O Movimento Cultural solicitou a Comissão, em julho deste ano, informações quanto ao projeto e o interesse de publicá-lo em sua primeira revista numa homenagem à Novacap pelos seus 53 anos. Foi levado ao conhecimento da Assessoria da Presidência, ao senhor Célio Biavatti que se mostrou favorável ao empreendimento e, sob o empenho da colega Luíza Helena foi elaborada a parte histórica com a colaboração de Augustus, da REVISTA ECOCULTURAL. Nela, a publicação do "Novacap por Década de Construção" ficará dividida em duas etapas: no 1º número, matérias correspondentes aos anos de 1956 a 1958 e no 2º número, de 1959 até a inauguração de Brasília. Caso haja interesse da Novacap e do Movimento Cultural continuar a publicação da Década, terá que levantar os relatórios citados, anteriormente, que faltam para concluir o projeto.

A Comissão participou de eventos tais como:

Um painel, com resumo da história da Novacap (1956-2006) foi elaborado para produção de banner ilustrado com fotos da construção de Brasília que foi exposto no:

- Estande da Novacap/Secretaria de Obras na "I Mostra de Produtos do Pró-DF – Feira do Empreendedor – Homenagem a JK" realizado no Pavilhão do Parque da Cidade em abril de 2006;
- Evento comemorativo dos 50 Anos de "Brasília", realizado pela Associação dos Candangos, no Núcleo Bandeirante, em 2006;
- Estande da Novacap, na 1ª Caminhada de Qualidade de Vida/IBQV/2006.

Três membros do Grupo de Pesquisa, com a finalidade voltada para a montagem do futuro Memorial, participaram do Fórum de Museus do Distrito Federal e do Curso/Oficina "Plano





Museológico: implantação, gestão e organização", ministrados pelo Depha/Secretaria de Cultura do DF;

Marcou presença no "39º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro", na apresentação do documentário "Romance do Vaqueiro Voador", sobre o papel dos candangos, protagonizando o lado trágico da epopéia da construção;

Contribuiu com informações para um trabalho de pós-graduação da UniDF, intitulado "Uma visão sócio-antropológica do crime na região metropolitana do Distrito Federal", sobre a criminalidade desde a construção de Brasília;

Visitou o Museu da Memória Viva de Ceilândia. Na oportunidade o idealizador e gestor, Professor Jevan, incluiu ao acervo do Museu a camiseta comemorativa dos 50 anos da Novacap;

A Comissão recebeu do presidente da Novacap, carta enviada a ele, pela chefia de gabinete do governador, em 2006, do pioneiro José Edmilson Maciel solicitando reconhecimento dos servidores da Novacap, relacionados no Decreto nº 53.31, de 19/10/1963, naquele momento histórico dos 50 anos da Novacap/Brasília. A orientação recebida do Diretor Administrativo foi de homenagear esses pioneiros na inauguração do Memorial;

Participou, em abril de 2008, do evento de Tombamento da Revista Brasília, solicitado ao governo local, pela Secretaria de Cultura do DF, pelo Depha e o IHG/DF, realizado no Teatro Nacional na presença do governador, secretários de estado, de empresas públicas e de pioneiros. Naquele momento foi anunciada, aos presentes, a reimpressão da Revista, pela Novacap. Uma exposição com capas da Revista Brasília foi lançada no Centro Cultural da 508 Sul, logo após o tombamento;

Membros do Grupo participaram do curso "Distrito Federal: seu povo, sua história" ministrado pelo Instituto Histórico e Geográfico do DF, estendendo aos demais, a visita (passeio) ao Lago Paranoá, oportunidade essa de comprovar o grande feito no Planalto Central;

Recebeu estudante de doutorado em arquitetura e urbanismo da UnB, para pesquisa nos relatórios da Novacap, relativa a "A influência da implantação de obras públicas de infraestrutura na configuração da mancha urbana do Distrito Federal";

Em abril de 2008, participou da Mesa Redonda, realizada pelo Arquivo Público e o Instituto Histórico e Geográfico, cujo tema foi "Brasília: Em que dia começaram as obras?";

Assuntos administrativos

A intenção de registrar os assuntos a seguir é chamar atenção da importância e apoio que devem ser dispensados a trabalhos como esse – o primeiro, em 50 anos – de pesquisa, para contar as histórias da Novacap. O querer, o desejo de ver e de ter as histórias



pesquisadas, contadas, impressas foi dos empregados da ativa, daqueles que aqui trabalharam e, principalmente, dos pioneiros que muito cobraram essa ação. No "peito e na raça" e aos "trancos e barrancos" o trabalho decorreu imaginando, unicamente, no bem-fazer às comunidades novacapianas e brasilienses porque, a saga da construção de Brasília é dos brasileiros e do patrimônio histórico;

A estrutura básica para montagem da sala da Comissão necessitou da colaboração de chefias de unidades orgânica, com visão a respeito do objetivo. A comunicação telefônica foi, durante dezoito meses, realizada só por meio de ramal, devido não existir cabo no prédio onde estava instalada. O único computador utilizado foi encontrado sem uso (com todos os defeitos), até a chegada de dois novos, oito meses depois, após contato da coordenação da Comissão com a Codeplan que louvou o trabalho em andamento. Até então, o material digitado era impresso na Ascom/Pres., assim como as pesquisas na internet, quando não eram realizadas nas residências dos componentes que, ainda, se cotizaram e compraram uma impressora, pois nem sucateada havia na Companhia, além da compra de aparelhos telefônicos, de materiais como disket's, CDs, papel e cartuchos para impressão, entre outros;

As dificuldades para desenvolver as atividades a contento se estenderam, também, na demora dos orçamentos dos projetos, no atraso da liberação da cota financeira acabando por comprometer a execução dos eventos, em tempo hábil, para os festejos dos 50 ANOS, em 19 de setembro de 2006. Vale ressaltar que a Comissão foi constituída para também elaborar os acontecimentos daquele DIA ficando, portanto, a Ascom (como de costume) responsável pela programação.

Em paralelo, ao relatado, os trabalhos de pesquisa não cessaram, entretanto, os contratempos deixaram os componentes desencorajados, afetando intensamente a dinâmica do Grupo;

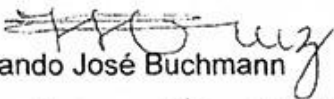
Passaram pela Comissão, empregados que, embora a permanência deles tenha sido transitória e num curto período, contribuíram para o levantamento do "Novacap por Década" e para as atividades de apoio administrativo. A necessidade do apoio foi sentida até o final dos trabalhos. O nosso reconhecimento, portanto, a Ana Carolina Branquinho Carneiro, Vanusa da Silva Pinto e Maria Lúcia Gomes da Silva;


No decorrer dos trabalhos, o Grupo de Pesquisa Histórica da Comissão, teve as seguintes baixas na sua composição:

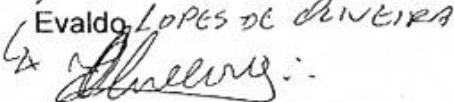
- a) Armando José Buchmann, comissionado, foi dispensado em janeiro de 2007;
- b) Evaldo Lopes de Oliveira foi cedido ao "Na Hora", em fevereiro de 2008;
- c) Augustus Rubens Oliveira Nazareno, foi aprovado em concurso público, desligando-se da Empresa, em janeiro de 2009, mas comparecendo sempre, quando solicitado;
- d) Nelson Cândido da Silva aderiu ao PDV e foi demitido em dezembro de 2009. Ficou, freqüentemente, acompanhando e reunindo-se com a Comissão, dando continuidade às atividades pertinentes ao livro, até o fechamento do mesmo;
- e) Luíza Helena Bezerra Cruz (coordenadora da Comissão), também aderiu ao PDV e, oficialmente foi demitida em dezembro de 2008. Continuou, em trabalho voluntário,



sem interrupção, até o dia 13 de abril de 2009. Após essa data, permaneceu, constantemente, em contato com a assessoria da Presidência da Novacap e com José Alberto e Hélio que permanecem na Companhia, até a entrega desse Relatório.

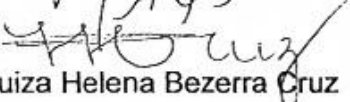

Armando José Buchmann

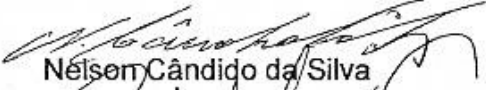

Augustus Rubens Oliveira Nazareno



Evaldo LOPES DE OLIVEIRA


Hélio Mendes da Silva


José Alberto Barros


Luiza Helena Bezerra Cruz


Nélsom Cândido da Silva


Robert Alves da Silva

ANEXO B – Processo para a construção do Memorial



NOVACAP

Folha n°	06
Processo n°	112.001.163/2005
Rubrica	du 587.583

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE INFRA-ESTRUTURA E OBRAS
COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL

Processo n.º 00112.004.163/2005

Assunto: Construção de Prédio destinado ao Memorial da NOVACAP

HISTÓRICO: Com a aproximação da data comemorativa dos 50 anos de criação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil – NOVACAP, através da Lei n.º 2.874/1956, a comissão encarregada de organizar a cerimônia relativa ao evento, sugeriu a construção de um prédio e a instalação de um Memorial da NOVACAP, onde ficará preservada toda a história da empresa, desde sua criação até os dias de hoje.

Para tanto a referida Comissão, apresentou a esta Presidência um estudo de arquitetura elaborado pelos arquitetos Carlos Estuqui, e Vânia Maria Rios, entretanto visando proporcionar à Diretoria da Empresa mais de uma opção de estudo, solicitamos ao também arquiteto da NOVACAP, Luiz Henrique Freire Duarte, que apresentasse um estudo de um Museu ou Memorial para abrigar a nossa história.

São estes dois estudos que no momento apresentamos para exame e aprovação desta Diretoria Colegiada.

PARECER: Esta Presidência examinou os dois estudos apresentados e entende que o do arquiteto Luiz Henrique Freire Duarte apresenta melhores condições de aceitabilidade tendo em vista que :

1 – Trata-se de uma edificação com uma arquitetura mais artística, criativa e moderna, portanto, mais próxima da arquitetura da Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, construída pela NOVACAP.

2 – Oferece entre outras, opções de informações aos visitantes inclusive a possibilidade de uma sala para projeção de filmes relativos à construção da Cidade.



NOVACAP

**GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE INFRA-ESTRUTURA E OBRAS
COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL**

E, de consequência, tem melhores condições de atender às necessidades do Memorial que se pretende construir.

VOTO: Assim sendo, voto pela aprovação do estudo de arquitetura apresentado pelo arquiteto Luiz Henrique Freire Duarte, o qual reúne as condições que se pretende para a construção do prédio do Memorial da NOVACAP.


ELMAR LUIZ KOENIGKAN
Diretor Presidente

Folha n.º	07
Processo n.º	112004163/2005
Rubrica	juiz 587.583



NOVACAP

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE INFRA-ESTRUTURA E OBRAS
COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL

Folha n.º	08
Processo n.º	112.004.163/2005
Huêrica	pm 587583

DECISÃO DE DIRETORIA


Sessão n.º 3.624ª realizada em 16 de novembro de 2005.


Processo n.º 112.004.163/2005


Assunto: Construção de prédio para instalação do Memorial da NOVACAP.

A Diretoria da NOVACAP, com o voto do relator e que mais consta dos autos, APROVA o estudo de arquitetura apresentado pelo arquiteto LUIZ HENRIQUE FREIRE DUARTE destinado a construção do prédio para instalação do Memorial da NOVACAP, considerando um curto espaço de tempo para conclusão do prédio, determina desde já, ao arquiteto autor do estudo escolhido, a elaboração dos projetos executivos para início imediato das obras.


RELATOR. DIRETOR ELMAR LUIZ KOENIGKAN


ELMAR LUIZ KOENIGKAN
Diretor Presidente


DIVINO ALVES DOS SANTOS
Diretor Administrativo


CLÁUDIO OSCAR DE CARVALHO SANT'ANNA
Diretor de Urbanização


ALDO AVIANI FILHO
Diretor de Edificações


CLARINDO CARLOS DA ROCHA
Diretor Financeiro

FOLHA DE DESPACHO

Folha Nº	09
Processo Nº	112.004.163/2005
Código do SISPROT	—
Matrícula	587583
Rubrica	juiz

A D.E.

Para as providências cabíveis

Em, 16/11/2005

[Assinatura]
 MARIA LUCIA DOS SANTOS
 Secretária do SEOCAD/PRES

NOVACAP
PROTÓCOLO Diretoria de Edificações
Recebido em 17/11/05 às 11:20
Rubrica: 12.11.11.343259

À SECRE/PRES,

Considerando que o Arquiteto Luiz Henrique Duarte está lotado nessa Secretaria, encaminhamos o presente processo, com vistas ao atendimento da decisão da Diretoria.

Bsb, 17/novembro/2005

NOVACAP
 Diretoria de Edificações
[Assinatura]
 Eng.º Aldo Azeiteiro Filho
 Diretor

EM TEMPO:

Colocamos à disposição do referido Arquiteto a estrutura existente nesta Diretoria, pertinente à elaboração de projetos.

NOVACAP
 Diretoria de Edificações
[Assinatura]
 Eng.º Aldo Azeiteiro Filho
 Diretor

SECRETARIO GERAL

Estamos encaminhando cópias do projeto de arquitetura por nós elaborado, para o MEMORIAL DA TRANSCAP.

Esclarecemos que além das plantas, em número de cinco, existe um memorial descritivo sobre o projeto e especificações de acabamento de piso, paredes, teto, esquadrias.

Os responsáveis pelo projeto de estrutura e instalações já tem o arquivo destas plantas e foram feitas duas reuniões, portanto já podem e vão iniciar a execução dos demais projetos.

Com os elementos aqui existentes a seção de orçamento da DITECDE já pode iniciar a elaboração do orçamento para a execução do prédio.

Serão ainda fornecidos detalhes executivos para uso durante a obra.

3/01/2006

Folha nº 40
Processo nº 112.004/163/05
Rubrica

MEMORIAL DESCRITIVO DO PROJETO DE ARQUITETURA DO
MEMORIAL DA NOVACAP


Quando fomos solicitados a apresentar um estudo de arquitetura para a construção do prédio que deverá ser o MEMORIAL DA NOVACAP e logicamente abrigar todo o acervo da Empresa sobre a construção de Brasília, ocorreu-me que a minha responsabilidade era muito grande, pois a história da NOVACAP e a da construção de Brasília é a mesma, não se pode contar uma independente da outra, portanto o MEMORIAL DA NOVACAP, será sem dúvida o MEMORIAL DA CONSTRUÇÃO DA CAPITAL DO PAÍS.

Baseados nisto, procuramos idealizar um prédio, no qual as pessoas ao chegarem, ainda ao lado de fora, já comesçassem a ter contato com a história da construção de Brasília, ou seja, a história da NOVACAP.

Procuramos uma forma para o salão de exposições, de modo que as pessoas, de uma maneira suave e sem constrangimento tivessem uma única opção de movimento, só poderiam andar em um sentido, porém de uma maneira descontraída e sem preocupação com obstáculos em seu caminho, isto lhes daria uma tranquilidade para andar olhando para os lados e tendo a satisfação de ao caminhar, ir absorvendo e vivendo através de fotos, de desenhos e textos afixados nas paredes a construção da Nova Capital do País e ao mesmo tempo aprendendo o que é a NOVACAP, qual é sua importância nesta fase de nosso País e finalmente conhecendo e aprendendo a história da Empresa que construiu Brasília.

Não nos preocupamos muito com a arquitetura e seu aspecto plástico nem mesmo em projetar algo mais ousado ou diferente, apenas observamos para que tivesse um mínimo de estética e que ficasse proporcional e dentro da escala do local onde será construído, enfim, preocupamo-nos em não fazer um prédio feio, porém que apresentasse um aspecto singelo e bem próximo da simplicidade que sempre esteve no espírito da NOVACAP e de seus operários "candangos", durante a epopéia da construção da Cidade.

Ao chegarmos no prédio, ainda do lado de fora já inicia-se a história da NOVACAP, doravante falarei apenas em "História da



Processo nº 11204163/5
37045-2

NOVACAP," pois como já dissemos acima esta história e a da "Construção de Brasília" são a mesma, assim sendo, voltando ao prédio do MEMORIAL, encontramos o que chamamos de Acesso Coberto, uma grande laje, formando uma enorme marquise, apoiada na fachada principal em placas e pilares de concreto, que recebendo três painéis de vidro temperado, com aproximadamente 3 metros de altura por 1 metro de largura, exibindo transparências superpostas dos três arcos da Ponte JK.

No prisma triangular, executando em chapa metálica, pintada na cor "azul NOVACAP," teremos cortado na chapa o emblema da Empresa, iluminado de dentro para fora, já sob a grande marquise o visitante terá a oportunidade de ver o "marco do empregado da NOVACAP," executado em granito preto com 1.50m de altura e 0.70m de largura, nele terá escrito: "Na pessoa do Sr. primeiro empregado contratado a NOVACAP homenageia e agradece a todos os seus tantos mil empregados que honraram a Empresa nesses cinquenta anos."

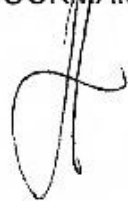
Brasília, 19 de setembro de 2006, desta maneira a Empresa prestará sua homenagem a todos os Empregados que nela trabalharam e/ou trabalham até hoje.

Na recepção o visitante verá na parede "A" o retrato do Presidente Juscelino Kubistchek, quando aqui ainda era cerrado natural, na mesma parede serão vistas também fotos e publicações em jornais da época do Império falando sobre a mudança da Capital. (fotos da revista Brasília n.º 40, páginas 32,33 e 46)

Ainda na recepção, na parede "B" o visitante terá a oportunidade de ver cópia da Lei que criou a NOVACAP, fotos das primeiras reuniões do Conselho de Administração e da Diretoria Colegiada da Empresa, bem como o Edital do Concurso para escolha do "Plano Piloto" para construção da nova Capital.

Na mesma parede, porém do outro lado, virado para o salão de exposições, serão afixadas fotos do projeto e do MEMORIAL de autoria do Dr. Lúcio Costa, vencedor do referido Concurso.

A grande parede curva, localizada à direita de quem entra, separada do salão de exposições por um espelho d'água, receberá grandes painéis fotográficos, reproduzido em uma sequência cronológica a execução dos jardins de Brasília, esta parede acompanhará o visitante em todo seu percurso dentro do MEMORIAL, até a sala de leitura, que neste momento sugerimos batizá-la com o nome de "sala ARMANDO BUCKNAM"



Folha nº	12
Processo nº	112014163/03
Rubrica	33045-2

em uma singela homenagem a nosso colega de trabalho, Ex-Presidente da Empresa e hoje notório historiador da mesma.

Nesta sala, além da leitura ter-se-á a possibilidade de acesso à sala de projeções, onde poderão ser vistos filmes com curta duração sobre a Construção da Cidade e suas mais variadas histórias.

A parede "C" que divide o salão de exposições da sala de leitura deverá receber um painel de cerâmica elaborado pelo artista plástico Athos Bulcão.

A última parede, ao final do salão de exposições a "D" que juntamente com a parede "A" abriga todos os serviços do MEMORIAL, receberá em uma parte uma grande foto aérea de Brasília, mostrando a Cidade hoje, e na outra parte placas de aço inoxidável com os nomes dos Ex-Presidentes da NOVACAP.

Finalmente nas nove paredes, externas e nos cinco prismas triangulares distribuídos pelo salão deverá ser exibido todo o material que realmente contará a história da NOVACAP e com ela construí a Nova Capital do Brasil.

Esperando ter atendido às expectativas da Diretoria Colegiada, colocamo-nos à disposição desta, para qualquer informação, complementação e mesmo alguma modificação.

LUIZ HENRIQUE FREIRE DUARTE
Arquiteto da NOVACAP

CREA 603/D-VF

NOVACAP

Folha n.º 42
Processo n.º 112.004.163/05
Rubrica 75.142-1

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE INFRA-ESTRUTURA E OBRAS
COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL

MEMORANDO
N.º 032/2006 – Comissão 50 Anos

43
112.004.163/05
Rubrica 75.142-1
Brasília, 09 de junho de 2006

PARA: Presidência

112.004.163/05
02
112.004.163/05
2006

A construção de Brasília, administrada e fiscalizada pela Novacap, revela que esta Companhia é tão grande quanto a própria Capital, constatada pela abrangência de ações e poderes a ela delegados pelo presidente Juscelino Kubitschek e pelos prefeitos e governadores que se seguiram na administração da Cidade.

A Comissão, constituída pela Instrução n.º 116, de 11 de maio de 2005, destinada a promover os eventos comemorativos dos 50 Anos da Novacap, vem propor a Vossa Senhoria a edificação do Memorial da Construção – Novacap, a ser erguido dentro do complexo administrativo desta Companhia.

No Memorial será registrada a importância da Novacap para Brasília, para o Brasil e, por ventura, para o mundo, comprovada pelo interesse demonstrado, até hoje, por vários países, em conhecer a história da construção de uma cidade no centro do Planalto Central. Divulgar a epopéia da construção, dos fatos históricos desta Empresa pioneira; nomear aqueles que a fizeram; as obras e a monumentalidade erigida pela Novacap; os impactos da Novacap não só na construção da cidade, mas, também, de uma cultura local e a Companhia como o primeiro governo do Distrito Federal. Contar, ainda, uma história cheia de vida e de fatos relevantes que possam servir de aprendizado e reflexão para os futuros historiadores e visitantes, além de informar às gerações mais jovens, a importância ímpar da Novacap para a criação efetiva da Capital.

NOVACAP

112002175-2006

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE INFRA-ESTRUTURA E OBRAS
COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL

Hoje, com atuação mais específica, a Novacap continua participando da vida do Distrito Federal, edificando prédios públicos, elaborando, executando, e mantendo projetos de urbanização, cujo programa de arborização faz de Brasília uma floresta urbana que exige tecnologia e dedicação de seus empregados. Ainda, elabora projetos, executa, fiscaliza, mantém e conserva o sistema de drenagem urbana e pavimentação asfáltica, garantindo qualidade de vida para a comunidade.

Este Memorial buscará, também, vincular a Novacap à Brasília e integrar a comunidade a esta Empresa pioneira.

Submetemos, portanto, à apreciação de Vossa Senhoria.

Atenciosamente,

Luíza Helena Bezerra Cruz
Coordenadora da Comissão 50 Anos
Instrução n.º 116 de 11/05/05

Folha n.º 43
Processo n.º 112.004.163/05
Rub. 185 Mat. 75.142-1

NOVACAP

Folha n.º

42

Rule

Not

75.142-1

Folha Nº	4
Processo	122.00.2.17512
Matrícula	74.263.9
Rubrica	

FOLHA DE DESPACHO

À D.A.,

Para providenciar a aprovação da matéria pela Diretoria Colegiada.

Em 9/6/2006

~~JOSÉ AURI DE PAIVA~~
~~Assessor/PRES~~

Seocad/qsb.

Feb 19 1992

15

PROCESSING

10.14.

10

100

2007

1997-1998

2. 34

2.

COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL

SETOR DE ÁREAS PÚBLICAS LOTE B - PABX 233-8099 - CEP 71.215-000 - BRASÍLIA DF

Site: www.novacap.df.gov.br – E-mail: novacap@novacap.df.gov.br – CNPJ-00.037.457/0001-70

NOVACAP

PROCESSO Nº : 112.002.175/2006
INTERESSADO : NOVACAP
ASSUNTO : EDIFICAÇÃO DO MEMORIAL DA NOVACAP.

Senhor Diretor Presidente,
Senhores Diretores,

Trata-se de solicitação da Presidenta da Comissão Coordenadora dos 50 Anos da NOVACAP, designada pela Instrução/PRES nº 116, de 11.05.2006, para aprovação da edificação do Memorial da Construção - NOVACAP, a ser erguido dentro do complexo administrativo da Empresa.

O Memorial a ser construído, objetiva registrar a importância da NOVACAP na construção de Brasília desde os poderes a ela delegados pelo Presidente Juscelino Kubitschek, passando pelos Prefeitos e Governadores que se seguiram na Administração de Brasília.

Após aprovação pela Diretoria Colegiada da idéia de construção do Memorial da NOVACAP, o processo deverá ser encaminhado à Diretoria de Edificações para elaboração do Projeto Básico, Projeto Arquitetônico e Orçamentário, necessários à elaboração do pleito.

É O RELATÓRIO,

Diante do exposto e o contido nos autos, este é o meu **VOTO** que submeto à elevada deliberação da Diretoria Colegiada, solicitando **autorizar**:

01 - A construção do Memorial da NOVACAP, que tem como objetivo registrar a importância da Empresa na construção de Brasília, desde os poderes a ela delegados pelo Presidente Juscelino Kubitschek, passando pelos Prefeitos e Governadores que se seguiram na Administração da Capital do Brasil;

02 - Encaminhar o processo à Diretoria de Edificações para elaboração do Projeto Básico, Projeto Arquitetônico e Orçamentário, necessários à elaboração do pleito.

Este é meu voto que submeto à elevada deliberação desta Diretoria.

Brasília-DF, 12 de junho de 2006.

Washington Luiz Sousa Sales
Diretor Administrativo
Relator

Rel-034/imv

NOVACAP

Processo nº

Rub.

Mat.

DECISÃO DA DIRETORIA COLEGIADA

Sessão N.º 3.665ª realizada em 14 de junho de 2006.

PROCESSO Nº : 112.002.175/2006

INTERESSADO : NOVACAP

ASSUNTO : EDIFICAÇÃO DO MEMORIAL DA NOVACAP.

Folha nº

Processo nº

Matrícula

A Diretoria acolhendo o **VOTO** do Relator e o contido nos autos,
RESOLVE:

01 – Autorizar a edificação do Memorial da Construção de Brasília - NOVACAP, que tem como objetivo registrar a importância da Empresa na construção de Brasília, desde os poderes a ela delegados pelo Presidente Juscelino Kubitschek, passando pelos Prefeitos e Governadores que se seguiram na Administração da Capital do Brasil;

02 - Encaminhar o processo à Diretoria de Edificações para elaboração do Projeto Básico, Projeto Arquitetônico e Orçamentário, necessários ao atendimento do pleito.

RELATOR: WASHINGTON LUIZ SOUSA SALES – Diretor Administrativo

Elmar Luiz Koenigkan

Clarindo Carlos da Rocha

Washington Luiz Sousa Sales

Cláudio Oscar de Carvalho Sant'Anna

Aldo Aviani Filho

DEC034/imv

COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL

SETOR DE ÁREAS PÚBLICAS LOTE B – PABX 233-8099 – CEP 71.215-000 – BRASÍLIA DF
Site: www.novacap.df.gov.br – E-mail: novacap@novacap.df.gov.br – CNPJ-00.037.457.0001-70



NOVACAP
COMPANHIA URBANIZADORA DA
NOVA CAPITAL DO BRASIL

PLANILHA ESTIMATIVA

(Conforme Lei 8.666/93, artigo 40, parágrafo 2º, inciso II)

ESTIMATIVA Nº: 079/06

OBJETO: MEMORIAL NOVACAP

LOCAL: SETOR DE ÁREAS PÚBLICAS LOTE B

PRAZO DE EXEC.: 150 (CENTO E CINQUENTA) DIAS CORRIDOS

DATA: 20 DE ABRIL DE 2006

ORÇAMENTISTA(S): ENGº CIVIL: PEDRO ALCÂNTARA COSTA
TÉC. EDIF: EVANI A OLIVEIRA (INSTALAÇÕES ELÉTRICAS)
ENGº ELÉTRICO: ANTONIO NORIVAL MARQUES CARDOSO (INSTALAÇÕES AR CONDICIONADO)

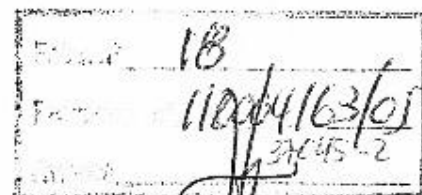
OBSERVAÇÕES: SERVIÇOS NÃO INCLuíDOS NESTE ORÇAMENTO:
POLTRONAS DO AUDITÓRIO, COBERTURAS DAS CLARABÓIAS, PAINÉIS DE VIDRO
TEMPERADO, PRISMA DE CHAPA METÁLICA, MARCOS PARA PLACAS DE HOMENAGEM
A FUNCIONÁRIOS, E TERRAPLENAGEM

CUSTO TOTAL R\$ 1.042.120,45

B.D.I. = 28,38 % R\$ 295.753,78

TOTAL GERAL R\$ 1.337.874,23

NOTA: Esta planilha é orientativa. Desta forma, é de inteira responsabilidade do contratado as quantidades e valores necessários a completa execução da obra.



ESPECIFICAÇÕES

Pisos:

- Acesso Coberto: Placas de concreto pré-moldada com rejunte de cascalho rolado (talvez placas da fabrica de argamassa).
- Recepção, salão de exposições, sala de leitura, sala de projeções: Concreto polido com junta de alumínio (ver detalhe em planta).
- Atendimento, cabine de projeção, sanitários, copa e depósitos: mármore branco polido

Paredes: Todas as paredes externas e internas, exceto a dos sanitários, da mini copa e a parede interna da sala de projeções receberão pintura na cor branco neve, com tinta de 1ª qualidade, observando os locais a serem pintados, ou seja, interior e exterior. Chamamos atenção para os tratamentos normalmente executados antes da pintura.

Obs:

a) A parte externa da parede da sala de projeções receberá apenas o acabamento de reboco sarrafiado, executado com mão-de-obra de 1ª qualidade.

b) A parte interna da sala de projeções receberá pintura fosca de primeira qualidade na cor cinza claro.

As paredes dos boxes dos sanitários serão de mármore branco polido e lustrado com 2cm de espessura.

As paredes dos sanitários e mini-copa serão revestidas com mármore branco polido e lustrado até a altura de 1,50m e daí até ao teto receberão pintura texturizada na cor verde claro.

Folha nº	19
Processo nº	112004163/2015
Rubrica	3704163/2

As platibandas nas fachadas serão em concreto aparente.

Tetos:

- a) salão de exposição e acesso coberto – concreto aparente.
- b) sala e cabine de projeção – pintura na cor preto fosco sobre o concreto.
- c) sanitários, atendimento e depósitos – pintura branco neve sobre o concreto.

Obs: Os tetos que receberão pintura deverão ser lixados e tratados antes de receberem a referida pintura.

Louças: Serão da marca Celite ou similar, da linha popular, na cor branca. As bacias sanitárias deverão ser com válvula e os lavatórios com coluna.

Metais: Serão cromados da marca Celite ou similar, da linha popular, as válvulas sanitárias da marca DECA ou similar, com acabamento cromado.

Esquadrias:

a) **Metálicas** – serão de chapa dobrada galvanizada n.º 12, e receberão antes da pintura cinza chumbo tratamento anti-ferrugem tipo zarcão.

b) **Madeira** - terão seus portais e alizares de ipê e as portas de embuia preparadas para receberem verniz. As portas dos boxes dos banheiros serão pintadas com esmalte fosco na cor verde claro igual às paredes.

Ferragens: Serão da marca PADO ou similar, também de uma linha popular, exceto a porta principal que receberá fechadura tipo bico de papagaio da marca LA FONTE de 1ª qualidade.

Folha nº	20
Processo nº	118004163/01
Rubrica	37.045.2

Vidros: Todos os vidros serão lisos e transparentes, sua espessura será definida por cada vão de esquadria onde forem colocados, obedecendo-se obviamente as tabelas de fornecedores existentes para este setor.

Luminárias: Deverão ser indicadas pelo autor do projeto, que após o cálculo da quantidade de "lumens" para cada local, deverá indicar a este arquiteto, para uma escolha definitiva de todos os tipos de luminárias que deverão ser usadas no prédio.

Rodapés e Soleiras: Não existem soleiras no acesso coberto, as placas de concreto deverão parar 15cm antes das projeções das coberturas. Na junção do concreto polido com o mármore branco os dois deverão ficar colados um com o outro e no mesmo nível.

Haverá rebaixo nos sanitários de apenas 2cm, ou seja, a espessura do próprio mármore será feito detalhe de assentamento deste último.

Os rodapés serão de concreto, com altura de 12cm onde os pisos forem de concreto e de mármore branco também com 12cm onde as paredes forem pintadas e o piso for mármore.

Folha nº	20
Processo nº	118004163/01
Rubrica	37.045.2

Vidros: Todos os vidros serão lisos e transparentes, sua espessura será definida por cada vão de esquadria onde forem colocados, obedecendo-se obviamente as tabelas de fornecedores existentes para este setor.

Luminárias: Deverão ser indicadas pelo autor do projeto, que após o cálculo da quantidade de "lumens" para cada local, deverá indicar a este arquiteto, para uma escolha definitiva de todos os tipos de luminárias que deverão ser usadas no prédio.

Rodapés e Soleiras: Não existem soleiras no acesso coberto, as placas de concreto deverão parar 15cm antes das projeções das coberturas. Na junção do concreto polido com o mármore branco os dois deverão ficar colados um com o outro e no mesmo nível.

Haverá rebaixo nos sanitários de apenas 2cm, ou seja, a espessura do próprio mármore será feito detalhe de assentamento deste último.

Os rodapés serão de concreto, com altura de 12cm onde os pisos forem de concreto e de mármore branco também com 12cm onde as paredes forem pintadas e o piso for mármore.

Folha nº	21
Processo nº	112024/6368
Rubrica	037045-2

iluminarão o emblema da NOVACAP, o qual será cortado na própria chapa, e nos três lados do prisma (verificar detalhe).

4) **Iluminação zenital:** sobre o espelho d'água serão vazados na laje de cobertura com diâmetro aproximado de 0,40m que receberão cobertura de policarbonato transparente (ver detalhe).

5) **Prismas para exposição:** serão em número de cinco, conforme disposição na planta baixa, terão base triangular de 2m e altura de 1,80m, receberão pintura branca fosca igual a das paredes e posteriormente fotos ou qualquer outro elemento para exposição.

ARQUITETO
CARLOS D-DF
037045-2

ANEXO C – Pedido de entrevista

Brasília, 22 de abril de 2013

Prezada Sr.^a Rosilene Santana
Presidenta da Celacap

Sr.^a Presidenta

Eu, Edvan Aquino de Queiroz, aluno do curso Museologia da Universidade de Brasília (UnB), matrícula 10/0049371, estou realizando uma pesquisa sobre o *Memorial da Construção de Brasília/Novacap*, em função do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por essa razão, gostaria de gravar, apenas em áudio, rápida entrevista com V.^a Senhoria, ou com qualquer outro representante da diretoria desse Centro.

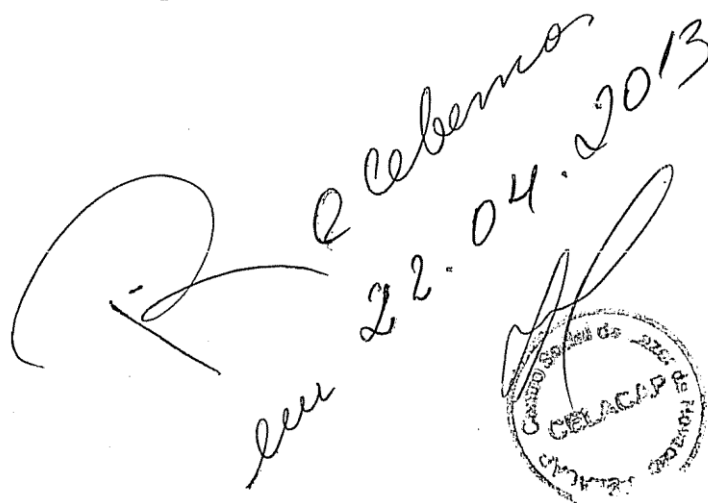
Para facilitar, envio em anexo uma carta de apresentação da UnB, um roteiro de questões e o termo de autorização de uso da entrevista.

Serei grato pela vossa colaboração.

Sem mais, aguardo resposta pelo telefone 9987 2312.



Edvan Aquino de Queiroz



Brasília, 22 de abril de 2013

Prezado Sr. Francisco Alves de Sousa
Presidente do SINDSER

Sr. Presidente

Eu, Edvan Aquino de Queiroz, aluno do curso Museologia da Universidade de Brasília (UnB), matrícula 10/0049371, estou realizando uma pesquisa sobre o *Memorial da Construção de Brasília/Novacap*, em função do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por essa razão, gostaria de gravar, apenas em áudio, rápida entrevista com V.^a Senhoria, ou com qualquer outro representante da diretoria desse Sindicato.

Para facilitar, envio em anexo uma carta de apresentação da UnB, um roteiro de questões e o termo de autorização de uso da entrevista.

Serei grato pela vossa colaboração.

Sem mais, aguardo resposta pelo telefone 9987 2312.



Edvan Aquino de Queiroz

SINDSER-DF RECEBI EM

22 / 04 / 13

Recebi

Ass.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu, Gilson Marques de Sousa, Presidente da Associação dos Servidores da Novacap (ASCAP), autorizo o uso sem fins lucrativos, pelo discente Edvan Aquino de Queiroz, do curso de Museologia da Universidade de Brasília, da entrevista concedida em 23 de abril de 2013, em função de sua pesquisa sobre o *Memorial da Construção de Brasília/Novacap*.

Em hipótese alguma a entrevista poderá ser utilizada para fim diverso do previsto nesta autorização.

Brasília, 23 de abril de 2013



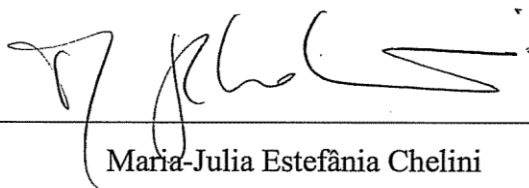
Gilson Marques de Souza

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu, Maria-Julia Estefânia Chelini, coordenadora de extensão do Museu de Geociências da Universidade de Brasília, autorizo o uso sem fins lucrativos, pelo discente Edvan Aquino de Queiroz, do curso de Museologia desta Universidade, da entrevista concedida em 24 de junho de 2013, em função de sua pesquisa sobre o *Memorial da Construção de Brasília/Novacap*.

Em hipótese alguma a entrevista poderá ser utilizada para fim diverso do previsto nesta autorização.

Brasília, 24 junho de 2013

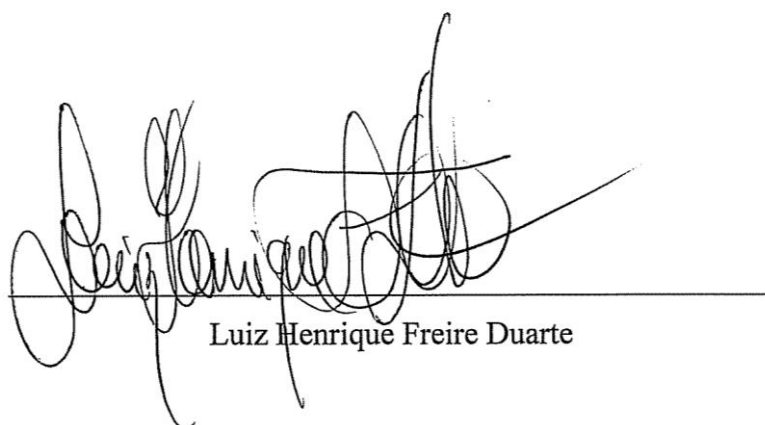


Maria-Julia Estefânia Chelini

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu, Luiz Henrique Freire Duarte, arquiteto da Novacap, autorizo o uso sem fins lucrativos pelo discente Edvan Aquino de Queiroz, do curso de Museologia da Universidade de Brasília, da entrevista concedida em 26 de abril de 2013, em função de sua pesquisa sobre o Memorial da Construção de Brasília/Novacap.

Brasília, 26 de abril de 2013

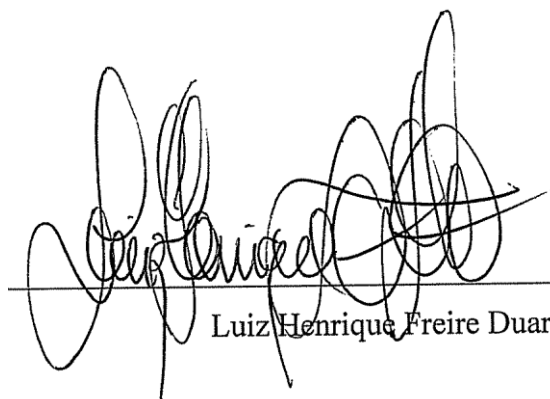


Luiz Henrique Freire Duarte

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu, Luiz Henrique Freire Duarte, arquiteto da Novacap, autorizo o uso sem fins lucrativos pelo discente Edvan Aquino de Queiroz, do curso de Museologia da Universidade de Brasília, da entrevista concedida em 26 de abril de 2013, em função de sua pesquisa sobre o Memorial da Construção de Brasília/Novacap.

Brasília, 26 de abril de 2013



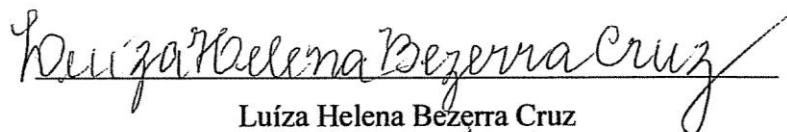
Luiz Henrique Freire Duarte

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu, Luíza Helena Bezerra Cruz, servidora da Novacap, autorizo o uso sem fins lucrativos, pelo discente Edvan Aquino de Queiroz, do curso de Museologia da Universidade de Brasília, da entrevista concedida em 20 de maio de 2013, em função de sua pesquisa sobre o *Memorial da Construção de Brasília/Novacap*.

Em hipótese alguma a entrevista poderá ser utilizada para fim diverso do previsto nesta autorização.

Brasília, 20 de maio de 2013


Luíza Helena Bezerra Cruz
apresentada
da
Novacap

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu, Nilson Martorelli, Presidente da Novacap, autorizo o uso sem fins lucrativos, pelo discente Edvan Aquino de Queiroz, do curso de Museologia da Universidade de Brasília, da entrevista concedida em 23 de abril de 2013, em função de sua pesquisa sobre o *Memorial da Construção de Brasília/Novacap*.

Em hipótese alguma a entrevista poderá ser utilizada para fim diverso do previsto nesta autorização.

Brasília, 23 de abril de 2013

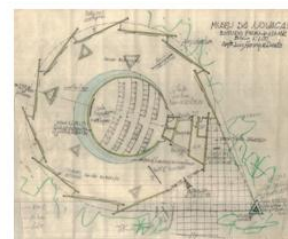


Nilson Martorelli

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DESENHOS

Eu, Luiz Henrique Freire Duarte, arquiteto da Novacap, autorizo o uso sem fins lucrativos pelo discente Edvan Aquino de Queiroz, do curso de Museologia da Universidade de Brasília, de quatro desenhos de minha autoria do Memorial da Construção de Brasília/Novacap, em função de seu trabalho de conclusão de curso.

Os desenhos são estes:



Brasília, 4 de Julho de 2013.



Luiz Henrique Freire Duarte
